

o pesadelo

Stargate Kepler

Autor do best-seller O hipnotista



lars kepler

pesadelo^o

Tradução de
Alexandre Martins



Copyright © 2010 Lars Kepler

Originalmente publicado por Albert Bonniers Förlag, Estocolmo, Suécia. Publicado mediante acordo com Bonnier Group Agency, Estocolmo, Suécia.

TÍTULO ORIGINAL EM SUECO
PAGANINIKONTRAKTET

Traduzido da edição britânica (*The Nightmare*)

REVISÃO

Bruno Fiuza

Clarissa Peixoto

REVISÃO DE EPUB

Camila Dias

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-254-4

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

<u>Capa</u>	
<u>Folha de rosto</u>	
<u>Créditos</u>	
<u>Mídias sociais</u>	
<u>Abertura</u>	
<u>1</u>	
<u>2</u>	
<u>3</u>	
<u>4</u>	
<u>5</u>	
<u>6</u>	
<u>7</u>	
<u>8</u>	
<u>9</u>	
<u>10</u>	
<u>11</u>	
<u>12</u>	
<u>13</u>	
<u>14</u>	
<u>15</u>	
<u>16</u>	
<u>17</u>	
<u>18</u>	
<u>19</u>	
<u>20</u>	
<u>21</u>	
<u>22</u>	
<u>23</u>	
<u>24</u>	
<u>25</u>	
<u>26</u>	
<u>27</u>	
<u>28</u>	
<u>29</u>	
<u>30</u>	
<u>31</u>	

[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)
[67](#)
[68](#)
[69](#)
[70](#)

[71](#)
[72](#)
[73](#)
[74](#)
[75](#)
[76](#)
[77](#)
[78](#)
[79](#)
[80](#)
[81](#)
[82](#)
[83](#)
[84](#)
[85](#)
[86](#)
[87](#)
[88](#)
[89](#)
[90](#)
[91](#)
[92](#)
[93](#)
[94](#)
[95](#)
[96](#)
[97](#)
[98](#)
[99](#)
[100](#)
[101](#)
[102](#)
[103](#)
[104](#)
[105](#)
[106](#)
[107](#)
[108](#)
[109](#)

[110](#)

[111](#)

[112](#)

[113](#)

[114](#)

[115](#)

[Axel Riessen](#)

[Beverly Andersson](#)

[Penelope Fernandez](#)

[Saga Bauer e Anja Larsson](#)

[Disa Helenius](#)

[Joona Linna](#)

[Epílogo](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os livros do autor](#)

À luz da longa noite de junho, em águas paradas, um grande barco de passeio é encontrado à deriva na baía de Jungfrufjärden, ao sul do arquipélago de Estocolmo. A água, de uma serena cor azul-acinzentada, move-se tão suavemente quanto a neblina. O velho remando em seu bote de madeira chama algumas vezes, embora esteja começando a desconfiar de que ninguém irá responder. Está observando o iate desde a praia há quase uma hora, enquanto ele desliza para trás, empurrado para longe da terra pela corrente preguiçosa.

O homem conduz o bote até ele se chocar contra a embarcação maior. Recolhendo os remos e se amarrando à plataforma de popa, ele sobe a escada de madeira e passa por cima da balaustrada. Não há nada à vista ali, a não ser uma espreguiçadeira rosa. O velho fica imóvel, escutando. Não tendo ouvido barulho algum, abre a porta de vidro e entra no salão. Uma luz cinzenta atravessa as grandes janelas acima do piso de teca polida e o sofá de lona azul-escura. Ele continua a descer a escada íngreme, revestida de mais madeira envernizada. Passa por uma cozinha escura, um banheiro, entra na grande cabine. Janelas pequenas perto do teto mal fornecem luz para revelar uma cama de casal triangular. Perto da cabeceira, uma jovem de jaqueta jeans está sentada flacidamente na beirada da cama. As coxas estão afastadas; uma das mãos apoiada em um travesseiro rosa. Ela olha o velho nos olhos com uma expressão confusa e assustada.

O homem precisa de um instante para se dar conta de que a mulher está morta.

Seus cabelos pretos compridos têm um prendedor em forma de pomba branca: a pomba da paz.

Quando o velho vai na sua direção e toca a bochecha, a cabeça cai para a frente e um pequeno fio de água escorre de seus lábios e desce pelo queixo.

Um arrepio percorre a coluna de Penelope Fernandez. Seu coração acelera e ela lança um olhar por sobre o ombro. Talvez tenha um pressentimento do que irá acontecer à medida que o dia avança.

A despeito do calor do estúdio de televisão, o rosto de Penelope parece gelado. Talvez a sensação seja resquício do tempo passado na maquiagem, quando a fria almofada de pó foi pressionada contra sua pele e o prendedor de cabelos de pomba da paz foi retirado para que pudessem esfregar a musse que faria seus cabelos caírem em cachos ondulados.

Penelope Fernandez é porta-voz da Sociedade Sueca para a Paz e a Reconciliação. Está sendo conduzida em silêncio à redação e seu lugar iluminado em frente a Pontus Salman, CEO da fabricante de armamentos Silencia Defense AB. A âncora Stefanie von Sydow apresenta uma matéria sobre todas as demissões resultantes da compra da Bofors Corporation pela britânica BAE Systems Limited. Então se vira para Penelope.

— Penelope Fernandez, em vários debates públicos você criticou a condução das exportações suecas de armas. Na verdade, você recentemente as comparou ao escândalo francês do Angolagate. Nesse caso, políticos e empresários em altos cargos foram processados por suborno e contrabando de armas e receberam longas penas de prisão. Mas e aqui na Suécia? Ainda não vimos isso, não é mesmo?

— Bem, pode-se interpretar isso de duas formas — responde Penelope. — Ou nossos políticos se comportam de modo diferente ou nosso sistema judiciário funciona de forma diferente.

— Você sabe muito bem — começa Pontus Salman — que temos uma longa tradição de...

— Segundo a lei sueca — diz Penelope —, toda fabricação e exportação de armamento é ilegal.

— Você está errada, claro — diz Salman.

— Parágrafos 3º e 6º da Lei de Equipamento Militar — indica Penelope com precisão.

— Nós na Silencia Defense já conseguimos uma decisão preliminar positiva. — Salman sorri.

— Do contrário este seria um caso de grandes crimes com armas, e...

— Mas nós *temos* permissão.

— Não se esqueça da justificativa para armamentos...

— Só um momento, Penelope.

Stefanie von Sydow a interrompe e anui para Pontus Salman, que erguera a mão para indicar que não havia terminado.

— Todas as transações comerciais são analisadas antecipadamente — explica ele. — Ou diretamente pelo governo ou pela Inspetoria Nacional de Produtos Estratégicos, se é que você sabe o que é isso.

— A França tem regulamentação similar — diz Penelope. — Ainda assim, um equipamento militar no valor de 8 milhões de coroas suecas chegou a Angola, a despeito do embargo de armas da ONU e apesar de uma proibição compulsória...

— Não estamos falando sobre a França, estamos falando sobre a Suécia.

— Sei que as pessoas querem manter seus empregos, mas ainda gostaria de saber como você explica a exportação de enormes volumes de munição para o Quênia. É um país que...

— Você não tem prova disso — diz ele. — Nada. Nenhuma migalha. Ou tem?

— Infelizmente, não posso...

— Você não tem provas concretas? — pergunta Stefanie von Sydow.

— Não, mas eu...

— Então acho que eu mereço um pedido de desculpas — diz Pontus Salman.

Penelope o encara, a raiva e a frustração em ebulição, mas faz força para se controlar, e fica em silêncio. Pontus Salman sorri satisfeito e começa a falar sobre a fábrica da Silencia Defense em Trollhättan. Duzentos novos postos de trabalho criados quando foram autorizados a começar a produção, diz. Ele fala de forma lenta e em detalhes, gastando habilidosamente o tempo que sobra para sua adversária.

Enquanto escuta, Penelope se esforça para colocar de lado a raiva se concentrando em outras questões. Em breve, muito em breve, ela e Björn estarão a bordo do barco dele. Arrumarão a cama triangular na cabine da proa e encherão a geladeira e o pequeno freezer com petiscos. Ela imagina os copos gelados de *schnapps* e a travessa de arenque marinado, arenque com mostarda, arenque em conserva, batatas frescas, ovos cozidos e bolachas. Após ancorarem em uma ilhota do arquipélago, colocarão a mesa na popa e ficarão ali comendo ao sol da tarde por horas.

* * *

Penelope Fernandez sai do prédio da televisão sueca e se encaminha para

Valhallavägen. Ela perdeu duas horas esperando por um espaço em outro programa matinal antes de o produtor finalmente dizer que ela havia sido derrubada por uma matéria com dicas rápidas de como perder barriga para o verão. A distância, nos campos de Gärdet, ela consegue identificar as lonas coloridas do Circus Maximus e as pequenas formas de dois elefantes, provavelmente muito grandes. Um deles ergue a tromba no ar.

Penelope tem apenas 24 anos. Usa os cabelos negros e encaracolados na altura dos ombros, e um pequeno crucifixo, presente de crisma, cintila em uma corrente de prata no pescoço. Sua pele tem a suave cor dourada de azeite de oliva ou mel, como disse um garoto no ensino médio em um trabalho em que os alunos deviam descrever uns aos outros. Seus olhos são grandes e sérios. Mais de uma vez já disseram que ela era parecida com Sophia Loren.

Penelope pega o celular para avisar a Björn que está a caminho. Pegará o metrô na estação de Karlaplan.

— Penny? Alguma coisa errada? — indaga Björn, soando apressado.

— Não. Por que a pergunta?

— Tudo pronto. Deixei uma mensagem na sua secretária eletrônica. Só falta você.

— Então nada de estresse, certo?

Enquanto Penelope desce pela escada rolante íngreme até a plataforma, seu coração começa a bater desconfortavelmente. Ela fecha os olhos. A escada rolante afunda, parecendo encolher enquanto o ar se torna cada vez mais frio.

Penelope Fernandez é de La Libertad, uma das maiores províncias de El Salvador. Nasceu em uma cela, a mãe amparada por 15 prisioneiras tentando fazer da melhor forma possível o papel de parteiras. Havia uma guerra civil, e Claudia Fernandez, médica e ativista, acabara na infame prisão do regime por estimular a população indígena a criar sindicatos.

Penelope abre os olhos ao chegar à plataforma. Sua sensação de claustrofobia passou. Ela pensa em Björn esperando por ela no iate clube de Långholmen. Ela adora nadar nua quando saem de barco, pulando diretamente na água sem ver nada além de mar e céu.

Ela embarca no trem, que avança, balançando suavemente até sair do túnel ao chegar à estação de Gamla Stan, e raios de sol penetram pelas janelas.

Assim como a mãe, Penelope é uma ativista, e sua apaixonada oposição à guerra e à violência a levou a fazer mestrado em ciência política na Universidade de Uppsala, com especialização em paz e solução de conflitos. Trabalhou para a organização beneficente francesa Action Contre la Faim em Darfur, sul do Sudão, com Jane Oduya, e seu artigo para o *Dagens Nyheter* sobre as mulheres no campo de refugiados e sua luta para voltar à normalidade após cada ataque lhe trouxe

grande reconhecimento. Dois anos antes ela sucedera Frida Blom como porta-voz da Sociedade Sueca para a Paz e a Reconciliação.

Saindo do subterrâneo na estação Hornstull, Penelope de novo se sente desconfortável, extremamente desconfortável, sem saber por quê. Ela desce a ladeira correndo até Söder Mälarstrand, depois cruza rapidamente a ponte para Långholmen e segue a estrada até o pequeno porto. A poeira que levanta do cascalho cria uma névoa no ar parado.

O barco de Björn está à sombra, bem abaixo da ponte Väster. O movimento da água cria uma rede de luz nas vigas cinzentas.

Penelope vê Björn na popa. Está de pé com seu chapéu de cowboy, imóvel, ombros caídos, os braços ao redor do corpo. Ela enfia dois dedos na boca e assovia, assustando-o, e ele se vira na sua direção com um rosto tomado de medo. E o medo ainda está lá em seus olhos quando ela desce as escadas para o cais.

— O que há de errado? — pergunta.

— Nada — responde ele, ajustando o chapéu e tentando sorrir.

Quando se abraçam, ela percebe que as mãos dele estão geladas e as costas da camisa, encharcadas.

— Você está coberto de suor.

Björn evita os olhos dela.

— Foi cansativo arrumar tudo para sair.

— Trouxe minha bolsa?

Ele anui e aponta para a cabine. O barco balança suavemente sob seus pés, e o ar cheira a madeira laqueada e plástico aquecido pelo sol.

— Alô? Alguém em casa? — pergunta ela, dando um tapinha na cabeça dele.

Os olhos azul-claros de Björn são infantis e seus cabelos cor de palha caem em dreadlocks apertados sob o chapéu.

— Estou aqui — responde ele. Mas olha para longe

— No que está pensando? Sua cabeça está onde?

— Só que finalmente estamos partindo juntos — responde enquanto passa os braços pela cintura dela. — E que vamos fazer sexo na natureza.

Ele enterra os lábios nos cabelos dela.

— Então é com isso que você está sonhando — sussurra ela.

— Sim.

Ela ri da sinceridade dele.

— A maioria das pessoas... Mulheres, quero dizer, acham sexo a céu aberto um tanto supervalorizado — diz. — Deitar no chão entre formigas, pedras e...

— Não. Não. É mais como nadar nua — insiste ele.

— Você vai ter de me convencer — provoca.

— Farei isso, certo.

— Como?

Ela está rindo quando ouve o telefone tocar em sua bolsa de pano.

Björn fica rígido ao ouvir o toque. Penelope olha para a tela.

— É Viola — diz, tranquilizadora, antes de atender. — *Hola*, mana.

Um carro buzina do outro lado enquanto a irmã grita na direção dele.

— *Maldito idiota*.

— Viola, o que está acontecendo?

— Acabou. Larguei Sergei.

— De novo, não! — diz Penelope.

— De novo — diz Viola, perceptivelmente deprimida.

— Lamento — diz Penelope. — Dá para perceber que está chateada.

— Bom, ficarei bem, acho. Mas... Mamãe disse que você ia sair de barco e eu pensei... Que talvez eu também pudesse ir, se você não se importar.

Um momento de silêncio.

— Claro, você também pode vir — diz Penelope, embora consiga escutar a própria falta de entusiasmo. — Björn e eu precisamos de algum tempo sozinhos, mas...

Penelope está ao leme. Uma canga azul leve está amarrada em seu quadril e há um sinal da paz no lado direito da parte de cima do biquíni branco. A luz do sol de primavera atravessa o para-brisa enquanto ela contorna cuidadosamente o farol de Kungshamn e manobra o grande barco para dentro do estreito.

Sua irmã mais nova, Viola, levanta da espreguiçadeira rosa na popa. Ela passou a meia hora anterior deitada de costas com o chapéu de cowboy de Björn e óculos escuros enormes, fumando languidamente um baseado.

Viola tenta cinco vezes pegar a caixa de fósforos no chão com os dedos do pé. Penelope não consegue deixar de sorrir. Viola entra na cabine e se oferece para ficar no timão por um tempo.

— Caso contrário vou lá embaixo fazer uma margarita para mim — diz, e continua a descer a escada.

Björn está deitado no convés da proa, usando como travesseiro um exemplar em brochura das *Metamorfoses* de Ovídio. Penelope percebe que a balaustrada junto aos pés dele está enferrujando. O barco foi um presente de 20 anos do pai, mas Björn não tinha dinheiro para mantê-lo. Fora o único presente que o pai lhe dera, além de uma viagem que pagou para ele. Quando o pai de Björn fez 50 anos convidou o filho e Penelope para ir a uma de suas melhores propriedades, um hotel cinco estrelas chamado Kamaya Resort, na costa leste do Quênia. Penelope suportou o resort por dois dias antes de partir para o campo de refugiados da Action Contre la Faim em Kubbum, Darfur.

Penelope reduz a velocidade de 8 para 5 nós enquanto chegam à ponte do estreito de Skuru. Acabaram de deslizar para as sombras quando ela nota o bote de borracha preta. Colado no pilar de concreto, é do mesmo tipo que as forças armadas usam para suas patrulhas costeiras: um bote inflável rígido com casco de fibra de vidro e motores muito potentes. Penelope quase acabara de passar sob a ponte quando percebeu um homem curvado na escuridão, de costas. Ela não sabe por que seu pulso começa a acelerar ao vê-lo; algo no pescoço e nas roupas pretas que ele usa a incomoda. Sente que a está observando, embora sentado de costas.

De volta ao sol, ela começa a tremer; os pelos dos braços se arrepiam. Acelera o barco para 15 nós. Os dois motores internos roncam forte e a esteira branca se

estende atrás deles à medida que o barco avança na superfície suave da água.

O telefone de Penelope toca. É sua mãe. Por um momento Penelope fantasia que está ligando para dizer a Penelope como estivera maravilhosa na TV mais cedo, mas volta à realidade.

— Oi, mãe.

— *Ai, ai.*

— Qual o problema?

— Minhas costas. Vou ter de ir ao quiroprático — diz Claudia, ruidosamente enchendo um copo com água da torneira. — Só queria saber se falou com sua irmã.

— Está no barco conosco — responde Penelope, escutando a mãe beber a água.

— Ela está com vocês... Que bom. Achei que seria bom para ela dar uma saída.

— Certamente é — diz Penelope em voz baixa.

— O que vocês têm para comer?

— Arenque em conserva, batatas, ovos...

— Viola não gosta de arenque. O que mais?

— Fiz umas almôndegas — diz Penelope, paciente.

— O suficiente para todos?

Penelope fica em silêncio, olhando para a água.

— Eu posso não comer — diz, se controlando.

— Só se não for suficiente... — diz a mãe. — É só o que estou tentando dizer.

— Eu entendo.

— Eu deveria sentir pena de você? — cobra a mãe, irritada.

— É só que... Viola não é criança.

— Lembro-me de todos os anos em que eu fiz almôndegas para você no Natal, no solstício de verão e...

— Talvez eu não devesse ter comido.

— Tudo bem, então — diz a mãe secamente. — Se você quer assim.

— Só estou tentando dizer...

— Não precisa vir para o solstício — corta Claudia.

— Ah, mãe, por que você tem de...

A mãe desligou. Penelope treme de frustração.

A escada da cozinha range e no instante seguinte Viola aparece, margarita na mão.

— Era mamãe?

— Sim, era.

— Preocupada de eu não ter o bastante para comer? — pergunta Viola, sem conseguir disfarçar um sorriso.

— Acredite, temos comida a bordo — diz Penelope.

— Mamãe não acredita que posso cuidar de mim mesma.

— Ela se preocupa com você.

— Ela nunca se preocupa com você — observa Viola.

— Posso cuidar de mim mesma.

Viola toma um gole do drinque e olha através do para-brisa.

— Vi você na TV — diz.

— Esta manhã? Quando me encontrei com Pontus Salman?

— Não, foi... na semana passada — responde Viola. — Você estava falando com aquele homem arrogante com nome aristocrático.

— Palmcrona — diz Penelope.

— Palmcrona, isso.

— Você não sabe como ele me deixou com raiva! Eu podia sentir meu rosto ficando vermelho, as lágrimas surgindo, e não conseguia contê-las. Tive vontade de pular e recitar o “Masters of War” do Bob Dylan na cara dele, ou sair correndo e bater a porta do estúdio atrás de mim.

Viola escuta sem prestar muita atenção. Vê Penelope se esticar enquanto abre o teto solar.

— Não percebi que você tinha começado a raspar as axilas.

— Bem, eu tenho aparecido tanto na mídia atualmente que...

— Vaidade, pura vaidade — diz Viola, com uma risada.

— Não quero que as pessoas me descartem como sendo dogmática só porque tenho algum pelo nas axilas.

— E a parte de baixo?

— Bem, isso já não vai tão bem...

Penelope puxa a canga de lado e Viola ri alto.

— Björn gosta — diz ela com um sorrisinho.

— Ele não pode falar nada, não com aqueles dreads.

— Imagino que você raspe tudo que dá — diz Penelope secamente. — Só para agradar seus homens casados, seus idiotas musculosos e...

— Sei que tenho péssimo gosto para homens.

— Você tem bom gosto na maioria das outras áreas.

— Mas nunca consegui grandes coisas.

— Se tivesse terminado a escola, conseguido boas notas...

Viola dá de ombros.

— Na verdade passei na prova final do supletivo.

O barco avança suavemente pela água, agora verde, refletindo as colinas ao redor. Gaivotas sobrevoam.

— Então, como foi?

— Achei a prova fácil — diz Viola, lambendo o sal na borda do copo.

— Então foi bem?

Viola assente e pousa o copo.

— Quão bem? — insiste Penelope, cutucando a irmã no lado do corpo.

— Cem por cento — diz Viola, baixando os olhos, tímida.

Penelope ri de alegria e abraça a irmã com força.

— Entende o que isso significa? Agora você pode ser o que quiser. Ir para qualquer universidade, estudar o que quiser. Escolher qualquer coisa! Administração, medicina, jornalismo!

As irmãs riem, e as bochechas ficam coradas. Penelope abraça a irmã com tanta força que o chapéu de cowboy cai. Ela acaricia os cabelos de Viola e o coloca no lugar como fazia quando eram pequenas. Tira o prendedor com a pomba da paz de seus cabelos e o coloca nos da irmã, sorrindo contente.

um barco à deriva na baía jungfrufjärden

Com os motores roncando, Penelope vira na direção da baía. A proa se ergue; a água branca espumosa se divide em duas atrás da popa.

— Você enlouqueceu, garota! — grita Viola enquanto solta o prendedor, exatamente como costumava fazer quando era pequena e a mãe *quase* tinha acabado de pentear seus cabelos.

Björn acorda quando param no Goose Island para um sorvete. Viola também insiste em uma rodada de minigolfe, de modo que a tarde está avançada quando zarpam novamente.

No lado do porto onde estão, a baía se estende como um grandioso piso de pedra. É de tirar o fôlego. O plano é ancorar em Kastskär, uma comprida ilha desabitada. No lado sul há uma angra luxuriante onde irão ancorar o barco, nadar, cozinhar e passar a noite.

Viola boceja.

— Vou descer e tirar um cochilo.

— Vá em frente — diz Penelope, sorrindo.

Viola desce a escada enquanto Penelope olha para a frente. Ela reduz a velocidade e fica de olho no sonar de profundidade enquanto deslizam na direção de Kastskär. A profundidade da água diminui rapidamente de 40 para 5 metros.

Björn entra na cabine e beija o pescoço de Penelope.

— Quer que eu comece a fazer o jantar? — pergunta.

— Viola precisa dormir mais ou menos uma hora.

— Você pareceu sua mãe agora — diz ele suavemente. — Ela já ligou?

Penelope anui.

— Vocês brigaram?

Lágrimas brotam em seus olhos e ela as limpa das bochechas com um sorriso.

— Mamãe me disse que não sou bem-vinda nos seus festejos do solstício.

Björn a abraça.

— Ignore-a.

— É o que eu faço.

Lenta e gentilmente, Penelope manobra o barco para o ponto mais interno da angra. Os motores roncam suavemente. O barco está tão perto da terra que ela pode

sentir o cheiro da vegetação úmida. Eles lançam âncora, esperam que a corda estique e vão na direção da praia. Björn pula para o terreno íngreme rochoso segurando a corda, que amarra a um tronco de árvore.

O solo está coberto de musgo. Ele fica de pé olhando para Penelope. Alguns pássaros no alto das árvores voam quando o cabrestante da âncora estala.

Penelope coloca um short de corrida e tênis brancos, salta para terra e segura a mão de Björn.

— Quer dar uma olhada na ilha?

— Você não queria me convencer de algo? — pergunta ela, hesitante.

— As vantagens dos direitos gerais de acesso suecos — diz ele.

Ela sorri e balança a cabeça enquanto ele tira seus cabelos do rosto e desliza o dedo pelo malar alto e suas grossas sobrancelhas negras.

— Como você pode ser tão bonita?

Ele a beija de leve na boca e começa a conduzi-la para dentro da ilha, até chegarem a uma pequena clareira cercada por mato alto. Borboletas e pequenas abelhas disparam acima das flores silvestres. Está quente sob o sol e a água cintila entre as árvores no lado norte. Björn e Penelope ficam em pé, hesitam, estudam um ao outro com sorrisos tímidos, depois ficam sérios.

— E se alguém aparecer? — pergunta ela.

— Somos os únicos nesta ilha.

— Tem certeza?

— Quantas ilhas há no arquipélago de Estocolmo? Trinta mil? Provavelmente mais — diz.

Penelope tira a parte de cima do biquíni, chuta os calçados e tira short e calcinha ao mesmo tempo, ficando totalmente nua na relva. Seu constrangimento inicial dá lugar a puro prazer. Há algo de claramente excitante no ar marinho frio sobre a pele e no calor que se ergue da terra.

Björn olha para ela e murmura que não é sexista, mas quer apenas olhar mais um segundo. Ela é alta; os braços são musculosos, embora mantenham uma suavidade roliça. Cintura estreita e coxas fortes fazem com que pareça uma atlética deusa antiga.

As mãos de Björn tremem enquanto tira a camiseta e o calção de banho florido. Ele é mais jovem que ela. Seu corpo ainda é de garoto, quase sem pelos.

— Agora quero olhar para você — diz ela.

Ele enrubesce e caminha até ela com um sorriso.

— Então não posso olhá-lo?

Ele balança a cabeça e esconde o rosto no pescoço e nos cabelos dela.

Eles começam a se beijar ainda de pé. Dão um abraço apertado. Penelope está tão feliz que tem de expulsar um enorme sorriso do rosto para poder continuar

beijando. Sente a língua quente de Björn em sua boca, sua ereção, seu coração acelerando. Encontram um lugar entre os tufos de grama e se esticam. Ele procura com a língua seus seios e mamilos marrons. Beija sua barriga, abre suas coxas. Enquanto olha para ela, percebe que seus corpos começaram a brilhar ao sol da tarde, como se iluminados. Tudo agora é suave. Ela está molhada e inchada enquanto ele a lambe lenta e suavemente até que tenha de afastar a cabeça dele. Sussurra para ele, o puxa para si, o conduz com a mão até que deslize para dentro dela. Ele respira pesado em seu ouvido e ela olha diretamente para o céu rosado.

Depois, ainda nua, ela se levanta do mato quente e se curva na direção do céu. Dá alguns passos e olha entre as árvores;

— O que é? — pergunta Björn, a voz pastosa.

Ela olha de novo para ele, sentado nu no chão e sorrindo.

— Você queimou os ombros.

— Acontece todo ano.

Ele toca com cuidado a pele rosada.

— Vamos voltar; estou com fome — diz ela.

— Quero nadar um pouco.

Ela recoloca calcinha e short, calça os tênis e fica em pé com o sutiã na mão. Deixa seu olhar passear pelo peito sem pelos dele, seus braços fortes, a tatuagem no ombro, a queimadura de sol por negligência... E seu olhar brincalhão, despreocupado.

— Da próxima vez *você* fica por baixo — diz ela.

— Da próxima vez — repete ele, alegre. — Você é louca por mim. Eu sabia!

Ela ri e faz um gesto de desdém. Ouve ele assoviar enquanto anda pela floresta na direção da pequena praia íngreme onde ancoraram.

Ela para um instante para vestir a parte de cima do biquíni antes de seguir para o barco.

A bordo, Penelope se pergunta se Viola ainda está dormindo na cabine de popa. Pensa em fazer uma panela de batatas frescas e endro, depois tomar um banho e mudar de roupa para a noite. Estranhamente, o convés perto da popa está totalmente encharcado, como se de chuva. Viola devia ter lavado o convés por alguma razão. De alguma forma o barco parece diferente. Penelope não sabe dizer o que é, mas subitamente fica arrepiada. Os pássaros param de cantar de repente e tudo fica silencioso. Penelope está consciente de cada um de seus movimentos. Desce a escada. A porta da cabine de hóspedes está aberta e a luminária, acesa, mas Viola não está lá. Penelope percebe a mão tremendo ao bater na porta do pequeno banheiro. Espia do lado de dentro e retorna ao convés. Olha para a praia e vê Björn andando na direção da água. Acena, mas ele não está olhando para ela.

Penelope abre as portas de vidro da sala.

— Viola? — chama em voz baixa.

Vai à cozinha, pega uma panela, coloca sobre a resistência e retoma a busca. Confere dentro do banheiro maior, depois na cabine principal, onde dorme com Björn. Olhando ao redor na cabine escura, inicialmente acha que se viu em um espelho.

Viola está sentada na beirada da cama, a mão apoiada no travesseiro rosa do Exército da Salvação.

— O que está fazendo aqui?

Enquanto ouve a própria voz, Penelope também se dá conta de que nada está como deveria. O rosto de Viola está branco, molhado e embaçado; seus cabelos caem em cachos encharcados.

Penelope toma o rosto de Viola nas mãos. Geme baixo, depois grita no rosto da irmã.

— Viola? O que há de errado? *Viola!*

Mas já entende o que está fora do lugar e o que há de errado. A irmã não respira, a pele da irmã não libera calor. Não sobrou nada em Viola. A luz da vida foi apagada.

O quarto estreito se aperta ao redor de Penelope. Sua voz é a de um estranho. Ela geme e tropeça para trás, batendo forte com o ombro no batente da porta ao se virar para correr escada acima.

No convés de popa, engole o ar como se sufocasse. Espia ao redor, um terror gelado tomando seus ossos. A 100 metros, na praia, vê um homem de preto. De alguma forma Penelope compreende como as coisas se encaixam. Sabe que aquele é o homem que estava sob a ponte no barco inflável militar. O homem que estava de costas quando ela passou. E sabe que é o homem que matou Viola — e não terminou.

O homem acena da praia para Björn, que nada a 20 metros da terra. Está gritando algo para Björn. Penelope corre para o console de direção e vasculha a gaveta de ferramentas. Encontra uma faca Mora e corre de volta para a popa.

Vê as braçadas lentas de Björn e a marola ao redor. Ele está olhando para o homem, confuso. O homem acena, chamando. Björn dá um sorriso inseguro e começa a nadar na direção da praia.

— Björn! — grita Penelope o mais alto possível. — Nade para o mar!

O homem na praia se volta para ela e começa a correr na direção do barco. Penelope corta a corda, escorrega no convés de popa molhado, fica de pé com um pulo e corre até posto de direção, ligando o motor. Sem olhar ao redor, levanta âncora e coloca em marcha a ré ao mesmo tempo.

Björn devia ter ouvido, porque dá as costas à praia e começa a nadar na direção do barco. Enquanto Penelope vira na sua direção, o homem de preto muda de rumo e

começa a correr para o outro lado da ilha. Ela sabe intuitivamente que foi onde ele deixou o inflável, no pequeno estreito.

E sabe sem sombra de dúvida que não há como acelerarem mais que ele.

Com o motor roncando, vira na direção de Björn, e ao se aproximar desacelera e estica um gancho de barco na direção dele. A água está muito fria, ele parece exausto e muito assustado. A cabeça balança sob a superfície. Ela empurra o gancho na sua direção e o acerta acidentalmente na testa. Ele começa a sangrar.

— Segure nele! — grita Penelope.

O inflável preto está contornando a ilha. Pode ouvir claramente o ronco do motor. Björn faz uma careta de dor, mas após várias tentativas finalmente consegue passar o cotovelo pelo gancho, e Penelope o içá o mais rápido que consegue para a plataforma de popa. Ele chega até a beirada e se segura. Ela solta o gancho, que cai na água e se afasta no barco.

— Viola está morta! — grita ela, e ouve o pânico e o desespero na própria voz.

Assim que Björn agarra a escada com força, ela corre de volta para o leme e acelera.

Ele passa por cima da amurada, e ela o ouve gritar para que vá diretamente para o cabo da ilha de Ornö.

Ela ouve o bote de borracha se aproximando. Faz uma curva fechada e o casco do barco produz baques surdos.

Penelope não consegue falar, apenas gemer.

— Aquele homem matou Viola!

— Cuidado com as pedras! — avisa Björn, batendo os dentes.

O inflável contornou Stora Kastskär e está ganhando velocidade no mar aberto sem ondas.

Sangue escorre pelo rosto de Björn.

Eles se aproximam rapidamente da grande ilha. Björn se vira e vê que o bote está apenas 300 metros atrás.

— Na direção do cais!

Ela reverte os motores e os desliga enquanto a proa do barco bate no cais com um barulho de algo sendo esmagado. As ondas do deslocamento correm para o litoral rochoso e retornam, fazendo o barco inclinar de lado. A escada se parte em pedaços. A água passa por sobre a balaustrada. Penelope e Björn saltam e correm pelo cais na direção da terra enquanto o barco de borracha se aproxima. Podem ouvir, atrás, o casco se chocar contra o cais devido às ondas. Penelope escorrega e se levanta usando a mão, depois escala as pedras íngremes que cercam a floresta. O motor do barco de borracha fica em silêncio e Penelope sabe que a dianteira deles é insignificante. Corre para as árvores com Björn. Eles se enfiam na floresta enquanto seus pensamentos rodopiam em pânico e seus olhos procuram por todos os lados um

lugar onde possam se esconder.

o homem balançando

O parágrafo 21 da lei policial afirma que um policial pode entrar em qualquer prédio, casa, sala ou outro lugar caso tenha motivo para crer que uma pessoa morreu, está inconsciente ou é incapaz de pedir ajuda.

O assistente criminal John Bengtsson recebera a missão de examinar o apartamento de último andar do prédio do número 2 da Grevgatan naquele sábado de junho, porque Carl Palmcrona, diretor-geral da Inspetoria Nacional de Produtos Estratégicos, não aparecera para trabalhar e perdera uma reunião importante com o ministro das Relações Exteriores.

Certamente aquela não era a primeira vez que John Bengtsson tinha de entrar em prédios procurando por pessoas mortas ou feridas. Ele se lembra de pais silenciosos e temerosos esperando na escada enquanto ele entrava em salas para encontrar jovens quase mortos após overdoses de heroína, ou, pior, cenas de assassinato: mulheres em suas salas de estar, espancadas até a morte por maridos enquanto a TV abafa o barulho.

Bengtsson passa com suas ferramentas de arrombamento pela porta de entrada e pega o elevador para o último andar. Toca a campainha e espera. Examina a fechadura na porta da frente. Após algum tempo ouve passos arrastados. Soam como vindos da escadaria um andar abaixo. Soam como alguém se esgueirando para fora.

Bengtsson escuta por um momento, depois testa a maçaneta. A porta se abre silenciosamente.

— Alguém em casa? — chama.

Nada. Ele arrasta sua bolsa pelo umbral, limpa os pés no capacho, fecha a porta atrás de si e entra em um grande corredor.

Ouve uma música suave vindo de um dos aposentos, então ele segue nessa direção, bate na porta e entra. É uma grande sala de visitas, pouco mobiliada — três sofás Carl Malmsten, uma mesa de centro baixa de vidro e uma pequena pintura de um navio em uma tempestade na parede. Um brilho azul frio se projeta de um equipamento de som com design moderno, esguio e transparente. Uma música sinuosa e melancólica sai dos alto-falantes.

Do outro lado da sala há portas duplas. Bengtsson as abre revelando um salão com altas janelas *art nouveau*. A luz do final da primavera é diminuída por muitos

painéis pequenos no alto.

Um homem bem-vestido balança no meio da sala branca.

John Bengtsson fica de pé em silêncio sob o umbral e olha por uma eternidade para o homem morto antes de perceber a corda de varal amarrada ao gancho da luminária de teto.

O corpo parece suspenso no ar no momento de um salto. Os tornozelos estão esticados e os dedos apontam para o chão. Ele está enforcado — mas há algo que não se encaixa. Algo não é como deveria ser.

Bengtsson não pode passar pelas portas duplas; deve manter a cena do crime intacta. Seu coração bate forte e ele sente o ritmo pesado da pulsação. Descobre que não consegue desviar os olhos do homem balançando na sala vazia.

O sussurro de um nome começa a ecoar na mente de Bengtsson: *Joona. Preciso falar com Joona Linna imediatamente.*

Não há móveis naquela sala. Apenas o homem enforcado, que, muito provavelmente, não é outro senão Carl Palmcrona, diretor-geral da Inpe.

A corda está amarrada ao gancho que sai da roseta no centro do teto.

Não há nada que ele possa ter usado para subir, pensa Bengtsson.

A altura do teto deve ser de pelo menos 3,5 metros.

Bengtsson se acalma, pensa na questão e registra tudo que vê. O rosto do homem enforcado está tão branco quanto açúcar úmido, e John Bengtsson só consegue ver alguns pontos de sangue nos olhos arregalados. O homem veste um sobretudo leve, um terno cinza-claro e sapatos oxford com solas de couro. Uma maleta preta e um telefone celular estão no piso de tacos a pequena distância da poça de urina que se formara logo abaixo do corpo.

O homem enforcado de repente sacode.

Bengtsson respira fundo.

Uma batida pesada no teto. Barulhos de martelo no sótão. Alguém caminha pelo piso do sótão. Outra batida, e o corpo de Palmcrona sacode novamente. Barulho de uma furadeira. Alguém pedindo mais cabo: “Rolo de cabo.”

Bengtsson percebe como seu pulso começa a desacelerar enquanto se vira para sair do salão. Vê que a porta da rua está aberta e para, certo de que a fechou. Ele sabe que pode estar enganado. Sai do apartamento, mas, antes de dar a notícia ao seu departamento, pega o celular e liga para Joona Linna no Departamento Nacional de Investigação Criminal.

a divisão nacional de homicídios

Primeira semana de junho. Durante semanas a população de Estocolmo tem acordado muito cedo. O sol nasce às 3h30 e continua a brilhar por quase toda a noite. O clima tem sido atipicamente quente. Os azereiros e lilases exuberantes floresceram ao mesmo tempo. Galhos cheios de botões espalham seu aroma desde o parque Kronoberg até a entrada do quartel-general do Departamento Nacional de Polícia.

O Departamento Nacional de Polícia, única organização policial de comando central da Suécia, é responsável por lidar com crimes sérios em âmbito nacional e internacional.

O chefe do Departamento Nacional de Investigação Criminal, Carlos Eliasson, está de pé junto à janela baixa do quinto andar examinando a paisagem do parque Kronoberg enquanto aperta o telefone no ouvido e disca o número de Joona Linna. Mais uma vez ouve a ligação cair no correio de voz. Pousa o telefone e confere o relógio.

Na porta ao lado uma voz cansada tenta lidar com um mandado de prisão europeu e o Sistema de Informação Schengen.

Petter Näslund entra no escritório de Carlos e, pigarreando cautelosamente, apoia-se em uma faixa que declara: MONITORAMOS, MARCAMOS O LUGAR E INTERFERIMOS.

— Pollock e seu pessoal logo estarão aqui — diz Petter.

— Sei ver as horas — diz Carlos.

— Os sanduíches estão prontos — diz Petter.

Carlos reprime um sorriso e pergunta:

— Ouviu falar que estão recrutando?

O rosto de Petter fica vermelho enquanto ele olha para o chão, pensa no assunto e ergue os olhos novamente.

— Eu iria... Consegue pensar em alguém melhor que trabalharia bem na Divisão Nacional de Homicídios?

Há cinco especialistas que compõem a Divisão Nacional de Homicídios. A Comissão, como eles são conhecidos, trabalha de forma sistemática, usando uma metodologia conhecida por suas iniciais IPCG, Investigação Policial de

Criminalidade Grave.

O fardo que carregam é enorme. São tão exigidos que raramente têm tempo de ir ao distrito policial para uma reunião.

O peixe paraíso no aquário de Carlos dá voltas calmamente. Quando está para pegar a comida, o telefone toca.

— Eles estão subindo — diz Magnus na recepção.

Carlos tenta ligar uma última vez para Joona Linna, depois se levanta, examina-se rapidamente no espelho e vai receber os convidados. No momento em que chega ao elevador as portas deslizam silenciosamente. Ver a Comissão inteira junta faz surgir uma imagem em sua cabeça: um show do Rolling Stones a que ele foi anos antes com alguns colegas. A banda no palco parecia de empresários descontraídos e, assim como a Divisão Nacional de Homicídios, todos vestiam ternos pretos com gravatas.

Nathan Pollock sai primeiro, seus marcantes cabelos grisalhos presos em um rabo de cavalo. É seguido por Erik Eriksson. Ele gosta de óculos decorados com diamantes, daí o apelido “Elton”. Atrás dele caminha relaxadamente Niklas Dent, junto a P.G. Bondesson, e atrás de todos segue Tommy Kofoed. Kofoed é o perito técnico. É corcunda e olha para o chão, soturno.

Carlos mostra a eles a sala de reunião, onde o comandante operacional Benny Rubin já está sentado à mesa redonda, esperando por eles, uma xícara de café à sua frente. Tommy Kofoed pega uma maçã na cesta de frutas e a morde ruidosamente. Nathan Pollock olha para ele com um sorriso e balança a cabeça levemente. Kofoed para no meio de uma mordida.

— Bem-vindos — começa Carlos. — É bom que possamos estar juntos. Há várias questões sérias na agenda.

— Não deveríamos esperar por Joona Linna? — pergunta Tommy Kofoed.

— Bem... — reflete Carlos, a voz arrastada.

— Aquele homem só faz o que quer — pontua Pollock em voz baixa.

— Ei, vamos lá — diz Tommy Kofoed na defensiva. — Dê o crédito ao homem. Os assassinatos de Tumba ano passado: ele descobriu tudo, e ainda não sei como fez isso.

— Contra toda a maldita lógica — diz Elton com um sorriso.

— Eu diria que sou bastante bom em perícia — continua Tommy Kofoed —, mas Joona entrou, deu uma olhada no sangue espalhado... Ele soube imediatamente como cada assassinato havia sido cometido... Impressionante...

— É verdade, é verdade. Ele conseguiu ver o quadro inteiro — diz Pollock. — O grau de violência, o nível de força, o nível de estresse, como as pegadas encontradas no apartamento se arrastavam mais, mostrando mais exaustão que aquelas no vestiário.

— Impressionante, cacete — murmura Tommy Kofoed.

Carlos pigarreia e retorna à sua agenda informal.

— A Guarda Costeira ligou esta manhã — diz a eles. — Um velho pescador encontrou uma mulher morta.

— Em sua rede?

— Não, ele viu um grande barco de passeio sendo levado pela correnteza perto de Dalarö. Remou para lá, subiu a bordo e a encontrou sentada em sua cama na proa.

— Isso não soa como algo para nós — diz Petter Näslund, e sorri.

— Ela foi assassinada? — pergunta Pollock.

— Provavelmente suicídio — responde Petter rapidamente.

— Não há necessidade de fazer julgamentos apressados — diz Carlos, pegando uma fatia de bolo. — Mas quis levantar a questão.

— Mais alguma coisa?

— Recebemos um pedido da polícia de Götaland Ocidental — diz Carlos. — O documento está na mesa.

— Não tenho como pegar isso — diz Pollock.

— Sei como estão ocupados — diz Carlos, lentamente limpando migalhas da mesa. — Vamos passar para o outro lado da agenda: recrutar alguém para a DNH.

Benny Rubin olha ao redor com olhar penetrante e explica que a chefia está consciente da carga de trabalho pesada e, portanto, como primeiro passo, destinou recursos para ampliar a Comissão em uma pessoa em tempo integral.

— O que pensam? — pergunta Carlos.

— Joona Linna não devia estar aqui? — retruca Tommy Kofoed. Ele se inclina para a frente e pega um dos sanduíches embrulhados.

— Não estou certo de que ele conseguirá — diz Carlos.

— Que tal um lanche antes de entrarmos no assunto? — diz Elton, se esticando na direção da bandeja.

Tommy Kofoed desembulha metodicamente o plástico do sanduíche de salmão, levanta o pão, tira um ramo de endro, espreme um limão sobre o salmão e remonta o sanduíche.

De repente a porta da sala de reunião se abre e Joona Linna entra. Seus cabelos louros curtos estão espetados.

— *Syö tilli, pojat* — diz em finlandês.

— Isso mesmo! — ri Nathan Pollock. — Comam seu endro, rapazes!

Nathan e Joona sorriem um para o outro. As bochechas de Tommy Kofoed ficam vermelhas e ele balança a cabeça com um sorriso.

— *Tilli* — fala Nathan Pollock, repetindo a palavra finlandesa e rindo alto enquanto Joona passa por Tommy e enfia o endro de volta no sanduíche.

— Vamos voltar à reunião — diz Petter.

Joona aperta a mão de Nathan, depois pega uma cadeira vazia, lançando seu paletó preto sobre o encosto enquanto senta.

— Por favor, perdoem meu atraso — diz.

— Dou as boas-vindas a você como convidado para a reunião — diz Carlos.
— Estávamos começando a falar do recrutamento. Acho melhor dar a palavra a Nathan.

— Certo, e quero que todos saibam que não estou sozinho nisto — começa Nathan Pollock. — Na verdade... estamos todos de acordo. Joona, esperamos que se junte a nós.

A sala ficou em silêncio. Niklas Dent e Erik Eriksson confirmam com um gesto de cabeça. Petter Näslund é uma silhueta escura contra a luz que vem de trás.

— Realmente gostaríamos de ter você — arrisca Tommy Kofoed.

— Aprecio a oferta — responde Joona, passando a mão sobre os cabelos. — Vocês trabalham duro, e provaram que são bons. Respeito seu trabalho...

Todos à mesa sorriem.

— Mas quanto a mim... Eu simplesmente não posso ficar preso à sua metodologia rígida. A qualquer método rígido de investigação — explica.

— Nós sabemos, entendemos — diz Kofoed rapidamente. — O modo como trabalhamos é um pouco rígido, mas provou-se...

Kofoed fica em silêncio.

— Só queríamos tentar — diz Nathan Pollock.

— Apenas não é o modo como trabalho — explica Joona.

Todos sem exceção baixam os olhos para a mesa; alguém balança a cabeça. O celular de Joona toca e ele pede licença para atender. Levanta-se da mesa e sai da sala. Volta um minuto depois e pega o paletó na cadeira.

— Desculpem, gostaria de ficar, mas...

— Algo sério? — pergunta Carlos.

— Era John Bengtsson, da Patrulha de Rotina — diz Joona. — Ele acabou de encontrar Carl Palmcrona.

— Encontrar? — pergunta Carlos.

— Enforcado — responde Joona. Seus olhos brilham como vidro cinza.

— Quem é Palmcrona? — pergunta Nathan Pollock. — Não consigo lembrar o nome.

— É o diretor-general da Inpe — diz Tommy Kofoed rapidamente. — Ele toma as decisões finais sobre exportações suecas de armas.

— Tudo na Inpe não é secreto? — pergunta Carlos.

— Verdade — responde Kofoed.

— Então deixe os caras do Säpo cuidarem disso.

- Acabei de prometer a Bengtsson que iria pessoalmente — responde Joona.
- Há alguma coisa na cena que não está certa.
 - O quê? — pergunta Carlos.
 - Ele disse... Bem, realmente tenho de ver eu mesmo.
 - Parece interessante — diz Kofoed. — Posso ir?
 - Se quiser — responde Joona.
 - Então também irei — diz Pollock rapidamente.

Carlos tenta lembrar a eles que estão no meio de uma reunião, mas percebe que é inútil quando os três homens se levantam e saem para o corredor frio.

Vinte minutos depois o detetive Joona Linna estaciona seu Volvo preto na Strandvägen e salta para esperar seus colegas do DIC, o Departamento Nacional de Investigação Criminal. Eles estacionam logo depois em um Lincoln Town Car prateado, e, juntos, viram a esquina e entram no prédio numero 2 da Grevgatan.

Enquanto sobem no antigo elevador chacoalhante, Tommy Kofoed pergunta que informações Joona já tem.

— A Inspetoria Nacional de Produtos Estratégicos emitiu um aviso de que Palmcrona estava desaparecido — conta Joona. — Ele não tem família e nenhum dos colegas o conhecia socialmente, mas, quando não apareceu para trabalhar, pediram que a polícia investigasse. John Bengtsson foi ao apartamento de Palmcrona e o encontrou enforcado. Mas não está certo de que foi suicídio.

O rosto curtido de Nathan Pollock estava franzido com a concentração.

— Por que ele suspeita de algo errado?

O elevador para e Joona abre o portão. Bengtsson está esperando à porta do apartamento.

— Estes são Tommy Kofoed e Nathan Pollock, do DIC — apresenta Joona.

Eles se cumprimentam com um aperto de mãos em silêncio.

— Então, a porta estava destrancada quando cheguei — conta John. — Ouvi música e encontrei Palmcrona enforcado em uma das salas grandes. Ao longo dos anos eu baixei muitas pessoas, mas desta vez... Quer dizer... Talvez seja suicídio, mas, considerando a posição social de Palmcrona, achei melhor verificar tudo.

— Você fez certo em telefonar — concorda Joona.

— Verificou o corpo? — pergunta Tommy de seu modo soturno.

— Nem sequer entrei na sala — responde John.

— Bom — murmura Kofoed, e começa a colocar tapetes de proteção no chão.

Minutos depois Joona e Nathan Pollock podem entrar no corredor. John Bengtsson espera por eles ao lado de um sofá azul. Aponta para as portas duplas entreabertas que revelam uma sala bem-iluminada. Joona continua a caminhar sobre os tapetes de proteção e escancara as portas.

A luz quente do sol espalha-se na sala, vindo de janelas altas. Carl Palmcrona está pendurado no centro da sala espaçosa. Moscas caminham sobre seu rosto

branco e para dentro das órbitas e da boca aberta para colocar seus pequenos ovos amarelados. Elas também zumbem acima da poça de urina, bem como da esguia maleta preta no chão. A corda de varal fina cortou um pouco o pescoço de Palmcrona, produzindo um profundo sulco vermelho. Escorreu sangue pela frente da camisa.

— Executado — declara Tommy Kofoed enquanto veste luvas de proteção.

Todo traço de melancolia desaparecera, e ele sorri enquanto se ajoelha para começar a fotografar o corpo pendurado.

— Provavelmente encontraremos ferimentos na vértebra cervical — diz Pollock, apontando.

Joona ergue os olhos para o teto, em seguida os baixa para o chão.

— É obviamente uma declaração — diz Kofoed triunfante, mantendo o foco da câmera no corpo. — Quero dizer, o assassino não se preocupou em esconder o corpo, mas quis dizer algo ao fazer isso.

— Exatamente o que eu estava pensando! — exclama Bengtsson, igualmente ansioso. — A sala está vazia e não há cadeiras ou escadas nas quais ele pudesse ter subido.

— Então a questão é o que o assassino quis dizer — reflete Tommy Kofoed, baixando a câmera para olhar para o corpo. — Enforcamento está ligado a deslealdade e traição. Pense em Judas Iscariotes, que...

— Só um segundo — diz Joona suavemente.

Eles o veem apontar para o chão.

— O que é isso? — pergunta Pollock.

— Estamos olhando para um suicídio — responde Joona.

— Que suicídio típico! — diz Tommy Kofoed, rindo. — Ele bate as asas e voa...

— A maleta — diz Joona. — Se ele a colocou em pé, conseguiu alcançar o laço.

— Mas ele não poderia ter alcançado o teto — destaca Pollock.

— Ele poderia ter amarrado a corda antes.

— Acho que você está errado.

Joona dá de ombros e diz:

— Tenha em mente a música e os nós...

— Vamos dar uma olhada na maleta — diz Pollock.

— Deixe-me proteger a área antes — diz Kofoed.

Eles observam o corpo pequeno e curvado de Kofoed enquanto ele se arrasta para a frente e rola sobre o piso uma folha de filme plástico preto com camada inferior de gelatina fina. Depois pressiona o filme cuidadosamente com um rolo de borracha.

— Pode me dar dois sacos de provas e uma caixa grande? — pede, apontando para sua bolsa de coleta.

— Papelão? — pergunta Pollock.

— Sim, obrigado — diz Tommy enquanto apanha os pacotes que Pollock joga para ele em uma parábola alta.

Ele retira vestígios biológicos do piso, depois chama Pollock para dentro da sala.

— Você encontrará as marcas dos sapatos dele na beirada externa da maleta — diz Joona. — Ela caiu para trás e o corpo balançou em diagonal.

Pollock não diz nada, se limitando a caminhar até a maleta de couro e ajoelhar ao lado dela. Seu rabo de cavalo prateado cai para a frente quando ele se curva para colocar a maleta de pé. Marcas cinza-claras óbvias são vistas nitidamente no couro preto.

— Então é isso — observa Joona em voz baixa.

— Impressionante para cacete — diz Tommy Kofoed, e todo seu rosto cansado se abre em um sorriso para Joona.

— Suicídio — murmura Pollock.

— Tecnicamente falando, sim — diz Joona.

Eles ficam de pé olhando para o corpo por algum tempo.

— O que realmente temos aqui? — pergunta Kofoed. Ele ainda sorri. — Alguém em alta posição, com o trabalho de decidir quem pode exportar equipamento militar, que agora resolve tirar a própria vida.

— Não é nosso departamento — suspira Pollock.

Tommy Kofoed tira as luvas e aponta para o homem pendurado.

— Joona? Qual o problema com os nós e a música? — pergunta.

— É um nó de escota duplo — diz Joona, apontando para os nós ao redor do gancho da luminária. — Eu o relaciono à longa carreira naval de Palmcrona.

— E a música?

Joona para e olha para ele, meditando.

— O que você acha? — pergunta.

— Bem, sei que é uma sonata para violino. Começo do século XIX ou...

Ele é interrompido pela campainha. Os quatro se entreolham. Joona começa a andar de volta ao corredor e o restante do grupo o segue, mas eles param antes que possam ser vistos do patamar.

À porta Joona pensa em espiar pelo olho mágico, mas decide não fazer isso. Pode sentir o ar penetrando pelo buraco da chave enquanto segura a maçaneta. A porta pesada se abre. O patamar está escuro. A mão de Joona vai na direção da pistola enquanto verifica atrás da porta aberta. Uma mulher alta está sob uma luz fraca junto ao corrimão. Tem mãos enormes. Provavelmente cerca de 65 anos. Está

absolutamente imóvel. Os cabelos grisalhos são cortados curtos em estilo pajem, e há um grande curativo cor da pele em seu queixo. Ela encara Joona sem qualquer traço de sorriso.

— Vocês já o baixaram? — pergunta ela.

Joona tinha pensado que daria tempo de chegar à reunião no Departamento Nacional de Investigação Criminal às 13 horas.

Mas queria almoçar com Disa antes. Eles iriam se encontrar no jardim Rosendals, em Djurgården. Joona chegou cedo e teve de esperar um pouco ao sol. Ficou observando preguiçosamente a névoa acima do pequeno vinhedo. Então viu Disa chegando, a bolsa de pano pendurada ao ombro. Seu rosto estreito inteligente estava salpicado de sardas de final de primavera, e os cabelos caíam soltos sobre os ombros, livres das costumeiras tranças apertadas. Estava bonita em um vestido estampado com pequenas flores; nos pés, sandálias com salto anabela.

Eles se abraçaram com cuidado.

— Oi — cumprimentou Joona. — Você está ótima.

— Você também — respondeu Disa.

Foram juntos ao bufê pegar a comida e depois se sentaram a uma mesa ao ar livre. Joona notou que havia um esmalte novo nas unhas dela. Normalmente eram curtas e malcuidadas, cheias da terra em que Disa mexia em seu trabalho de arqueóloga. O olhar de Joona se desviou das mãos para o pomar.

— A rainha Kristina recebeu um leopardo de presente do conde de Kurland. Ela o manteve aqui em Djurgården.

— Não sabia disso — respondeu Joona, distraído.

— Li na contabilidade do palácio que o Tesouro Real pagou quarenta coroas em moedas de prata, o custo do funeral de uma empregada. Ela foi esfaqueada por esse leopardo.

Disa se recostou na cadeira e pegou a taça.

— Pare de falar tanto, Joona Linna — disse, sarcasticamente.

— Desculpe — falou Joona. — Eu só...

Ele ficou em silêncio novamente, de repente exausto.

— O que houve? — disse ela, de repente preocupada.

— Por favor, apenas me fale mais sobre o leopardo.

— Você parece tão triste...

— Estava pensando em minha mãe... Hoje faz um ano que ela faleceu. Fui colocar uma coroa no túmulo dela.

— Sinto saudade de Ritva — disse Disa.

Ela pousou o garfo e ficou em silêncio um tempo.

Finalmente falou:

— Sabe o que ela disse na última vez que a vi? Ela pegou minha mão e me aconselhou a seduzi-lo e assim garantir que você ficasse encantado.

Joona riu.

— Eu posso acreditar nisso!

O sol refletiu nos olhos escuros e calmos de Disa.

— Disse que não acreditava que isso fosse acontecer. Então ela me falou que eu deveria deixá-lo e nunca olhar para trás.

Ele anuiu, mas não tinha palavras.

— Então você ficaria totalmente só — continuou Disa. — Um grande finlandês solitário.

Ele acariciou os dedos dela.

— Não quero isso — disse.

— Não quer o quê?

— Não quero ser um grande finlandês solitário.

— E agora quero usar meus dentes em você. Morder com força. Consegue explicar isso? Meus dentes sempre ficam inquietos quando olho para você — disse Disa com um sorriso.

Joona estendeu a mão para tocar seu rosto. Ele sabia que iria se atrasar para a reunião com Carlos Eliasson e o DIC, mas continuou sentado na frente de Disa, jogando conversa fora e ao mesmo tempo pensando que deveria ir ao Museu Nórdico olhar a coroa nupcial sami.

* * *

Enquanto esperava por Joona Linna, Carlos Eliasson contara ao Departamento Nacional de Investigação Criminal sobre a jovem morta encontrada em um barco de passeio no arquipélago de Estocolmo, e Benny Rubin registrou que não havia pressa em iniciar uma investigação e que deveriam esperar as descobertas da Guarda Costeira.

Joona chegara um pouco depois, mas estava havia pouco tempo na reunião quando recebeu um telefonema de John Bengtsson, da Patrulha de Rotina.

Joona e John tinham uma história juntos. Eles haviam jogado hóquei indoor mais de uma década antes. John Bengtsson era popular, mas quando recebeu o diagnóstico de câncer de próstata muitos de seus amigos se afastaram. Embora estivesse totalmente recuperado, ele, assim como outros que chegaram perto da

morte, tinha um leve ar de fragilidade, de compreensão profunda.

Joona ficara no corredor do lado de fora da sala de reunião, escutando pelo telefone a lenta descrição de John. A voz estava tomada pelo cansaço que se segue imediatamente a muito estresse. Ele descreveu como acabara de encontrar o diretor-geral da Inspetoria Nacional de Produtos Estratégicos pendurado no teto de casa.

— Suicídio? — perguntou Joona.

— Não.

— Assassinato?

— Você não poderia vir aqui? — pediu John. — Não consigo chegar a uma conclusão sobre o que estou vendo. O corpo está pendurado muito acima do piso, Joona.

Ele levava Nathan Pollock e Tommy Kofoed. Joona acabara de explicar que era um suicídio quando a campainha tocara na casa de Palmcrona. Na escuridão do patamar, havia uma mulher de pé segurando nas mãos grandes duas sacolas plásticas de compras.

— Vocês já o baixaram? — perguntou ela.

— Baixaram?

— O diretor Palmcrona — respondeu objetivamente.

— O que quer dizer com isso?

— Desculpe-me, sou apenas a empregada, e pensei...

Ela estava obviamente perturbada, e se virou para começar a descer as escadas. Foi detida pela resposta à primeira pergunta.

— Ele ainda está pendurado lá.

— Entendo. — Virou-se para ele com um rosto inexpressivo.

Joona perguntou:

— Você o viu hoje mais cedo?

— Não.

— Então por que perguntou se nós o havíamos baixado? Viu algo incomum?

— Um laço pendurado do teto no salão menor — respondeu.

— Então você viu o laço?

— Sim, na verdade, sim.

— Mas não teve medo de que ele o usasse?

— Morrer não é um pesadelo — disse, contendo um sorriso.

— O que você disse?

A mulher apenas balançou a cabeça.

— Então, como acha que ele morreu?

— Acho que ele apertou o laço ao redor do pescoço — respondeu em voz baixa.

— Como ele conseguiu colocar o laço ao redor do pescoço?

— Não sei... Talvez tenha precisado de ajuda.

— Que tipo de ajuda?

A senhora revirou os olhos, e por um instante Joona pensou que ela iria desmaiar. Em vez disso, ela se firmou colocando uma das mãos na parede, depois o encarou.

Suavemente, ela disse:

— Sempre há pessoas prestativas por perto.

A piscina do distrito policial é grande e azul, com águas quase paradas. A luz que vem de baixo dança nas paredes e no teto no ginásio, e só o que quebra a imobilidade é o movimento constante de Joona Linna nadando voltas seguidas.

Enquanto ele nada, pensamentos preguiçosos reviram-se em sua cabeça: o rosto de Disa dizendo-lhe que seus dentes ficavam inquietos ao vê-lo.

Joona toca na beirada da piscina, faz a virada sob a água e se impulsiona novamente. Não se dá conta de que está ganhando velocidade quando lhe ocorre a lembrança do apartamento de Carl Palmcrona na Grevgatan. Mais uma vez vê o corpo pendurado, a poça de urina e as moscas no rosto do cadáver. O homem morto vestia casaco e sapatos e tivera tempo até de ligar a música.

Ações ao mesmo tempo impulsivas e planejadas, nada tão incomum em relação a suicídio.

Joona está nadando ainda mais rápido agora, ganhando mais velocidade ao disparar para mais uma volta. Ele se vê andando pelo corredor de Palmcrona e abrindo a porta após o inesperado toque da campainha. A mulher alta na escuridão do patamar. A impressão de suas mãos grandes. O fato de que estava se escondendo atrás da porta.

Respirando pesado, Joona para na beirada da piscina e repousa, apoiando os braços na grelha de plástico sobre o ralo. Sua respiração desacelera, mas ele pode sentir o grande aumento do ácido láctico nos músculos dos ombros. Um grupo de policiais de calção entra na área da piscina carregando dois bonecos de salvamento: uma criança e um adulto com sobrepeso.

Morrer não é um pesadelo. A mulher grande sorri ao dizer isso.

Joona sai da piscina. Está cheio de tensão nervosa. O caso Carl Palmcrona não o deixa em paz. Por alguma razão, a sala vazia e banhada de luz continua a voltar à sua cabeça: a música lânguida do violino e o zumbido lento das moscas.

Joona sabe em suas entranhas que é um suicídio e não um caso para o DIC. Ainda assim, sente uma ânsia de correr de volta ao apartamento, dar outra olhada e examiná-lo minuciosamente para ter certeza de que não deixou passar nada.

Inicialmente pensara que o choque confundira a empregada, nublando sua mente e a deixando desconfiada, fazendo com que falasse daquele modo estranho,

desconjugado. Agora Joona tenta pensar às avessas. Talvez não estivesse confusa. Talvez não estivesse nada chocada, mas respondendo às suas perguntas da forma mais clara possível. Edith Schwartz intuía que Carl Palmcrona poderia ter tido ajuda com o laço: que houvera mãos prestativas, pessoas prestativas. De qualquer forma, insinuara que ele não estivera só ao encontrar a morte. Não era a única pessoa responsável.

Algo não está certo.

Mas ele não consegue identificar por que pensa isso.

Joona passa pela porta que dá no vestiário e destranca seu armário. Pega seu celular e liga para Nils Åhlén, “Agulha”.

— Ainda não terminei — diz Agulha imediatamente.

— É sobre Palmcrona. Qual foi sua primeira impressão, mesmo se...

— Ainda não terminei.

— Mesmo que não tenha terminado...

— Venha na segunda-feira.

— Estou indo agora.

— Às 17 horas, eu e a patroa vamos ver um sofá na loja de móveis.

— Estarei aí em 25 minutos — diz Joona, desligando o telefone antes que Agulha possa protestar novamente que é cedo demais.

Depois de Joona ter tomado banho, se vestido e saído do vestiário, ouviu os risos das crianças na aula de natação.

Ele pensa no que há por trás da morte de um homem tão importante quanto o diretor-geral da Inspetoria Nacional de Produtos Estratégicos. No que diz respeito à exportação de equipamento militar pela Suécia, essa era a pessoa que tomava todas as decisões finais, e foi encontrada enforcada.

E se eu estiver errado? E se ele realmente foi assassinado?, diz Joona a si mesmo. *Tenho de falar com Pollock antes de ver Agulha. Talvez agora Pollock e Kofoed tenham tido uma oportunidade de ver as provas materiais.*

Joona caminha a passos largos pelo corredor, desce uma escada correndo e pede à sua assistente, Anja Larsson, para ver se Nathan Pollock ainda está no distrito.

tudo sobre combate corpo a corpo

Os cabelos grossos de Joona ainda estão molhados quando ele abre a porta da Sala de Conferências 11, onde Nathan Pollock faz uma palestra para um grupo especial de treinamento sobre como lidar com situações com reféns e operações de resgate. Na parede atrás de Pollock está projetada a figura de um corpo humano, e sete armas estão alinhadas em uma mesa. Variam de uma pequena SIG Sauer P238 prata até uma carabina automática preta fosca, da Heckler & Koch, equipada com um lança-granadas de 40 milímetros. Pollock está demonstrando uma técnica de ataque em um policial jovem. Segura uma faca perto do corpo, subitamente ataca o policial e marca seu pescoço. Ele se vira para o grupo.

— O problema de um corte assim é que o inimigo ainda pode gritar. Ainda pode se mover, e como apenas uma artéria é cortada, demora algum tempo para que sangue até a morte — diz Pollock a eles.

Ele anda novamente até o policial e coloca o próprio braço ao redor da cabeça do rapaz, de modo que o cotovelo cubra a boca dele.

— Já se eu fizer isto, posso cobrir o grito, controlar a cabeça e abrir as duas artérias com um único corte.

Pollock solta o jovem policial no momento em que Joona Linna entra na sala. O policial limpa a boca e retorna a seu lugar. Com um grande sorriso, Pollock tenta chamar Joona, mas ele balança a cabeça.

— Só preciso trocar uma palavra com você — diz Joona, baixo.

Alguns dos policiais viram as cabeças enquanto Pollock vai até Joona e eles se cumprimentam com um aperto de mão. Os ombros do paletó de Joona estão escurecidos pela água que escorre dos cabelos.

— Tommy Kofoed tirou marcas de sapato da cena de Palmcrons — diz Joona. — Preciso saber: ele encontrou mais alguma coisa incomum?

— Não tinha percebido que havia pressa nisso — diz Nathan. Também mantém a voz baixa. — Claro que fotografamos todas as impressões na folha, mas não tivemos tempo de analisar os resultados. Eu definitivamente ainda não tenho um quadro geral...

— Mas você viu algo — afirma Joona.

— Parece que talvez... Quando eu lancei as fotos no computador... Poderia

haver um padrão... É cedo demais...

— Apenas me diga o que você acha; tenho de correr.

— Pareciam dois conjuntos diferentes de impressões de sapatos em dois círculos ao redor do corpo — Nathan diz a ele.

— Estou indo ver Agulha. Por que não vem comigo? — pergunta Joona.

— Agora?

— Preciso estar lá em 20 minutos.

— Droga, não posso — diz Nathan, apontando para a turma. — Vou deixar o telefone ligado para o caso de você precisar de algo.

— Obrigado — diz Joona, e se vira para a porta.

— Ei... Será que você poderia apenas dizer oi para esse bando por um segundo? — pergunta Nathan.

A turma inteira já se virara para olhar os dois. Joona acena.

Nathan ergue a voz.

— Posso apresentar Joona Linna a vocês? Era sobre ele que eu estava contando. Estou tentando convencê-lo a dar a vocês alguma noção sobre combate corpo a corpo.

A sala está silenciosa e todos olham para Joona.

— A maioria de vocês sabe mais sobre combate corpo a corpo do que eu — diz Joona com um pequeno sorriso. — Mas uma coisa que eu sei é que quando você está lutando pela vida, não há regras. Não é um jogo. É uma luta real.

— Escutem — diz Nathan, a voz dura.

— Em uma luta real você só vence se continuar pensando. Sejam flexíveis. Tirem vantagem de tudo e qualquer coisa que surja na sua frente — continua Joona calmamente. — Vocês talvez estejam em um carro ou uma varanda. Talvez em uma sala tomada por gás lacrimogêneo. Talvez haja vidro quebrado pelo chão. Pode haver armas por toda parte. É uma luta curta? Ou vocês terão de guardar suas forças? Não percam tempo com elegantes voadoras ou em parecerem legais chutando enquanto giram o corpo.

Alguns riem.

— E aceitem a ideia da dor. Quando você está em combate corpo a corpo, pode ter de receber um bom golpe para vencer o mais rápido possível — conclui Joona. — É só isso... Eu na verdade não sei muito mais sobre essa coisa.

Ele inclina a cabeça levemente e se vira para sair da sala de conferência. Dois policiais aplaudem. A porta se fecha e a sala fica silenciosa. Nathan Pollock está sorrindo sozinho quando retorna à mesa.

— Eu originalmente iria guardar isto para outra aula — diz, enquanto dá um tapinha no computador. — Este é um filme clássico; o drama dos reféns da sede do banco Nordea há nove anos. Há dois assaltantes. Joona Linna já tirou os reféns. Ele

também já derrubou um dos assaltantes, aquele que tinha uma Uzi. Houve um tiroteio violento. O outro assaltante está escondido e ainda tem uma faca. Eles haviam jogado tinta em spray nas câmeras de segurança, mas se esqueceram de uma. De qualquer modo, vou passar em câmera lenta porque a coisa toda acontece em poucos segundos.

Pollock clica novamente e o filme começa em câmera lenta. É um vídeo granulado e mostra o interior do banco visto do alto. No canto direito inferior da imagem, um relógio marca os segundos. Joona se move devagar de lado com o braço esticado, segurando alto sua pistola. Ele quase parece estar sob a água, com movimentos tão lentos. O assaltante está escondido atrás da porta aberta que leva ao cofre. Segura uma faca. De repente ele avança com longos passos fluidos. Joona aponta sua pistola de serviço para o assaltante, diretamente para o peito. O assaltante não hesita. Joona é obrigado a puxar o gatilho.

— A pistola dispara, mas uma bala defeituosa está alojada no cano — narra Pollock.

O filme granulado treme. Joona recua quando o homem com a faca salta sobre ele. A ação toda é sobrenatural e silenciosa. Joona ejeta o pente e estica a mão para pegar outro. Não há tempo. Ele rapidamente inverte a arma inútil até que o cano se torna uma extensão de seu antebraço.

— Não entendi — diz uma policial.

— Ele está transformando a pistola em uma *tonfa* — explica Pollock.

— O que é isso?

— É uma espécie de porrete ou cassetete. A polícia americana usa algo parecido. Obviamente, seu alcance aumenta e se você precisar atacar o impacto é intensificado.

O homem com a faca chegou até Joona. Quase em câmera lenta, ele golpeia Joona no abdômen, a lâmina cintilando em um semiarco. Seu outro braço está no alto e gira com o corpo. Joona não olha para a faca. Vai na direção do assaltante e instantaneamente o acerta no pescoço, sob o pomo de adão, com a coronha da arma.

Como se em um sonho, a faca cai lentamente, rodopiando até o chão. O homem cai de joelhos, agarrando o pescoço, depois tomba para a frente.

a mulher que se afogou

Joona Linna está em seu carro, indo para o Instituto Karolinska, o centro de pesquisa médica de Solna, um subúrbio ao norte de Estocolmo. Está pensando no corpo pendurado de Carl Palmcrona, a corda de varal apertada, a urina no chão.

Joona acrescenta ao quadro em sua cabeça dois conjuntos de marcas de sapato no piso rodeando o homem morto.

Esse caso não está encerrado.

O departamento de medicina legal funciona em um prédio de tijolos erguido entre os gramados bem-cuidados do grande campus do Instituto Karolinska.

Joona entra no estacionamento de visitantes vazio. Vê que o médico-chefe, Nils Åhlén, Agulha, passou por cima do meio-fio com seu Jaguar branco, parando sobre o gramado aparado junto à entrada principal.

Joona acena para a mulher sentada na recepção, que responde erguendo o polegar. Ele segue pelo corredor, bate na porta de Agulha e entra. Como de hábito, o escritório de Agulha está totalmente livre de qualquer coisa dispensável. As persianas foram fechadas, mas a luz do sol ainda penetra por entre as lâminas. A luz brilha sobre superfícies brancas, mas desaparece nas áreas cinza do aço escovado.

Como se para combinar com seu ambiente, Agulha usa óculos ovais de armação branca tipo avião e uma camisa polo branca sob o jaleco de laboratório.

— Acabei de multar um Jaguar branco do lado de fora — diz Joona.

— Bom para você.

Joona para no meio da sala, seus olhos cinzentos sérios escurecendo.

— Como ele realmente morreu?

— Está falando de Palmcrona?

— Sim.

O telefone toca e Agulha entrega o relatório da necrópsia a Joona.

— Você não precisava vir até aqui para descobrir isso — diz Agulha antes de atender ao telefone.

Joona se senta em uma cadeira de couro branca. A necrópsia no corpo de Carl Palmcrona foi concluída. Joona folheia o arquivo e pega algumas anotações ao acaso.

- 74 – Rins pesando 290 gramas juntos. Superfícies lisas. Tecidos cinza-avermelhados. Consistência firme e elástica. Cápsula renal clara.
- 75 – Uretras com aparência normal.
- 76 – Bexiga vazia. Membrana mucosa pálida.
- 77 – Próstata de tamanho normal. Tecidos pálidos.

Agulha empurra os óculos para cima do estreito nariz aquilino e encerra o telefonema. Ergue os olhos.

— Como vê — diz, bocejando —, nada incomum. A causa da morte foi asfixia, isto é, sufocamento... Mas com um enforcamento bem-sucedido não estamos falando do significado típico de sufocamento. Na verdade, temos aqui o fechamento do suprimento arterial.

— Então o cérebro morre quando o fluxo de sangue oxigenado é interrompido.

Agulha confirma com um gesto de cabeça.

— Isso mesmo. Compressão arterial, fechamento bilateral das carótidas. Acontece inacreditavelmente rápido, claro. Inconsciência em segundos...

— Mas ele estava vivo antes do enforcamento? — pergunta Joona.

— Sim.

O rosto estreito e liso de Agulha está soturno.

— Consegue determinar a queda?

— Imagino que foi uma questão de decímetros. Não há fraturas na vértebra cervical ou na base do crânio.

— Entendo...

Joona está pensando na maleta com as pegadas de Palmcrona. Ele abre o arquivo novamente e folheia até o exame externo: a investigação da pele do pescoço e a medição de ângulos.

— O que o está incomodando?

— A mesma corda poderia ter sido usada para estrangulá-lo antes do enforcamento?

— Não.

— Por que não?

— Bem, para começar, há apenas uma linha, e está perfeita — Agulha começa a explicar. — Quando uma pessoa é enforcada a corda ou linha penetra no pescoço e...

— Mas um assassino saberia disso — diz Joona.

— Mas é praticamente impossível reconstruir... Sabe, em um enforcamento bem-sucedido a linha ao redor do pescoço é como a ponta de uma flecha com a extremidade virada para cima, bem no nó...

— Porque o peso do corpo aperta o laço.

— Exatamente. E, pela mesma razão, a parte mais profunda deve estar

precisamente transversal à borda.

— Então enforcamento foi a causa da morte.

— Sem dúvida alguma.

O patologista alto e magro morde o lábio inferior suavemente.

— Mas ele poderia ter sido forçado a se matar? — pergunta Joona.

— Não há sinais disso no corpo.

Joona fecha o arquivo, tamborila sobre ele com as mãos e pensa na declaração da empregada de que outras pessoas estariam envolvidas na morte de Palmcrona.

Teria sido apenas uma falação confusa? E quanto aos dois grupos de pegadas de sapatos que Tommy Kofoed encontrara?

— Então você tem certeza da causa da morte? — diz Joona encarando Agulha.

— O que você esperava?

— Esperava isto — diz Joona, dando um tapinha na necrópsia. — Exatamente isto. Mas ainda assim, algo não está certo.

Agulha dá um sorriso preocupado.

— Leve e use como leitura antes de dormir.

— Ótimo — concorda Joona.

— Ainda assim, estou certo de que você poderia deixar este para lá... Não é nada mais dramático que um suicídio.

O sorriso de Agulha desaparece e ele baixa os olhos. Os olhos de Joona ainda são penetrantes e concentrados.

— Você provavelmente está certo.

— Claro que estou certo — retruca Agulha. — E posso especular um pouco mais, caso queira... Palmcrona provavelmente estava deprimido. Suas unhas estavam roídas e sujas. Ele não escovava os dentes havia dias, e não fizera a barba.

— Entendo.

— Você pode dar uma olhada nele, se quiser — oferece Agulha.

— Não, não é necessário — responde Joona, e se levanta lentamente.

Agulha se inclina para a frente, um tom de expectativa na voz como se esperasse por aquele momento.

— Algo mais excitante chegou esta manhã. Tem alguns minutos?

Agulha também se levanta e acena para que Joona o siga pelo saguão. Uma borboleta azul-clara conseguira entrar no prédio e adeja diante deles.

— O outro cara saiu?

— Quem?

— O outro cara que trabalhava aqui, aquele de rabo de cavalo...

— Frippe? De jeito nenhum deixaríamos ele sair. Ele tirou alguns dias. O Megadeth estava tocando no Globe ontem. O Entombed fazia a abertura.

Eles passam por uma sala escura entre mesas de necrópsia de aço inoxidável,

mal percebendo o cheiro forte de desinfetante. Continuam caminhando até uma sala muito mais fria onde os corpos são guardados em gavetas refrigeradas, esperando para serem examinados pelos departamentos de medicina legal.

Agulha abre a porta e acende a luminária do teto. A luz fluorescente pisca uma ou duas vezes antes de se acender totalmente e iluminar a sala de azulejos brancos e a comprida mesa de necrópsia coberta de plástico. A mesa tem pias duplas e ralos para drenagem.

Agulha descobre o cadáver deitado na mesa.

É uma jovem bonita.

Sua pele é bronzeada e seus cabelos compridos se espalham em uma densa massa cintilante sobre a testa e os ombros. Parece olhar para a sala com uma expressão ao mesmo tempo de dúvida e espanto. Há uma curva quase maliciosa nos cantos da boca, como se tivesse sido uma pessoa de sorriso e riso fáceis. Contudo, qualquer luz naqueles grandes olhos escuros desaparecera havia muito. Pequenos pontos amarelo-amarronzados começavam a surgir.

Joona se aproxima para ter uma melhor perspectiva. Não podia ter mais de 19 ou 20 anos. Não muito tempo antes ainda era uma criança dormindo na cama dos pais. Depois era uma estudante adolescente e agora estava morta.

Uma linha, como um sorriso pintado em cinza, se curvava por cerca de 30 centímetros sobre as clavículas da mulher.

— O que é isto? — pergunta Joona, apontando para ela.

— Nenhuma ideia. Talvez de um colar ou da gola de uma blusa. Vou examinar melhor depois.

Joona olha mais de perto para o corpo imóvel. Suspira com a familiar onda de melancolia que sente quando encara a morte, o vácuo sem cor.

As unhas de pés e mãos haviam sido pintadas com um rosa-claro, quase bege.

— E qual é a história? — Joona finalmente pergunta após um minuto de silêncio.

Agulha lança um olhar sério e a luz reflete em seus óculos no momento em que ele se vira.

— A Guarda Costeira a trouxe — conta ele. — Eles a encontraram sentada na cama na cabine da frente de um grande barco de passeio. Estava abandonado e à deriva no arquipélago.

— Ela já estava morta?

Agulha olha para ele e sua voz se torna quase melódica.

— Ela se afogou, Joona.

— Afogou?

Agulha anui, e seu sorriso quase vibra.

— Ela se afogou em um barco que ainda estava flutuando — diz.

— Suponho que alguém a encontrou na água e a colocou a bordo.

— Se esse fosse o caso eu não estaria tomando seu tempo.

— Então o que está acontecendo?

— Não há marcas de água no corpo propriamente dito; mandei as roupas dela para serem analisadas, mas sei que o Laboratório Nacional de Perícia não descobrirá nada.

Agulha se cala e folheia o relatório preliminar. Dá uma espiada em Joona para ver se está curioso. Joona permanece imóvel, e então sua expressão muda. Ele olha para o cadáver com uma expressão desperta e alerta. Pega um par de luvas de látex e as calça. Agulha fica contente de ver Joona se curvando sobre o corpo para erguer os braços, primeiramente um, depois o outro, para um exame mais cuidadoso.

— Não há qualquer sinal de violência nela — diz Agulha, quase sussurrando.
— Não entendo isso.

O barco branco cintilante está atracado no porto da Guarda Costeira na ilha Dalarö, amarrado entre dois barcos da polícia.

Joona Linna atravessa de carro os altos portões de aço que levam à área do porto, depois segue cuidadosamente pela estrada de cascalho, passando por um pequeno caminhão de lixo e um guindaste com cilindro enferrujado. Ele estaciona, salta do carro e chega mais perto para dar uma boa olhada no barco.

Um barco foi encontrado à deriva e abandonado, pensa Joona. Na cama da cabine de proa há uma garota que se afogou. O barco não está cheio de água, mas os pulmões da garota estão. Água levemente salgada.

A distância Joona vê que a popa está bastante danificada, com arranhões profundos na lateral causados por uma grande colisão. A tinta está raspada, e pequenos pedaços de fibra de vidro pendem.

Ele liga para a Guarda Costeira.

— Lance — responde uma voz animada.

— Estou falando com Lennart Johansson? — pergunta Joona.

— É ele.

— Sou Joona Linna, do Departamento Nacional de Investigação Criminal.

Há silêncio do outro lado. Joona pode ouvir barulho de ondas quebrando.

— O barco de passeio que vocês encontraram — diz Joona. — Estou me perguntando se ele estava enchendo de água.

— Por que pergunta?

— A popa está danificada.

Joona volta a andar, seguindo para o barco enquanto escuta Lennart dizer, com desdém:

— Santo Deus, gostaria de receber uma coroa por cada bêbado que esmagou um...

— Preciso dar uma olhada nele — explica Joona.

— Deixe-me resumir o que normalmente acontece — diz Lennart Johansson. — Adolescentes bêbados de... quem sabe, talvez Södertälje... roubam um barco, pegam algumas garotas, dão uma volta ouvindo música e fazendo farra, e então batem em alguma coisa. Há um barulho alto quando eles batem, e a garota cai na água. Os

caras dão a volta no barco para encontrá-la, colocam-na a bordo, e quando percebem que está morta entram em pânico e vão embora.

Ele fica em silêncio e espera uma reação.

— Não é uma teoria ruim.

— Certo — diz Johansson alegremente. — Se concorda, então não precisa fazer a viagem até aqui a ilha Dalarö.

— Tarde demais — emenda Joona, indo diretamente ao barco da Guarda Costeira.

Um Combat Boat 90E é um dos dois barcos juntos ao barco de passeio. Um homem de cerca de 25 anos, com peito nu, bronzeado, está de pé no convés, telefone na orelha.

— Fique à vontade — diz ele em inglês. Depois volta para o sueco. — Você precisa telefonar antes para fazer uma visita.

— Estou aqui agora, e acredito estar olhando diretamente para você, caso você seja aquele de pé em um dos barcos de baixo calado...

— Eu pareço um surfista?

O jovem sorridente ergue os olhos e coça o peito.

— Bastante — responde Joona.

Ambos desligam os telefones e caminham na direção um do outro. Lennart Johansson abotoa uma camisa de mangas curtas do uniforme enquanto desce pela prancha.

Joona faz o gesto de *hang loose*. Os dentes brancos de Johansson brilham em um grande sorriso.

— Eu surfo aqui quando há pouco mais que marola. Por isso eles me chamam de Lance.

— Saquei — diz Joona secamente.

Os dois caminham até o barco e param na doca junto ao portaló.

— É um Storebro 36 Royal Cruiser — informa Lance. — Um bom barco, mas obviamente um pouco ultrapassado. Registrado em nome de Björn Almskog.

— Entrou em contato com ele?

— Ainda não tive tempo.

Eles olham mais atentamente os danos na popa do barco. Parece recente, já que não há algas misturadas aos pedaços de fibra de vidro.

— Chamei um técnico; ele logo estará aqui.

— Ela recebeu um belo beijo — diz Lance.

— Quem esteve a bordo desde que foi encontrado?

— Ninguém — responde Lance depressa.

Joona sorri e espera pacientemente.

— Bem, eu estive, claro. E Sonny, meu colega. E os caras da ambulância que

removeram o corpo. Nosso próprio perito, embora tenha usado tapetes de proteção e roupas.

— Apenas esses?

— Mais o cara que encontrou o barco.

Joona não responde, mas olha para a água cintilante e pensa na garota deitada na mesa na sala de necrópsia de Agulha.

— Seu perito terminou tudo? — pergunta finalmente.

— Terminou o piso e filmou a cena onde ela foi encontrada.

— Vou subir a bordo.

Uma rampa estreita e gasta se estende entre o cais e o barco. Joona sobe a bordo e fica um tempo de pé no convés de popa. Olha ao redor lentamente, deixando que os olhos se concentrem em um objeto de cada vez. Essa cena nunca mais será a mesma, fresca e nova. Cada detalhe que ele registra pode ser aquele que fará uma diferença crucial. Sapatos, uma espreguiçadeira virada, uma toalha de banho, uma brochura que amarelou ao sol, uma faca com cabo plástico vermelho, balde com corda, latas de cerveja, um saco de carvão para churrasco, bacia com traje de mergulho, embalagens de filtro solar e loção.

Ele olha através da grande janela e vê a cabine com o posto de direção e a decoração de madeira laqueada. De certo ângulo impressões digitais brilham nas portas de vidro quando a luz do sol passa por elas: marcas de dedos de mãos que empurraram a porta para abrir ou fechar, ou a seguraram quando o barco estava em movimento.

Joona entra na pequena cabine. O sol da tarde reflete no verniz e nos cromados. Há um chapéu de cowboy e óculos escuros no sofá, coberto com almofadas azul-marinho.

Do lado de fora, a água bate no casco.

Joona deixa seu olhar passar pelo piso fosco da cabine e descer a escada estreita até a proa. Está escuro como um poço fundo lá embaixo. Ele não vê nada até acender sua lanterna. O feixe brilha pela passagem íngreme reluzente com uma fraca luz fria. A madeira vermelha brilha molhada como o interior de um corpo. Joona continua a descer os degraus rangentes e pensa na garota. Ele a imagina sentada sozinha no barco, depois decidindo dar um mergulho da proa. Bate com a cabeça em uma pedra, respira água, mas ainda assim consegue voltar para o barco, tira o biquíni molhado e veste roupas secas. Talvez se sinta cansada e vá para cama, sem se dar conta de que o ferimento é sério, um vaso sanguíneo estourado que vaza no cérebro.

Mas nesse caso Agulha teria encontrado sinais de água salgada em algum ponto do corpo.

Esse cenário é errado.

Joona continua a descer a escada, passa por uma cozinha e um banheiro e

avança na direção da grande cama.

Há uma sensação persistente da morte no barco, embora o corpo tenha sido levado para o departamento de patologia em Solna. A impressão é a mesma, não importa para onde olhe. Como se tudo ali o encarasse de volta, como se houvesse tido sua dose de gritos, luta e silêncio repentino.

O barco range e parece se inclinar para um lado. Joona espera um segundo e escuta antes de continuar a entrar na cabine de proa.

A luz de junho penetra pelas pequenas janelas perto do teto sobre uma cama de casal triangular na proa. Era onde ela estava sentada ao ser encontrada. Uma bolsa esportiva está aberta no piso e uma camisola de bolinhas foi retirada. Logo depois da porta há calças jeans e um cardigã leve. A bolsa de ombro da dona está pendurada em um gancho. O barco balança novamente e uma garrafa de vidro rola pelo convés acima da cabeça de Joona.

Joona fotografa a bolsa de ombro de vários ângulos. O flash faz o cômodo encolher como se paredes, teto e piso se aproximassem por um instante.

Joona ergue a bolsa do gancho com cuidado e a leva com ele pela escada, que geme sob seu peso. Ele ouve um estalido metálico do lado de fora. Quando chega à cabine, vê uma sombra inesperada em frente às portas de vidro e recua um passo para a escada, para as sombras e a escuridão.

Joona Linna permanece imóvel, a apenas 60 centímetros da escada escura. Desse ângulo consegue ver a beirada inferior das portas de vidro e um pouco do convés de popa. Uma sombra bate no vidro empoeirado; depois aparece uma mão. Alguém se move muito lentamente. Uma fração de segundo depois Joona reconhece o rosto de Erixson. Ele sente o suor escorrer dele enquanto Erixson coloca uma lâmina de gelatina sobre a área ao lado da porta.

Joona leva a bolsa para a cabine. Ele a vira de cabeça para baixo cuidadosamente, esvaziando-a na mesa de madeira de lei. Abre uma carteira vermelha com sua caneta. Há uma carteira de motorista no bolso plástico arranhado. Olha mais de perto e vê um rosto bonito mas sério revelado no flash de uma cabine fotográfica automática. Está sentada ligeiramente para trás, como se erguendo os olhos para o observador. Os cabelos são negros e cacheados. Ele reconhece a garota na mesa de necrópsia do patologista: o nariz reto, os olhos, as feições sul-americanas. “Penelope Fernandez”, lê. De algum modo o nome lhe soa familiar.

Em sua cabeça ele vê novamente o laboratório de patologia e o corpo nu na mesa na sala azulejada, a expressão relaxada da garota, o rosto além do sono.

Do lado de fora, Erixson está movendo seu enorme corpo 10 centímetros por vez enquanto coleta digitais na balaustrada: pintando com pó magnético, erguendo as impressões com fita. Ele seca uma área molhada, joga reagente de pequenas partículas nela cuidadosamente e depois fotografa as impressões que surgem lentamente. Todo o tempo suspira como se cada movimento fosse uma tortura e ele acabasse de usar o restante de suas forças.

Joona olha ao longo do convés e vê o balde com uma corda perto de um tênis esportivo. O cheiro de batatas chega ao seu nariz vindo de baixo.

Olha novamente para a carteira de motorista e a pequena fotografia. Olha para a boca da jovem e os lábios ligeiramente abertos. Um pensamento incômodo lhe ocorre; algo não está muito certo.

Ele sente que viu algo importante e está prestes a colocar o dedo nisso quando ele escapa.

Joona toma um susto quando o telefone em seu bolso vibra. Ele o pega e vê que Agulha está ligando.

— Joona — atende.

— É Nils Åhlén, médico-chefe, de Estocolmo.

Joona não consegue conter o sorriso. Eles se conhecem há vinte anos, e ele reconheceria a voz de Agulha mesmo que não se apresentasse.

— Ela bateu com a cabeça? — pergunta Joona.

— Não — responde Agulha, surpreso.

— Pensei que ela poderia ter batido com a cabeça em uma pedra.

— Não, nada assim. Ela se afogou. Essa foi a causa da morte.

— Tem certeza absoluta?

— Eu observei espuma nas narinas, lacerações na mucosa da garganta, provavelmente causadas por reflexo de engasgo, e há secreções brônquicas na traqueia e nos brônquios. Os pulmões têm a aparência normalmente encontrada em um afogamento. Estão cheios de água e ganharam peso, e, bem...

Há um silêncio entre eles. Joona ouve um som de raspado, como se alguém deslocasse um pedestal metálico.

— Há um motivo para você ter ligado — diz Joona.

— Sim, há.

— Pode me dizer o que é? — pergunta Joona pacientemente.

— Ela tinha uma alta concentração de tetraidrocanabinol na urina.

— Cannabis?

— Certo.

— Mas não foi o que causou sua morte.

— Dificilmente — diz Agulha com ânimo contido. — Espero que esteja no barco neste momento reconstruindo os acontecimentos... E há uma peça do quebra-cabeça que você talvez não conheça.

— O nome dela é Penelope Fernandez.

— Prazer em conhecê-la — murmura Agulha.

— Qual a peça do quebra-cabeça?

— Bem... — começa Agulha, e sua respiração pode ser ouvida pelo telefone.

— Diga.

— Ainda assim não é uma morte normal.

Agulha fica em silêncio novamente.

— O que você percebeu?

— Nada em particular. É só uma sensação...

— Bravo — diz Joona. — Você está começando a soar como eu.

— Eu sei, mas... É claro que este poderia ser um caso de *mors subita naturalis*, ou seja, uma morte rápida mas natural... Não há nada que contradiga isso, mas, se esta é uma morte natural, é uma morte natural muito incomum.

Eles encerram a ligação, mas as palavras de Agulha ecoam na cabeça de Joona.

Mors subita naturalis. Há algo misterioso na morte de Penelope Fernandez. Ela não foi encontrada na água e levada a bordo; nesse caso estaria caída no convés. Só que talvez a pessoa que a encontrou quisesse tratar o corpo com respeito. Mas por que não apenas carregá-la para o sofá na cabine? Claro que ela poderia ter sido encontrada por alguém que a amava e queria colocá-la onde teria ficado confortável — em seu próprio quarto e sua própria cama.

Talvez Agulha estivesse errado. Talvez ela tivesse sido resgatada, levada a bordo, levada a seu quarto. Talvez seus pulmões já estivessem seriamente afetados e não pudesse mais ser salva. Talvez estivesse se sentindo mal e quisesse deitar e ficar sozinha.

Mas por que nenhum sinal de água do mar no corpo ou nas roupas?

Há um chuveiro de água doce a bordo, pensa Joona, e diz a si mesmo que é hora de vasculhar o restante do barco e dar uma boa olhada na esteira da popa, no banheiro e na cozinha. Ainda há bastante a examinar antes que todo o quadro fique claro.

Quando Erixson se levanta e move o corpo enorme o barco balança novamente.

A atenção de Joona é novamente atraída pelo balde com a corda. Está ao lado de uma bacia onde um traje de banho foi jogado. Um par de esquis aquáticos está junto à amurada. Os olhos de Joona retornam ao balde. A corda amarrada na alça. A beirada arredondada de zinco da bacia brilha ao sol como uma lua crescente.

Uma descoberta se abate sobre ele, e, com gelada clareza, Joona consegue ver o que aconteceu. Ele espera o coração desacelerar. Deixa a sequência inteira passar em sua cabeça mais uma vez e então tem certeza de que está correta.

A mulher chamada Penelope Fernandez foi afogada na bacia.

Joona vê novamente em sua mente a marca que percebera no laboratório de patologia: a marca na pele sobre as clavículas, aquela que lhe pareceu um sorriso.

Ela foi assassinada e depois colocada na cama.

Agora suas ideias rodopiam enquanto a adrenalina corre por seu corpo. Foi afogada na água levemente salgada e depois levada para a cama.

Não um assassinato comum. Não um assassino comum. Uma voz sobe do fundo dele, cada vez mais clara. Cada vez mais obstinada. Ela repete quatro palavras, mais alto e mais rápido a cada vez. *Saia do barco agora! Saia do barco agora!* Joona olha para Erixson pela janela. Está colocando um cotonete em um saco de papel, lacrando-o com fita e marcando com uma esferográfica.

— Surpresa! — exclama Erixson, sorrindo.

— Vamos desembarcar — diz Joona calmamente.

— Eu não gosto de barcos porque eles não param de se mexer, mas eu apenas comecei a...

— Faça uma pausa — diz Joona.

— O que deu em você?

— Apenas venha comigo e não toque naquele celular.

Eles desembarcam rapidamente e Joona leva Erixson para longe do barco o mais rápido que pode antes de parar. Ele sente um calor no rosto enquanto uma espécie de calma se espalha pelo corpo — um peso nas pernas e nas panturrilhas.

Ele diz em voz baixa:

— Acredito que há uma bomba a bordo.

Erixson se apoia na beirada de um pilar de cimento.

— Do que você está falando?

— Isso não é normal, este assassinato — diz Joona. — Há um risco de que...

— Quem disse alguma coisa sobre assassinato?

— Simplesmente espere e me escute — insiste Joona. — Penelope Fernandez foi afogada naquela bacia no convés.

— Afogada? Que porra é essa?

— Ela foi afogada em água do mar naquela bacia e depois colocada na cama — diz Joona. — E acredito que o passo seguinte era afundar o barco.

— Mas...

— Porque então a água do mar nos pulmões seria normal se ela fosse encontrada em um barco afundado.

— Mas o barco não afundou — protesta Erixson.

— Foi o que me fez pensar. Logicamente há um explosivo a bordo do barco que por uma razão ou outra não explodiu.

— Então provavelmente está no tanque de combustível ou nos cilindros de gás para a cozinha — diz Erixson lentamente. — Vamos evacuar a área e chamar o esquadrão de bombas.

Às 19 horas daquela noite cinco homens de expressão amarga se encontram na Sala 13 do departamento de medicina legal do Instituto Karolinska. O detetive Joona Linna pretende abrir uma investigação criminal sobre a morte da mulher encontrada em um barco de passeio à deriva no arquipélago de Estocolmo. Embora seja sábado, ele chamou seu superior imediato Petter Näslund e o promotor-chefe Jens Svanebjörn para uma reconstituição. Ele planeja convencê-los de que aquela realmente é uma investigação de homicídio.

Uma das luminárias no teto está piscando e a luz fria reflete nas paredes de azulejos brancos reluzentes.

— Tenho de trocar o starter — diz Agulha suavemente.

— Certamente tem — diz Frippe.

Petter Näslund murmura algo inaudível de onde está de pé, apoiado na parede. Os ângulos fortes de seu rosto amplo parecem se mover com a luz tremeluzente. Perto dele, Jens Svanebjörn espera. Seu rosto juvenil revela sua irritação. Ele parece avaliar o risco de colocar a maleta de couro no piso ou se apoiar na parede com seu terno bem-cortado.

O forte odor de desinfetante permeia a sala. Lâmpadas fortes com facho dirigível pendem do teto sobre uma bancada de aço inoxidável que tem duas torneiras e uma pia funda. O piso é revestido de um carpete plástico cinza-claro. Uma bacia de zinco exatamente como aquela no barco está no meio da bancada e já com água pela metade, mas Joona Linna repetidamente leva mais água da torneira na parede.

— Não é crime ser encontrado afogado em um barco — diz Svanebjörn, sarcástico.

— Exatamente — diz Petter.

— Este poderia ser apenas um caso de afogamento não informado — continua Svanebjörn.

— A água do mar em seus pulmões é a mesma na qual o barco estava — diz Agulha. — Mas não há água em suas roupas ou no restante do corpo.

— Isso é estranho — concorda Svanebjörn.

— Deve haver uma explicação racional — diz Petter com um sorriso irônico.

Joona esvazia um último balde de água na bacia, pousa o balde, ergue os olhos para os quatro homens e agradece pelo tempo despendido.

— Sei que é fim de semana e todos querem estar em casa — desculpa-se Joona. — Porém, acredito ter percebido algo importante.

— Claro, sempre aparecemos quando você nos diz isso — fala Svanehjälmm, e finalmente decide colocar a maleta de couro no chão entre os pés.

— O suspeito entra no barco — começa Joona. — Desce a escada para a cabine de proa e vê Penelope dormindo. Volta ao convés de popa e começa a encher a bacia usando um balde preso a uma corda comprida.

— Cinco ou seis baldes, pelo menos — diz Petter.

— E só quando a bacia está cheia ele acorda Penelope. Ele a conduz escada acima e pelo convés e depois a afoga na bacia.

— Por quê? E quem faria algo assim? — pergunta Svanehjälmm.

— Ainda não sei. Talvez fosse para torturá-la com um afogamento simulado...

— Vingança? Ciúmes?

Joona inclina a cabeça e diz, reflexivo:

— Essa pessoa não parece um matador comum. Talvez o suspeito quisesse arrancar informação dela ou obrigá-la a confessar algo, até que finalmente a manteve com a cabeça enfiada tanto tempo que ela não conseguiu resistir à necessidade de respirar.

— O que diz o médico-chefe? — pergunta Svanehjälmm.

Agulha balança a cabeça.

— Se ela tivesse sido afogada, eu teria encontrado sinais de força em seu corpo, hematomas e coisas assim...

— Podemos todos segurar as objeções por um momento? — pede Joona. — Primeiramente gostaria de mostrar a vocês como aconteceu. Como eu vejo. Como os acontecimentos se deram em minha cabeça. Depois, quando tiver terminado, gostaria que todos olhássemos o corpo para provar minha teoria.

— Por que você não pode fazer as coisas como todo mundo? Simplesmente nos conte — cobra Petter.

O promotor-chefe avisa:

— Preciso estar em casa logo.

Joona olha para ele com um brilho gelado nos olhos — e um vestígio de sorriso.

— Penelope Fernandez — começa. — Inicialmente ela estava sentada no convés fumando maconha. Era um dia quente, ela ficou cansada e decidiu tirar um cochilo. Vai para a cama e adormece ainda vestindo a jaqueta jeans.

Ele faz um gesto para Frippe, o jovem assistente de Agulha que espera junto à porta aberta.

— Frippe aqui vai ajudar.

Frippe entra na sala com um grande sorriso. Seu cabelo tingido de preto desce em cachos pelas costas. As calças de couro gastas estão cheias de rebites, e ele está cuidadosamente abotoando a jaqueta sobre a camiseta preta com a imagem do grupo de hard-rock Europe.

— Observem — diz Joona suavemente. Às costas de Frippe, ele pega as mangas da jaqueta rapidamente com uma das mãos, enquanto com a outra agarra seus cabelos compridos. — Agora eu tenho total controle — diz Joona fazendo uma careta. — E garanto que não haverá um único hematoma nele.

Joona levanta os braços do jovem alto às costas. Frippe geme e se inclina para a frente.

— Calma! — diz, rindo.

— Você é muito maior que a garota, claro — diz Joona. — Ainda assim, acredito que posso enfiar sua cabeça na bacia.

— Não o machuque — diz Agulha.

— Só vou estragar o penteado dele — diz Joona.

— Sem chance — resmunga Frippe.

É uma luta silenciosa. Agulha parece nervoso, e Svanehjälms, perturbado. Sem muito esforço, Joona força a cabeça de Frippe para dentro da água e a segura ali por um breve momento, depois o solta e recua. Frippe se levanta, cambaleando, e Agulha vai até ele apressado com uma toalha.

— Você poderia simplesmente nos ter contado como foi — diz Agulha, irritado.

Enquanto Frippe enxuga os cabelos, eles vão juntos para a sala seguinte, na qual reina forte cheiro de decomposição. Uma das paredes é coberta por três filas de caixas de aço inoxidável refrigeradas. Agulha abre a caixa 16 e puxa uma gaveta. O corpo da jovem encontra-se deitado na maca estreita. Está nu e sem cor. Uma rede marrom de artérias pode ser vista na pele clara do pescoço. Joona aponta para a fina linha curva sobre o esterno.

— Tire sua camiseta — diz Joona a Frippe.

Frippe desabotoa a jaqueta e tira a camiseta. Eles podem ver em seu peito uma marca rosa-clara da beirada da bacia. É curva como um rosto sorridente.

— Que maldição! — diz Petter.

Agulha avança para olhar mais de perto as raízes dos cabelos da mulher. Pega uma pequena lanterna de bolso e a aponta diretamente para a pele clara do couro cabeludo.

— Não preciso de um microscópio para ver que alguém a segurou pelos cabelos com força.

Ele apaga a lanterna e a recoloca no bolso.

— Em outras palavras... — Joona espera.

— Em outras palavras, você está certo, claro — diz Agulha, e bate palmas.

— Homicídio — pronuncia Svanehjälrm, suspirando.

— Impressionante — observa Frippe enquanto limpa um pouco de tintura de cabelo preta que escorreu pela bochecha.

— Obrigado — agradece Joona, mas soando distraído.

Agulha olha para ele.

— E agora, Joona? — pergunta. — O que você vê?

— Não é ela — diz Joona.

— Como?

Joona olha para Agulha e depois aponta para o corpo diante deles.

— Esta mulher não é Penelope Fernandez. É outra pessoa.

Joona encara o promotor-chefe.

— Esta mulher morta não é Penelope. Eu vi a carteira de motorista de Penelope, e não corresponde. Tenho certeza absoluta.

— Mas o que...

— Talvez Penelope Fernandez também esteja morta — diz Joona. — Apenas ainda não a encontramos.

Penelope tenta respirar devagar, mas o ar queima sua garganta. Ela desliza encosta abaixo, arrancando placas de musgo enquanto se esgueira entre os ramos de pinheiros. Treme de medo e se arrasta mais para perto dos troncos, onde a escuridão da noite já se nota. Enquanto pensa em Viola, começa a gemer. Björn está à frente dela, já sentado absolutamente imóvel sob os pinheiros, os braços apertando o corpo com força. Murmura algo repetidas vezes.

Eles correram em pânico, sem olhar, tropeçando em objetos, caindo, levantando novamente, passando por cima de árvores caídas. Rasgaram a pele nas pernas, nos joelhos, nas mãos, mas não deixaram que nada os detivesse.

Penelope não tem ideia de quão perto seu perseguidor pode estar, se os viu novamente ou mesmo se decidiu desistir e ir embora. Talvez tenha encontrado um lugar para esperar que saíssem. Eles estão fugindo para salvar suas vidas, mas Penelope não tem ideia de por quê.

Talvez seja tudo um equívoco, pensa ela. Um terrível equívoco.

Ela se sente nauseada, como se fosse vomitar, mas engole resolutamente.

—Ai, Deus, ai, Deus — geme para si mesma. — Não podemos continuar assim. Precisamos de ajuda. Eles vão encontrar o barco e então vão procurar por nós.

— Shhh! — Björn faz para ela, assustadoramente aterrorizado.

As mãos dela tremem incontrolavelmente enquanto as imagens passam por sua cabeça. Ela pisca para não vê-las, mas as visões continuam retornando: Viola morta. Olhos arregalados, rosto molhado, sentada na cama, cabelos escorrendo.

Penelope sabe instintivamente que o homem na praia, que gritou para Björn no mar, foi quem matou sua irmã. Ela reagiu no instante em que entendeu. Caso contrário, estariam ambos mortos.

* * *

Ao fugirem do barco eles não levaram nada, nem mesmo um celular. Enquanto subia

a encosta, Penelope se virara uma única vez para ver o homem de preto amarrando o bote de borracha ao cais.

Penelope e Björn haviam corrido, lado a lado, para a floresta de pinheiros, disparando ao redor de árvores e raspando em projeções rochosas; a voz de Björn era uma série de engasgos doloridos enquanto as solas de seus pés descalços pisavam em arbustos espinhosos. E quando ele pareceu desacelerar Penelope o puxou, sabendo que o perseguidor não estava longe. O tempo todo ela pudera se ouvir chorando enquanto corria, em uma voz que nunca ouvira antes.

Um galho grosso acertara sua coxa e a fizera parar. Sua respiração era dolorosa. Ela gemeu e, com mãos trêmulas, abriu caminho sob galhos baixos com Björn bem ao lado. Suas pernas latejavam de dor. Seguiu diretamente em frente. Ouviu Björn atrás dela e continuou a se enfiar na floresta escura sem se virar.

Com algum distanciamento, Penelope se deu conta do fato de que os pensamentos mudam quando o pânico se instala. O medo não é constante. De vez em quando há espaço para o pensamento racional. É como eliminar um barulho irritante para descobrir um lugar silencioso em sua cabeça, o que lhe dá uma noção clara de sua situação. Então o barulho recomeça e seus pensamentos correm em círculos até que o único ímpeto é correr.

Penelope continuava esperando encontrar gente. Tinha de haver centenas de pessoas na ilha Ornö naquele início de noite. A extremidade sul da ilha é habitada; tinha de ter pessoas lá. Tinha de ter ajuda.

Por um momento Penelope e Björn se esconderam entre pinheiros bem próximos uns dos outros, mas após alguns segundos seu medo foi maior, e eles começaram a fugir novamente. Enquanto corria, Penelope podia sentir a presença do perseguidor. Achou que podia ouvir seus longos passos rápidos. Não iria parar. Se não conseguissem ajuda, ele os apanharia.

O terreno estava se elevando novamente. Pedras se soltavam sob seus pés e rolavam pela encosta.

Tinha de ter pessoas por perto. *Tinha* de ter uma casa. A histeria tomou Penelope de assalto e ela sentiu a necessidade de simplesmente parar e gritar o mais alto que pudesse. Silenciosamente, continuou a correr.

Björn tossiu atrás dela, se esforçou para respirar; tossiu novamente.

E se Viola não estivesse realmente morta? E se apenas precisasse de ajuda? De alguma forma Penelope sabia que estava pensando essas coisas para evitar a verdade terrível. Viola estava morta, mas pensar isso era insuportável: um espaço escuro vazio que ela se recusava a aceitar e nem sequer queria tentar compreender.

Continuaram subindo outra encosta íngreme entre mais pinheiros, contornando mais galhos enormes, arbustos de amoras e rochas irregulares. Ela usou as mãos para se equilibrar até finalmente chegar ao topo. Björn estava logo atrás. Tentou

dizer algo, mas simplesmente arfou. Pegou sua mão para começar a descer do outro lado, que levava ao litoral oeste. Podiam ver a luz da água entre as árvores escuras. Não era longe.

Penelope escorregou e deslizou pela beirada de um pequeno monte. Caiu e bateu no chão com força. Esforçando-se para se levantar, pensou se teria quebrado algo. Então percebeu que ouvia música e risos. Apoiou-se na lateral encharcada do penhasco para se firmar e levantar. Limpou os lábios e analisou a mão ensanguentada.

Björn a alcançou e a puxou. Apontou. Havia uma festa acontecendo em algum lugar à frente deles. Eles deram-se as mãos e começaram a correr, trêmulos. Luzes coloridas, penduradas em treliças ao redor de um pátio de madeira, piscavam entre os troncos escuros das árvores.

Reduziram para uma caminhada cautelosa, olhando atentamente ao redor.

Havia pessoas sentadas a uma mesa do lado de fora de uma bela casa de veraneio pintada de vermelho. Penelope pensou se seria o meio da noite. O céu ainda estava claro, mas o jantar devia ter terminado havia algum tempo. Taças de vinho e xícaras de café estavam espalhadas com guardanapos amassados e potes vazios de batatas fritas.

Algumas das pessoas cantavam juntas enquanto outras enchiam suas taças com vinho tinto em caixa e conversavam. Ondas de ar quente ainda saíam da churrasqueira. Crianças já teriam sido colocadas na cama, deitadas dentro de casa sob cobertores quentes. Para Björn e Penelope, eles pareciam habitantes de outro planeta — um planeta onde pessoas calmas e felizes viviam juntas em segurança sob um gigantesco domo de vidro.

Apenas uma pessoa estava fora daquele círculo encantador. Estava isolado, olhando para a floresta como se esperasse visitantes. Penelope ficou imóvel e silenciosamente apertou a mão de Björn. Eles se jogaram no chão e engatinharam para trás de um pinheiro baixo. Os olhos de Björn estavam assustados e confusos, mas Penelope tinha certeza do que vira. Seu perseguidor lera suas mentes e chegara antes deles. Sabia que não conseguiriam resistir às luzes e ao som da festa. Como mariposas para uma chama, seriam atraídos para lá. Então esperara. Iria apanhá-los na escuridão das árvores. Não se preocupara com gritos. Sabia que as pessoas na festa não pensariam em investigar algo tão estranho até que fosse tarde demais.

Quando Penelope ousou olhar novamente, o homem havia desaparecido. Ela tremeu, chocada. Talvez tivesse mudado de ideia e acreditado que cometera um equívoco. Olhou ao redor, procurando. Talvez estivesse em outro lugar.

A esperança acabara de penetrar em sua mente. Então ela o viu novamente, mais perto.

Era uma forma escura se fundindo a um tronco de árvore perto deles.

Estava desembrulhando calmamente binóculos pretos com lentes verdes.

Penelope grudou em Björn e lutou contra seu instinto irracional de levantar de um pulo e recomeçar a correr. Em vez disso, observou friamente o homem levar os binóculos aos olhos. Devia ter óculos de visão noturna ou um sensor de calor, pensou.

Quando o homem estava de costas, Penelope apertou a mão de Björn e, curvada, o levou para longe da casa e da música, de volta para o meio da floresta. Depois de um tempo se sentiu suficientemente segura para levantar. Eles começaram a correr em diagonal por uma encosta, um vestígio suavemente arredondado dos antigos glaciares que um dia esmagaram o norte da Europa sob gelo. Eles continuaram avançando — por arbustos emaranhados, por trás de uma enorme rocha, sobre um pico rochoso. Björn agarrou um galho grosso e correu com o maior cuidado possível encosta abaixo. O coração de Penelope batia forte no peito e os músculos das coxas reclamavam. Tentou respirar silenciosamente, mas não conseguiu. Deslizou por um pico rochoso, levando junto musgo encharcado, e parou no terreno junto à sombra profunda de um pinheiro. Olhou para Björn. Ele vestia apenas bermudas de praia até os joelhos. Seu corpo era um borrão pálido e os lábios quase desapareciam em seu rosto branco.

a identificação

Há um som como se alguém jogasse uma bola contra a parede abaixo da janela do médico-chefe Nils Åhlén. Agulha está com Joona Linna, esperando por Claudia Fernandez. Eles não têm muito a dizer, então ficam em silêncio. Claudia Fernandez foi chamada a comparecer ao departamento de medicina legal naquela manhã de domingo para identificar o corpo de uma mulher morta.

Quando Joona teve de telefonar para dizer a ela que temiam que sua filha Viola estivesse morta, a voz de Claudia soou estranhamente calma.

— Não, não pode ser. Viola está no arquipélago com a irmã — disse.

— No barco de Björn Almskog? — perguntou Joona.

— Sim. Eu liguei para Penelope e pedi que levasse a irmã com eles. Achei que Viola precisava ficar um tempo fora.

— Havia mais alguém no barco?

— Björn, claro.

Joona ficara em silêncio e esperou alguns segundos para afastar o peso em seu coração. Depois pigarreou e disse, muito suavemente:

— Sra. Fernandez, gostaria que viesse ao escritório de patologia do departamento de medicina legal em Solna.

— Por quê? — perguntara ela.

Agora Joona está sentado em uma cadeira desconfortável no escritório do médico-chefe. Encaixada no canto da moldura da foto do casamento de Agulha há uma pequena fotografia de Frippe. Eles continuam ouvindo a distância a batida da bola na parede. É um som solitário. Joona se lembra de Claudia Fernandez prendendo a respiração ao enfim compreender que a filha realmente poderia não estar viva. Eles acertaram para que um táxi a buscasse em sua casa no bairro de Gustavsberg. Deveria chegar a qualquer momento.

Agulha tentara travar uma conversa, mas desistira quando Joona não respondeu. Ambos desejavam que aquele momento passasse logo.

Ao ouvir passos no corredor eles se levantaram das cadeiras.

Ver o corpo morto de um ente querido é impiedoso — o maior medo de todos. Os especialistas dizem ser um passo necessário no processo do luto. Joona lera que assim que uma identificação é feita há certo tipo de libertação. Não é mais possível

sustentar fantasias de que a pessoa ainda vive. Esses tipos de fantasias e esperanças levam apenas a frustração e vazio.

Essas não passam de palavras vazias, pensa Joona. A morte é horrível e nunca dá a você nada em troca.

Claudia Fernandez está à porta. É uma mulher de cerca de 60 anos, assustada. Traços de preocupação estão gravados em seu rosto. Ela se abraça como se sentisse frio.

Joona a cumprimenta com gentileza.

— Olá. Meu nome é Joona Linna e sou detetive. Falamos mais cedo ao telefone.

Agulha se apresenta quase sem som enquanto aperta rapidamente a mão da mulher, depois se vira para remexer em pastas e arquivos. Deve parecer que ele é uma pessoa fria, mas Joona sabe que está profundamente comovido.

— Estou ligando sem parar, mas não consigo achar minhas meninas — diz Claudia. — Elas deviam...

— Podemos ir? — interrompe Agulha, como se não tivesse escutado suas palavras.

Eles caminham em silêncio pelo corredor conhecido. A cada passo Joona sente como se ar estivesse sendo expulso de seu corpo. Claudia não tem pressa. Caminha lentamente alguns passos atrás de Agulha, cuja silhueta alta os antecede. Joona se vira e tenta sorrir para Claudia, mas então precisa se desviar da expressão nos olhos dela. O pânico, o apelo, as preces — sua tentativa de fazer um acordo com Deus.

É como se estivesse sendo arrastada na esteira deles quando entram no necrotério.

Agulha murmura algo para si mesmo em um tom raivoso. Então se curva, destranca o armário de aço inoxidável e puxa a gaveta.

O corpo da jovem está coberto com um tecido branco que só deixa de fora a cabeça. Os olhos estão embotados e semicerrados, as bochechas um pouco fundas, mas os cabelos ainda são uma coroa negra ao redor do bonito rosto. Uma mão pequena e pálida está semidescoberta do lado do corpo.

Claudia Fernandez estica a mão, toca cuidadosamente a mão da filha e começa a gemer. Vem do fundo, como se naquele momento parte dela estivesse se quebrando em vários pedaços.

Ela começa a tremer. Ela cai de joelhos. Ela leva a mão sem vida da filha aos lábios.

— Não, não, não. — Ela agora está chorando. — Ai, Deus, nosso Senhor, não Viola. Não Viola...

A pequena distância atrás dela, Joona vê os ombros tremendo enquanto ela chora; ouve o uivo desesperado crescendo e depois gradualmente morrendo.

Ela limpa as lágrimas que escorrem pelas faces, respirando trêmula enquanto se levanta lentamente.

— Pode confirmar que esta é Viola Fernandez? — pergunta Agulha, brusco.

Sua voz se interrompe e ele rapidamente pigarreja, com raiva de si mesmo.

Claudia assente e move com suavidade a ponta dos dedos sobre a bochecha da filha.

— Viola, Violita...

Ela retira a mão trêmula e Joona diz lentamente:

— Lamento muitíssimo sua perda.

Claudia parece fraca, mas apoia a mão na parede. Ela desvia o rosto e sussurra para si mesma.

— Íamos ao circo no sábado. Comprei entradas, era uma surpresa para Viola...

Todos olham para a mulher morta: os lábios pálidos e as artérias na garganta.

— Esqueci quem vocês são — diz Claudia, confusa. Ela olha para Joona.

— Joona Linna — diz ele.

— Joona Linna — diz a mulher com voz pastosa. — Vou lhe falar sobre minha filha Viola. Ela é minha garotinha, minha caçula, minha alegre...

Claudia olha para o rosto branco de Viola e parece quase cair de lado. Agulha empurra uma cadeira, mas Claudia a dispensa com um gesto.

— Por favor, me desculpem — diz ela. — É só que... Minha filha mais velha, Penelope, teve de suportar muitas coisas terríveis em El Salvador. Quando penso no que eles fizeram comigo naquela cela, quando me lembro de como Penelope estava assustada, como chorou e gritou por mim... Horas seguidas... Mas eu não podia responder, não podia protegê-la...

Claudia encara Joona e dá um passo na sua direção. Ele gentilmente coloca um braço em seus ombros e ela se apoia pesadamente em seu peito, tentando recuperar o fôlego. Ela se afasta novamente, sem olhar para o corpo da filha, agarra o encosto da cadeira e então se senta.

— Minha maior alegria foi Viola ter nascido aqui na Suécia. Tinha um belo quarto com uma luminária rosa no teto, brinquedos e bonecas. Ia para a escola. Assistia a *Pippi Meialonga* na televisão... Não sei se você entende, mas eu sentia orgulho de que ela nunca precisaria passar fome ou sentir medo. Não como nós, não como Penelope e eu. Acordávamos de noite com medo de que alguém entrasse em nossa casa e nos machucasse...

Ela fica em silêncio e então sussurra:

— Viola era feliz, apenas feliz...

Claudia se inclina para a frente de modo a esconder o rosto nas mãos enquanto chora. Joona pousa uma mão gentil em suas costas.

— Vou embora agora — diz ela, embora ainda esteja chorando.

— Não há pressa.

Ela tenta se controlar, mas o rosto se contorce em lágrimas novamente.

— Você falou com Penelope? — pergunta.

— Não conseguimos encontrá-la — diz Joona em voz baixa.

— Diga que quero que me ligue porque...

Ela para de repente. O rosto fica pálido. Então ergue os olhos novamente.

— Eu só achei que ela poderia não estar me atendendo porque eu... Eu estava... Eu disse coisas horríveis, mas não estava falando sério. Não estava falando...

— Já iniciamos uma busca de helicóptero por Penelope e Björn Almskog, mas...

— Por favor, me diga que ela está viva — sussurra. — Diga isso, Joona Linna.

Os músculos do maxilar de Joona se contraem enquanto ele a tranquiliza com a pressão da mão e diz:

— Farei tudo o que puder para...

— Ela está viva, me diga isso — sussurra Claudia. — Ela tem de estar viva.

— Eu a encontrarei — diz Joona. — Sei que a encontrarei.

— Diga que Penelope está viva.

Joona hesita, então olha nos olhos negros de Claudia enquanto algumas sensações rápidas tomam seu coração. Algumas conexões invisíveis se fazem em sua mente, e de repente ele ouve a própria voz responder:

— Ela está viva.

— Sim — sussurra Claudia.

Joona baixa os olhos. Não consegue se recuperar do pensamento por trás da certeza que sentiu que o levou a ignorar a cautela e dizer a Claudia que sua filha mais velha ainda estava entre os vivos.

Joona acompanha Claudia Fernandez até o táxi que a espera e a ajuda a entrar. Depois fica de pé imóvel até o táxi desaparecer em uma curva da estrada. Só então enfia a mão no bolso para pegar o celular. Quando se dá conta de que deve tê-lo esquecido, volta em passos rápidos para o departamento de medicina legal e entra com pressa no escritório de Agulha, pega o telefone de Agulha e se senta na cadeira dele. Tecla o número de Erixson e espera a ligação completar.

— Deixe as pessoas dormirem — Erixson responde sonolento. — É domingo?

— Confesse que você está no barco — diz Joona.

— Sim, estou — confessa Erixson.

— Então não havia explosivo — diz Joona.

— Não a bomba comum em que você pensou. Mas ainda assim você estava certo. Este barco poderia ter ido pelos ares a qualquer momento.

— O que quer dizer?

— O isolamento dos cabos elétricos está gravemente danificado em um ponto por causa de dobras. E alguém também enfiou um velho assento rasgado atrás dos cabos. Muito inflamável. Ou seja, não é que os cabos estejam fazendo contato; isso desarmaria o disjuntor. Mas estão expostos. Se alguém continuasse acelerando o motor, acabaria causando uma descarga, com um arco elétrico entre os dois cabos de energia.

— O que aconteceria então?

— O arco alcançaria uma temperatura acima de 3 mil graus Celsius e isso inflamaria a almofada atrás — continua Erixson. — Então o fogo seguiria seu caminho até a mangueira da bomba de combustível e *bang!*

— Um processo rápido?

— Bem, o arco pode demorar dez minutos para se formar, talvez mais, mas depois disso tudo aconteceria rápido; fogo, mais fogo, explosão, e então o barco quebrado se encheria de água e afundaria rápido.

— Então, se o motor fosse ligado, haveria incêndio e explosão mais cedo ou mais tarde?

— Sim, mas o incêndio não seria necessariamente considerado criminoso.

— Então os cabos foram danificados acidentalmente e a almofada de sofá

apenas estava caída ali?

— Claro.

— Mas você não acredita nisso.

— Nem por um segundo.

Joona vê novamente o barco à deriva. Ele pigarreia e diz, pensativo:

— Se o assassino planejou tudo isso...

— Ele não é um assassino comum — conclui Erixson.

Joona repete a ideia para si mesmo quando a conversa termina. Mais uma vez ele concorda. O assassino comum é motivado por paixão, cobiça, raiva. Emoções quase sempre estão envolvidas, quase ao ponto da histeria. Só depois ele se atrapalha ao esconder pistas e inventar um álibi. Dessa vez parece que o assassino seguiu uma estratégia sofisticada desde o início.

Ainda assim, algo deu errado.

Joona fica olhando para o vazio, pega uma folha de um bloco pautado na mesa de Agulha e escreve *Viola Fernandez* na primeira página. Circula o nome e depois escreve *Penelope Fernandez* e *Björn Almskog* abaixo. As mulheres são irmãs. Penelope e Björn são namorados. Björn é dono do barco. Viola pergunta em cima da hora se pode ir com eles.

Joona sente que o caminho para encontrar o motivo por trás desse assassinato é longo. No íntimo, ainda está convencido de que Penelope Fernandez está viva. Não é apenas esperança irracional ou uma tentativa de consolar. É intuição. Baseada em quê, ele não sabe dizer. Apanhou a ideia em pleno voo, mas a perdeu antes de conseguir capturá-la e prendê-la com um alfinete.

Caso seguisse os procedimentos usuais determinados pelo DIC, as suspeitas recairiam imediatamente sobre o namorado de Viola, ou talvez sobre Penelope e Björn, já que estavam no barco. A especulação incluiria álcool e drogas. Talvez uma briga. Talvez um grande drama provocado por ciúmes. Em pouco tempo Leif G. W. Persson estaria sentado em um sofá num estúdio de televisão explicando que o suspeito era uma pessoa próxima e provavelmente um namorado ou ex-namorado.

Qual o objetivo por trás de fazer explodir o tanque de combustível? Qual a lógica por trás desse plano? Viola já está morta, afogada na bacia de zinco no convés de popa. O assassino a leva para baixo e a deixa na cama.

Joona percebe que muitas ideias estão surgindo ao mesmo tempo. Ele pisa no freio mental e começa a buscar alguma estrutura nas provas que reuniu, tenta encontrar perguntas que ainda precisam de respostas.

Ele circula o nome de Viola novamente e recomeça.

O que ele sabe agora é que ela foi afogada em uma bacia e colocada em uma cama na cabine de proa, e que Penelope Fernandez e Björn Almskog ainda não foram encontrados.

Mas isso não é tudo, diz a si mesmo, e passa para uma nova página.

Ele escreve a palavra “Calmaria” no papel.

Não havia vento, e o barco foi encontrado à deriva perto da ilha Dalarö.

A proa do barco foi danificada em uma colisão grave. Joonas esperava que os técnicos já tivessem encontrado provas, talvez até mesmo estivessem fazendo moldes de gesso para possíveis correspondências.

Joonas joga o bloco na parede e fecha os olhos.

— *Perkele* — pragueja em finlandês.

Algo escapou por entre seus dedos novamente. Ele estivera prestes a apanhar. Instintivamente se dera conta de algo, quase entendera algo, mas então... desapareceu.

Viola, pensa. Você morreu no convés de popa. Por que foi movida depois de morta? Quem a moveu, o assassino ou outra pessoa?

Se alguém a encontrasse sem vida no convés, ainda tentaria ressuscitá-la. Daria um aviso de SOS — é o que as pessoas fazem. E caso percebessem que já estava morta e era tarde demais, que não poderia ser trazida de volta à vida, não iriam simplesmente deixá-la caída ali. Iriam querer levá-la para dentro e colocar um cobertor sobre ela. Contudo, é complicado mover um corpo, mesmo com duas pessoas. Entretanto a distância não era maior que cinco metros, apenas passando pelas portas de vidro e descendo a escada.

Até mesmo uma pessoa conseguiria. É possível.

Mas alguém não a carregaria escada abaixo e pelo corredor estreito depois a colocaria na cama da cabine.

Só faria isso para encenar alguma armação: que ela fosse encontrada afogada em sua cama em um barco cheio de água.

— Exatamente — murmura Joonas, se levantando a seguir.

Ele olha pela janela e vê um besouro quase azul se arrastando pelo parapeito branco. Erguendo os olhos, vê uma mulher de bicicleta desaparecer atrás das árvores — e de repente recupera o elemento que havia perdido.

Joonas se senta novamente e tamborila na mesa. Não fora Penelope que eles haviam encontrado no barco, mas a irmã, Viola. E Viola não estava em sua própria cama. Estava na de Penelope. O assassino cometera o mesmo equívoco que eu, pensa Joonas enquanto sente um arrepio na coluna.

Ele achou que tinha matado Penelope Fernandez. Por isso a colocara na cabine da proa. É a única explicação que faz sentido.

Joonas dá um pulo quando a porta do escritório se abre ruidosamente. É Agulha, empurrando-a com o ombro e entrando de costas com uma caixa comprida e chata nos braços. Na frente há grandes chamadas ilustradas e o texto anuncia *Guitar Hero*.

— Frippe e eu vamos...

— Quietos! — rosna Joona.

— O que há? — pergunta Agulha.

— Nada. Só preciso pensar.

Joona se levanta da cadeira e sai sem mais uma palavra, passando pelo saguão sem sequer ouvir o que diz a mulher com os olhos espetaculares na recepção. Sai para o calor do sol e fica em silêncio no gramado ao lado do estacionamento.

Uma quarta pessoa, desconhecida de Penelope ou Viola, matou Viola, pensa Joona. Confundi uma irmã com a outra. Isso deve significar que Penelope estava viva quando Viola foi morta, ou o equívoco não teria ocorrido.

Talvez Penelope realmente ainda esteja viva, pensa Joona. Ou seu corpo está em algum ponto do arquipélago, em alguma ilha ou no fundo do mar. Mas podemos esperar que ainda esteja viva, e, se estiver, a encontraremos logo.

Joona anda a passos largos e rápidos para o carro, embora não tenha ideia de para onde irá. Ele vê seu celular no teto; deve tê-lo colocado ali quando trancou a porta. Apanha o telefone quente devido ao sol e liga para Anja Larsson. Não atende. Ele entra, coloca o cinto de segurança automaticamente, mas não faz o movimento seguinte. Apenas fica sentado tentando encontrar as falhas de seu raciocínio.

O ar é sufocante, mas o aroma pesado dos arbustos de lilases junto ao estacionamento encontra caminho até suas narinas e afasta o cheiro de cadáveres em decomposição do laboratório de patologia.

O celular em suas mãos toca. Ele olha a tela e atende.

— Acabei de falar com seu médico — diz Anja.

— Por que você falou com ele?

— Janush diz que você não foi vê-lo — diz, acusadora.

— Eu realmente não tive tempo.

— Mas está tomando seu remédio?

— O gosto é péssimo — brinca Joona.

— Falando sério... Ele me ligou porque está preocupado com você — diz ela.

— Vou falar com ele.

— Mas não até resolver este caso, certo?

— Você tem caneta e papel?

— Isso mesmo, me ignore — diz ela.

— A mulher encontrada no barco não é Penelope Fernandez.

— É Viola, eu sei. Petter me disse.

— Bom.

— Você estava errado, Joona.

— Sim, eu sei...

— Diga, Joona! — diz ela, rindo.

— Estou sempre errado — diz.

Há um momento de silêncio entre eles.

— Não brinque com isso — diz ela.

— Descobriu alguma coisa sobre o barco ou Viola Fernandez?

— Viola e Penelope são irmãs — responde Anja. — Penelope e Björn têm algum tipo de relação, e já dura quatro anos.

— Sim, mais ou menos o que imaginei.

— Percebo. Quer que tenha o trabalho de continuar?

Joona não responde. Em vez disso, recosta a cabeça no apoio e vê que o parabrisa está coberto de algum tipo de pólen.

— Viola não deveria estar no barco com eles — continua Anja. — Mas teve uma briga com o namorado, Sergei Yarushenko, naquela manhã, e, quando telefonou para chorar no ombro da mãe, ela sugeriu que fosse com a irmã no passeio de barco.

— O que sabe sobre Penelope?

— Eu na verdade me concentrei na vítima, Viola, já que...

— O assassino achou que estava matando Penelope.

— O que quer dizer, Joona?

— Ele cometeu um equívoco. Ia disfarçar o assassinato simulando um acidente de barco. Não se deu conta de que colocou Viola na cama da irmã.

— Já que confundira as irmãs.

— Preciso saber de tudo o que você tem sobre Penelope Fernandez e seu...

Anja interrompeu Joona.

— Ela é uma de minhas heroínas. É uma ativista pela paz. Mora em Sankt Paulsgatan, número 3.

— Vamos emitir um alerta para ela e Björn Almskog — ordena Joona. — A Guarda Costeira está com dois helicópteros na área ao redor de Dalarö, mas deviam fazer um trabalho coordenado com a polícia marítima.

— Vou ver o que está acontecendo — diz Anja.

— Alguém devia rastrear o namorado de Viola, e também o pescador que encontrou o barco. Vamos reunir tudo o mais rápido possível; as provas no barco, os resultados do Laboratório Nacional de Perícia...

— Quer que ligue para Linköping? — pergunta Anja.

— Eu falo com Erixson. Ele os conhece e vamos juntos olhar o apartamento de Penelope.

— Parece que você assumiu a investigação. Certo?

um homem extremamente perigoso

O céu ainda está claro, mas o ar é pesado e úmido, como se uma tempestade se aproximasse.

Quando Joonas Linna e Erixson estacionam em frente à loja de material de pescaria, o telefone de Joonas toca. É Claudia Fernandez. Ele vai para um lugar coberto antes de atender.

— Você me disse que eu poderia telefonar — diz ela, com a voz fraca.

— Claro.

— Sei que você diz isso a todos, mas pensei... Minha filha Penelope. Quero dizer... Tenho de saber se descobriu alguma coisa, mesmo que ela...

A voz de Claudia some.

— Alô? Claudia?

— Estou aqui. Desculpe — sussurra.

— Sou detetive — explica Joonas. — Estou tentando descobrir se há algum ato criminoso por trás desses acontecimentos. A Guarda Costeira está procurando Penelope.

— Quando irão encontrá-la?

— Bem, estão sobrevoando a área com helicópteros neste instante. Estão procurando por mar e terra. Como isso demora mais, começam com os helicópteros.

Joonas percebe que Claudia está abafando o choro.

— Não sei o que deveria fazer... Eu... preciso saber o que posso fazer ou se devo continuar falando com os amigos dela.

— A melhor coisa que você pode fazer é ficar em casa — diz Joonas. — Penelope poderia tentar entrar em contato, e então...

— Ela não vai me ligar — diz Claudia.

— Eu acho que ela...

— Sempre fui dura demais com Penny. Estou sempre com raiva dela. Eu na verdade não sei por quê. Eu... eu não quero perdê-la. Não posso perder Penelope, eu...

Os soluços de Claudia são altos pelo telefone. Ela tenta se controlar, mas fracassa. Com um pedido de desculpas quase inaudível, termina a ligação.

Bem em frente a uma loja de pesca fica Sankt Paulsgatan, número 3, onde

Penelope Fernandez mora. Joona caminha até Erixson, que olha uma vitrine. A loja costumava exibir fotos do pescador que apanhara o maior salmão no rio Estocolmo naquela semana. Agora a vitrine está lotada com centenas de produtos Hello Kitty. A loja toda faz um contraste violento com as paredes marrons sujas do exterior do prédio.

— Corpo pequeno, cabeça grande — diz Erixson quando Joona chega, apontando para os bonecos da Hello Kitty.

— Elas são fofas — admite Joona.

— Eu sou exatamente o contrário. Cabeça pequena em um corpo grande — brinca Erixson.

Joona lança um olhar divertido para ele enquanto abre a ampla porta de entrada. Sobem as escadas e olham para as plaquetas, os botões iluminados para acender as luzes do teto e as latas de lixo transbordando. A escadaria cheira a luz do sol, poeira e desinfetante. Erixson segura o corrimão de madeira brilhante com tanta força que ele racha, e os suportes rangem enquanto ele sobe, ofegante, tentando acompanhar Joona. Chegam ao quarto andar ao mesmo tempo e se entreolham. O rosto de Erixson treme do esforço. Ele anui enquanto enxuga o suor da testa e sussurra para Joona.

— Desculpe por isso.

— Está úmido hoje.

Há adesivos perto da campainha. Antinuclear, comércio justo e o símbolo da paz. Joona dá uma espiada em Erixson e depois leva o ouvido à porta. Seus olhos se apertam.

— O que é?

Joona aperta a campainha enquanto escuta. Espera mais um momento antes de tirar sua gazua do bolso interno.

— Talvez nada — diz Joona enquanto abre cuidadosamente a tranca simples.

Ele abre a porta devagar, depois muda de ideia e a fecha novamente com suavidade. Acena para Erixson se colocar de lado. Não sabe por quê. Eles ouvem a melodia de um caminhão de sorvete do lado de fora. Erixson franze o cenho e dá um tapinha nervoso na bochecha. Os braços de Joona parecem frios, mas então ele abre a porta calmamente e entra. Jornais, anúncios e uma carta do Partido de Esquerda cobrem o tapete. O ar lá dentro é parado e cheira mal. Uma cortina de veludo pende em frente a um armário. Há um som sibilante, talvez dos canos, e em algum lugar algo clica.

Joona não tem ideia de por que sua mão vai na direção da arma no coldre. Ele a toca sob o paletó, mas a deixa ali. Seus olhos vão para a cortina vermelho-sangue e depois para a porta da cozinha. Ele prende a respiração enquanto tenta olhar pela porta de vidro com persiana de madeira que leva à sala de estar.

Joona dá outro passo, embora seu instinto seja dar meia-volta e sair. Ele sente que deveria ter chamado reforços. Uma sombra escura desliza pelo outro lado do vidro. Um sino de vento feito de varetas penduradas balança silenciosamente. Joona vê as partículas de poeira no ar mudando de direção em uma brisa imperceptível.

Ele não está sozinho no apartamento de Penelope.

Há alguém na sala de estar. Ele sente isso. Lança um olhar para a porta da cozinha, e então tudo acontece ao mesmo tempo. Uma tábua do piso range; uma série de cliques rápidos mantém um ritmo próprio. A porta da cozinha está entreaberta, e pelo espaço entre as dobradiças Joona identifica movimento. Ele se aperta contra a parede como se estivesse no túnel de um trem, seu coração batendo rápido. Mais alguém está se esgueirando pelo corredor escuro; Joona vê as costas, um ombro, um braço. A figura desliza mais para perto, e então se vira. A faca é como uma língua branca. Movimenta-se para o alto, furando em um ângulo tão incomum que Joona não consegue evitar. Seu gume afiado corta suas roupas, acertando o couro do coldre de sua arma. Joona ataca a pessoa, mas acerta o ar. *Vush*. Ele ouve a faca uma segunda vez, e joga o corpo para o lado. A lâmina veio diretamente de cima dessa vez. Joona bate com a cabeça na porta do banheiro. Uma comprida tira de madeira cai quando a faca acerta a porta.

Joona escorrega e simultaneamente lança um chute amplo. Acerta, talvez no tornozelo do invasor. Rola, sacando a pistola e soltando a trava no mesmo movimento. A porta da rua está aberta agora. Há som de passos correndo escada abaixo. Joona se levanta com dificuldade e está prestes a correr atrás do homem, mas para. Há um zumbido atrás dele. Ele sabe imediatamente o que está acontecendo e corre para a cozinha. O micro-ondas está ligado. Há centelhas atrás da porta de vidro. Os registros dos quatro queimadores do velho fogão a gás estão totalmente abertos, e o gás enche o aposento. Com uma sensação de que o ritmo do tempo desacelerou, Joona salta na direção do micro-ondas. O timer clica ameaçadoramente, o som das centelhas continua a aumentar. Uma lata de inseticida gira dentro do aparelhos.

Joona agarra o cabo e o arranca da tomada. Os cliques param. O gás sibila alto até que ele desligue o fogão. O cheiro químico é nauseante. Ele escancara a janela da cozinha e depois olha para a lata no micro-ondas. Está estufada de forma grotesca. Joona pensa que poderia explodir ao menor toque.

Ele sai da cozinha e inspeciona rapidamente o restante do apartamento. Os outros aposentos estão vazios. O ar continua pesado por causa do gás.

Erixson está deitado no chão ao lado da escada, um cigarro na boca.

— Não acenda isso! — grita Joona.

Com um sorriso e um gesto de mão fraco, Erixson responde:

— É de chocolate.

Ele tosse fraco e Joona vê que há uma poça de sangue embaixo dele.

— Você está sangrando — diz.

— Nada de mais — responde Erixson. — Não sei como ele fez isso, mas cortou meu tendão de aquiles.

Joona chama uma ambulância e depois se agacha ao lado de Erixson, que tem o rosto pálido e as bochechas brilhando de suor. Parece nauseado.

— Ele me cortou enquanto passava correndo. Foi muito rápido... Como ser atacado por uma porra de uma aranha.

Eles ficam em silêncio. Joona se lembra dos movimentos rápidos como um relâmpago atrás da porta da cozinha e de como a lâmina da faca se movia sem esforço, com vida própria. Ele nunca vira nada assim antes.

— Ela está lá dentro? — pergunta Erixson, ofegante.

— Não.

Erixson sorri, aliviado. Depois fica sério novamente.

— Ele ia explodir o lugar todo de qualquer forma?

— Parece que sim. Ele é bom em se livrar de provas — responde Joona sarcasticamente.

Erixson brinca com o papel de seu cigarro de chocolate, mas o deixa cair. Fecha os olhos por um minuto. Agora suas bochechas estão brancas.

— Imagino que também não tenha visto o rosto dele — diz Joona em voz baixa.

— Não — murmura Erixson. — Mas nós vimos alguma coisa. Sempre há algo que percebemos, mesmo se não nos dermos conta.

A equipe médica da ambulância garante a Erixson que não vai deixá-lo cair.

— Posso andar — Erixson protesta, e fecha os olhos.

Seu queixo sacode a cada degrau.

Joona retorna ao apartamento de Penelope Fernandez. Abre todas as janelas para limpar o ar e depois se senta no sofá cor de damasco. É muito confortável.

Se o apartamento houvesse explodido, teria parecido um incidente infeliz causado por um vazamento de gás. O caso teria sido encerrado.

Joona deixa sua memória se expandir. Nenhum fragmento de observação desaparece completamente. Ele simplesmente precisa ser resgatado, assim como os mares lançam à praia restos de naufrágios.

Mas o que era?

Ele não tinha visto nada. Apenas um rápido movimento borrado e uma lâmina de faca.

Foi o que eu vi!, Joona se dá conta. *Eu não vi nada!*

Essa falta é exatamente o que está provocando sua intuição.

Estamos lidando com um profissional aqui, um assassino profissional, um matador, um grob.

Não há muitos no mundo.

Aquele não era o primeiro indício que ele tinha, mas agora está totalmente convencido. O assassino no corredor é o mesmo homem que assassinou Viola. Certamente houve tempo para ambos. Ele planejara matar Penelope e afundar o barco de passeio como se fosse um acidente; depois usaria o mesmo método aqui. Esse é um assassino que quer permanecer invisível. Quer matar sem ser pego pelo radar da polícia.

Joona olha ao redor lentamente. Tenta novamente montar as partes do quebra-cabeça.

Ouve crianças brincando no apartamento acima de sua cabeça. Bolas de gude rolam pelo piso. Estariam no meio de um inferno naquele momento se Joona não tivesse conseguido soltar o fio a tempo.

Aquele era um ataque a sangue-frio, objetivo, pensa Joona, e o homem por trás dele não era um ativista de direita cheio de ódio. Penelope Fernandez podia estar

envolvida com o movimento pacifista, certo, e esses grupos ironicamente recorriam à violência às vezes. Mas aquele homem era diferente: um profissional altamente treinado em um nível bem superior ao dos grupos amadores.

Então por que você estava aqui?, pensa Joona. O que um assassino de aluguel tem a ver com Penelope Fernandez? No que ela está metida? O que está acontecendo nos bastidores?

Joona revisa aqueles movimentos de faca incomuns. A técnica obviamente era concebida para superar o treinamento defensivo policial e militar usual. Sua pele fica arrepiada quando se dá conta de que o primeiro golpe teria cortado seu fígado se não levasse a pistola sob o braço direito. O segundo teria penetrado diretamente no cérebro caso ele não se jogasse para trás.

Joona se levanta do sofá e vai até o quarto. Observa a cama bem-feita e o crucifixo acima da cabeceira.

O assassino acreditava ter matado Penelope, e sua intenção era fazer parecer um acidente... Mas o barco não afundou.

Ou o assassino foi interrompido ou deixou a cena do crime com a intenção de retornar e completar sua missão. Ele com certeza não queria que a Guarda Costeira encontrasse o barco à deriva com a garota afogada a bordo. Algo dera errado ou os planos tiveram de ser mudados drasticamente. Talvez tivesse recebido novas ordens. De qualquer forma, um dia e meio após matar Viola, ele estava ali no apartamento de Penelope.

Você deve ter tido uma razão forte para vir aqui. Qual era o motivo por trás deste grande risco? Há algo aqui que ligue você ou seu cliente a Penelope?

Você fez algo aqui. Você se livrou de impressões digitais, apagou um disco rígido, destruiu uma secretária eletrônica ou veio pegar algo.

Era o que você queria, mas então eu apareci e estraguei seu plano.

Ou talvez seu plano fosse destruir algo no incêndio? Essa é uma possibilidade, pensa Joona.

Joona deseja que Erixson estivesse com ele agora. Ele precisa de um perito; não tem as ferramentas certas e poderia até mesmo destruir provas caso vasculhe o apartamento por conta própria. Poderia contaminar DNA ou perder provas invisíveis.

Joona vai até a janela e olha para a rua. Vê mesas vazias em uma lanchonete.

Ele realmente precisa voltar à delegacia e falar com seu chefe, Carlos Eliasson. Precisa pedir para ser nomeado líder da investigação e convocar outro perito, agora que Erixson entrará em licença médica.

O telefone de Joona toca no momento em que ele tomou a decisão de seguir as regras e falar com Carlos e Jens Svanebjörn e montar um grupo de investigação.

— Oi, Anja — cumprimenta ele.

— Quero ir à sauna com você — diz Anja.

— Por que a sauna?

— Bem, por que não? Podemos fazer uma sauna juntos? Você poderia me mostrar como finlandeses de verdade usam a sauna.

— Anja — responde lentamente —, passei quase a vida inteira em Estocolmo. Ele começa a andar pelo corredor em direção à porta da rua.

— Eu sei, eu sei. Você é um sueco de ascendência finlandesa. Quão tedioso é isso? Por que você não pode ser de El Salvador? Você leu algum dos artigos de Penelope Fernandez no jornal? Deveria vê-la; outro dia ela atacou toda a indústria sueca de exportação de armas na televisão.

Joona consegue ouvir a respiração leve de Anja pelo telefone enquanto sai do apartamento de Penelope Fernandez. Há marcas de sangue na escada deixadas pelos sapatos da equipe da ambulância. Ele sente um arrepio na coluna ao se lembrar do colega sentado ali, as pernas esparramadas, a cor desaparecendo do rosto.

Joona acredita que o assassino de aluguel ainda tem a impressão de que matou Penelope Fernandez, então acha que essa parte do contrato está concluída. A outra metade era entrar no apartamento por alguma razão. Quando o assassino descobrir que Penelope ainda está viva, retomará a caçada apressadamente.

— Björn e Penelope não vivem juntos — Anja está dizendo.

— Imaginei — retruca.

— Ainda assim, eles podem se amar; como você e eu.

Joona sai para o sol forte. O ar ficou mais pesado e ainda mais úmido.

— Pode me dar o endereço de Björn?

Ele ouve os dedos de Anja voando pelo teclado. Pequenos cliques.

— Almskog, Pontonjärgatan, 47, terceiro andar.

— Irei lá antes de...

— Espere um segundo! — exclama Anja. — Não é possível. Escute isso... Acabei de cruzar o endereço... Houve um incêndio no prédio na sexta-feira.

— O apartamento de Björn?

— Tudo naquele andar desapareceu — responde Anja.

uma paisagem ondulada de cinzas

O detetive Joona Linna sobe as escadas, depois para e fica imóvel, olhando para um aposento completamente negro. O odor acre é pungente. Não restou muito da parede interna divisória. Estalactites negras pendem do teto. Restos calcinados de prateleiras se projetam em meio a uma paisagem ondulada de cinzas. Em vários pontos há buracos atravessando os pisos duplos até o aposento abaixo. Não é mais possível determinar qual parte desse andar residencial era a de Björn Almskog.

Folhas de plástico nas janelas bloqueiam o sol e oferecem uma estranha aparência verde para a rua.

Ninguém ficou ferido no incêndio em Pontonjörgatan, 47 porque a maioria das pessoas estava trabalhando. O primeiro chamado chegou à Central de Emergência às 11h05. Embora o quartel dos bombeiros de Kungsholm ficasse relativamente perto, o incêndio havia sido tão violento que quatro apartamentos foram totalmente destruídos.

Joona remói sua conversa com o inspetor de incêndio Hassan Sükür. Sükür dissera que havia “fortes indícios” de que o incêndio começara no apartamento de Lisbet Wirén. Era a vizinha de 88 anos de Björn Almskog. Ela saíra para trocar um pequeno prêmio que recebera com um bilhete de loteria por dois novos bilhetes, e não conseguia lembrar se deixara o ferro de passar ligado. O fogo se espalhara rapidamente, e todos os sinais indicavam seu apartamento e a tábuas de passar.

Joona inspeciona todos os apartamentos enegrecidos daquele andar. Não resta nada da mobília nos aposentos, exceto fragmentos isolados de metal retorcido, partes de uma geladeira, uma estrutura de cama e uma banheira cheia de fuligem.

Joona dá meia-volta e desce novamente. As paredes e o teto da escadaria estão danificados pela fumaça. Ele para na fita de isolamento policial, se vira e ergue os olhos para todo o negror.

Quando se curva para passar sob a fita, percebe que os inspetores de incêndio deixaram cair no chão algumas bolsas especiais usadas para preservar líquidos voláteis. Ele passa pelo saguão de mármore verde e sai pela porta principal para a rua. Enquanto segue para a delegacia, liga novamente para Hassan Sükür. Hassan atende de imediato e baixa o som de seu rádio.

— Encontrou algum vestígio de líquidos inflamáveis? — pergunta Joona. —

Vocês deixaram cair umas bolsas no chão e eu estava pensando...

— Deixe eu lhe dar alguns fatos. Se você jogar líquido inflamável em algo, será a primeira coisa a queimar...

— Eu sei, mas...

— Eu, por outro lado, sou aquele que sempre acha o que existe para ser achado — continua Hassan. — O líquido com frequência escorre para espaços entre as tábuas corridas ou entre pisos sobrepostos, a fibra de vidro ou para debaixo do piso, que pode ter sobrevivido ao incêndio.

— Mas não neste local — diz Joona enquanto continua a descer a ladeira em Handverkargatan.

— Absolutamente nada — retruca Hassan.

— Mas se você soubesse onde vestígios de líquido inflamável poderiam se acumular, seria capaz de evitar ser detectado.

— Claro... Se eu fosse um piromaníaco nunca cometeria um equívoco como esse — diz Hassan alegremente.

— Mas neste caso você tem certeza de que o ferro produziu este incêndio?

— Sim, foi um acidente.

— Então, caso encerrado — afirma Joona.

A escuridão da noite está dando lugar à manhã, mesmo na floresta. Penelope e Björn retornam à praia juntos, mas desviam mais para o sul, longe da casa onde acontecia a festa. Longe do perseguidor.

O mais longe possível do perseguidor.

Identificando outra casa entre as árvores, voltam a correr. Fica a cerca de meio quilômetro, talvez um pouco menos. Ouvem o ronco de um helicóptero em algum ponto acima, mas o som morre à medida que ele se desloca.

Björn parece tonto; Penelope teme que ele não consiga continuar correndo. Seus pés nus estão em carne viva.

Um galho se parte atrás deles. Talvez sob uma bota humana.

Penelope passa a correr o mais rápido que pode pela floresta.

Quando as árvores começam a ficar mais espaçadas ela consegue ver a casa novamente. Está a apenas cem metros. Luzes na janela se refletem na tinta vermelha de um Ford estacionado.

Uma lebre dá um pulo e se afasta sobre musgo e ramos.

Ofegantes e aterrorizados, Penelope e Björn sobem correndo o caminho de cascalho e escalam a escada até a casa. Correm para dentro.

— Olá? Precisamos de ajuda! — grita Penelope.

A casa está quente do sol do dia anterior. Björn, sem camisa e branco de frio, está mancando e deixa rastros de sangue no chão enquanto se desloca. Penelope corre de um aposento ao outro, mas a casa está vazia. As pessoas que moram ali provavelmente foram à festa da noite anterior e estão dormindo nos vizinhos, percebe Penelope. Vai até a janela e, se escondendo atrás das cortinas, olha para fora. Não há movimento na floresta ou sobre o gramado. Talvez o homem tenha perdido o rastro deles. Talvez ainda esteja esperando na outra casa. Retorna ao corredor, onde Björn está sentado no chão examinando as feridas abertas em seus pés.

— Temos de encontrar sapatos para você.

Ele a olha como se não entendesse mais a fala humana.

— Não terminou. Você precisa encontrar algo para colocar nos pés.

Björn começa lentamente a vasculhar o closet e tira chinelos, galochas e bolsas

velhas.

Penelope se esgueira em frente às janelas à procura de um telefone. Olha na mesa do saguão, na maleta junto ao sofá, no vaso da mesa centro e entre as chaves e os papéis no balcão da cozinha.

Ouve algo do lado de fora. Fica imóvel para escutar.

Talvez não seja nada.

Os primeiros raios do sol da manhã entram pelas janelas.

Agachada, ela vai rápido até o grande quarto, abre gavetas de cómodas. Encontra, enfiada entre as roupas de baixo, uma fotografia emoldurada, feita em estúdio, de um homem, esposa e duas filhas adolescentes. Todas as outras gavetas estão vazias. Penelope abre o armário e tira um suéter com gorro para ela e um suéter exageradamente grande para Björn.

Ela ouve a torneira na pia e corre para lá. Björn está inclinado sobre a pia, bebendo água nas mãos em concha. Encontrou um par de tênis gastos alguns números maior.

Isso é maluquice, pensa Penelope. Tem de haver gente por aqui. Temos de encontrar alguém que possa nos ajudar.

Penelope estende o suéter a Björn quando alguém bate na porta. Björn sorri, surpreso, e o veste enquanto murmura algo sobre a sorte deles estar mudando. Penelope tira os cabelos do rosto, e está quase na porta quando vê a silhueta através do vidro fosco.

Para abruptamente e observa a forma indistinta pelo vidro. Sua mão já não se estende para abrir a porta. Ela conhece aquela postura; aquela cabeça e os ombros. É o homem de preto.

Todo ar escapa de seus pulmões. Recua para a cozinha lentamente, o corpo tenso e pronto para correr. Olhando para o vidro, consegue ver o perfil borrado de um rosto — um rosto de queixo pequeno. Ela se sente tonta, tropeça em bolsas e botas, e estende a mão para se apoiar na parede.

Descobre Björn ao lado dela, segurando uma faca de cozinha com lâmina larga. Suas bochechas estão pálidas e a boca entreaberta. Também está olhando para o vidro da porta. Penelope recua e bate em uma mesa quando a maçaneta começa a descer lentamente. De repente, corre para o banheiro, abre a água e grita:

— Entre! A porta está aberta.

Björn dá um pulo e sua cabeça lateja. Segura a faca em frente ao corpo, pronto para atacar, quando vê a maçaneta subir novamente. Seu perseguidor a soltou. A silhueta desaparece. Alguns segundos depois eles ouvem passos esmagando o cascalho do passeio ao redor da casa. Björn olha rigidamente para a direita. Penelope sai do banheiro e Björn aponta para a janela da sala de TV. Entram na cozinha, e o homem cruza o deque de madeira. Os passos chegam à porta da

varanda. Penelope tenta se colocar na cabeça do assassino. Será que o ângulo e a luz são suficientes para mostrar os sapatos tirados do closet e as pegadas ensanguentadas de Björn? O deque de madeira range novamente perto da escada dos fundos, Björn e Penelope engatinham pelo chão e depois rolam para a direita junto à parede sob a janela. Tentam ficar deitados imóveis e respirar em silêncio. Podem ouvir que o homem chegou à janela da cozinha, podem ouvir suas mãos tocando o peitoril. Percebem que ele está olhando para dentro.

Pelo reflexo da janela na porta do forno Penelope pode vê-lo de um lado ao outro. Se olhar para o forno, pensa, também os verá.

O rosto na janela desaparece e novamente ouvem passos no deque de madeira. Dessa vez os passos continuam pelo passeio pavimentado até a frente da casa. Quando a porta da frente é aberta Björn dispara para a cozinha. Coloca a faca no balcão silenciosamente enquanto vira a chave na fechadura, abre a porta e sai.

Penelope vai atrás. Estão correndo pelo jardim no ar fresco da manhã, atravessando o gramado, passando pela pilha de adubo e entrando na floresta. O medo força Penelope a manter a passada, que combate o pânico em seu peito. Ela se agacha sob galhos grossos e salta sobre arbustos baixos e pedras. Em pouco tempo ouve Björn ofegando ao lado dela. E atrás deles, sente seu perseguidor: um homem ligado a eles como uma sombra escura.

Ele os está seguindo para matá-los.

Ela se lembra de um livro que leu. Uma mulher de Ruanda estava contando como conseguiu sobreviver ao genocídio se escondendo na floresta e correndo todo dia. Correu todo o tempo em que os assassinatos aconteciam. Seus antigos amigos e vizinhos a caçavam com facões. *Fazemos como os antílopes*, escreveu. *Os que sobrevivemos na selva fazemos o mesmo que os antílopes ao fugirem de seus caçadores. Corremos de formas inesperadas, nos separamos e ficamos mudando de direção para confundir nossos perseguidores.*

Penelope sabe que ela e Björn precisam ser mais espertos. Estão correndo sem um plano, o que ajuda seu perseguidor, mas não a eles. Ela e Björn não são espertos. Querem ir para casa, querem encontrar ajuda, querem entrar em contato com a polícia. Seu perseguidor sabe de tudo isso. Ele os compreende e sabe que querem encontrar segurança na companhia de outros humanos ou encontrar um modo de chegar ao continente.

O short de Penelope prende em um galho e se rasga. Ela cambaleia alguns passos, mas continua em frente. Sente a dor como um círculo ardente ao redor da perna.

Não podem parar. Ela sente sangue na boca. Björn tropeça em arbustos. Precisam contornar um buraco enlameado e cheio de água deixado por uma árvore arrancada.

Em sua corrida ao lado de Björn, surge involuntariamente uma lembrança. Ela ficara tão assustada então quanto está agora. Foi em Darfur. Ela se lembra de olhar nos olhos das pessoas. Alguns olhos revelavam pessoas tão traumatizadas que não conseguiam seguir em frente. Outras se recusavam a desistir da luta e continuavam. O que deveriam ser crianças foram a Kubbum certa noite. Levavam armas carregadas. Ela nunca esqueceria o medo que sentiu naquela noite.

o serviço de segurança

O escritório central do Serviço de Segurança da Suécia, Säpo, fica no quarto andar do quartel-general da Polícia Nacional. Sua entrada principal é pela Polhemsgatan. A sala cheira a poeira e lâmpadas incandescentes, e uma luz fraca entra por uma pequena janela voltada para o pátio. É possível ouvir um apito vindo do pátio de exercícios do presídio, localizado na laje do prédio. O chefe do departamento de segurança é Verner Zandén. Um homem alto com nariz pontudo, olhos pretos como carvão e voz grave profunda. Está sentado em uma cadeira atrás de sua escrivaninha com as pernas bem abertas e ergue uma mão tranquilizadora. De pé nessa sala atipicamente deprimente está uma jovem chamada Saga Bauer. É a investigadora e a especialista em antiterrorismo de seu grupo. Saga Bauer tem apenas 25 anos. Usa fitas de tecido verde, amarelo e vermelho trançadas em seus compridos cabelos louros. Parece um elfo sob um fecho de luz em uma floresta escura. Leva uma pistola de grande calibre em um coldre de ombro sob seu agasalho esportivo aberto. Nele está impresso: NARVA BOXING CLUB.

— Eu liderei todo esse esforço por mais de um ano — diz ela. — Fiquei de vigilância 24 horas seguidas...

— Isso é algo totalmente diferente — intervém seu chefe com um sorriso.

— Por favor, por favor... Você não pode simplesmente passar por cima de mim de novo!

— Quem disse que estou fazendo isso? Um perito do DIC está gravemente ferido e um investigador foi atacado. Aquele apartamento poderia ter explodido e...

— Eu sei. Preciso ir para lá agora...

— Já mandei Göran Stone.

— Göran Stone? Estou aqui há três anos e ainda não encerrei um caso. É minha especialidade! Göran não sabe nada sobre...

— Ele fez um bom trabalho no caso do túnel do metrô.

Saga engole em seco, depois retruca:

— Aquele também era um caso meu. Eu achei a ligação com...

— Mas ficou perigoso e ainda acho que tomei a decisão certa.

As bochechas de Saga ficam vermelhas. Ela luta para se controlar.

— Eu posso fazer isso. É para isso que fui treinada...

— Sim, mas tomei uma decisão diferente.

Verner suspira e apoia os pés na cesta de lixo junto à escrivaninha.

— Você conhece meu registro. Ação afirmativa não tem nada a ver com ter sido aceita aqui — diz Saga, o mais calmamente que consegue. — Eu não fazia parte da cota. Fui a primeira de minha turma em todos os testes. Fui a melhor no tiro de precisão. Investiguei 210 diferentes...

— Não quero que nada aconteça a você — diz Verner suavemente, e seus olhos negros como carvão encontram os dela.

— Mas eu não sou uma boneca, não sou uma princesa, ou um elfo!

— Mas você é tão... tão...

Verner ergue as mãos, desamparado.

— Certo, que inferno, vamos fazer isso. Você é a principal investigadora preliminar. Mas Göran Stone é parte disso, e quero que ele fique de olho em você.

— Obrigada — diz ela, aliviada.

— Mas é coisa grande. Lembre-se disso — alerta ele. — A irmã de Penelope Fernandez foi executada e Penelope está desaparecida.

— E notamos um aumento de atividade entre os grupos extremistas de esquerda — diz Saga. — Queremos saber se a Frente Revolucionária está por trás do roubo de explosivos em Vaxholm.

— A coisa mais importante é se há uma ameaça imediata — enfatiza Verner.

— Neste exato momento os radicais estão parecendo mais ameaçadores — continua Saga, um pouco ansiosa demais. — Acabei de entrar em contato com Dante Larsson, da Inteligência e Segurança Militar, e ele diz que provavelmente haverá atos de sabotagem neste verão.

— Neste instante vamos nos concentrar em Penelope Fernandez — cobra Verner.

— Claro — Saga responde rapidamente. — Claro.

— A investigação técnica pode ser um esforço de cooperação entre o Departamento Nacional de Investigação Criminal e nós, mas basicamente os mantenha fora disso.

Saga anui e espera um momento antes de fazer uma última pergunta.

— Quero concluir esta investigação. É importante para mim porque...

— Você está no comando — diz ele. — Mas neste momento não sabemos para onde isso irá ou como terminará. Nem sequer sabemos como começou.

Ao longo de Rekylgatan, na cidade de Västerås, há um reluzente prédio branco. As pessoas da área gostam de morar perto da escola Lillhagen, dos campos de futebol e das quadras de tênis.

Um jovem está saindo da porta 11. Leva um capacete de motociclista. Seu nome é Stefan Bergkvist e tem quase 17 anos. Frequenta uma escola profissionalizante automotiva e mora com a mãe e o companheiro dela. Tem cabelos louros compridos e ostenta uma argola de prata no lábio inferior. Veste camiseta preta, jeans largos e puídos na barra por arrastar no chão e tênis de skatista.

Sem pressa, caminha relaxado para o estacionamento. Pendura o capacete no guidom de sua moto de motocross e desce lentamente a rua junto ao prédio. Segue ao longo dos trilhos do trem, depois passa sob o viaduto Norrleden e entra em uma grande área industrial. Finalmente para perto de um barracão de construção coberto de grafite prata e azul.

Stefan e seus amigos gostam de se encontrar ali. Competem cada um em sua própria trilha de motocross, que construíram ao longo do talude da ferrovia. Pilotam em várias vias acessórias, depois contornam a Terminal Road. Começaram a ir lá depois que encontraram uma chave do barracão de construção enterrada nos arbustos junto à parede de trás. O galpão não era usado havia dez anos ou mais, esquecido depois da reforma.

Stefan salta da moto, pega a chave escondida e destranca o cadeado. Desliza a barra de aço e abre a porta de madeira do barracão, fechando-a em seguida atrás de si. Ao verificar a hora no telefone, vê que a mãe ligou. Não se dá conta de que está sob vigilância do outro lado dos trilhos. Um homem de 60 anos passa o tempo perto de uma caçamba de lixo pertencente a um prédio industrial próximo. Veste um paletó de camurça cinza e calças marrons leves.

Stefan vai até a pequena cozinha e pega um saco de salgadinhos deixado na pia. Despeja as últimas migalhas na palma da mão e depois a lambe.

A luz entra no barracão por duas janelas gradeadas. O vidro está sujo.

Stefan está esperando os amigos. Folheia uma revista velha encontrada em meio a várias outras. Na capa, uma manchete grita: PENSE NISSO! AS PESSOAS ME PAGAM PARA CHUPAR MINHA BOCETA!

O homem de paletó de camurça sai lentamente de seu lugar e passa pela alta treliça de metal com cabos elétricos enrolados. Atravessa a grama seca no talude e passa pelos trilhos duplos. Continua até chegar à motocicleta de Stefan. Solta o apoio e silenciosamente empurra a moto para a frente.

Olha ao redor uma vez antes de colocar a motocicleta de lado e a empurra com o pé até que bloqueie a porta. Abre o tanque de gasolina e deixa o combustível escorrer. Ele vaza para baixo do barracão.

Stefan ainda está folheando a revista. Olha para as fotos desbotadas de mulheres na cadeia. Uma loura está sentada de pernas abertas, mostrando a boceta para um carcereiro.

Stefan está imerso na imagem até ser interrompido por um som de algo sendo arrastado do lado de fora. Ele pensa ouvir alguém caminhando, e fecha a revista rapidamente.

O homem de paletó de camurça pegou a lata de combustível vermelha guardada pelos garotos nos arbustos junto ao barracão. Ele agora a esvazia no perímetro da construção. Só quando chega aos fundos ouve os gritos do lado de dentro. O garoto está esmurrando a porta e tentando abri-la. Ouve os passos do garoto antes que seu rosto apareça em uma das janelas sujas.

— Ei, abra a porta! Isso não é uma piada! — diz o garoto em voz alta.

O homem de paletó de camurça continua ao redor do barracão, esvaziando o restante do combustível. Depois recoloca a lata onde havia sido escondida.

— O que você está fazendo? — grita o garoto.

Então joga o corpo contra a porta e tenta abri-la com um chute, mas ela não cede. Tenta ligar para a mãe. Seu celular está sem sinal. Seu coração bate forte de pânico enquanto vai de uma janela suja para a outra.

— Você perdeu a cabeça? — grita.

Quando o garoto reconhece o fedor do vapor de gasolina, o terror toma conta de seu corpo e seu estômago contrai.

— Ei! Olá? — grita, com medo na voz. — Você *sabe* que eu estou aqui!

O homem pega fósforos no bolso.

— O que você quer? Por favor! Diga o que você quer!

— Não é culpa sua — diz o homem. — Mas é preciso colher um pesadelo.

Não aumentou nem um pouco o tom de voz. Ele risca o fósforo.

— Me deixe sair! — grita o garoto.

O homem joga o fósforo na grama encharcada de gasolina. Ela faz um som de sucção, como uma vela de barco quando se enche de vento. Chamas azul-claras brotam com tal força que o homem tem de recuar. O garoto está gritando por ajuda. O fogo cerca o barracão rapidamente. O homem recua mais alguns passos. Sente o calor no rosto; ouve os gritos terríveis.

Em alguns segundos o barracão inteiro está em chamas. Os vidros atrás das grades se quebram com o calor nas paredes.

Os gritos do garoto são ainda mais altos quando o calor incendeia seus cabelos.

O homem sai caminhando calmamente. Atravessa os trilhos do trem novamente e fica ao lado do prédio industrial para observar a tocha que um dia foi um velho barracão. Alguns minutos depois um trem de carga chega do norte, rolando lentamente pelos trilhos, rodas raspando e rangendo à medida que a sequência de vagões marrons passa pelas chamas altas. Enquanto o homem desaparece pela Stenby Road, o vento bate em seu paletó de camurça, levantando-o alto às costas. Por baixo, ele está inteiramente vestido de preto.

Embora seja fim de semana, o diretor do Departamento Nacional de Investigação Criminal está em seu escritório. Ele nunca foi particularmente simpático com visitantes inesperados. Há um sinal luminoso em vermelho escrito OCUPADO em sua porta, que está fechada.

Joona bate nela enquanto a abre.

— Preciso saber no instante em que a polícia marítima encontrar alguma coisa — diz Joona.

Carlos Eliasson empurra um livro sobre a mesa.

— Você e Erixson foram atacados. Isso é traumático. Precisam de uma folga. Precisam se cuidar.

— Nós nos cuidamos.

— Eles encerraram a busca de helicóptero — diz Carlos.

Joona fica rígido.

— Encerraram! Que área cobriram?

— Não sei.

— Quem está encarregado da operação?

— Não temos nada a ver com isso — diz Carlos. — Está sob a direção da polícia marítima.

— Seria impressionantemente agradável saber se estamos lidando com um assassinato ou com três — Joona diz secamente.

— Joona, você está fora. Eu passei para Jens Svanebjörn. Estamos montando uma equipe com o Säpo. Petter Näslund e Tommy Kofoed estarão nisso pelo nosso lado e...

— Qual a minha tarefa?

— Tirar a semana de folga.

— Não.

— Então pode dar uma semana de aula na Academia de Polícia.

— Não.

— Não seja tão obstinado — diz Carlos.

— Foda-se.

— *Eu me foder?* — exclama Carlos Eliasson. — Eu sou seu *chefe*.

— Talvez Penelope Fernandez e Björn Almskog ainda estejam vivos — argumenta Joona rispidamente. — O apartamento *dele* foi incendiado; o *dela* teria sido se eu não chegasse a tempo. Acredito que o assassino está procurando algo que eles têm e acredito que afogou Viola tentando arrancar isso dela...

— Muito obrigado — rosna Carlos. — Obrigado por sua informação. Nós temos... Não, me dê um minuto. Sei que você está achando difícil aceitar, mas há outros policiais além de você, Joona. E a maioria é altamente competente, garanto.

— Concordo — disse Joona lentamente, um tom cortante em sua voz. — E você deveria cuidar deles, Carlos.

Joona analisa as manchas marrons nas mangas de sua camisa. O sangue de Erixson.

— O que está insinuando?

— Eu conheci o assassino. Acho que perderemos alguns homens antes que isso acabe.

— Sei que ele o surpreendeu — diz Carlos, mais suavemente. — E sei que isso foi duro.

— Então tudo bem — diz Joona rudemente.

— Tommy Kofoed estará encarregado da investigação, e ligarei para Brittis na Academia de Polícia. Você será o professor convidado lá na próxima semana — encerra Carlos.

* * *

Quando Joona sai da delegacia, o calor o atinge com força. Tirando o paletó, ele sente alguém se aproximar por trás. Alguém saiu das sombras no parque. Joona se vira e vê que é Claudia Fernandez.

— Joona Linna — diz, com voz tensa.

— Claudia, como está? — pergunta ele, grave.

Os olhos de Claudia Fernandez estão injetados e seu rosto parece agoniado.

— Encontre-a. Você precisa encontrar minha menina — diz, e estende a ele um envelope grosso.

Joona o abre. Está cheio de dinheiro. Ele o estende de volta a Claudia, mas ela o recusa.

— Por favor, fique com meu dinheiro. É tudo que tenho — diz. — Mas conseguirei mais. Venderei a casa. Apenas a encontre.

— Claudia, não posso aceitar seu dinheiro — diz em voz baixa.

— *Por favor.*

— Já estamos fazendo tudo que podemos.

Joona recoloca o envelope nas mãos de Claudia. Ela o afasta do corpo. Murmura que vai voltar para casa e esperar junto ao telefone. Então o detém e tenta explicar.

— Disse a ela que não era mais bem-vinda em minha casa... Ela não vai me ligar.

— Vocês tiveram uma briga. Isso não é o fim do mundo, Claudia.

— Mas como pude dizer uma coisa assim? — pergunta, acertando a testa com o punho. — Que tipo de pessoa diz isso à própria filha?

— Às vezes simplesmente sai...

A voz de Joona morre. Ele expulsa fragmentos de lembranças que foram despertados.

— Não suporto isso — diz ela, baixo.

Joona pega a mão de Claudia e repete que está fazendo tudo que pode.

— Claro que você vai ter sua filha de volta — sussurra para ela.

Ela anui, então se separam e seguem em direções diferentes. Joona desce apressado a Bergsgatan e aperta os olhos para o céu enquanto vai para o carro. Está ensolarado, mas também nublado e ainda extremamente úmido. No verão anterior ele tinha ficado no hospital, segurando a mão da mãe. Eles conversaram em finlandês, como sempre. Ele lhe disse que fariam uma viagem a Karelia assim que se sentisse melhor. Ela nascera em uma pequena aldeia de Karelia, uma das poucas que não haviam sido queimadas pelos russos durante a Segunda Guerra Mundial. Sua mãe respondera que, em vez disso, Joona deveria ir a Karelia com alguém especial.

Joona compra uma garrafa de Pellegrino no Il Caffè e a toma toda antes de entrar em seu carro muito quente. O volante está quente ao toque, e o assento quase queima suas costas. Em vez de seguir para a Academia de Polícia, retorna a Sankt Paulsgatan, número 3 e ao apartamento de Penelope Fernandez. Lembra-se da velocidade e da precisão impressionantes do movimento, como se a faca que seu agressor usara estivesse viva.

A entrada está isolada com fita policial azul e branca com NÃO ULTRAPASSE e CENADE CRIME escrito em negrito.

Joona mostra seu distintivo ao policial uniformizado de serviço, depois aperta sua mão. Eles já se encontraram antes, mas nunca trabalharam juntos.

— Quente hoje.

— E como — responde o policial.

— Quantos peritos no local? — pergunta Joona, indicando a escada com a cabeça.

— Um dos nossos e três do Säpo — responde o policial alegremente. — Estão tentando encontrar DNA do criminoso.

— Não vão achar nada — diz Joona, quase para si mesmo, enquanto começa a

subir as escadas.

De pé diante da porta do apartamento do quarto andar está Melker Janos, um policial mais velho de quem Joona se lembra como sendo um superior estressado e desagradável dos tempos de seu próprio treinamento. Naquela época Melker estava subindo na carreira, mas depois passou por um divórcio complicado e abuso periódico de álcool, que resultaram em seu rebaixamento paulatino até que ele retornou ao patrulhamento.

Ao ver Joona ele o cumprimenta amargamente e abre a porta com um gesto exageradamente servil.

— Obrigado — diz Joona. Não espera uma resposta.

Tommy Kofoed está logo depois da porta, se movendo curvado e lento. Ele nem sequer chega ao peito de Joona, mas quando seus olhos se encontram o rosto de Kofoed se abre em um grande sorriso.

— Joona, que bom ver você! Achei que tinham mandado você para a Academia de Polícia.

— Errei o caminho.

— Que maravilha!

— Descobriu alguma coisa?

— Preservamos todas as pegadas no corredor — responde Tommy.

— Sim, todas elas correspondem aos meus sapatos — diz Joona enquanto trocam um aperto de mãos.

— E do agressor — protesta Kofoed. — Ele estava se movendo de uma forma impressionantemente peculiar, não?

— Certo.

Há tapetes por todo lado, protegendo de contaminação as provas no piso. Uma câmera foi colocada em um tripé e a lente está apontada para o chão. Uma lâmpada forte com refletor de alumínio está no canto, o fio enrolado na base. Os peritos estão procurando pegadas invisíveis com luz oblíqua, um tipo de luz que brilha paralelamente ao chão, e depois erguem as pegadas com efeito eletrostático. Marcaram a trilha do invasor da cozinha até o saguão.

Joona duvida que liguem essas pegadas ao seu agressor. O homem certamente teria destruído sapatos, luvas e roupas que vestia. Provavelmente os queimou.

— Diga, como exatamente ele correu? — pergunta Kofoed, apontando para as marcas. — Ali... Ali... Lá... Depois nada antes de aqui... E aqui.

— Você deixou passar uma pegada — diz Joona com um sorrisinho.

— Onde, inferno?

— Ali — aponta Joona.

— Onde?

— Na parede.

— Que porra!

Uma pegada leve podia ser vista cerca de 70 centímetros acima do piso, o perfil traçado no papel de parede cinza-claro. Tommy Kofoed chama outro perito e pede que faça uma impressão em gelatina.

— Agora posso pisar no chão? — pergunta Joona.

— Claro. Apenas fique longe das paredes — responde um Kofoed frustrado.

Na cozinha há um homem vestindo jeans e um blazer marrom-claro com reforços de couro nos cotovelos. Está coçando o bigode louro, falando alto e apontando para o forno de micro-ondas. Quando Joona entra, observa um perito de máscara e luvas de proteção colocar o spray danificado em um saco de papel, dobrando a extremidade duas vezes. Depois fecha o saco com fita e escreve nele.

— Joona Linna, certo? — pergunta o homem de bigode. — Se você é tão bom quanto dizem, deveria vir trabalhar para nós.

Eles cumprimentam-se com um aperto de mãos.

— Göran Stone, Säpo — diz o homem, contente.

— Está encarregado da investigação inicial? — pergunta Joona.

— Sim, estou. Ou melhor, formalmente é Saga Bauer. Por uma questão de estatística — acrescenta, e sorri.

— Eu a conheci. Parece capaz...

— Não é mesmo? — diz Göran Stone, rindo alto depois fechando a boca.

Joona olha pela janela. Seus pensamentos voltaram novamente ao barco à deriva. Que tipo de contrato o assassino recebeu, e por quê? Ele sabe que é cedo demais para chegar a qualquer conclusão, mas ainda assim uma hipótese experimental não é algo ruim. Joona sai da cozinha e vai ao quarto. A cama está feita. A colcha creme está esticada. Saga Bauer, do Säpo, está em frente a um laptop no peitoril da janela enquanto fala ao celular. Joona se lembra dela de um seminário sobre antiterrorismo.

Joona se senta na cama e tenta reorganizar os pensamentos novamente. Visualiza Penelope e Viola de pé diante dele e, em sua mente, coloca Björn perto delas. Os três não poderiam estar no barco quando Viola foi morta, do contrário o assassino teria pegado a pessoa certa. No mar ele teria simplesmente matado os três, os colocado nas camas e afundado o barco. Então não estavam no mar. Haviam ancorado o barco em algum lugar.

Joona se levanta de novo e caminha até a sala de estar. Deixa seu olhar passar pela TV de tela plana na parede, o cobertor xadrez vermelho dobrado sobre o braço do sofá, a mesa moderna com exemplares de *Ordfront* e *Exit* abertos em leque em cima.

Caminha até uma estante que ocupa uma parede inteira. Para e pensa no barco, visualiza os cabos aparentemente dobrados na casa de máquinas, onde deveriam ter produzido um arco elétrico em poucos minutos; o assento enfiado atrás do cabo de modo a pegar fogo mais facilmente; a curva no cabo de combustível redirecionado. Por que o barco não afundou? Eles provavelmente não aceleraram o motor por tempo suficiente.

Essas não eram coincidências: o apartamento de Björn é incendiado. No mesmo dia Viola é assassinada, e, se o barco não tivesse sido abandonado, teria havido uma explosão no tanque de combustível. Depois o assassino tenta produzir uma explosão de gás no apartamento de Penelope.

O apartamento de Björn. O barco. O apartamento de Penelope.

Ele está procurando alguma coisa que Penelope ou Björn possuem. Começou vasculhando o apartamento de Björn, e, como não encontrou o que estava procurando, incendiou o apartamento. Depois seguiu o barco e, ao vasculhá-lo e não encontrar o que estava procurando, tentou obrigar Viola a falar. Quando ela não conseguiu revelar nada útil, ele seguiu para o apartamento de Penelope.

Joona pega um par de luvas de látex em uma caixa e volta à estante. Olha a camada de poeira em frente aos livros e vê que não há poeira em frente a alguns. Conclui que alguém tirou aqueles livros recentemente, talvez em algum momento nas semanas anteriores.

— Não quero você aqui — Saga Bauer diz atrás dele. — Esta investigação é minha.

— Estou indo — informa ele suavemente. — Mas há uma coisa que tenho de achar primeiro.

— Cinco minutos — diz ela.

Ele se vira para olhar para ela.

— Pode fotografar estes livros?

— Já foi feito — corta.

— De cima, para poder ver a poeira — diz, nem um pouco abalado.

Ela entende sobre o que ele está falando. Não muda a expressão, simplesmente pega uma câmera com um perito e fotografa cada prateleira que consegue alcançar antes de dizer a Joona que pode olhar os livros nas cinco prateleiras inferiores.

Joona tira *Das Kapital*, de Karl Marx, e olha dentro dele. Passando as páginas, percebe trechos sublinhados e observações escritas nas margens. Olha no espaço entre os livros, mas não vê nada. Recoloca o livro. Então seus olhos passam por uma biografia de Ulrike Meinhof, uma antologia gasta intitulada *Textos fundamentais de feminismo político* e as obras reunidas de Bertold Brecht.

Joona examina a prateleira abaixo. Três livros obviamente foram tirados da estante recentemente, já que não há pó diante deles. Um, *La stratégie des antilopes*,

A estratégia dos antílopes, é uma coletânea de relatos de testemunhas do genocídio em Ruanda. Outro é a coletânea de poemas de Pablo Neruda *Cien sonetos de amor*. O último, *The Roots of Swedish Racial Ideas in the History of Ideas*.

Joona folheia cada um deles. Quando chega a *The Roots of Swedish Racial Ideas in the History of Ideas*, uma fotografia cai. É uma imagem em preto e branco de uma jovem séria, grávida, com cabelos trançados. Ele reconhece Claudia Fernandez. Não podia ter mais de 15 anos, e a semelhança com a filha é notável.

Quem mantém uma fotografia da própria mãe em um livro sobre biologia racial?, Joona pensa consigo mesmo enquanto vira a fotografia.

No verso da foto alguém escreveu uma linha: *Não vá longe, nem mesmo por um dia*. Está a lápis.

Joona pega novamente a coletânea de poesia. Ele a folheia até achar o verso inteiro.

*No estés lejos de mí un solo día, porque cómo,
porque, no sé decirlo, es largo el día,
y te estaré esperando como en las estaciones
cuando en alguna parte se durmieron los trenes.*

A fotografia deveria estar na coletânea de Neruda.

Se o assassino esteve examinando os livros, essa foto poderia ter caído.

Ele está de pé bem aqui, pensou Joona. *Estava olhando para a poeira em frente aos livros assim como estou fazendo agora e estava folheando rapidamente aqueles tirados nas semanas anteriores. Ele percebe que uma fotografia caiu de um dos livros e está no chão. Automaticamente a pega e coloca de volta, mas no livro errado.*

Joona fecha os olhos.

Foi o que aconteceu, pensa. *O assassino de aluguel estava examinando os livros.*

Se ele sabe o que está procurando, então o objeto deve ser pequeno o bastante para ser escondido entre as páginas de um livro.

O que poderia ser?

Uma carta? Um testamento? Uma fotografia? Uma confissão? Talvez fosse um CD, um pen drive ou um chip?

a criança na escada

Joona sai da sala e olha o banheiro, que está sendo fotografado minuciosamente. Segue pelo corredor e sai pela porta do apartamento. Ele para do lado da grade que protege o poço do elevador.

Há uma plaqueta no apartamento ao lado do elevador. Nilsson. Joona bate e espera. Finalmente ouve passos do lado de dentro. Uma mulher roliça de uns 60 anos entreabre a porta e espia.

— Sim?

— Olá, sou Joona Linna, detetive, e eu...

— Mas já disse a vocês, não vi o rosto dele.

— A polícia já visitou a senhora? Não sabia.

Ela abre um pouco mais a porta e dois gatos saltam da mesa do telefone e desaparecem no fundo do apartamento.

— Ele usava uma máscara de Drácula — diz a mulher com impaciência, como se tivesse dito isso várias vezes antes.

— Quem?

— Quem? — repete a mulher, resmungando, e entra no apartamento.

Ela volta após algum tempo com um recorte de jornal amarelado.

Joona dá uma olhada na matéria de vinte anos antes descrevendo um exibicionista que usava uma máscara de Drácula e apalpava mulheres que viviam no distrito de Södermalm.

— Ele não estava usando nada lá...

— Mas não é isso...

— Não que eu estivesse olhando, claro — continuou. — Mas já falei isso com vocês muitas vezes.

Joona olha para ela e sorri.

— Na verdade eu pretendia lhe perguntar algo totalmente diferente.

A mulher arregala os olhos.

— Bem, por que não disse?

— Estava pensando se conhece sua vizinha, Penelope Fernandez, que...

— Ela é como uma neta para mim — diz a mulher. — Tão doce, tão gentil, tão agradável... — Ela se interrompe. — Ela está morta?

— Por que pergunta?

— Porque a polícia só aparece para fazer perguntas desagradáveis — responde.

— Notou algum visitante incomum nos dois últimos dias?

— Só porque sou velha não significa que fico me metendo na vida dos outros.

— Não, quero dizer que talvez tenha percebido algo.

— Não percebi.

— Algo incomum aconteceu recentemente?

— De forma alguma. Aquela garota é trabalhadora e dedicada.

Joona agradece a ela pelo tempo dizendo que talvez volte com uma pergunta em algum momento. Então se afasta para que a mulher possa fechar a porta.

Não há muitos outros apartamentos no quarto andar. Ele começa a subir as escadas. Na metade do caminho encontra uma criança sentada nos degraus. Parece ser um garoto de uns 8 anos. Tem os cabelos curtos e usa jeans e um suéter Helly Hansen gasto. Está com uma sacola com uma garrafa de água mineral Ramlösa. O rótulo quase desapareceu. Também tem metade de um pão.

Joona para na frente da criança, que está olhando para ele, tímida.

— Olá — cumprimenta Joona. — Qual o seu nome?

— Mia.

— Meu nome é Joona.

Mia é menina. Joona percebe que está suja no queixo e ao redor do pequeno pescoço.

— Você tem uma arma? — pergunta ela.

— Por que pergunta?

— Você disse a Ella que era da polícia.

— Isso mesmo. Sou um detetive.

— Então você tem uma arma?

— Sim, tenho — diz Joona. — Gostaria de atirar com ela?

A garota olha para ele chocada.

— Você está brincando.

— Sim, estou brincando — diz Joona, sorrindo.

A criança ri.

— Por que está sentada na escada?

— Eu gosto. Você pode ouvir coisas.

Joona se senta ao lado da criança.

— Que tipo de coisas você ouviu? — pergunta calmamente.

— Agora mesmo ouvi você dizer que era da polícia e ouvi Ella mentir para você.

— Sobre o que ela estava mentindo?

— Ela disse que gosta de Penelope — responde Mia.

— Ela não gosta de Penelope?
— Ela enfia cocô de gato pela caixa de correio de Penelope.
— Por que ela faria algo assim?
— Não sei — diz a garota, dando de ombros e brincando com a sacola em seu colo.

— Você gosta de Penelope?
— Ela diz oi para mim.
— Mas você não a conhece?
— Na verdade, não.

Joona olha ao redor.

— Você mora na escada?

A garota dá um pequeno sorriso.

— Não, moro no segundo andar com minha mãe.

— Mas você gosta de ficar na escada.

Mia dá de ombros.

— A maior parte do tempo.

— Você dorme aqui?

A garota brinca com o rótulo da garrafa.

— Às vezes.

— Sexta-feira passada — diz Joona lentamente. — De manhã cedo, Penelope saiu de casa. Ela pegou um táxi.

— Azar — diz a garota rapidamente. — Ela e Björn se encontraram por tipo, um segundo. Ele chegou aqui assim que ela saiu. Eu disse a ele que ela tinha acabado de sair.

— O que ele disse?

— Sem problema, ele disse. Só ia pegar alguma coisa.

— Pegar alguma coisa?

Mia confirma com um gesto de cabeça.

— Ele algumas vezes me empresta o telefone para eu jogar. Mas ele estava com pressa. Só entrou e saiu logo depois. Depois trancou a porta e desceu a escada correndo.

— Você viu o que ele pegou?

— Não.

— O que aconteceu depois disso?

— Nada. Eu fui para a escola. Quinze para as nove.

— E depois da escola, de noite. Alguma coisa aconteceu?

Mia deu de ombros.

— Minha mãe saiu, então eu fiquei em casa, comi macarrão com queijo e vi

TV.

— E ontem?

— Mamãe saiu de novo, então eu fiquei em casa.

— Então não viu ninguém chegar ou sair?

— Não.

Joona pega um de seus cartões de visita e escreve um número de telefone.

— Olhe aqui — diz ele a Mia. — Esses são dois números de telefone. Um é o meu número.

Ele aponta o número no cartão, que também tem a insígnia policial impressa.

— Ligue se precisar de ajuda ou se alguém estiver fazendo algo ruim com você. E o outro número é da Emergência Infantil. Está vendo, eu escrevi: 0200-230-230. Pode ligar quando quiser e falar sobre o que quiser.

— Certo — sussurra Mia enquanto pega o cartão.

— Não jogue o cartão fora assim que eu der as costas — orienta Joona. — Guarde, porque mesmo que não queira ligar para alguém agora, pode querer depois.

— Quando saiu, Björn estava com a mão na barriga — disse Mia, demonstrando.

— Como se tivesse dor de barriga?

— É. Como se tivesse dor de barriga.

Joona bate nas outras portas, mas só o que descobre é que Penelope era uma vizinha quieta e um tanto tímida que participava dos dias anuais de limpeza, bem como das reuniões, mas não muito mais. Quando termina, ele sobe lentamente as escadas de volta ao quarto andar.

A porta do apartamento de Penelope está aberta. Um perito do Sâpo acabou de desmontar a fechadura e colocou o cilindro no saco plástico.

Joona entra, mas fica nos fundos para acompanhar o trabalho dos peritos. Ele sempre gostou de passar algum tempo vendo como fotografam tudo sistematicamente, coletam provas, anotam com rigor cada aspecto do que encontram. É irônico como a própria investigação destrói a cena de crime, contaminando camada após camada à medida que avança. Nenhuma prova ou chave para reconstruir o que aconteceu pode se perder.

Joona deixa o olhar passear pelo arrumado apartamento de Penelope Fernandez. Por que Björn Almskog veio aqui? Ele chegara imediatamente depois que Penelope saiu. Joona quase podia imaginá-lo se escondendo do lado de fora do prédio esperando que ela saísse.

Talvez fosse coincidência, mas talvez ele não *quisesse* encontrá-la.

Björn entrara apressado, encontrara a criança sentada na escada, sem tempo para falar, explicando que só tinha de pegar algo, e ficara poucos minutos.

Talvez Björn *tivesse* apanhado algo, como dissera à garotinha. Talvez tivesse esquecido a chave do barco ou outra coisa que coubesse em um bolso.

Talvez em vez disso tivesse *deixado* outra coisa trás. Talvez só tivesse de dar uma olhada em algo, ter certeza de uma informação ou anotar um número de telefone.

Joona entra na cozinha e olha ao redor.

— Verificou a geladeira? — pergunta.

Um jovem de cavanhaque ergue os olhos para Joona, surpreso.

— Está com fome? — pergunta em um forte sotaque de Dalarna.

— É um bom lugar para esconder algo — retruca Joona, seco.

— Ainda não chegamos nela — diz o investigador.

Joona retorna à sala de estar. Observa que Saga ainda está em um canto,

falando ao telefone. Tommy Kofoed está colocando uma tira de fita adesiva com fibras presas em um filme transparente. Ele ergue os olhos.

— Encontrando algo inesperado? — pergunta Joona.

— Além de uma pegada na parede?

— Mais nada?

— A coisa importante está no laboratório em Linköping.

— Conseguimos os resultados em uma semana?

— Se transformarmos a vida deles num inferno, certamente — diz Tommy, dando de ombros. — Agora vou dar uma olhada no corte da lâmina e fazer um molde do gume.

— Não tenha esse trabalho — diz Joona.

— Então você conseguiu ver a lâmina? Era de aço carbono?

— Não, a lâmina era mais clara. Talvez carbureto de tungstênio. Algumas pessoas preferem. Mas na verdade nada disso vai realmente ajudar.

— O que não vai ajudar?

— Toda essa investigação de cena de crime — diz Joona. — Não descobriremos DNA nem digitais. Nada levará ao suspeito.

— Então o que devemos fazer?

— Acredito que o assassino veio procurar algo aqui. E acredito que ele foi interrompido antes de conseguir achar.

— Então ainda pode estar aqui?

— É bastante possível — responde Joona.

— Mas você não tem ideia do que poderia ser.

— Cabe dentro de um livro.

Os olhos de granito de Joona encontram os olhos castanhos de Kofoed. Göran Stone, do Säpo, está fotografando a porta do banheiro, as beiradas da porta, os batentes e as dobradiças. Depois se senta no chão para fotografar o teto branco do banheiro. Joona estica a mão para abrir a porta da sala, prestes a pedir a Göran para tirar uma foto das revistas daquele cômodo quando o flash dispara. A claridade o ofusca. Tudo fica negro por um segundo. Quatro pontos brancos penetram a escuridão, e depois uma impressão azul-clara iridescente de palma de mão surge. Some a seguir. Joona olha ao redor, sem conseguir determinar onde estavam.

— Göran! — chama Joona em voz alta, atravessando a porta de vidro grossa. — Tire outra fotografia bem ali!

Todos no apartamento ficam imóveis. O homem junto à porta de fora lança um olhar curioso na direção de Joona. O perito com sotaque de Dalarna sai da cozinha e enfia a cabeça no corredor. Tommy Kofoed tira a máscara e coça o pescoço. Göran Stone ainda está sentado no chão, parecendo muito interessado.

— Como você acabou de fazer — diz Joona. — Tire uma foto do teto.

Göran dá de ombros e ergue a câmera para tirar outra foto do teto do banheiro. Há um flash e as pupilas de Joona se fecham em protesto. Lágrimas brotam em seus olhos. Ele os fecha e vê um triângulo preto. Percebe que é o vidro na porta transformado em uma imagem em negativo.

O meio do quadrado mostra quatro pontos brancos e ao lado deles flutua uma impressão da palma azul-clara.

Ele sabe que foi isso que viu.

Joona pisca e se aproxima da porta. Os restos de quatro pedaços de fita adesiva formam um quadrado, e ao lado dele está a impressão da palma.

Tommy Kofoed se aproxima dele.

— Uma impressão de mão — diz.

— Consegue recolher? — pergunta Joona.

— Göran — diz Kofoed. — Precisamos de uma imagem disto.

Göran se levanta e está cantarolando enquanto se coloca junto à porta, câmera pronta. Ele olha para a impressão.

— Sim, alguém esteve aqui e não estava muito limpo — diz, contente, enquanto tira quatro fotos.

Depois Göran se coloca de lado e espera que Tommy Kofoed trate a impressão palmar com cianoacrilato para unir sal e umidade. Depois usa Amarelo Básico 40.

Göran espera um momento e tira mais duas fotos.

— Agora nós pegamos você! — sussurra Kofoed para a impressão enquanto a ergue cuidadosamente em uma folha de plástico rígida.

— Você pode verificar imediatamente? — pergunta Joona.

Tommy Kofoed carrega a impressão para a cozinha. Joona fica para inspecionar os pedaços de fita deixados no vidro. Preso sob um deles está um pedaço de papel. Quem deixou a impressão palmar não teve tempo de ser cuidadoso, apenas arrancou o papel.

Joona examina de perto o canto rasgado. Não é um papel comum, percebe imediatamente. É um papel brilhante — do tipo em que fotografias são impressas.

Uma fotografia especial havia sido colocada aqui para ser vista sempre. Então alguém estava com tanta pressa que não teve tempo de ser cuidadoso, apenas de correr para a porta, se inclinar no vidro com uma das mãos e arrancar a foto com a outra.

— Björn — diz Joona.

Björn veio aqui pegar essa fotografia. Ele não estava com a mão na barriga porque estava passando mal, mas porque estava escondendo uma fotografia sob a jaqueta.

Joona vira a cabeça para o lado para estudar a impressão palmar no reflexo. Mal consegue ver as linhas finas da palma.

As papilas dérmicas da palma ou dos dedos de um humano nunca mudam ou envelhecem, e são totalmente individuais. Comparadas com o DNA, mesmo as impressões digitais de gêmeos idênticos são diferentes.

Passos rápidos e duros vieram por trás dele.

— Pare o que estiver fazendo imediatamente, maldição! — rosna Saga Bauer.
— Esta investigação é *minha*! Você nem deveria estar aqui, cacete!

— Eu só quero...

— Cale a sua maldita boca, Joona Linna! — grita. — Eu estava ao telefone com Petter Näslund! Você não tem nada a fazer aqui e não tem sequer permissão para estar aqui!

— Eu sei. Já vou embora — diz, pacificador, enquanto se vira novamente para o vidro.

— Maldição, Joona! — ela diz, mas a curiosidade é mais forte e a voz mais calma. — Você não pode simplesmente vir aqui e começar a mexer em pedaços de fita!

— Havia uma fotografia presa no vidro — responde ele, imperturbável. — Alguém a arrancou. Inclinou-se para se apoiar com a mão enquanto arrancava esta fotografia.

Ela ainda olha para ele irritada, e Joona nota uma cicatriz branca que corta sua sobrancelha esquerda.

— Sou perfeitamente capaz de conduzir esta investigação — reitera com dentes trincados.

— Há uma chance de que a impressão seja de Björn Almskog — retruca Joona enquanto segue para a cozinha.

— Direção errada, Joona.

Ele a ignora e entra.

— Esta investigação é minha — grita ela inutilmente às suas costas.

Os peritos haviam montado um posto de trabalho no meio da sala. Duas cadeiras, uma mesa com computador, escâner e impressora. Tommy Kofoed está de pé atrás de Göran Stone, que conecta sua câmera ao computador. Eles inseriram a impressão palmar e estão fazendo a comparação inicial de digitais.

Saga entra logo atrás de Joona.

— O que vocês veem? — Joona pergunta a eles, sem prestar atenção em Saga.

— Não falem com ele! — diz Saga rapidamente.

Tommy Kofoed ergue os olhos.

— Não seja ridícula, Saga — diz ele. — Lamento, não é o nosso homem. Esta é do namorado, Almskog.

— Sorte que ele já esteja no registro de suspeitos — diz Göran Stone.

— O que vocês têm contra ele? — pergunta Joona.

— Baderna e ferir um policial — responde Göran.

— O pior tipo de criminoso — brinca Tommy. — Ele provavelmente participou de uma manifestação.

— Você acha isso engraçado — rosna Göran. — Nem todos na força acham ataque e sabotagem de esquerda divertidos.

— Fale por você mesmo — retruca Kofoed.

— O esforço de busca e resgate fala por si mesmo — diz Göran com um sorriso.

— O que é tudo isso? — pergunta Joona. — Eu não pude acompanhar a operação. O que houve?

Quando Joona Linna abre com violência a porta do escritório, Carlos Eliasson, diretor do DIC, dá um pulo e derrama comida de peixe em excesso no aquário.

— Por que só há busca pelo ar? — cobra Joona com dureza. — Há duas vidas em jogo e não temos um único barco procurando?

— A polícia marítima toma suas próprias decisões, como você bem sabe — retruca Carlos friamente. — Eles cobriram a área de helicóptero e decidiram que os dois estão mortos ou não querem ser encontrados... E nenhum dos casos demanda urgência em continuar a procurar.

— Eles possuem algo em que o assassino quer colocar as mãos, e acredito...

— É inútil adivinhar, Joona. Não sabemos o que aconteceu. O Säpo por acaso acredita que esses dois jovens passaram para a clandestinidade e agora podem estar em um trem para Amsterdã.

— Sem essa — diz Joona energicamente. — Você não pode prestar atenção ao Säpo quando...

— O caso é deles.

— Por quê? Por que o caso é deles? Björn Almskog não tem qualquer registro penal a não ser que perturbar a paz tenha se tornado crime! Essas acusações não significam absolutamente nada! Nada mesmo!

— Eu estava falando com Verner Zandén, e ele já me disse que Fernandez tem relações com grupos extremistas de esquerda.

— Pode ser, mas tenho certeza de que há mais coisas acontecendo aqui. Esse assassinato diz respeito a algo totalmente diferente.

— Claro! Claro que você tem certeza! — grita Carlos.

— Ainda não sei exatamente o quê, mas o assassino que encontrei no apartamento de Penelope era um verdadeiro profissional, e não algum tipo de...

— O Säpo acredita que Penelope e Björn estavam planejando alguma sabotagem.

— Está me dizendo que Penelope é terrorista? — pergunta Joona, incrédulo. — Você leu o que ela escreveu? Ela é uma pacifista contumaz.

— Ontem um membro da Brigada foi apanhado pelo pessoal do Säpo a caminho do apartamento de Penelope.

— Não tenho ideia de que tipo de organização seria a Brigada.

— Um movimento militante de esquerda de algum modo ligado à Facção Antifascista e à Frente Revolucionária, mas independente. Tem afinidade com a ideologia da Facção do Exército Vermelho e quer ser tão operacional quanto o Mossad.

— Mas você sabe que isso não é verdade — diz Joona.

— Talvez você não *queira* que seja verdade, mas e daí? — diz Carlos. — Enquanto isso, continuaremos a procurar por esses dois. Vamos mapear as correntes e determinar a direção em que o barco ficou à deriva, para podermos começar a dragar a água ou talvez mandar mergulhadores.

— Bem, bom — murmura Joona.

— O que resta é decidir se ou por que eles foram mortos, ou então se estão se escondendo.

Joona abre a porta para o corredor. Para e se vira novamente na direção de Carlos.

— O que aconteceu com o homem da Brigada?

— Foi solto — responde Carlos.

— Descobriram por que ele estava lá? — pergunta Joona.

— Estava apenas fazendo uma visita.

— Fazendo uma visita — suspira Joona. — Foi tudo que o Sapo descobriu?

— Você *não* vai começar a investigar a Brigada — diz Carlos com uma nova preocupação na voz. — Espero que tenha me entendido.

Joona sai e pega seu celular enquanto caminha a passos largos pelo corredor. Ele pode ouvir atrás de si Carlos gritando “*Essa é uma ordem!*” e “*Não pise nos calos do Sapo!*”. Joona segue em frente. Encontra o número de Nathan Pollock.

Nathan atende.

— O que você sabe sobre a Brigada? — pergunta Joona enquanto as portas do elevador se abrem.

— O Sapo tem tentado se infiltrar e está de olho em todos os grupos militantes de esquerda em Estocolmo, Gotemburgo e Malmö nos últimos anos. Não acho a Brigada tão perigosa, mas o Sapo parece acreditar que eles têm armas e explosivos. De qualquer forma, a maioria dos seus membros foi para reformatórios e acabou condenada por crimes violentos.

O elevador desce rapidamente.

— Pelo que entendo, o Sapo prendeu alguém por tentar entrar no apartamento de Penelope Fernandez. Alguém com ligação direta com a Brigada.

— O nome é Daniel Marklund — reponde Nathan. — Faz parte do núcleo central.

— O que sabe sobre ele?

— Não muito — responde Nathan. — Tem uma sentença suspensa por vandalismo e ciberpirataria.

— Por que a casa de Penelope?

O elevador para e as portas se abrem.

— Não sei. Ele não estava armado — diz Nathan. — Exigiu um advogado quando começamos a fazer perguntas. Não respondeu nada e foi solto no mesmo dia.

— Então não sabemos nada.

— Nada.

— Onde posso encontrá-lo? — pergunta Joona.

— Ele não tem endereço. Segundo o Säpo, mora com outros membros do núcleo central na sede da Brigada perto de Zinkensdamm.

Enquanto Joona Linna caminha determinado para o estacionamento sob o parque Rådhus, pensa em Disa e sente o desejo por ela vir do fundo de si. Quer tocar seus braços esguios, cheirar seus cabelos macios. Ele encontra um tipo estranho de paz ao ouvi-la falar sobre suas descobertas arqueológicas: fragmentos de ossos que não estão relacionados a crime algum e restos de humanos que encerraram suas vidas há muitos séculos.

Joona decide ligar para ela. Tem estado ocupado demais ultimamente. Continua a descer para o estacionamento e passa entre os carros parados. Há um sinal de movimento atrás de uma das pilastras de concreto. Alguém espera ao lado do seu Volvo. A figura está parcialmente oculta por um caminhão de lixo — ele quase consegue ver. Nada pode ser ouvido devido ao barulho alto dos grandes ventiladores.

— Isso foi rápido! — Joona grita.

— Teletransporte — retruca Nathan Pollock.

Joona para, fecha os olhos e aperta os dedos nas têmporas.

— Dor de cabeça?

— Não tenho dormido muito.

Eles entram no carro e fecham as portas. Joona vira a chave na ignição e um tango de Astor Piazzola sai dos alto-falantes. Pollock aumenta um pouco o volume: parecem dois violinos ecoando um ao outro.

— Você não ouviu isto de mim, sabe? — diz Nathan.

— Certo.

— Acabei de ouvir do Säpo que vão usar a tentativa de invasão do apartamento de Penelope por Marklund como uma desculpa para atacar o quartel-general da Brigada.

— Preciso alcançar Marklund antes que isso aconteça.

— Então é melhor se apressar.

Joona dá ré, vira e sobe a rampa.

— Apressar quanto?

Ele vira à esquerda na Kugsholmsgatan.

— Eles estão a caminho agora.

— Mostre a entrada do quartel-general da Brigada e depois pode voltar para a delegacia e fingir que não sabe de nada — diz Joona.

— Qual o seu plano?

— Plano?

Nathan ri.

— Bem, o *plano* é descobrir por que Marklund foi ao apartamento de Penelope — explica Joona. — Talvez ele saiba algo sobre o que está acontecendo.

— Mas...

— Não é coincidência que a Brigada tente invadir o apartamento dela exatamente agora. É o que penso. O Säpo acha que a extrema esquerda está planejando algum tipo de ataque, mas...

— Eles sempre pensam isso. É o trabalho deles — diz Pollock, sorrindo.

— De qualquer forma, vou falar com Daniel Marklund antes de largar o caso.

— Mesmo que você chegue lá antes dos meninos do Säpo, acha que a Brigada quer falar com você?

esperando a equipe da swat

Saga Bauer coloca 13 balas no pente e o enfia em sua grande Glock 21 preta. O Sapo está prestes a invadir o quartel-general da Brigada.

Saga está em uma minivan estacionada na Hornsgatan, em frente à Ópera Popular. Está com três colegas, todos à paisana. Em 15 minutos irão para o Nagham Fast Food esperar a equipe da Swat.

Nos meses anteriores chegaram ao Sapo boatos de que extremistas de esquerda estavam agindo. Talvez fossem mais que boatos, mas os melhores estrategistas do Sapo decidiram que muitos desses grupos juntaram forças para planejar algo realmente grande, talvez uma sabotagem com explosivos. Considerando o recente roubo de explosivos de uma instalação militar na ilha de Vaxholm, eles acreditam ser uma possibilidade real.

Os estrategistas também ligaram o assassinato de Viola Fernandez e a tentativa de explodir o apartamento de Penelope Fernandez a esse ataque planejado.

O Sapo acredita que a Brigada é o mais ativo e violento dos grupos radicais de esquerda. Daniel Marklund pertence ao núcleo interno e, segundo a lógica do Sapo, como ele tentou invadir o apartamento de Penelope Fernandez, pode ser o agressor que atacou o detetive Joonas Linna e seu perito.

Göran Stone sorri enquanto coloca o pesado colete à prova de balas.

— Vamos lá pegar esses malditos covardes!

Anders Westlund sorri, mas não consegue esconder o nervosismo. Ele diz:

— Merda, espero que eles resistam. Eu realmente quero pegar um daqueles comunistas!

Saga Bauer está repassando a lembrança de Daniel Marklund sendo apanhado em frente ao apartamento de Penelope Fernandez. Verner Zandén escalara Göran Stone para o interrogatório. Stone fora severo de modo a arrancar algo de Marklund, mas o tiro saía pela culatra. Marklund pedira assessoria legal e depois se calara.

A porta do carro abre e Roland Eriksson entra carregando um saco de marshmallows de banana e uma lata de Coca-Cola.

— Maldição, estou nervoso. Vou atirar no instante em que vir uma arma — diz Roland, e eles percebem o estresse na voz dele. — As coisas podem acontecer rápido, e a única chance que se tem é atirar neles primeiro.

— Você vai seguir o meu plano — diz Göran Stone com firmeza. — Mas se um tiroteio começar você não precisa apontar para as pernas.

— Enfie direto na boca deles — grita Roland.

— Calma — diz Göran.

— O rosto do meu irmão...

— Todos sabemos disso, Roland, cale a porra da sua boca — diz Anders. Ele também está muito nervoso.

— Uma bomba incendiária direto no rosto! — repete Roland em voz alta. — Onze operações depois e ele pode...

— Você consegue dar conta? — pergunta Göran secamente.

— Claro, que merda!

— Tem certeza?

— Estou bem — responde Roland rapidamente. Ele olha pela janela e raspa a unha na tampa de sua lata de rapé.

Saga Bauer abre um pouco a porta para deixar entrar algum ar na van. Ela aceita que é o momento certo para um ataque e que não há motivo para esperar. Ainda assim, quer entender a ligação com Penelope Fernandez. Qual o papel dela na Brigada? E por que a irmã foi morta? Havia muitas coisas que não estavam claras. Ela quer desesperadamente falar outra vez com Daniel Marklund, olhá-lo no olho e fazer algumas perguntas diretas. Tentou falar disso com o chefe. Ela quer respostas antes do ataque. Especialmente se há dúvidas sobre quem estará vivo depois.

Essa investigação ainda é minha!, pensa ela com raiva enquanto sai da van para o calor sufocante da rua.

— A equipe da Swat vai entrar aqui e aqui — diz Göran Stone, batendo com o dedo em uma planta do prédio. — Estamos aqui, e talvez tenhamos de passar por esse teatro...

— Para onde Saga Bauer foi, cacete? — pergunta Roland.

— Talvez esteja menstruada e tenha precisado ir trocar o absorvente! — diz Anders com um sorriso agressivo.

Joona Linna e Nathan Pollock estacionam na Hornsgatan e olham rapidamente uma impressão ruim do retrato de Daniel Marklund. Depois saem, atravessam o tráfego pesado na rua e entram pela porta de um pequeno teatro. O Teatro Tribunal é um grupo independente com ingressos baratos. Peças como *Oresteia* e *O manifesto comunista* foram encenadas ali.

Joona e Nathan descem rapidamente a ampla escadaria e chegam ao bar que também funciona como bilheteria. Uma mulher com uma argola de prata no nariz e cabelos lisos tingidos de preto sorri para eles. Eles balançam a cabeça de modo amistoso, mas passam diretamente por ela sem dar uma palavra.

— Estão procurando alguém? — grita ela enquanto começam a subir uma escada de metal.

— Sim — responde Pollock, mas sua voz é baixa.

Entram em um escritório bagunçado onde há uma copiadora, uma escrivanhinha e um quadro de avisos com recortes de jornal pendurados. Um homem magro de cabelo emaranhado e com um cigarro apagado pendurado na boca está sentado em frente a um computador.

— Oi, Richard — cumprimenta Pollock.

— Quem são vocês? — pergunta o homem, distraído, voltando os olhos para a tela.

Eles atravessam os camarins dos atores — passando por araras de figurinos cuidadosamente pendurados e mesas de maquiagem. Há um buquê de rosas murchas em uma das mesas.

Pollock olha rapidamente ao redor e depois aponta. Vão até uma porta de aço com um cartaz indicando: SALA DE ELETRICIDADE.

— Deve ser aqui — diz Pollock.

— Na sala de eletricidade de um teatro?

Pollock não responde, mas abre a fechadura o mais rápido que pode. Eles olham para um espaço abarrotado com um relógio de luz, um armário de objetos cenográficos e pilhas de caixas. A luz do teto não funciona. Joona passa por cima de sacolas de papel com roupas velhas. Há outra porta atrás de extensões penduradas no teto. Joona a abre e encontra um salão com paredes de cimento nuas. Nathan

Pollock o segue. O ar é estagnado e cheira a lixo e terra molhada. Eles ouvem a distância batidas fracas de música. No piso há um folheto mostrando Che Guevara com um pavio aceso no alto da cabeça.

— A Brigada se esconde aqui há muitos anos — diz Pollock suavemente.

— Deveria ter trazido um bolo para a nossa visitinha — retruca Joona.

— Prometa que será cuidadoso.

— A única coisa que me preocupa é se Daniel Marklund está aqui.

— Ele estará aqui. Está aqui quase sempre.

— Obrigado por sua ajuda, Nathan.

— Será que eu não deveria ir com você? — pergunta Pollock. — Você só tem alguns minutos antes que o Sapo invada o lugar. Pode ficar perigoso.

Os olhos cinzentos de Joona se estreitam.

— Só vou bater um papo.

Nathan começa a voltar ao teatro e tosse ao fechar a porta de aço atrás de si. Joona fica sozinho no corredor vazio por um momento. Saca a pistola e verifica que o pente está cheio antes de recolocá-la no coldre. Começa a andar na direção de outra porta de aço na outra extremidade do corredor.

Perde segundos preciosos arrombando a fechadura.

Alguém raspou “A Brigada” em letras pequenas, não mais de dois centímetros de altura, na tinta azul da porta.

Joona gira a maçaneta e a porta se abre lentamente. Ele é recebido por uma música alta, aguda; parece uma versão reprocessada eletronicamente de “Machine Gun” de Jimi Hendrix. As guitarras que guincham têm uma batida onírica, devoradora. Elas engolem tudo mais.

Joona fecha a porta atrás de si e continua a avançar, quase correndo, para um espaço cheio de lixo. Montes de livros e revistas chegam ao teto. Embora esteja escuro, Joona percebe que as pilhas de livros não são aleatórias, foram criadas como uma espécie de labirinto levando a outras portas. Ele abre caminho rapidamente até uma área pouco iluminada. O caminho bifurca ali e ele continua pela direita, mas retorna rapidamente. Pensa ter visto um movimento apressado com o canto do olho. Mas não tem certeza.

Joona avança, apertando os olhos para ver mais. Uma lâmpada balança na ponta de um fio preso ao teto. De repente, acima da música, Joona ouve um rugido. Alguém está gritando por trás de paredes que abafam o som. Joona para, recua e olha para uma passagem estreita onde uma pilha de revistas escorregou e está esparramada no chão.

A cabeça de Joona começa a doer. Ele acha que deveria ter comido algo. Deveria ter levado algo com ele. Alguns pedaços de chocolate amargo seriam suficientes.

Ele passa por cima das revistas e chega a uma escada em espiral que leva ao andar de baixo. Sente uma fumaça doce no ar. Agarrando o corrimão com firmeza, tenta se esgueirar o mais silenciosamente possível, mas não consegue calar seus sapatos nos degraus de metal. No ponto mais baixo ele para diante de uma cortina de veludo fechada. Coloca a mão sobre a pistola no coldre.

A música ali é mais fraca.

Uma luminária de plástico em formato de palhaço com uma lâmpada vermelha no lugar do nariz está no canto, e mais luz vermelha passa por uma abertura na cortina. Joona tenta espiar do lado de dentro, mas a fresta é pequena demais. Hesita, depois passa rapidamente pela cortina, entrando na sala. Sua pulsação é forte e a cabeça lateja enquanto varre o espaço com os olhos. No chão de cimento há uma espingarda de cano duplo e uma caixa de cartuchos aberta. Eles têm esferas de chumbo, do tipo que produz um dano considerável. Em uma cadeira de escritório está sentado um jovem nu, fumando; seus olhos estão fechados. Não pode ser Daniel Marklund, pensa Joona. Uma garota loura com seios nus está sobre um colchão, as costas apoiadas na parede, um cobertor do exército ao redor dos quadris. Ela olha para Joona, manda um beijo e então, despreocupada, toma um gole de cerveja de uma lata.

Outro grito vem de detrás da única porta aberta.

Joona fica de olho nos dois enquanto pega a espingarda, aponta os canos para baixo e pisa com força neles até estarem curvados.

A mulher baixa a lata de cerveja e coça a axila, distraída.

Joona recoloca a espingarda no chão gentilmente. Passa pela mulher e entra em um corredor com teto baixo feito de alambrado e fibra de vidro. Uma fumaça de charuto pesada paira no ar. Uma luz intensa bate em seu rosto, e ele protege os olhos com a mão. O final do corredor é obscurecido por faixas de plástico industrial branco. Cego, Joona não consegue ver o que está acontecendo. Pode perceber movimento e ouvir uma voz ecoando, tomada de medo e terror. Alguém perto de repente grita alto. É um grito do fundo da garganta seguido por engasgos rápidos. Joona passa pela luminária ofuscante e então consegue ver o espaço atrás do plástico grosso.

Nuvens de fumaça rodopiam no ar. Uma mulher baixa e musculosa de jeans pretos e agasalho com capuz está de pé diante de um homem vestindo apenas roupa de baixo e meias. A cabeça é raspada, e em sua testa há uma tatuagem da Supremacia Branca. Ele mordera a língua e o sangue escorre por seu queixo, seu pescoço e sua barriga. *“Por favor”*, ele implora.

A mulher ergue um charuto e então o baixa, apertando a ponta brilhante bem em cima da tatuagem. O homem grita. A barriga grande e os peitos pendurados sacodem. Ele está se urinando. Uma mancha escura se espalha sobre a cueca azul e

a urina escorre pelas pernas nuas.

Atrás da cortina de plástico resistente Joona havia sacado sua arma. Ele tenta ver se há mais alguém na sala, mas não consegue. Está prestes a gritar... Então sua arma cai de sua mão.

Ela bate no concreto e escorrega para perto do plástico. Joona baixa os olhos para a mão, a vê tremendo e no momento seguinte sente uma dor terrível. Perde a visão e sente apenas um movimento pesado dentro de sua testa. Estica a mão para a parede em uma tentativa de permanecer de pé. Teme estar prestes a perder a consciência. Mas ainda pode ouvir as vozes atrás da cortina.

— Apenas admita a merda que fez! — berra a mulher com o charuto.

— Eu não lembro — grita o neonazista.

— O que você fez?

— Agredi um cara.

— Confesse exatamente o que fez!

— Queimei o olho dele.

— Isso! Você usou um cigarro para queimar o olho de um garoto de 10 anos.

— Sim, mas eu...

— O que ele fez a você?

— Nós o seguimos da sinagoga até...

Joona não percebe que agarrou um extintor de incêndio, um dos grandes, e está caindo com ele. Já não tem qualquer noção de tempo ou de onde está. A dor em sua cabeça e um violento zumbido nos ouvidos são tudo que ele sabe.

Atrás dos véus escuros da dor Joona sente a mão dela em suas costas.

— O que está acontecendo? — pergunta Saga Bauer em voz baixa. — Está ferido?

Ele tenta balançar a cabeça, mas a dor é demais para falar. É como se um gancho o estivesse puxando pelo cérebro: através da pele, do crânio, das membranas cerebrais e do pesado fluido cerebral flutuante.

Ele cai de joelhos.

— Você tem de sair daqui — diz Saga.

Ele a sente erguer seu rosto, mas não consegue ver nada. Todo o corpo está banhado do suor que escorre de axilas, pescoço, costas.

Saga está vasculhando suas roupas. Pensa que ele está tendo um ataque epilético e tenta encontrar algum remédio nos bolsos. Joona se dá conta de que ela está abrindo sua carteira e procurando o sinal da chama, símbolo dos epiléticos.

A dor começa a diminuir. Joona umedece os lábios com a língua. Ergue os olhos. O maxilar está trincado e todo o corpo dói com o ataque de enxaqueca.

— Vocês ainda não podem entrar lá — sussurra. — Eu tenho de...

— Que porra aconteceu aqui?

— Nada — responde Joona, pegando sua arma no chão.

Ele fica de pé e passa cambaleando o mais rápido que consegue pela cortina de plástico e entra na sala. Está vazia. Um sinal de saída de emergência está aceso do outro lado. Saga o segue e o questiona com o olhar. Joona abre a porta de emergência e vê meio lance de escadas íngremes levando a uma porta de aço no nível da rua.

— *Perkele* — pragueja em finlandês.

— Fale comigo! — diz Saga com raiva.

Joona sempre afasta da consciência a causa direta de sua doença o máximo que pode. Houve um incidente muitos anos antes... Continua a causar nele aquela dor latejante, tão violenta que ele quase desmaia. Mas se recusa a pensar no incidente.

O médico diz ser uma forma extrema de enxaqueca com uma causa física. A droga contra epilepsia, topiramato, é o único remédio que parece ajudar. Joona deveria tomar diariamente, mas quando está trabalhando e precisa da mente clara ele

não toma. O remédio não apenas o deixa cansado, como embota seu cérebro. Sabe que é como uma roleta-russa. Sem o medicamento ele pode passar semanas sem a enxaqueca, mas também pode ser acometido por uma em poucos dias.

— Eles estavam torturando um cara... um neonazista, acho, mas...

— Torturando?

— Com um charuto — responde enquanto se vira e volta para o corredor.

— O que aconteceu?

— Eu... não consegui...

— Mas, Joona — diz Saga, insegura. — Talvez... se você tem um problema físico, não deveria estar trabalhando... em campo, quer dizer...

Ela leva a mão ao rosto.

— Que merda de situação — sussurra.

Joona caminha na direção da sala com a luminária de palhaço e ouve os passos de Saga atrás dele.

— E por que você está aqui, cacete? — pergunta às costas dele. — A equipe tática do Sapo vai invadir este lugar a qualquer momento. Se eles veem aquela arma na sua mão, atiram primeiro e fazem perguntas depois... Estará escuro, haverá gás lacrimogêneo...

— Preciso falar com Daniel Marklund — diz Joona, teimoso.

— Você não deveria sequer saber dele! — exclama enquanto o segue escada em espiral acima. — Quem lhe contou sobre ele?

Joona começa a seguir por outro corredor, mas para quando vê Saga indicando um caminho diferente. Ele a segue, mas saca a arma quando ela começa a correr. Ambos fazem uma curva e Joona a ouve gritar algo.

Saga parou em uma sala com cinco computadores. Em um dos cantos está um homem com cabelos sujos e barba. Ele corresponde à fotografia de Daniel Marklund na cabeça de Joona. Os lábios dele parecem estar secos. Ele os lambe. Ele segura uma baioneta russa em um dos punhos.

— Polícia — diz Saga, mostrando seu distintivo. — Baixe a faca.

O jovem balança a cabeça e agita a faca na sua frente, lançando a lâmina em diferentes direções.

— Só precisamos falar com você — diz Joona enquanto guarda a arma.

— Então fale.

Joona se aproxima, olhando nos olhos assustados do jovem, ignorando completamente a faca brandida em sua direção. Ignora a ponta afiada.

— Daniel, você não é bom nisso — diz com um sorriso.

Joona pode sentir o cheiro de óleo da arma na lâmina.

Daniel está brandindo a baioneta em círculos mais rápidos, e tem uma expressão de concentração. Ele rosna:

— Não pense que apenas finlandeses são bons em...

Rápido como um raio, Joona agarra o pulso do homem, o torce e arranca a faca. Ele a coloca na mesa suavemente.

A sala está silenciosa. Os homens se encaram, e então Daniel Marklund dá de ombros.

— Normalmente eu só lido com os computadores — diz, como que se desculpando.

— Eles vão invadir a qualquer momento — diz Joona com urgência. — Diga por que foi à casa de Penelope Fernandez.

— Só passei para dizer oi.

— Daniel — diz Joona, soturno. — Essa coisa da faca pode dar a você uma pena de prisão. Mas neste momento eu tenho coisas mais importantes a resolver. Não me faça perder tempo.

— Penelope pertence à Brigada? — pergunta Saga rapidamente.

— Penelope Fernandez? — Daniel Marklund sorri. — Ela é contra nós. Deixou isso bem claro.

— Então qual a ligação?

— O que significa ser contra vocês? — corta Saga. — Está havendo uma disputa de poder?

— O Sapo não sabe nada? — pergunta Daniel com um sorriso cansado. — Penelope Fernandez é uma pacifista. Acredita piamente na democracia. Então não gosta de nossos métodos; mas nós gostamos dela.

Ele se senta em uma cadeira em frente a dois computadores.

— Gostam dela.

— Nós a respeitamos.

— Por quê? — pergunta Saga. — Por que vocês deveriam...

— Vocês realmente não sabem quanto algumas pessoas a odeiam, não é? Por que vocês não jogam o nome dela no Google? Já disseram algumas coisas bastante brutais sobre ela, e sempre há gente que vai longe demais.

— O que quer dizer com “vai longe demais”?

Daniel lança um olhar questionador.

— Vocês sabem que ela desapareceu, não sabem?

— Sim — responde Saga.

— Isso é bom — diz ele. — Embora eu realmente não espere que a polícia vá se esforçar muito para encontrá-la. Por isso fui à casa dela. Queria verificar o computador para descobrir quem poderia estar por trás disso. Quer dizer, havia um grupo, o Movimento de Resistência Sueco, que em abril passado enviou uma mensagem aos seus integrantes dizendo-lhes para sequestrar “a piranha comunista Penelope Fernandez” e transformá-la em escrava sexual do movimento. Mas vejam

isto.

Daniel Marklund aperta algumas teclas de seus computadores e vira a tela para Joona.

— Este está ligado à Irmandade Ariana.

Joona dá uma espiada em uma página de bate-papo vulgar sobre pênis arianos e como eles iriam executar Penelope.

— Mas não acho que esses grupos estejam envolvidos — diz Joona.

— Não foram eles? Então quem? A Irmandade do Norte — especula Daniel, ansioso para ajudar. — Vocês precisam ir! Não é tarde demais!

— Como você sabe?

— Vocês sempre são lentos demais. Dessa vez eu peguei uma mensagem na secretária eletrônica da mãe. Isso dá uma vantagem a vocês. Ainda não estão tão atrasados.

— Você pegou o quê? — pergunta Joona.

— Ela tentou ligar para a mãe ontem de manhã — responde o jovem enquanto coça os cabelos sujos.

— Penelope telefonou?

— Sim, foi ela.

— O que ela disse? — pergunta Saga, sem fôlego.

— O Sapo não tem o monopólio de escutar telefonemas — diz Daniel com um sorriso malicioso.

— O que Penelope disse? — repete Joona, elevando o tom de voz.

— Que estão atrás dela — responde Daniel.

— O que ela disse exatamente?

Daniel dá uma espiada em Saga Bauer e pergunta:

— Quanto tempo ainda temos?

Saga confere o relógio.

— Três ou quatro minutos. Talvez.

— Então escutem isto — diz Daniel, apertando mais algumas teclas no segundo computador.

Há um chiado nos alto-falantes, depois um clique, e se ouve o recado de Claudia Fernandez. Três tons rápidos são ouvidos, seguidos por ruídos estalados evidenciando uma péssima ligação. Sob todo o barulho é possível escutar uma voz fraca. Voz de mulher. É difícil entender o que é dito. Alguns segundos depois um homem grita “Arrume um emprego!”. Então a ligação cai.

— Vou tentar novamente com os filtros — murmura Daniel.

— Estamos ficando sem tempo — alerta Saga.

Daniel gira um dial, olha para as curvas de som que se cruzam e toca a gravação novamente.

— Aqui é Claudia Fernandez. Não posso atender agora, mas, por favor, deixe uma mensagem e ligarei de volta assim que puder.

Os três sinais soam diferentes dessa vez. Os estalos são um ruído metálico ao fundo.

E a voz de Penelope é clara.

— Mãe, preciso de ajuda. Estão atrás de mim...

— Arrume um emprego! — diz uma voz de homem, e depois tudo fica em silêncio.

trabalho policial de verdade

Saga Bauer confere o relógio e diz que eles precisam ir. Daniel Marklund faz uma piada desanimada sobre erguer barricadas, mas seu olhar é de medo.

— Vamos atacar com força — diz Saga. — Esconda aquela faca. Não resista de modo algum. Desista imediatamente, mãos para cima, e não faça qualquer movimento repentino.

Ela e Joona deixam a pequena sala.

Daniel os observa partir e, ainda sentado na cadeira da escrivaninha, joga a baioneta na cesta de lixo.

Joona e Saga abrem caminho pelo quartel-general labiríntico da Brigada e saem para a Hornsgatan. Saga se junta novamente à força-tarefa de Göran. Estão reunidos na Nagham Fast Food, comendo batatas fritas. Seus olhos estão brilhantes e severos enquanto esperam ordens.

Passaram-se dois minutos quando 15 policiais fortemente armados saem de quatro picapes pretas. A equipe da Swat força todas as entradas e enche o interior com gás lacrimogêneo. Assim que entram, encontram cinco jovens sentados no chão com as mãos nas cabeças. Eles são levados para fora com as mãos presas por braçadeiras.

A polícia de segurança apreende as armas da Brigada: uma velha pistola militar, um Colt, assim como um rifle decorativo, uma espingarda com os canos amassados e uma caixa de cartuchos. Além disso, quatro facas e duas shuriken. Eles estavam muito mal armados.

* * *

Dirigindo pela Söder Mälarstrand, Joona pega seu celular e liga para o chefe. Carlos atende após dois toques, apertando o botão com a caneta.

— O que está achando da Academia de Polícia, Joona? — pergunta.

— Não estou nela.

— Eu sei, já que...

— Penelope Fernandez ainda está viva — interrompe Joona. — Está fugindo para salvar a vida.

— Quem diz isso?

— Ela diz isso. Deixou uma mensagem na secretária eletrônica da mãe.

Há silêncio do lado de Carlos. Então ele respira fundo.

— Certo. Ela está viva. Tudo bem... O que mais sabemos? Ela está viva, mas...

— Sabemos que ela estava viva há trinta horas, no momento em que fez a ligação — diz Joona. — E que alguém está atrás dela.

— Quem?

— Ela não conseguiu dizer, mas... Se for o mesmo homem com o qual me deparei, decididamente não temos tempo a perder.

— Você disse que acredita que esse homem é um assassino profissional.

— Tenho certeza absoluta. O homem que atacou Erixson e eu era um matador profissional... Um *grob*.

— *Grob*?

— “Cova” em sérvio. Esses sujeitos são caros. Normalmente trabalham sozinhos. São bem-remunerados para seguir ordens precisamente.

— Tudo isso parece um pouco improvável.

— Mas eu estou certo — diz Joona, teimoso.

— Você sempre diz isso, mas como Penelope escapou desse tipo de assassino?

Já se passaram dois dias — diz Carlos.

— Se ela ainda está viva é porque as prioridades dele mudaram.

— Você ainda acha que ele está procurando algo?

— Sim — responde Joona.

— O que é?

— Não tenho certeza, mas talvez uma foto...

— Por que acha isso?

— É minha melhor teoria no momento. — Joona relata rapidamente o que encontrou no apartamento de Penelope: os livros tirados da prateleira, a foto com os versos, a visita de Björn e ele apoiando a mão na barriga quando saiu, a impressão palmar na porta de vidro, os pedaços de fita e o canto de uma fotografia.

— Então você acha que o assassino está atrás dessa foto?

— Acredito que ele começou no apartamento de Björn. Como não encontrou o que estava procurando, derramou gasolina e colocou o ferro de passar da vizinha no máximo. O alarme foi dado aos bombeiros às 11h05 daquela manhã, e, antes mesmo que pudessem controlar o fogo, o andar inteiro havia sido destruído.

— Naquela tarde ele mata Viola.

— Ele provavelmente supôs que Björn havia levado a fotografia para o barco, então os seguiu, subiu a bordo, afogou Viola e depois vasculhou o barco inteiro com

a intenção de afundá-lo depois. Algo fez com que mudasse de ideia. Ele deixou o arquipélago, retornou a Estocolmo e vasculhou o apartamento de Penelope...

— Você não acha que ele encontrou a fotografia, acha? — pergunta Carlos.

— Ou Björn está com ela ou a escondeu na casa de um amigo ou em um cofre de banco. Na verdade, em qualquer lugar.

Silêncio na linha. Joona pode ouvir Carlos respirar fundo.

— Mas, se a encontrarmos primeiro — diz Carlos, pensando em voz alta — e esse assassino descobrir que estamos com ela, tudo isso termina.

— Isso mesmo — diz Joona.

— Porque... Caso nós da força, nós da polícia, a virmos, não será mais segredo. Deixará de ser algo pelo qual se deve matar alguém.

— Só espero que seja tão fácil quanto você faz parecer.

— Joona, não posso... Não posso tirar esse caso de Petter, mas presumo...

— ... que eu estarei ocupado palestrando na Academia de Polícia — diz Joona.

— É tudo de que preciso saber — diz Carlos com uma risada.

A caminho de Kungsholm, Joona verifica a caixa postal do celular e encontra mensagens de Erixson. Na primeira Erixson diz que pode ajudar trabalhando do hospital. Após trinta minutos, pergunta se não pode fazer parte do trabalho de campo e 27 minutos depois grita que vai enlouquecer sem nada para fazer. Joona liga para ele e depois de dois toques ouve a voz cansada de Erixson dizer “*Quack*”.

— Então demorei demais? — pergunta Joona. — Você já enlouqueceu?

Erixson soluça em resposta.

— Não sei o que você sabe — diz Joona. — Mas estamos correndo. Ontem de manhã Penelope Fernandez deixou uma mensagem na secretária eletrônica da mãe.

— Ontem? — pergunta Erixson, imediatamente alerta.

— Disse que alguém a estava perseguindo.

— Você está vindo para cá? — pergunta Erixson.

Há um barulho na linha e Erixson pede que alguém o deixe em paz, Joona ouve a voz rígida de uma mulher avisando que está na hora da fisioterapia e Erixson sibilando de volta a resposta de que está em um telefonema particular.

Erixson pressiona Joona em busca de informações, e Joona obedece. Explica que Penelope e Björn não estavam juntos no apartamento da Sankt Paulsgatan na noite de quinta-feira. Ela foi apanhada por um táxi exatamente às 6h40 e levada para a emissora de televisão para um debate. Alguns minutos depois que o táxi saiu Björn entrou no apartamento. Joona conta a Erixson sobre a impressão palmar na porta de vidro, a fita e o canto rasgado da fotografia. Diz estar convencido de que Björn esperou Penelope deixar o apartamento para poder pegar a foto rapidamente sem que ela soubesse.

— E acredito que a pessoa que nos atacou é um assassino de aluguel e estava

procurando aquela fotografia quando o surpreendemos.

— Talvez — sussurra Erixson.

— A prioridade dele não era nos matar. Só queria sair do apartamento — diz Joona.

— Do contrário estaríamos mortos.

— Podemos concluir que o assassino ainda não está com a fotografia — continua Joona. — Caso a tivesse encontrado no barco não teria se incomodado com o apartamento de Penelope.

— E não está na casa dela porque Björn já havia apanhado.

— Minha teoria é que sua tentativa de explodir o lugar significa que o homem por trás de tudo isso não precisa realmente da foto em suas mãos, apenas a quer destruída.

— Mas por que uma fotografia assim estava pendurada na porta da sala de Penelope? E por que ela é tão drasticamente importante? — pergunta Erixson.

— Tenho algumas teorias — diz Joona. — O mais provável é que Björn e Penelope tiraram uma fotografia de algo e a deixaram bem à vista porque não se deram conta de que documentava alguma prova, e o que essa prova realmente significava.

— Certo — diz Erixson com um risinho.

— Pelo que sabiam, a foto não era algo que precisassem esconder, muito menos que alguém estivesse disposto a matar por ela.

— Mas então Björn muda de ideia.

— Ele talvez tenha descoberto algo. Talvez tenha se dado conta de que é perigosa, e por isso foi pegá-la — diz Joona. — Ainda há muito que não sabemos. Agora temos apenas de fazer o tedioso trabalho policial de rotina.

— Exatamente! — exclama Erixson.

— Você pode juntar tudo que encontrar, todos os telefonemas feitos na última semana? Todas as mensagens de texto? E os saques bancários? Todas essas coisas: recibos, bilhetes de ônibus, reuniões, atividades, horas de trabalho...

— Certamente posso!

— Por outro lado, talvez você queira apenas esquecer tudo isso — diz Joona. — Não está na hora da sua fisioterapia?

— Você está brincando? — reage Erixson, quase sem conseguir conter a indignação. — Aliás, o que é fisioterapia senão desemprego disfarçado?

— Mas você realmente precisa descansar — provoca Joona. — Talvez outro perito...

— Eu estou enlouquecendo sentado aqui!

— Mas você só está de licença há seis horas.

— Estou subindo pelas paredes.

Joona está dirigindo rumo leste na direção de Gustavsberg. *Eu devia ligar para Disa*, pensa. Em vez disso, liga para Anja.

— Preciso do endereço de Claudia Fernandez.

— Mariagatan, 5 — responde imediatamente. — Perto da velha fábrica de porcelana.

— Obrigado.

Anja permanece na linha.

— Estou esperando — diz ela, a voz provocante.

— Esperando o quê? — pergunta ele suavemente.

— Você me dizer que temos passagens de barco para a Finlândia. Vamos alugar um chalé com sauna a lenha perto da água.

— Parece bom — diz Joona, hesitante.

O clima está cinzento, enevoadado e extremamente úmido enquanto Joona estaciona em frente à casa de Claudia Fernandez. Ele salta e sente o cheiro amargo de pés de cassis e musgo. Fica imóvel por um momento, perdido em uma lembrança. O rosto que ele viu desaparece enquanto toca a campainha. A placa com o nome parece ter saído de uma aula de marcenaria. “Fernandez” está escrito em letras infantilmente queimadas na madeira.

O toque melodioso da campainha ecoa dentro da casa. Ele espera. Após alguns instantes, ouve passos se aproximando.

Claudia tem uma expressão preocupada quando abre a porta. Ao ver Joona, recua para o corredor, derrubando um casaco pendurado no gancho.

— Não — sussurra ela. — Não Penny...

— Claudia, por favor, não trago más notícias — diz Joona rapidamente.

Claudia não consegue ficar de pé e cai no chão entre os sapatos, abaixo dos casacos. Respira como um animal assustado.

— O que aconteceu? — pergunta com uma voz temerosa.

Joona se inclina na direção dela.

— Ainda não sabemos muito, mas ontem Penelope tentou ligar para você.

— Ela está viva — sussurra Claudia.

— Até agora — responde Joona.

— Obrigada, Senhor. Obrigada, obrigada! — sussurra Claudia novamente.
— Receptamos uma mensagem em sua secretária eletrônica.
— Ai, meu... Não, isso não é possível — diz, se levantando com a ajuda dele.
— Havia muita estática. Precisamos de um especialista para recuperar a voz — explica Joona.

— A única coisa que ouvi foi um homem que me mandou arrumar um emprego!
— Foi essa — diz Joona. — Penelope fala primeiro, mas mal pode ser ouvida.
— O que ela diz?
— Diz que precisa de ajuda. A guarda costeira quer organizar um grupo de busca.

— Mas para rastrear o telefone...
— Claudia — diz Joona, tranquilizador. — Preciso lhe fazer algumas perguntas.
— Que tipo de pergunta?
— Por que não nos sentamos?
Eles seguem pelo corredor até a cozinha.
— Joona Linna, posso perguntar uma coisa? — pergunta ela, timidamente.
— Você pode perguntar, mas pode ser que eu não seja capaz de responder.
Claudia coloca xícaras de café na mesa para os dois. A mão treme levemente.
Ela se senta na frente dele e o fita por um bom tempo.

— Você tem família, não? — pergunta ela.
Está absolutamente silencioso na cozinha iluminada pintada de amarelo.
Por fim, Joona preenche o silêncio.
— Lembra-se da última vez em que estive no apartamento de Penelope?
— Semana passada. Terça-feira. Ela me ajudou a fazer bainha em calças para Viola.

A boca de Claudia treme.
— Pense com cuidado, Claudia — diz ele, se inclinando para a frente. — Você viu uma fotografia presa com fita na porta de vidro?
— Sim.
— O que a foto mostrava? — pergunta Joona, tentando manter a voz calma.
— Não sei. Não prestei atenção.
— Mas tem certeza de que viu uma fotografia?
— Sim — responde Claudia, balançando a cabeça.
— Será que havia pessoas na foto?
— Não sei. Achei que tinha algo a ver com o trabalho dela.
— A foto foi tirada dentro de algum lugar ou ao ar livre?
— Não faço ideia.
— Tente visualizá-la em sua mente.
Claudia fecha os olhos. Balança a cabeça.

— Lamento, não consigo.

Ela baixa os olhos e balança a cabeça novamente.

— Só me lembro de ter pensado que era estranho ela ter pendurado aquela foto na porta porque não era uma foto especialmente boa.

— Por que você acha que tinha algo a ver com o trabalho dela?

— Não sei — sussurra Claudia.

O celular de Joona toca dentro do paletó. Ele o apanha, vê que é Carlos e atende.

— Estou aqui.

— Acabei de falar com Lance e a guarda costeira em Dalarö. Ele diz que prepararam uma busca organizada que começa amanhã. Trezentas pessoas e quase cinquenta barcos concordaram em participar.

— Isso é bom — diz Joona. Ele vê Claudia se levantar e ir ao saguão.

— E depois liguei para Erixson para saber como ele está — diz Carlos.

— Ele parece bem — diz Joona em tom neutro.

— Joona, não tenho ideia do que você está fazendo, mas Erixson me alertou que você está prestes a acertar novamente.

Assim que a ligação é encerrada, Joona segue Claudia até o saguão. Ela vestiu o casaco e está calçando botas.

— Ouvi o que aquele homem disse ao telefone — diz Claudia. — Posso ajudar a procurar. Posso procurar a noite toda se...

Ela abre a porta.

— Claudia, você precisa deixar a polícia cuidar disso.

— Minha filha me ligou e precisa da minha ajuda.

— Sei que é difícil sentar e esperar...

— Mas, por favor, não posso ir com você? Não vou ficar no caminho! Posso fazer comida e atender ao telefone para você não precisar se preocupar com isso.

— Há alguém que possa ficar aqui com você? Um parente ou um amigo?

— Não quero mais ninguém aqui. Só quero minha Penny!

Erixson segura um mapa no colo, além de uma grande pasta que um portador levou para ele no quarto do hospital. Está se refrescando com um ventilador de mão enquanto Joona o empurra pelos corredores do hospital na cadeira de rodas.

Seu tendão de aquiles foi suturado, e em vez de gesso seu pé está fixado em uma bota especial com os dedos virados para baixo. Ele resmunga que só precisa de uma sapatilha no outro pé e estará pronto para dançar *O lago dos cisnes*.

Joona cumprimenta com um aceno de cabeça, simpático, duas senhoras idosas sentadas de mãos dadas em um sofá. Elas dão um risinho, sussurram uma para a outra e depois acenam para ele como se fossem colegiais.

— Na mesma manhã em que eles saíram de barco — Erixson estava dizendo —, Björn comprou um envelope e dois selos na Estação Central. Ele tinha um recibo da Pressbyrån na carteira, que encontramos no barco. Forcei a empresa de segurança a mandar a fita da câmera de segurança. Realmente parece que ele estava enviando uma fotografia, como você disse o tempo todo.

— Então, para quem ele está enviando a fotografia? — pergunta Joona.

— Não conseguimos ler o endereço no envelope.

— Talvez para ele mesmo.

— Mas o apartamento dele está tão queimado que nem sequer tem porta — diz Erixson.

— Ligue para os correios e pergunte a eles.

Enquanto entram no elevador Erixson começa a fazer estranhos movimentos de natação com os braços. Joona olha para ele calmo, mas não faz perguntas.

— Jasmin diz que é bom para mim — explica Erixson.

— Quem é Jasmin?

— Minha fisioterapeuta. Ela parece um doce de menina, mas é osso duro de roer: *Fique quieto, pare de reclamar, sente direito*. Ela até mesmo me chamou de barrigudo. — Erixson sorri envergonhado enquanto saem para o corredor.

Eles entram em uma pequena capela. Tem um altar simples com uma cruz de madeira lisa pendurada em um suporte de 1 metro de comprimento. Também há uma tapeçaria na parede, uma imagem de Cristo cercada por uma série de triângulos coloridos.

No saguão, Joona tira de um armário um cavalete com um grande bloco de folhas e canetas hidrográficas que guardara mais cedo. De volta à capela, ele vê que Erixson já tirou a tapeçaria de Cristo e a colocou sobre a cruz, que está apoiada em um canto.

— Só o que sabemos é que pelo menos uma pessoa está disposta a matar por causa dessa fotografia — diz Joona.

— Sim, mas por quê?

Erixson tira um bastão de cola de seu material e prende os saques bancários de Björn Almskog na parede. Também coloca listas de cada telefonema, cópias de passagens de ônibus, recibos da carteira de Björn e recados da caixa postal do celular que coletaram.

— Essa fotografia deve revelar algo tão importante que alguém está desesperado para manter em segredo — diz Joona, tirando uma caneta e começando a traçar uma linha do tempo no bloco.

— Certo — responde Erixson.

— Então vamos detê-lo achando essa foto — diz Joona.

6h40 Penelope pega um táxi em seu apartamento

6h45 Björn chega ao apartamento de Penelope

6h48 Björn deixa o apartamento com a fotografia

7h07 Björn envia a foto da Pressbyrån na Estação Central

Erixson se aproxima para analisar cuidadosamente cada ponto enquanto arranca a embalagem e o papel alumínio de uma barra de chocolate.

— Penelope Fernandez sai do estúdio de televisão e liga para Björn dez minutos depois — diz, apontando para a lista com os telefonemas. — O recibo do transporte marca 10h30. Sua irmã mais nova, Viola, liga para Penelope às 10h45. Penelope provavelmente já está com Björn na marina de Långholmen.

— Mas o que Björn fez enquanto isso?

— É o que precisamos descobrir — diz Erixson contente, limpando os dedos com um lenço branco.

Erixson rola a cadeira de rodas ao longo da parede e aponta para outro recibo de transporte.

— Björn deixa o apartamento de Penelope com a fotografia. Pega o metrô e às 7h07 compra o envelope e dois selos.

— E envia a carta — diz Joona.

Erixson pigarreia e continua.

— A prova seguinte é uma transação com seu cartão Visa. Ele paga 20 coroas no Dreambow Internet Café na Vattugatan às 7h35.

— Cinco minutos depois de 7h30 — diz Joona enquanto escreve na cronologia.

— Em que maldito lugar fica Vättugatan?

— É uma ruazinha pequena — diz Joona. — No velho bairro Klara.

Erixson balança a cabeça e continua:

— Imagino que Björn continua na mesma viagem para Fridhemsplan. Depois disso temos um telefonema de sua linha fixa no apartamento. É um telefonema não atendido para seu pai, Greger Almskog.

— Teremos de perguntar ao pai sobre isso.

— A prova seguinte é um novo recibo que registra o horário de 9 horas. Aparentemente ele apanhou o ônibus número 4 de Fridhemsplan para Högalindsgatan, em Södermalm. De lá foi para o barco no porto de Långholmen.

Joona coloca as últimas anotações no papel e depois recua para dar uma boa olhada na cronologia daquela manhã.

— Então Björn está com bastante pressa de apanhar aquela fotografia — diz Erixson. — Mas não quer encontrar Penelope, então espera que ela saia, entra rapidamente, a arranca do vidro, sai do apartamento e segue para a Estação Central.

— Quero olhar todas as fitas de segurança — diz Joona.

— Depois disso Björn vai para um cibercafé próximo, fica lá cerca de uma hora, no máximo, e depois vai...

— É isso — diz Joona.

— É isso o quê?

— Björn e Penelope têm acesso à internet em casa.

— Então por que ele iria para um cibercafé?

— Vou para lá agora — diz Joona, já saindo da sala.

O detetive Joona Linna entra na Vattugatan saindo da praça Brunkeberg, atrás do Teatro da Cidade. Ele estaciona, sai do carro e passa apressado por uma porta de metal sem placa, depois desce uma calçada de cimento íngreme.

O Dreambow Internet Café está silencioso. O piso acabou de ser esfregado. O cheiro de limão e plástico paira no ar. Cadeiras de plástico brilhantes foram empurradas para baixo de pequenas mesas de computador. Nada se move além dos descansos de tela nos monitores. Um homem roliço com cavanhaque pontudo está apoiado em um balcão alto, tomando café de uma caneca com a inscrição “Lennart means Lion”. Seus jeans são largos, e o cadarço de um de seus tênis Reebok está desamarrado.

— Preciso de um computador — diz Joona antes mesmo de chegar perto do homem.

— Entre na fila — ironiza o homem fazendo um gesto amplo para os lugares vazios na sala.

— Preciso de um computador específico — continua. — Um amigo meu esteve aqui sexta-feira passada pela manhã e eu preciso usar o mesmo computador que ele usou.

— Não sei se posso revelar...

Joona se curva e amarra o cadarço solto do homem.

— É extremamente importante.

— Vou dar uma olhada no registro de sexta-feira — diz o homem, um rubor constrangido tomando suas bochechas. — Qual o nome dele?

— Björn Almskog — diz Joona.

— Ele usou o número 5, aquele no canto — diz o homem. — Preciso ver sua identidade.

Joona entrega seu distintivo da polícia, e o homem parece confuso enquanto anota tudo no registro.

— Vá em frente e comece a navegar.

— Obrigado — diz Joona em tom amistoso enquanto vai na direção do computador número 5.

Joona pega o celular e liga para Johan Jönson, um jovem no departamento de

crimes cibernéticos do DIC.

— Só um mo... — atende uma voz rascante. — Acabei de engolir um pedaço de papel... Um lenço velho... Assoei o nariz e respirei ao mesmo tempo para espirrar e... Não, eu realmente não tenho energia para explicar tudo. Com quem estou falando?

— Joona Linna, detetive do Departamento Nacional de Investigação Criminal.

— Ah, maldição. Oi, Joona, que surpresa.

— Você já parece melhor.

— Sim, eu engoli.

— Preciso ver o que um sujeito estava fazendo em um computador sexta-feira passada.

— Não diga mais nada!

— Tenho pressa. Estou sentado em um cibercafé.

— Está na mesma máquina que ele usou?

— Bem na minha frente.

— Muito mais fácil. Muito mais fácil. Tente encontrar Histórico. Provavelmente foi apagado. É o que eles fazem após cada usuário, mas sempre sobra alguma coisa no disco rígido. Tudo que você tem a fazer é... Ou, na verdade, o melhor a ser feito é pegar a coisa e trazer para mim para que eu possa examinar o disco rígido com um programa que projetei para...

— Encontre-me em meia hora na capela do Hospital Saint Göran — ordena Joona enquanto desliga o computador, coloca a torre sob o braço e se encaminha à saída.

O homem com a caneca de café olha para ele, atônito, e tenta barrá-lo.

— Ei, espere! O computador não pode sair daqui!

— Ele está preso — diz Joona em seu tom mais amigável.

— Do que ele é suspeito?

O rosto pálido do homem olha para Joona, que acena para ele com a mão livre e sai para o dia claro.

O estacionamento em frente ao hospital Saint Göran está quente e o ar é denso e abafado.

Dentro da capela, Erixson manobra sua cadeira de rodas com facilidade no que foi realmente transformado em uma base de operações. Erixson reuniu três telefones, que agora tocam todos ao mesmo tempo.

Joona entra com o computador e o coloca em uma cadeira. Johan Jönson já está lá. Parece ter uns 25 anos. Usa um agasalho de corrida preto que não lhe cai bem, tem a cabeça raspada e sobrancelhas grossas que atravessam o rosto. Ele vai até Joona timidamente. Solta a alça de ombro de sua bolsa vermelha e aperta a mão de Joona.

— *Ei saa piettää* — diz, enquanto tira da bolsa um laptop fino.

Erixson serve um pouco de Fanta de sua garrafa térmica em pequenos copos de papel baratos.

— Eu normalmente coloco o disco rígido no freezer algumas horas caso tenha sacudido — diz Johan. — Depois ponho um contato ATA/SATA. Cada um tem um método diferente. Tenho um parceiro na Ibas que usa RDR e nem sequer encontra seus clientes pessoalmente; apenas manda a merda toda em uma linha telefônica criptografada. Normalmente dá para salvar a maior parte das coisas, mas eu não quero apenas a maior parte, quero tudo! Esse é meu jeito, pegar toda e qualquer migalha, e então você precisa de um programa como Hanger 18...

Johan Jönson joga a cabeça para trás e finge rir como um cientista louco:

— Ua-rá-rá-rá-rá! Eu mesmo escrevi — continua. — Funciona como um aspirador digital. Pega tudo e organiza por tempo, até cada microssegundo.

Ele se senta no parapeito do altar e conecta os dois computadores. Seu próprio computador dá um suave clique. Digitando comandos em um ritmo furioso, ele analisa a tela, rola, lê um pouco mais e digita um novo conjunto.

— Isso demora? — pergunta Joona após alguns minutos.

— Quem sabe? — responde Johan. — Não mais de um mês.

Johan xinga a si mesmo, escreve um novo comando e então observa os números piscando.

— Estou só brincando — diz.

— Percebi.

— Em uns 15 minutos saberemos quanto pode ser recuperado — continua Johan. Ele baixa os olhos para o pedaço de papel onde Joona escreveu a data e a hora da visita de Björn Almskog ao café.

— O histórico normalmente é apagado em lotes, o que pode ser difícil...

Fragmentos de velhos gráficos passam pela tela desbotada de sol. Johan enfia um pouco de rapé sob o lábio sem prestar atenção, limpa as mãos nas calças e espera com metade de sua atenção voltada para a tela.

— Eles fizeram um bom trabalho limpando este — explica. — Mas não se consegue apagar tudo. Não há mais segredos... O Hanger 18 encontra lugares que ninguém sabe que existe.

O computador de Johan começa a apitar e ele escreve algo enquanto lê uma longa sequência de números. Escreve mais alguma coisa e os apitos param imediatamente.

— O que é isso? — pergunta Joona.

— Nada de mais. Apenas é difícil passar por todos os firewalls modernos, sandboxes e proteções contra vírus. É impressionante que um computador consiga trabalhar com todas essas medidas preventivas.

Johan balança a cabeça e lambe um pouco de rapé no lábio superior.

— Nunca tive sequer um programa antivírus e... Ei, olhem — diz interrompendo o próprio discurso.

Joona se aproxima para olhar por sobre o ombro de Johan.

— O que temos aqui? O que temos aqui? — cantarola Johan.

Ele se recosta e esfrega o pescoço enquanto começa a escrever com a outra mão. Aperta ENTER e sorri para si mesmo.

— Aqui estamos.

Joona e Erixson olham para a tela.

— Só um segundo... Isso não é fácil. Está vindo em pequenos pedaços e fragmentos.

Johan esconde a tela com a mão e espera. Lentamente, letras e pedaços de gráficos aparecem.

— Olhe aqui, a porta está se abrindo... Agora poderemos ver o que Björn Almskog estava fazendo.

Erixson aciona a trava na cadeira de rodas e se inclina para a frente a fim de poder ver a tela.

— Maldição, são apenas traços — pragueja.

— Olhe no canto.

— Certo. Ele usou Windows — reflete Erixson. — Muito original.

— Hotmail — diz Joona.

— Acessando — diz Johan Jönson.
— Agora as coisas começam a ficar interessantes — anima-se Erixson.
— Consegue ver um nome? — pergunta Joona.
— Não funciona assim; você só se desloca pelo tempo — diz Johan enquanto rola a tela.

— O que é isso? — pergunta Joona, apontando.
— Agora estamos na pasta de mensagens enviadas.
— Ele enviou algo?

A tela mostra fragmentos gráficos de anúncios de viagens baratas a Milano, New Yk, Lo dn, P ris. Mais abaixo, no canto, um pequeno número cinza-claro, um horário: 07:44:42 a.m.

— Temos alguma coisa aqui — diz Johan Jönson.

Outros fragmentos aparecem na tela:

Rec eu contat om

— Anúncios para aproximar pessoas — diz Erixson, sorrindo. — Tentei isso, e nunca funciona.

Ele fica imediatamente em silêncio. Johan passa cuidadosamente por algum lixo gráfico incompreensível, então para. Ele se afasta da sua máquina com um grande sorriso.

Joona pega o lugar e olha para o monitor para ler o que está no centro da tela:

Carl Palmcr

Fo graf cons. Rec eu contat comi

Joona sente os pelos da nuca se arrepiando. *Palmcra*, pensa repetidamente, enquanto anota o que vê na tela. Tenta pensar com clareza e respirar calmamente. Uma pequena pontada de enxaqueca chega e some.

Erixson olha para a tela e solta um palavrão.

— Você tem certeza de que Björn Almskog escreveu isto? — pergunta Joona.

— Nenhuma dúvida — responde Johan Jönson.

— Certeza?

— Se ele estava no computador nesse momento, ele escreveu este e-mail.

— Então é definitivamente dele — diz Joona para si mesmo, querendo ter certeza, mas seus pensamentos já estão longe.

— Que porra — sussurra Erixson.

Johan Jönson analisa os fragmentos do campo de endereço espalhados pela tela: *crona@isp.se*. Toma Fanta diretamente da garrafa térmica. Erixson se recosta em sua cadeira de rodas e fecha os olhos por um momento.

— Palmcrona — murmura Joona novamente, a voz tensa de concentração.

— É uma porra de uma maluquice — diz Erixson. — Que porra Carl Palmcrona tem a ver com tudo isto?

Joona sai pela porta em silêncio, concentrado em seus pensamentos e deixando os colegas para trás. Desce rapidamente as escadas e sai do hospital para o sol forte. Cruza o estacionamento apressado até seu carro preto.

Joona Linna vai diretamente ao escritório de Carlos com as notícias sobre Carl Palmcrona. Para sua surpresa, a porta do escritório de Carlos está escancarada. Carlos está olhando pela janela.

— Ela continua em pé ali — diz ele.

— Quem?

— A mãe daquelas garotas.

— Está falando de Claudia Fernandez? — pergunta Joona, indo ele mesmo olhar pela janela.

— Está em pé ali há uma hora inteira.

Joona não consegue vê-la. Um pai de terno azul-escuro está passando. Ele usa uma coroa de rei e segura a mão de uma garotinha com um vestido rosa de princesa. Mas então, quase exatamente em frente ao Departamento Nacional de Polícia, ele vê uma mulher curvada ao lado de uma picape Mazda suja. É Claudia, olhando diretamente para o saguão do prédio da polícia.

— Fui lá fora e perguntei se ela queria alguém em especial. Pensei que você talvez tivesse se esquecido de um encontro com ela.

— Não — diz Joona em voz baixa.

— Ela disse que estava esperando pela filha, Penelope.

— Carlos, temos de conversar.

Mas antes que Joona pudesse dizer algo, ouve-se uma batida leve na porta e Verner Zandén, diretor do departamento de segurança do Säpo, entra.

— Prazer vê-lo novamente — diz o homem alto, apertando a mão de Carlos. Verner cumprimenta Joona, depois olha ao redor da sala e às suas costas. — Para onde Saga foi? — pergunta com uma voz profunda.

Saga Bauer passa pela porta lentamente. A tensão em seu corpo magro parece refletir a cintilação prateada do aquário de Carlos Eliasson.

— Não havia percebido que não me acompanhou. — Verner sorri, benevolente.

Carlos se vira para Saga, mas parece inseguro, como se não conseguisse se decidir sobre como interagir com uma jovem que se parece tanto com... com um elfo, pensa. Ele decide simplesmente recuar um passo e abrir os braços em um gesto de boas-vindas.

— Bem-vinda — diz, um estranho tom agudo na voz.

— Obrigada — diz ela.

— Já conhece Joona Linna.

Saga se limita a ficar de pé, imóvel. Seus cabelos são uma massa cintilante até a cintura, mas seus olhos são duros, o maxilar está apertado com força. A cicatriz fina que atravessa uma das sobrancelhas cintila, branca como giz.

— Por favor, fiquem à vontade — diz Carlos, e quase soa simpático.

Saga se senta rigidamente junto a Joona. Carlos coloca uma pasta de papel reluzente na mesa de conferência. É intitulada “Estratégias para unidades em cooperação”. Verner ergue a mão de brincadeira como se fosse um garoto de escola pedindo permissão para falar antes que sua voz grave preencha a sala.

— Formalmente, toda a investigação está nas mãos do Säpo. Contudo, sem os serviços do Departamento Nacional de Investigação Criminal e de Joona Linna, não teríamos conseguido este sucesso.

Verner aponta para a pasta e o rosto de Saga fica vermelho-brilhante.

— Talvez não seja um “sucesso” tão grande — murmura ela.

— Como? — pergunta Verner, em voz alta.

— Só o que Joona encontrou foi uma impressão palmar e um pedaço de foto.

— E você... com ele, sim, descobriu que Penelope Fernandez ainda está viva e que alguém a está caçando. Claro que não foi Joona sozinho... — diz ele, tentando aplacá-la.

— Isso é doentio — grita Saga, jogando toda a papelada no chão. — Como vocês podem sentar aí e cobri-lo de elogios, cacete? Ele nem mesmo deveria estar lá! Alguém abriu a boca sobre Daniel Marklund...

— Mas ele descobriu — diz Verner.

— Mas tudo isso é altamente secreto! Que porra!

— Saga — diz Verner, censurando —, você também não deveria estar lá!

— Verdade! Mas se eu não estivesse tudo teria...

Ela se interrompe.

— Podemos continuar com mais serenidade agora? — pergunta Verner.

Saga olha para o chefe antes de se virar para Carlos e diz:

— Desculpe-me. Lamento ter perdido o controle.

Ela se curva e começa a catar os papéis no chão, a testa ainda coberta de manchas vermelhas de raiva. Carlos diz a ela para deixar para lá, mas Saga apanha tudo, coloca na ordem certa e devolve à mesa.

— Realmente lamento muito — diz novamente.

Carlos pigarreia e começa, hesitante:

— Esperamos que possa apreciar a contribuição de Joona. Talvez permitir que ele participe de sua investigação.

— Não! Estou falando sério — diz Saga, se virando para seu chefe. — Eu não quero parecer tão negativa, mas não entendo por que vocês estão tão entusiasmados com ele. Teríamos encontrado todas as provas que ele achou. Você falou em sucesso, mas não acho que...

— Concordo com Saga — diz Joona lentamente. — Estou certo de que vocês acabariam descobrindo tudo sem minha ajuda.

— Talvez — diz Verner.

— Então é isso? — diz Saga, controlando a voz enquanto se levanta.

— Mas há uma coisa que vocês ainda não sabem — continua Joona calmamente. — Björn Almskog entrou em contato em segredo com Carl Palmcrona no mesmo dia em que Viola foi morta.

A sala fica em silêncio total. Saga se senta lentamente em sua cadeira. Verner se inclina para a frente e visivelmente organiza as ideias antes de pigarrear.

— Então o suicídio de Carl Palmcrona e o assassinato de Viola Fernandez podem estar relacionados? — pergunta em seu tom baixo retumbante.

— Joona? — pergunta Carlos.

— Sim, acredito que há uma ligação entre essas duas mortes.

— Isto é muito maior do que pensamos — diz Verner, quase sussurrando. — Isto é muito grande.

— Bom trabalho, Joona! — exclama Carlos com um sorriso forçado.

Saga Bauer cruzou os braços apertados sobre o peito. Está olhando para o chão e as pequenas manchas vermelhas estão reaparecendo em sua testa.

— Joona — diz Carlos com cautela —, não posso passar por cima de Petter, de modo que ele continua encarregado de nossa própria investigação, mas posso deixar você trabalhar temporariamente para o Säpo.

— O que você acha, Saga? — pergunta Joona com suavidade.

— Perfeito — responde Verner imediatamente.

— Isso cabe a mim — responde Saga, desafiadora. — Ainda estou encarregada do caso.

Ela se levanta e sai imediatamente da sala.

Verner se desculpa e vai apressado atrás dela.

Há um brilho gelado nos olhos cinza de Joona.

Carlos ainda está em sua cadeira. Ele pigarreia novamente e diz:

— Ela é jovem e você tem de tentar... Quer dizer... Ser gentil, cuidar dela.

— Acredito que ela é totalmente capaz de cuidar de si mesma — retruca Joona.

Saga Bauer está distraída, pensando em Carl Palmcrona, e mal consegue mover o rosto, mesmo ligeiramente. Ela viu o golpe vindo pelo lado, mas tarde demais. Um gancho baixo que passa sobre seu ombro esquerdo e acerta ouvido e queixo. Ela gira. Seu protetor de cabeça deslizou para a lateral novamente, e ela mal consegue ver. Mas sabe que o golpe seguinte está a caminho e protege o rosto com as duas mãos.

Foi uma pancada forte seguida por outra nas costelas. Ela cambaleia para trás até as cordas. O juiz avança, mas Saga já descobriu como escapar da armadilha. Vai para o lado e para o meio do ringue, e ao mesmo tempo está atacando sua adversária: Svetlana Krantz, de Falköping, uma mulher larga de aproximadamente 40 anos com ombros caídos e uma tatuagem do Guns N'Roses. Svetlana está respirando com a boca aberta e caça Saga com passos elefantinos; acredita que está prestes a conseguir um nocaute.

Saga ginga suavemente para trás, girando como uma folha seca acima do chão. Pugilismo é tão fácil, pensa ela, e uma onda de alegria enche seu peito. Ela para e dá um sorriso tão largo que seu protetor de boca quase cai. Sabe que Svetlana é páreo para ela, mas planejava vencer por pontos, não por nocaute. Contudo, quando o namorado de Svetlana berra para que ela transforme o rosto da piranha loura em pudim, Saga muda de ideia.

Svetlana está se movendo rápido demais ao redor pelo ringue. Sua mão direita está ansiosa, quase ansiosa demais. Está tão convencida de que vai derrotar Saga que nem se concentra mais. Já decidiu encerrar a luta com um ou mais diretos de direita. Pensa que Saga já está tão grogue que não conseguirá acertar mais golpe algum. Mas Saga Bauer não está enfraquecida. Na verdade, está totalmente concentrada. Saga ginga um pouco no lugar enquanto espera que a adversária avance. Coloca as mãos diante do rosto como se estivesse apenas se defendendo. No momento exato Saga executa uma surpreendente combinação de ombro e pé em que, pisando para o lado, desvia da linha de ataque da adversária. Saga está ao lado dela e usa todo seu impulso para um golpe — direto no plexo solar de Svetlana.

Ela sente a beirada do protetor de seios de Svetlana através da luva enquanto o corpo de Svetlana simplesmente dobra. O golpe seguinte de Saga raspa a cabeça de

Svetlana, mas o terceiro é um gancho limpo e duro direto na boca.

A cabeça de Svetlana é jogada para trás. O suor e o muco se espalham. O protetor bucal azul-escuro de Svetlana voa e seus joelhos fraquejam. Ela cai e rola uma vez, ficando imóvel por alguns segundos antes de começar a se mexer novamente.

Depois da luta, Saga Bauer fica andando de um lado para outro no vestiário feminino, sentindo a tensão se esvaír do corpo. Tem na boca um gosto de sangue e esparadrapo. Ela precisou usar os dentes para soltar o esparadrapo sobre o cadarço das luvas. Ela se olha no espelho e limpa algumas lágrimas. Seu nariz lateja. Ela estivera pensando em outras coisas durante a luta: a conversa com o chefe e o diretor do Departamento Nacional de Investigação Criminal e a decisão de que ela deveria trabalhar com Joona Linna.

Dentro do seu armário há um adesivo com o nome Södertälje Rockets e uma imagem de um foguete que parece um tubarão com raiva.

As mãos de Saga tremem enquanto ela tira short, protetor genital e calcinha, top preto e sutiã com protetor de seios. Tremendo, vai para o chuveiro e abre a torneira. A água escorre pelo pescoço e pelas costas. Ela se obriga a pensar em outras coisas que não Joona Linna enquanto cospe saliva misturada a sangue no ralo do chão.

Há umas vinte mulheres no vestiário quando ela volta. Uma aula de caratê aeróbico deve ter terminado. Saga não percebe que param e olham para ela, incrédulas.

Saga Bauer é extraordinariamente bonita, de uma forma que deixa as pessoas estupefatas. Seu rosto é absolutamente simétrico e sem maquiagem, os olhos impressionantemente grandes e azul-celestes. Mesmo com seus músculos inchados e os hematomas recentes, tem formas esguias em seu 1,67 metro; a maioria das mulheres no vestiário a tomaria por bailarina, não pugilista de elite ou investigadora do departamento de segurança do Säpo.

Ou a tomariam por elfo ou princesa de contos de fadas, como Tuvstarr, a princesa valente capaz de se apresentar destemida diante do enorme troll escuro nas pinturas do lendário artista John Bauer. John Bauer teve dois irmãos: Hjalmar e Ernst. Ernst foi o bisavô de Saga. Ela nunca o conheceu, mas ainda se lembra bem das histórias que o avô contava sobre a dor do pai quando o irmão John, a esposa Esther e o bebê se afogaram certa noite de novembro no lago Vättern, a poucos metros do porto de Hästholmen. Três gerações depois, a pintura de John Bauer parece ter ganhado vida milagrosamente em Saga.

Saga Bauer sabe que é uma boa investigadora, embora nunca tenha concluído uma investigação. Está acostumada a ter seu trabalho arrancado de sob seus pés ou ser excluída após semanas de trabalho árduo. Está acostumada a ser demasiadamente protegida ou ignorada em missões perigosas. Acostumada a isso.

Mas não significa que goste.

Ela se saiu muito bem na Academia de Polícia; depois foi para o Serviço de Segurança, recebendo treinamento de antiterrorismo, e lá ascendeu ao posto de investigadora. Trabalhou em cargos de investigação e operacionais, e durante todo esse tempo nunca deixou de estudar, e sempre manteve uma rotina dura de treinamento físico. Corre diariamente, pratica pugilismo pelo menos duas vezes por semana e não passa uma semana sem ir ao estande de tiro com sua Glock 21 e um rifle de precisão M90.

Saga mora com um músico de jazz, um pianista chamado Stefan Johansson, cujo grupo ganhou um Grammy sueco por seu triste álbum de improvisos *Um ano sem Esbjörn*. Quando Saga volta para casa do trabalho ou do treino, deita no sofá, come doces e assiste a um filme sem som, enquanto Stefan toca piano por horas seguidas.

Ao sair da academia, Saga vê sua adversária esperando nos pedestais de concreto.

— Só queria dar os parabéns e agradecer pela boa luta — diz Svetlana.

Saga para.

— Obrigada.

Svetlana ruboriza.

— Você é impressionantemente boa.

— Você também.

Svetlana olha para o chão e sorri.

Há lixo entre os ramos dos arbustos com poda quadrada que deveriam decorar a entrada do estacionamento.

— Vai pegar o trem? — pergunta Saga.

— É, acho melhor ir andando.

Svetlana pega sua bolsa, mas então para. Quer dizer mais alguma coisa, mas sente dificuldade.

— Saga... Ei, desculpe pelo que o cara disse — fala finalmente. — Não sei se você ouviu... Mas ele não virá mais às minhas lutas.

Svetlana pigarreia e recomeça a andar.

— Espere um minuto — diz Saga. — Se quiser, eu lhe dou uma carona até a estação.

Penelope cruza a encosta diagonalmente. Escorrega nas pedras soltas, desliza; a mão se projeta para conseguir equilíbrio e se corta. Ela grita; a dor se espalha a partir do pulso. Seus ombros e as costas também queimam. Não consegue parar de tossir. Ela se obriga a olhar para trás, para a floresta, entre os troncos de árvores; tem medo de ver seu perseguidor novamente.

Björn a ajuda, murmurando algo. Seus olhos estão injetados e assustados.

— Não podemos ficar parados — sussurra.

Onde está o perseguidor? Está perto? Perdeu o rastro? Não muitas horas antes eles estavam deitados no chão de uma cozinha enquanto ele olhava pela janela. Agora estão correndo por bosques de pinheiros. Podem sentir o cheiro quente das agulhas de pinheiros, e continuam avançando, de mãos dadas.

Há um estalo e, gritando de medo, Björn dá um passo para o lado de repente e um galho o acerta no rosto.

— Não sei quanto tempo mais eu posso aguentar — diz, ofegante.

— Não pense nisso.

Eles reduzem o ritmo para caminhada. É difícil ignorar a dor nos joelhos e pés. Continuam a avançar em meio a arbustos e pilhas de folhas apodrecendo, descendo até uma vala, subindo por meio de ervas daninhas, e finalmente chegam a uma trilha de terra. Björn olha o entorno e sussurra para que ela o siga. Começa a correr rumo sul, na direção da área mais habitada de Skinnardal. Não pode estar longe. Ela dá alguns passos mancando e depois começa a correr atrás dele. A trilha faz uma curva em torno de um grupo de bétulas, e assim que passam pelos troncos brancos eles veem duas pessoas. Há uma mulher de vinte e poucos anos, usando um vestido curto de tênis, falando com um homem junto a uma motocicleta vermelha.

Penelope fecha o agasalho com capuz e respira pelo nariz para acalmar a respiração.

— Oi — diz ela.

Eles ficam olhando. É fácil imaginar por quê: ela e Björn estão ensanguentados e sujos.

— Sofremos um acidente — explica ela. — Precisamos de um telefone emprestado.

Borboletas coloridas batem asas acima da erva-de-santa-maria e da cavalinha que crescem na vala.

O homem anui e oferece o celular a Penelope.

— Obrigado — agradece Björn, embora mantenha os olhos grudados na estrada e na floresta.

— O que aconteceu? — pergunta o homem.

Penelope não sabe o que dizer. Lágrimas começam a rolar por suas faces.

— Um acidente — responde Björn.

— Ah, meu Deus — diz a mulher de saíote de tênis para o namorado. — É aquela piranha.

— Quem?

— A piranha que estava na TV outro dia criticando nossas exportações suecas.

Penelope não escuta. Tenta sorrir de forma cativante para a jovem enquanto digita o número de Claudia. Mas suas mãos tremem muito e ela acaba digitando o número errado. Tem de parar e tentar novamente. As mãos tremem tanto que tem medo de deixar o telefone cair. A jovem está sussurrando algo no ouvido do namorado.

Ela se coloca na frente de Penelope.

— Diga uma coisa. Você acha que as pessoas que trabalham duro, pessoas que trabalham 60 horas por semana devem pagar para que pessoas como você digam o que querem em programas de TV?

Penelope não consegue entender por que a jovem está com tanta raiva. Não consegue se concentrar na pergunta dela. Seus pensamentos giram enquanto ela examina ansiosamente a área entre as árvores, ouvindo a ligação se completar. Os toques chamam. Parece muito distante.

— Trabalho de verdade não é bom o bastante para você? — diz a mulher, realmente se irritando.

Penelope implora a Björn com o olhar para tirá-la dali e acalmar a mulher. Suspira ao ouvir a voz da mãe na secretária eletrônica.

— Aqui é Claudia Fernandez. Não posso atender agora, mas, por favor, deixe uma mensagem e ligarei de volta assim que puder.

Lágrimas rolam por suas faces, e os joelhos estão prestes a fraquejar. Está cansada demais. Ela ergue a mão em um apelo à mulher.

— Pagamos por nossos telefones com o dinheiro que nós mesmos ganhamos — diz a jovem. — Faça o mesmo. Pague seu maldito telefone...

A ligação está caindo. Penelope se afasta em busca de um sinal melhor, mas só piora. Fica mudo, e ela sequer sabe se continua ligado quando começa a falar.

— Mãe, preciso de ajuda. Estão atrás de nós...

A mulher arranca o telefone da mão de Penelope e o joga de volta para o

jovem.

— Arrume um emprego! — grita ele.

Penelope cambaleia, chocada. Vê a mulher subir na garupa da motocicleta e passar os braços pela cintura do jovem.

— Por favor! — chama Penelope. — *Por favor...*

Sua voz é abafada pelo ronco da motocicleta que acelera para longe, levantando cascalho. Björn e Penelope começam a correr atrás deles, mas a motocicleta desaparece pela trilha para Skinnardal.

— Björn — diz Penelope, parando de correr.

— Continue correndo — grita ele.

Ela está sem fôlego. Isso é um equívoco, pensa. Ele para e olha para ela. Depois começa a se afastar.

— Espere! Ele entende como pensamos! — grita. — Temos de ser mais espertos que ele!

Björn anda mais lentamente, depois se vira para olhar. Continua a andar, de costas.

— Precisamos conseguir ajuda — pede.

— Ainda não.

Björn para devagar e então volta. Ele a segura pelos ombros.

— Penny, tenho certeza de que são apenas dez minutos até a primeira casa. Você consegue. Eu ajudo...

— Temos de voltar para a floresta — diz Penelope. — Sei que estou certa.

Ela tira a faixa de cabelo e a joga na estrada em frente a eles, voltando para a floresta, longe das casas.

Björn olha para a estrada atrás e então segue Penelope com relutância. Penelope o ouve atrás de si. Ele a alcança e pega sua mão. Agora estão correndo lado a lado, mas não tão rápido. Um pequeno riacho que chega ao mar impede sua passagem. Eles atravessam por aproximadamente quarenta metros, a água chegando às coxas. Fora da água, recomeçam a correr com tênis encharcados.

Dez minutos depois Penelope desacelera. Para, respira fundo, ergue os olhos e examina a área ao redor. De alguma forma não sente mais a presença fria de seu perseguidor. Björn pergunta:

— Quando estávamos na casa, por que gritou para que ele entrasse?

— Ele iria entrar de qualquer forma; mas não esperava ouvir uma voz.

— Ainda assim...

— Até agora ele tem estado um passo à nossa frente — continua. — Estamos assustados, e ele sabe como o medo deixa as pessoas idiotas.

— Ainda assim, nem mesmo pessoas idiotas dizem “Entre” — diz Björn, e um sorriso cansado passa por seu rosto.

— Por isso não podemos ir para Skinnardal. Temos de andar em zigue-zague, mudar de direção o tempo todo, ficar no meio da floresta e não ir para lugar algum.

— Certo.

Ela observa o rosto exausto e os lábios brancos e secos dele.

— Acho que agora temos de pensar. Tentar ideias novas. Acho que temos de... Em vez de ir para o continente... Temos de continuar penetrando no arquipélago, longe do continente.

— Ninguém com bom senso faria isso.

— Consegue continuar? — pergunta ela suavemente.

Ele confirma com um aceno de cabeça e então recomeçam a se mover, adentrando mais na floresta, para longe de estradas, casas e pessoas.

Axel Riessen solta as abotoaduras de suas mangas engomadas e as coloca no pote de bronze da cômoda. As abotoaduras foram herança do avô, o almirante Riessen. Mas o modelo é civil, uma insígnia com duas palmas cruzadas.

Axel se examina no espelho ao lado da porta do guarda-roupa. Afrouxa a gravata e então caminha até a cama e se senta na beirada. O aquecedor sibila e ele acha que consegue ouvir fragmentos de música através da parede.

A música vem do apartamento do irmão mais novo na mansão da família que eles dividem. Um violino solitário, pensa Axel, enquanto sua mente organiza em um conjunto os fragmentos que escutou. É a sonata para violino em Sol menor de Bach, o primeiro movimento, um adágio, mas tocado muito mais lentamente que nas interpretações convencionais. Axel escuta não apenas as notas musicais, mas também cada harmônico, bem como uma batida accidental no corpo do violino.

Suas mãos anseiam por pegar um violino. Os dedos tremem quando a música muda de ritmo. Já se passou muito tempo desde que deixou seus dedos brincarem com a música, correndo sobre as cordas e subindo e descendo o braço do instrumento.

Quando o telefone toca, a música em sua cabeça silencia. Ele levanta da cama e esfrega os olhos. Está muito cansado e não dormiu muito na última semana.

O identificador de chamadas revela que a ligação vem do Parlamento. Axel pigarreja antes de atender com uma voz serena.

— Axel Riessen.

— Sou Jörgen Grünlicht. Como deve saber, sou o presidente do Painel Governamental de Relações Exteriores.

— Boa noite.

— Por favor, me desculpe por telefonar tão tarde.

— Ainda estava acordado.

— Disseram que deveria estar — diz Jörgen Grünlicht. Ele hesita antes de continuar. — Acabamos de ter uma reunião extraordinária da diretoria, na qual decidimos recrutá-lo para o cargo de diretor-geral da Inpe.

— Compreendo.

Há silêncio do outro lado. Grünlicht acrescenta apressadamente:

— Presumo que saiba o que aconteceu a Carl Palmcrona.

— Li no jornal.

Grünlicht pigarreia e diz algo que Axel não consegue entender, antes de erguer a voz novamente.

— Você já conhece nosso trabalho e, caso aceite nossa nomeação, poderia ganhar ritmo rapidamente.

— Eu teria de renunciar a meu posto na ONU — responde Axel.

— Isso é um problema? — diz Grünlicht em uma voz que parece preocupada.

— Não, na verdade não; de qualquer forma eu me licenciei.

— Poderemos discutir os termos, claro... Mas não há nada descartado — diz Grünlicht. — Você já devia saber que o queríamos na diretoria. Não há razão para manter segredo.

— Tenho de pensar nisso.

— Pode nos encontrar amanhã de manhã?

— Vocês estão com pressa.

— Claro que esperamos o tempo necessário — retruca Grünlicht. — Mas precisa ser dito que, depois do que aconteceu... há insinuações do ministro da Economia sobre uma questão já adiada...

— E isso seria?

— Nada incomum, apenas uma autorização de exportação. O relatório preliminar foi favorável e o Comitê de Controle de Exportações concluiu seu trabalho, os contratos foram assinados. Infelizmente, Palmcrona não chegou a assinar.

— Sua assinatura era necessária?

— Apenas o diretor-geral pode aprovar a exportação de material de defesa ou produtos de duplo uso — explica Jörgen Grünlicht.

— Mas o governo em determinados momentos não pode aprovar certas transações comerciais?

— Só depois que o diretor-geral da Inpe decidir passar a questão para o governo.

— Compreendo — diz Axel.

Durante 11 anos Axel Riessen fora inspetor de material de guerra no antigo sistema do Departamento de Relações Exteriores antes de ser transferido para o Escritório de Desarmamento das Nações Unidas. Aos 51 anos, ele tem uma aparência jovem. Seus cabelos grisalhos ainda são cheios. Seus traços são equilibrados e amistosos, e o bronzeado que pegou recentemente em férias na Cidade do Cabo dá a ele um brilho saudável. Foi uma oportunidade excepcional: ele velejou sozinho ao longo de um litoral acidentado de tirar o fôlego.

Axel caminha até a biblioteca e se instala em sua cadeira de leitura. Fecha os

olhos e começa a refletir sobre o fato de que Carl Palmcrona está morto. Ele lera o obituário na edição matinal do *Dagens Nyheter*. Não estava claro o que acontecera, mas ele tivera a impressão de que a morte fora inesperada. Palmcrona não estava doente, isso era claro. Ele pensa em algumas das vezes em que eles se encontraram ao longo dos anos e lembra quando trabalharam juntos sobre como combinar o Comitê de Inspeção de Equipamento Militar com o Comitê Governamental de Controle de Exportações Estratégicas. No final surgiria um novo órgão: a Inspetoria Nacional de Produtos Estratégicos.

E Palmcrona estava morto. Axel lembra-se do homem alto e branco com pose militar e aura de solidão.

Axel começa a se preocupar. Os aposentos estão silenciosos demais. Ele se levanta e percorre o apartamento, tentando escutar sons.

— Beverly? — chama em voz baixa. — Beverly?

Ela não responde, e o medo aumenta em sua mente. Percorre os aposentos rapidamente e se dirige ao saguão para vestir o casaco quando a escuta cantarolando. Está andando descalça sobre os tapetes na cozinha. Quando ela vê seu rosto preocupado, arregala os olhos.

— Axel — diz ela. — Qual o problema?

— Estava apenas com medo de que tivesse saído — murmura ele.

— Para o mundo perigoso — diz, sorrindo.

— Só digo que há pessoas lá fora nas quais você não pode confiar.

— Eu não confio nelas — diz. — Apenas olho para elas. Olho para sua luz. Se brilha ao redor deles, sei que são legais.

Axel nunca sabe o que dizer quando ela fala coisas assim, então conta apenas que trouxe batatas fritas e uma garrafa grande de Fanta.

Ela parece ter parado de escutar. Ele tenta ler seu rosto, ver se está agitada, deprimida ou desligada.

— Então, ainda vamos nos casar? — pergunta ela.

— Sim — mente.

— É só que as flores me fazem pensar no funeral de mamãe e no rosto de papai quando...

— Não precisamos ter flores — disse.

— Embora eu goste de lírios do vale.

— Eu também — diz fracamente.

Ela cora de satisfação e ele a ouve fingir bocejar.

— Estou com muito sono — diz ela enquanto sai do aposento. — Quer ir dormir?

— Não — responde Axel, mas apenas para si mesmo.

Partes de seu corpo querem ficar imóveis, mas ele se levanta e a segue,

desajeitada e estranhamente devagar, sobre o piso de mármore ao longo do corredor, escada acima, passando por duas grandes salas e finalmente à suíte para a qual ele se retira à noite. A garota é magra e baixa e sequer chega ao peito dele. Seus cabelos são crespos. Ela os raspou na semana anterior, mas já começaram a crescer. Ela o abraça rapidamente e ele pode sentir o cheiro de caramelo em sua boca.

Já se passaram dez meses desde que Axel Riessen conheceu Beverly Andersson, e isso só aconteceu por causa de sua grave insônia. Desde que passou por uma experiência traumática trinta anos antes, tem dificuldade em dormir. Se tomasse remédios para dormir, conseguia, mas era um sono químico sem sonhos e sem descanso real. Ao menos dormia.

No final, era obrigado a aumentar constantemente a dosagem. Os comprimidos causavam um ruído hipnótico que sufocava seus pensamentos, mas ele adorava o medicamento e normalmente o misturava com um caro uísque bastante envelhecido. Certo dia, após vinte anos de elevado consumo, Axel foi encontrado inconsciente no corredor pelo irmão, com sangue correndo das duas narinas.

No Hospital Karolinska ele recebeu o diagnóstico de cirrose hepática grave. O dano celular crônico era tão sério que após os exames médicos habituais ele foi colocado na lista de espera por um transplante de fígado. Seu grupo sanguíneo é O, e seu tipo de tecido era incomum, portanto o número de possíveis doadores era bastante reduzido.

Seu irmão mais novo poderia ter doado uma parte do fígado caso não sofresse de uma arritmia tão grave que seu coração não resistiria a uma operação.

A esperança de encontrar um doador de fígado era quase nenhuma, mas se Axel se abstivesse de beber e usasse comprimidos para dormir, não morreria. Desde que tomasse doses regulares de Vitamina K1, Propranolol e Espironolactona, seu fígado funcionaria e ele teria uma vida normal.

Exceto que ele nunca dormia mais de uma hora ou duas por noite. Foi internado em uma clínica do sono em Gotemburgo, submetido a uma polissonografia e teve sua insônia oficialmente diagnosticada. Como medicação estava fora de questão, recebeu conselhos sobre meditação, hipnose, autossugestão e técnicas de sono. Nada disso ajudou.

Quatro meses após seu fígado ter entrado em colapso, ele estava sem dormir havia nove dias, e teve um episódio psicótico.

Ele se internou voluntariamente no hospital psiquiátrico particular Santa Maria Hjärta.

Lá ele conheceu Beverly. Tinha apenas 14 anos.

Como de hábito, Axel estava deitado acordado, por volta das 3 horas da manhã. Estava totalmente escuro do lado de fora. Ela simplesmente abriu a porta dele. Era como um espírito infeliz que caminhava a noite toda pelos corredores do hospital psiquiátrico. Talvez só estivesse procurando alguém com quem pudesse ficar.

Ele estava na cama, sem sono e desconsolado, quando a garota entrou em seu quarto e ficou de pé na sua frente sem dizer uma palavra. Sua camisola comprida arrastava no chão.

— Vi que havia luz no quarto — sussurrou ela. — Você está emitindo luz.

Ela então deitou na cama. Ele ainda estava doente da falta de sono e não sabia o que fazia. Ele agarrou seu corpinho com força, força demais, e a apertou contra si.

Ela não disse nada. Apenas ficou deitada ali.

Ele enterrou o rosto em sua nuca. E então adormeceu.

Era como se tivesse mergulhado fundo nas águas do sono e encontrado sonhos. Só dormiu alguns minutos naquela primeira vez. Depois disso ela foi a seu quarto toda noite. Ele a segurava com força e então, coberto de suor, adormecia.

Sua instabilidade psicológica se dissipou lentamente como condensação em um espelho. Beverly parou de vagar pelos corredores do hospital à noite.

Axel Riessen e Beverly Andersson deixaram o Hospital Santa Maria Hjärta com um acordo silencioso e desesperado. Ambos compreendiam que aquele acerto bem-costurado tinha de ser um segredo. Pelo que o mundo externo sabia, Beverly Andersson estava temporariamente instalada em um dos apartamentos da mansão de Axel Riessen até que surgisse um alojamento estudantil.

Beverly Andersson tem hoje 15 anos e o diagnóstico de distúrbio de personalidade limítrofe. Não tem noção de limites entre ela e outras pessoas. Também não tem mecanismo de defesa pessoal.

No passado garotas como Beverly podiam ser trancadas permanentemente em instituições psiquiátricas ou obrigadas a se submeter a esterilização ou lobotomia para controlar sua imoralidade e sexualidade incontida.

Garotas como Beverly com frequência seguem as pessoas erradas e confiam em pessoas que não merecem confiança.

Beverly tem sorte de ter me encontrado, se tranquiliza Axel Riessen. Não sou um pedófilo, não quero feri-la ou ganhar dinheiro com ela. Só a quero perto de mim para que possa dormir. Sem dormir, estarei destruído.

Ela costuma falar sobre se casarem quando tiver idade suficiente.

Axel Riessen alimenta suas fantasias de casamento porque isso a deixa feliz e calma. Ele se convence de que a está protegendo do mundo exterior, mas também sabe que a está usando. Ele se envergonha, mas não consegue descobrir qualquer outra opção. Ele tem medo de retornar à insônia total.

Beverly sai do banheiro com uma escova de dentes na boca. Indica com a

cabeça os três violinos pendurados na parede.

— Por que você não toca nunca? — pergunta.

— Não posso — responde com um sorriso.

— Eles só ficam pendurados aí? Por que não dá para alguém que possa tocar?

— Eu gosto desses violinos. Robert me deu.

— Você quase não fala do seu irmão.

— Temos uma relação complicada.

— Eu sei que ele faz violinos na oficina dele — diz ela.

— Sim, é o que ele faz... Ele também toca em uma orquestra de câmara.

— Talvez ele possa tocar para nós em nosso casamento — sugere enquanto limpa pasta de dente do canto da boca.

Axel olha para ela e espera que não perceba a forma mecânica como responde:

— Que boa ideia.

Ele sente a exaustão se abatendo como uma onda, sobre seu corpo e seu cérebro. Passa por ela, entra no quarto e afunda na beirada da cama.

— Estou com muito sono. Eu...

— Lamento muito por você — diz ela, absolutamente séria.

Axel balança a cabeça.

— Só preciso dormir — diz. De repente, sente como se fosse cair em lágrimas.

Ele se levanta de novo e pega uma camisola de algodão rosa.

— Por favor, Beverly, por que não veste esta?

— Claro, se é o que deseja.

Ela para e observa uma grande pintura a óleo de Ernst Billgren. Uma raposa está usando roupas e sentada numa poltrona em uma casa de classe média alta.

— Odeio essa pintura — diz ela.

— Odeia?

Ela confirma com um gesto de cabeça e começa a se despir.

— Não poderia se trocar no banheiro? — pergunta ele.

Ela dá de ombros e, enquanto tira a camiseta rosa, Axel se afasta para não vê-la nua. Caminha até a pintura da raposa, olha, depois a tira e coloca no chão, virada para baixo.

* * *

O sono de Axel é rígido e pesado, o maxilar trincado. Ele apertou muito a garota. De repente acorda assustado e a solta. Suga o ar como um homem se afogando. Está suando e o coração bate forte de medo. Acende a luminária na mesa de cabeceira. Beverly dorme relaxada como uma criança, boca aberta e um leve brilho na testa.

Axel volta a pensar em Carl Palmcrona. Na última vez que se viram, estavam com a nobreza em um encontro em Riddarhuset. Palmcrona estava bêbado e agressivo. Falara sem parar sobre os embargos de armamentos da ONU e terminara o discurso com aquelas palavras estranhas: *Se tudo for para o inferno, vou dar uma de Algernon para não colher meu pesadelo.*

Axel desliga a luminária e deita novamente enquanto tenta compreender o que Palmcrona quis dizer quando falou “dar uma de Algernon”. Do que ele estava falando? Em que tipo de pesadelo estava pensando? E realmente dissera aquele estranho *não colher meu pesadelo*?

O que havia acontecido a Carl-Fredrik Algernon? Era um mistério na Suécia. Até sua morte Algernon fora inspetor de equipamento militar do Departamento de Relações Exteriores. Certo dia de janeiro ele tivera um encontro com o CEO da Nobel Industries, Anders Carlberg. Dissera a Carlberg que sua investigação revelara que um dos membros do conglomerado contrabandeara armas para países do Golfo Pérsico. Mais tarde naquele mesmo dia, Carl-Fredrik Algernon caíra na frente de um trem do metrô na Estação Central de Estocolmo.

Os pensamentos de Axel escaparam e se tornaram cada vez mais indistintos, girando em torno de acusações de contrabando de armas e subornos em relação à Bofors Corporation. Ele vê um homem de capa de chuva caindo de costas na frente de um trem que chega.

O homem cai lentamente, as pontas da capa adejando.

A respiração suave de Beverly o prende, acalma, e ele se vira para passar os braços ao redor dela novamente.

Ela suspira enquanto ele a puxa para si.

O sono vem até ele na maciez de uma nuvem. Seus pensamentos se apagam.

Ele ainda dorme inquieto pelo resto da noite e acorda novamente às 5 da manhã. Segura Beverly com tanta força que os braços estão com câibras. Os cabelos curtos dela fazem cócegas em seus lábios. Ele deseja desesperadamente que pudesse tomar seus comprimidos para dormir.

inspetoria nacional de produtos estratégicos

Às 7 horas da manhã Axel sai para o terraço que divide com o irmão. Tem uma reunião às 8 horas com Jörgen Grünlicht no antigo escritório de Carl Palmcrona na Inspetoria Nacional de Produtos Estratégicos.

O ar já está quente, mas não úmido ainda. Seu irmão mais novo, Robert, abriu as portas duplas de seu apartamento e saiu para se sentar em uma espreguiçadeira. Robert ainda não fez a barba e está apenas deitado ali com os braços caídos. Olha para a folhagem da castanheira, ainda molhada do orvalho da manhã. Veste seu roupão de seda gasto, o mesmo que o pai deles costumava usar toda manhã de sábado.

— Bom dia — cumprimenta Robert.

Axel balança a cabeça sem olhar para o irmão.

— Acabei de consertar um Fiorini para Charles Greendirk — diz Robert, tentando puxar assunto.

— Ele ficará feliz, estou certo — diz Axel. Ele soa deprimido.

— Algo o preocupa?

— Sim, um pouco — admite Axel. — Acho que vou trocar de emprego.

— Bem, por que não? — diz Robert, embora seus pensamentos já estejam longe.

Axel olha para o rosto gentil do irmão com suas rugas profundas e a cabeça calva. Muitas coisas poderiam ser diferentes entre eles.

— Como está seu coração? — pergunta. — Ainda bate?

Robert leva a mão ao peito antes de responder.

— Parece que sim.

— Isso é bom.

— E quanto ao seu pobre e velho fígado?

Axel dá de ombros e volta para seu apartamento.

— Vamos tocar Schubert esta noite — avisa o irmão.

— Que bom.

— Talvez você pudesse...

Robert fica em silêncio e olha para o irmão. Depois muda de assunto.

— Aquela garota no quarto de cima...

— O nome dela é Beverly.
— Quanto tempo ela vai ficar aqui?
— Não sei — diz Axel. — Prometi a ela que poderia ficar até encontrar um alojamento estudantil.
— Você sempre quis resgatar passarinhos com asas quebradas.
— Ela não é um passarinho, é um ser humano — diz Axel.

Axel abre as altas portas duplas para o próprio apartamento e vê o reflexo de seu rosto deslizar pelas superfícies de vidro curvadas ao entrar. Atrás das cortinas, ele observa o irmão em silêncio. Vê Robert se levantar da espreguiçadeira, coçar a barriga e descer as escadas do terraço para o pequeno jardim e a oficina. Assim que Robert sai, Axel retorna a seu quarto e acorda gentilmente Beverly, que ainda está adormecida com a boca aberta.

* * *

A Inspeção Nacional de Produtos Estratégicos é um órgão do governo criado em 1996 para assumir a responsabilidade por todas as questões relativas a exportação de armas e itens de uso duplo. Seus escritórios ficam no sexto andar de um prédio rosa-salmão em Klarabergsviadukten, número 90. Após subir de elevador, Axel vê que Jörgen Grünlicht já espera por ele, balançando a cabeça impacientemente. Grünlicht é um homem alto com o rosto manchado: padrões irregulares em branco contrastando com a pele avermelhada.

Grünlicht passa seu cartão de identificação e digita o código para permitir a entrada de Axel. Eles caminham até o escritório de Carl Palmcrona. É um conjunto de esquina com duas janelas enormes dando para uma paisagem urbana de estradas na direção sul atrás da Estação Central e em frente ao lago Klara e o retângulo escuro que é a prefeitura.

Apesar de sua localização exclusiva, há algo austero nos escritórios da Inpe. Os pisos são cobertos com carpete sintético e a mobília é simples e neutra em pinho e branca — sua neutralidade é quase um lembrete intencional da natureza moralmente dúbia da exportação de armas, pensa Axel, estremecendo. Aquele é o órgão governamental que tem a responsabilidade de garantir que armas suecas não acabem em zonas de guerra e ditaduras. Mas Axel não consegue deixar de achar que sob a direção de Carl Palmcrona a Inpe começou a sair de rumo. Ficou menos inclinada a cooperar com a ONU e mais tendente a se comportar como o Conselho de Exportação atuante. Axel não é um pacifista. Ele sabe bem que a exportação de armas é vital para a balança comercial sueca. Mas também acredita que a política de neutralidade sueca precisa ser protegida.

Ele olha ao redor do escritório de Palmcrona. Estar lá tão pouco tempo após sua morte parece macabro.

Um ruído agudo é emitido pelo sistema de luz no teto. Soa como um harmônico desarmônico de um piano. Axel lembra de ter ouvido o mesmo harmônico certa vez, em uma gravação da primeira sonata de John Cage.

Fechando a porta atrás deles, Grünlicht pergunta se Axel quer se sentar. Ele parece tenso, apesar do sorriso de boas-vindas.

— Bom que possa ter vindo tão rápido — diz, estendendo-lhe a pasta com o contrato.

— Claro.

— Vá em frente e leia — sugere Grünlicht, passando a mão sobre a mesa.

Axel se senta em uma cadeira de encosto reto e recoloca a pasta na mesa. Depois ergue os olhos.

— Vou dar uma olhada e falo com vocês semana que vem.

— É um contrato muito bom, mas esta oferta não é para sempre.

— Sei que estão com pressa.

Ele olha para o rosto pálido e ansioso de Grünlicht.

Axel sabe que não há ninguém no país com um currículo como o seu. Esse é talvez o principal argumento para que aceite o cargo. Se disser sim, isso lhe permitirá impedir que algum idiota assuma o controle da exportação de armas. Ele pode se comprometer a limitar a disseminação de armas — e permanecer na Suécia com Beverly.

Grünlicht se inclina para a frente e diz com um toque de culpa na voz:

— Sei que o estou pressionando, Axel, e lamento por isso. Mas a situação é um tanto urgente. Palmcrona deixou pendentes várias questões urgentes, as empresas estão prestes a perder os negócios e...

— Por que o governo não assume por hora?

— Certamente — diz Grünlicht com um sorriso fino. — Ele certamente pode assumir, mas ainda assim precisará de conselhos, preferivelmente seus.

O silêncio enche a sala. É como se penas caíssem ao redor deles.

— Entendo o que está dizendo — diz Axel lentamente. — Mas ainda estou...

Grünlicht desliza a pasta exatamente para a frente de Axel.

— Acabei de falar ao telefone com o primeiro-ministro. Ele perguntou se você estava dentro. Você realmente deveria dar uma olhada no acordo que preparamos para você. É bastante...

— Acredito em você, mas deveriam saber que estive doente — diz Axel.

— Quem não esteve?

— Quer dizer, eu tive...

— Sabemos tudo sobre isso — diz Grünlicht.

Axel baixa os olhos.

— Claro.

— Mas também sabemos que os problemas são coisa do passado. A Inpe é um órgão baseado em confiança. Você agiu contra o fluxo de armas para zonas de guerra, e é exatamente isso que a Inpe defende. Só há um nome no topo da lista do governo; e é o seu.

Enquanto Axel estende a mão para o contrato, pensa se é possível que saibam tudo sobre ele — com exceção de Beverly.

Abrindo a pasta, ele tenta afastar a sensação de que aquilo é uma armadilha folheada a ouro.

Ele lê o contrato cuidadosamente. É muito bom, quase bom demais. Em certos momentos se sente corar de leve enquanto lê.

— Bem-vindo a bordo — diz Grünlicht, estendendo uma caneta para Axel.

Axel agradece e assina. Ele se levanta, dá as costas a Grünlicht e olha pela janela. As três coroas da prefeitura foram apagadas pela névoa.

— Não é uma vista ruim, não é mesmo? Melhor que a minha no Departamento de Relações Exteriores — diz Grünlicht atrás dele.

Axel se vira para ele, que continua.

— Você tem três casos no momento. O do Quênia é o com maior pressão de tempo. É um negócio grande e importante. Recomendo que dê uma olhada imediatamente. Carl já fez o trabalho preliminar, portanto...

Grünlicht fica em silêncio e empurra outro documento na direção dele. Observa Axel atentamente com um brilho estranho nos olhos. Axel tem a sensação de que, se pudesse, Grünlicht colocaria a caneta na mão de Axel e a seguraria ali enquanto ele assina.

— Você será um belo substituto para Carl.

Sem esperar resposta, Grünlicht segue para a porta.

— Reunião com o grupo de especialistas esta tarde, às 3 horas — diz enquanto sai.

Axel é deixado sozinho na sala. Um silêncio pesado o cerca. Ele senta-se à escrivaninha e começa a espiar o documento que Carl Palmcrona deixou sem assinar. Parece perfeitamente preparado. Diz respeito à exportação de 1,25 milhão de unidades de munição de 5,56x45 milímetros para o Quênia. O Comitê de Controle de Exportações votou por uma recomendação positiva. A decisão preliminar de Palmcrona também fora positiva. A Silencia Defense AB é uma empresa estabelecida, bastante conhecida. Mas sem esse último passo da assinatura do diretor-geral na autorização, a exportação não poderia acontecer.

Axel recosta-se e de repente as palavras misteriosas de Palmcrona lhe ocorrem: *vou dar uma de Algernon para não colher meu pesadelo.*

um computador clonado

Göran Stone sorri para Joona Linna, retira um envelope de sua maleta, o abre e estende uma chave em sua mão em concha. Saga Bauer está ao lado do elevador, parecendo deprimida. Os três estão do lado de fora do apartamento de Carl Palmcrona na Grevgatan, 2.

— Nossos peritos vêm amanhã — informa Göran.

— Sabe a que horas? — pergunta Joona.

— A que horas, Saga? — pergunta Göran.

— Acredito...

— Acredito? Você deveria saber exatamente — diz Göran.

— Às 10 horas — responde Saga em voz baixa.

— E repassou a eles minha ordem de começar pela internet e o sistema telefônico?

— Sim, eu...

Göran a silencia com um gesto de mão quando seu telefone toca. Ele se afasta alguns passos escada abaixo para atender, entrando em um nicho junto à janela com painéis marrom-avermelhados.

Joona se vira para Saga e pergunta em voz baixa:

— Você não está encarregada deste caso?

Saga balança a cabeça.

— O que aconteceu? — pergunta ele.

— Não sei — diz ela em uma voz cansada. — Sempre acontece assim.

Antiterrorismo não é sequer a especialidade de Göran.

— E o que você vai fazer sobre isso?

— Não há nada a fazer...

Ela fica em silêncio enquanto Göran encerra o telefonema e retorna até onde eles estão. Saga de repente estende a mão pedindo a chave da porta de Palmcrona.

— Quero a chave — diz.

— Como?

— Estou encarregada desta investigação — afirma ela com firmeza.

— O que você tem a dizer disto tudo? — diz Göran brincando enquanto sorri para Joona.

— Não é nada contra você, Göran — diz Joona. — Mas acabei desair de uma reunião com os chefões e aceitei uma oferta para trabalhar sob o comando de Saga Bauer...

— Ah, ela pode vir junto — apressa-se em dizer Göran.

— Na qualidade de pessoa encarregada da investigação — repete Saga.

— Vocês estão tentando se livrar de mim ou que porra é essa? — diz Göran, parecendo ao mesmo tempo surpreso e ofendido.

— Bem, você pode vir junto se quiser — responde Joona calmamente.

Saga pega a chave da mão de Göran.

— Vou ligar para Verner — diz Göran, descendo novamente as escadas.

Eles escutam os passos dele e em seguida o modo como fala com o chefe. O tom se eleva e sua voz soa cada vez mais aborrecida até que eles o ouvem gritar um “*Piranha desgraçada!*”, que ecoa.

Saga tenta conter um sorriso enquanto se vira para se concentrar no trabalho. Coloca a chave na fechadura, gira duas vezes e abre a pesada porta.

A fita policial impedindo o acesso ao apartamento foi retirada agora que não há mais a suspeita de que um crime foi cometido. A investigação foi interrompida com a conclusão do relatório da necrópsia de Nils Åhlén. Como Joona suspeitara, ele confirmou o suicídio: Carl Palmcrona se enforcou usando uma corda de varal transformada em laço e pendurada na luminária do teto de sua casa. A investigação de cena de crime foi suspensa e não foi feita qualquer análise nas provas enviadas ao Laboratório Nacional de Perícia em Linköping.

Mas agora havia sido revelado que no dia anterior Björn Almskog enviara um e-mail a ele.

Mais tarde naquela mesma noite Viola Fernandez fora morta no barco de Björn Almskog.

Saga e Joona entram no corredor e percebem que não houve entrega dos correios. Passam pelas grandes salas. A luz do sol entra pelas janelas e o cheiro de desinfetante paira no ar. O telhado vermelho de estanho do prédio em frente reflete a luz, e eles podem ver da *bay window* as águas cintilantes da baía Nybroviken.

Os tapetes protetores dos peritos foram retirados e o piso sob a luminária de teto no salão vazio foi esfregado.

Eles pisam leve no piso de parkê, que range. Parece não restar nenhum vestígio do suicídio de Palmcrona. A impressão que dá é apenas de um lugar desabitado. Joona e Saga sentem que as grandes salas, quase despidas de móveis, estão tomadas por uma silenciosa sensação de paz.

— A empregada ainda está cuidando do lugar — diz Saga ao se dar conta do que está por trás da mudança.

— Exatamente — diz Joona, a seguir sorrindo.

A empregada estivera lá para limpar o apartamento, arejar os cômodos, pegar a correspondência e trocar os lençóis.

Os dois sabem que isso não é incomum depois de uma morte repentina. As pessoas se recusam a aceitar que a vida vai mudar. Elas mantêm a antiga rotina.

A campainha toca. Saga parece um pouco preocupada, mas acompanha Joona de volta ao corredor. A porta externa é aberta por um homem de cabeça raspada com um folgado agasalho preto de corrida.

— Joona me disse para jogar meu hambúrguer fora e vir para cá imediatamente — diz Johan.

— Esse é Johan Jönson, da nossa divisão de tecnologia de informática — explica Joona.

— Joona dirige carro — diz Johan com um sotaque finlandês exagerado. — Estrada vira, Joona não vira.

— Saga Bauer é investigadora do departamento de segurança do Säpo — continua Joona.

— Nós trabalhamos, nós não falamos, certo? — pergunta Johan Jönson.

— Pare com isso — diz Saga.

— Temos de olhar o computador de Palmcrona — diz Joona. — Quanto tempo vai demorar?

Eles começam a andar na direção do escritório de Palmcrona.

— Quer usá-lo como prova? — pergunta Johan.

— Sim — responde Joona.

— Então quer que eu copie os dados? — pergunta Johan.

— Quanto tempo vai demorar? — repete Joona.

— Você terá tempo para contar algumas piadas para nossa colega do Säpo — responde Johan sem se mexer.

— Qual o seu problema, cacete? — pergunta Saga, irritada.

— Por falar nisso, você tem namorado? — pergunta Johan com um sorriso tímido.

Saga olha Johan nos olhos e balança a cabeça de forma decidida. Johan baixa os olhos e murmura algo antes de seguir Joona rapidamente para o escritório de Carl Palmcrona.

Joona pega um par de luvas de proteção emprestadas com Saga e folheia a correspondência na bandeja de entrada da escrivaninha, mas não acha nada especial. Não há muito para ver. Algumas cartas do banco e do contador, informações de órgãos do governo, resultados de exames de um especialista em coluna do Hospital Sophia e a ata da reunião de primavera do condomínio com o resultado da votação.

Eles voltam à sala onde a música suave cercara o corpo enforcado. Joona se senta em um sofá Carl Malmsten e passa a mão cuidadosamente pelo estreito raio de

luz azul-gelo que emana do aparelho de som. Imediatamente a música de um único violino começa a sair pelos alto-falantes. Uma melodia frágil soa no registro mais alto, mas com o temperamento de um pássaro nervoso.

Joona confere o relógio, deixa Saga junto ao aparelho de som e volta ao escritório. Johan Jönson não está mais ali. Está sentado com o próprio computador à mesa da cozinha.

— Deu certo? — pergunta Joona.

— Como?

— Conseguiu copiar os dados de Palmcrona?

— Claro. Esta é uma cópia exata — responde Johan, como se a própria pergunta fosse incompreensível.

Joona contorna a mesa para olhar o monitor.

— E os e-mails?

Johan abre o programa.

— Aqui estão! — diz.

— Vamos conferir tudo da última semana — continua Joona.

— Vamos começar pela caixa de entrada.

— Sim, vamos.

— Acha que Saga gosta de mim? — pergunta Johan.

— Não — responde Joona.

— O amor sempre começa com uma briga.

— Então tente puxar os cabelos dela — diz Joona sorrindo e apontando para a tela.

Johan abre a caixa de entrada e sorri.

Joona vê três mensagens de skunk@hotmail.com.

— Abra — diz.

Johan clica no primeiro e instantaneamente o e-mail de Björn Almskog cobre toda a tela.

— *Jesus Christ Superstar* — sussurra Johan em inglês.

Saga Bauer vem por trás de Joona e Johan enquanto eles leem o e-mail novamente.

— Encontraram algo? — pergunta.

Os homens confirmam com um gesto de cabeça e continuam lendo.

— Vamos ver o seguinte — diz Joona.

Johan clica, ansiosamente, em outro e-mail de skunk@hotmail.com. Eles leem duas vezes e repetem a rotina uma última vez enquanto Saga tenta ler por cima do ombro de Joona.

— Então você pode ver — diz Joona finalmente — que no dia 2 de junho Carl Palmcrona recebeu uma chantagem enviada por Björn Almskog de um endereço eletrônico anônimo.

— Então tudo está relacionado a isso: chantagem — conclui Saga.

— Mas não estou certo de que seja a história toda — retruca Joona.

Ele então conta o que descobriu sobre os últimos dias de Carl Palmcrona.

Em 2 de junho Palmcrona e Gerald James, do Comitê Consultivo Técnico-Científico, foram à fábrica de munições da Silencia Defense em Trollhättan. Naquela manhã ele recebera um e-mail de Björn Almskog, mas provavelmente não o leu até o fim da tarde, porque só o respondeu às 18h25. Em sua resposta, Palmcrona alerta o chantagista para consequências terríveis.

Na hora do almoço no dia seguinte, não tendo tido notícias de Björn, Palmcrona enviou um segundo e-mail a ele, dessa vez dizendo que está resignado com relação às consequências sobre as quais alertara antes. Foi nesse momento que provavelmente prendeu o laço na luminária do teto e pediu à empregada que o deixasse em paz. Assim que ela partiu, ligou a música, foi para o salão menor, colocou a maleta em pé, subiu nela e passou o laço ao redor do pescoço, chutando a maleta em seguida.

Foi após o suicídio que o segundo e-mail de Björn chegou à caixa de entrada de Palmcrona, e, no dia seguinte, um último e-mail.

Joona coloca a impressão dos cinco e-mails em sequência na mesa, para que ele e Saga possam ler a correspondência inteira.

O primeiro e-mail de Björn Almskog é datado de quarta-feira, 2 de junho, às 11h37:

Caro Sr. Palmcrona

Estou escrevendo para informá-lo de que estou de posse de uma fotografia original constrangedora. Ela o mostra sentado em um camarote e tomando champanhe com Raphael Guidi. Entendendo que essa fotografia poderia lhe causar problemas, estou disposto a vendê-la ao senhor pela quantia de 1 milhão de coroas. Assim que depositar o dinheiro na conta de transferência 837-9 222701730, a fotografia será enviada para seu endereço residencial e toda a correspondência será deletada.
Saudações de um "skunk".

A resposta de Carl Palmcrona é datada de quarta-feira, 2 de junho, às 18h25:

Não sei quem você é, mas sei que não tem ideia de em que está se metendo. Você não deve ter nenhuma noção.

Portanto, eu o alerto de que é uma questão muito séria e peço que me envie essa fotografia antes que seja tarde demais.

Na quinta-feira, 3 de junho, às 2h02, claramente não tendo recebido notícias de Björn, Palmcrona envia uma segunda resposta:

Já é tarde demais. Somos ambos homens mortos.

Björn envia uma resposta duas horas depois:

Certo, farei como pede.

E Björn Almskog envia um terceiro e-mail no dia seguinte, sexta-feira, 4 de junho, às 7h44:

Caro Sr. Palmcrona

Mandei a fotografia. Esqueça que tentei entrar em contato com o senhor.
Saudações de um "skunk".

Após ler os e-mails duas vezes, Saga ergue os olhos para Joona.

— Então Björn Almskog quer vender uma fotografia comprometedor para Palmcrona. É óbvio que Palmcrona acredita nele, mas também que a fotografia é muito mais perigosa do que Björn imaginara. Palmcrona alerta Björn de que não vai dar dinheiro algum e parece mesmo acreditar que a simples existência dessa fotografia ameaça a vida de ambos.

— Então o que você acha que aconteceu depois? — pergunta Joona.

— Palmcrona espera uma resposta por e-mail ou correio normal — diz Saga. — Quando não há resposta, ele envia o segundo e-mail alertando que ambos morrerão.

— E então Palmcrona se enforca — diz Joona.

— Quando Björn aparece no cibercafé e lê o segundo e-mail de Palmcrona, “Já é tarde demais. Somos ambos homens mortos”, fica com medo e responde que fará o que Palmcrona pediu.

— Sem saber que Palmcrona já está morto.

— Certo — diz Saga. — Já é tarde demais e qualquer coisa que Björn possa fazer será inútil.

— Ele parece entrar em pânico após receber o segundo e-mail de Palmcrona. Desiste de qualquer ideia de chantagem e só quer se safar.

— Mas o problema é que a fotografia em questão está grudada na porta de Penelope.

— Então ele não tem nenhuma oportunidade de pegá-la até Penelope sair para o estúdio de TV — continua Joona. — Espera do lado de fora, vê Penelope pegar um táxi, entra apressado, vê a garotinha nas escadas, entra no apartamento, arranca a foto da porta de vidro, pega o metrô, manda a foto para Palmcrona e envia um e-mail a ele. Depois vai para seu apartamento em Pontonjärgatan, 47, arruma suas coisas para o passeio de barco, pega o ônibus para Södermalm e corre para seu barco ancorado no porto de Långholmen.

— E o que o leva a pensar que isto é maior do que uma chantagem comum?

— Porque o apartamento de Björn foi totalmente destruído por um incêndio menos de quatro horas após ele ter saído de lá — responde Joona.

— Parei de acreditar em coincidências no que diz respeito a esta investigação — diz Saga.

— Eu também — concorda Joona com um sorriso.

Eles olham a correspondência novamente e Joona aponta para os dois e-mails de Palmcrona.

— Ele deve ter entrado em contato com alguém entre o primeiro e o segundo e-mails — reflete Joona.

— O primeiro é um alerta — diz Saga. — O segundo diz que já é tarde demais e eles vão morrer.

— Acredito que Palmcrona pediu conselhos a alguém ao receber o e-mail com a chantagem. Ele estava morrendo de medo, mas esperava conseguir ajuda — diz Joona. — Só quando se percebe que não haverá ajuda ele escreve o segundo e-mail no qual diz a Björn que ambos vão morrer.

— Teremos de colocar alguém examinando seus telefonemas — diz Saga.

— Erixson já está fazendo isso.

— O que mais?

— Quem é a pessoa mencionada no primeiro e-mail de Björn? — pergunta Joona.

— Raphael Guidi?

— O que você sabe sobre ele?

— É uma homenagem ao arcanjo Rafael — diz Saga. — É um empresário italiano que negocia venda de armas para o Oriente Médio e a África.

— Venda de armas — repete Joona.

— Raphael está no negócio há trinta anos e construiu um império. Houve boatos, claro, mas nunca nada concreto. A Interpol investigou, mas nunca descobriu nada sobre ele.

— Seria incomum encontrar Palmcrona na companhia de Raphael?

— De modo algum — responde ela. — Faz parte do trabalho. Mas brindar com champanhe? Não sei.

— Mas não se mataria alguém, assassinaria alguém, por causa disso — conclui Joona.

— Não.

— Aquela fotografia deve revelar algo mais, algo muito mais perigoso.

— Se Björn a colocou no correio, deve ter chegado aqui, ao apartamento — diz Saga.

— Eu olhei a correspondência na bandeja de entrada — começa Joona, mas se interrompe na metade. Saga olha para ele.

— Então, o que foi? No que está pensando?

— Só há cartas pessoais na bandeja. Nada de anúncios. Nada de contas — diz.

— O correio já havia sido selecionado quando chegou aqui.

A empregada, Edith Schwartz, não tem telefone. Mora 46 quilômetros ao norte de Estocolmo, na periferia de Knivsta. Joona está no banco do carona ao lado de Saga, que dirige a uma velocidade razoável pela Sveavägen. Eles saem da região central de Estocolmo em Norrtull e pegam a estrada perto do Hospital Karolinska.

— O Sapo já encerrou o trabalho na cena de crime no apartamento de Penelope Fernandez — Saga está dizendo. — Estudei todo o material e, com base nisso, ficou totalmente claro que ela não tem relação com grupos de esquerda. Ao contrário, ela mantém distância de todos eles e é uma pacifista declarada. Critica ativamente os métodos da esquerda. Eu também examinei a pouca informação que temos sobre Björn Almskog. Ele trabalha no Debaser, uma boate em Medborgarplatsen. Não é politicamente atuante, mas foi preso uma vez em uma festa de rua organizada pelo Reclaim the City.

Eles passam rapidamente entre os mourões de cerca pretos ao longo do Cemitério Norte e a cerca viva do parque Haga.

— Também examinei nossos arquivos — prossegue Saga. — Tudo que temos sobre os extremistas de esquerda e de direita em Estocolmo. Isso me tomou a maior parte da noite. Claro que a maior parte é classificada como secreta, mas há uma coisa que você precisa saber: o Sapo cometeu um equívoco. Nem Penelope nem Björn estiveram envolvidos em sabotagem ou qualquer coisa que remotamente lembrasse sabotagem. Eles são quase risivelmente inocentes.

— Então você está abandonando essa abordagem?

— Como você, estou convencida de que estamos investigando algo totalmente diferente, bem acima de extremistas de esquerda ou direita... Algo que talvez esteja bastante além do Sapo ou do Departamento Nacional de Investigação Criminal. Estou falando da morte de Palmcrona. Ligue isso ao incêndio no apartamento de Björn e ao assassinato de Viola... É algo totalmente diferente.

Saga fica em silêncio. Joona pensa no modo estranho como a empregada olhou para ele e perguntou se já havia baixado Palmcrona.

Dissera a ela: “O que quer dizer com isso?”

Ela respondera: “Desculpe, sou apenas uma empregada e pensei...”

Ele perguntara se vira algo incomum.

“Um laço pendurado do teto no salão menor”, respondera.

“Então você viu o laço?”

“Sim, na verdade, sim.”

Claro que sim, pensa Joona enquanto vê a estrada se estender à frente deles. “Sim, na verdade, sim”, dissera. A expressão persuasiva da empregada — em palavras e modo — reverbera em sua cabeça. Assim como o olhar que ela lançou quando disse que teria de ir à delegacia prestar um depoimento. Ele pensara que isso a preocuparia, mas não foi de modo algum o que aconteceu; ela apenas balançara a cabeça.

Eles estão passando por Rotebro. Joona estivera envolvido em um antigo caso ali no qual haviam retirado de um jardim restos enterrados havia dez anos enquanto procuravam o filho de Erik Maria Bark, Benjamin. Fora no inverno. Agora flores do campo e folhagem suavizavam os trilhos de trem enferrujados e clareavam o caminho ao redor do estacionamento e na direção das casas geminadas e das casas maiores.

Joona decide ligar para Nathan Pollock no Departamento Nacional de Investigação Criminal. Após alguns toques ele ouve a noz nasalada de Nathan.

— Aqui é Nathan.

— Você e Tommy encontraram círculos de pegadas sob o corpo de Palmcrona.

— A investigação foi encerrada — responde Nathan enquanto Joona o ouve digitar em um computador.

— Certo, mas agora...

— Já sei — disse Nathan. — Acabei de falar com Carlos e ele me contou sobre os novos desdobramentos.

— Então você pode dar outra olhada?

— Já estou fazendo isso — responde Nathan.

— Ótimo. Quando terá resultados?

— Agora — responde Nathan. — São de Palmcrona e sua empregada, Edith Schwartz.

— Ninguém mais?

— Ninguém.

Saga está mantendo velocidade constante de 140 quilômetros por hora. Eles seguem rumo norte pela Estrada Europeia 4.

Mais cedo naquela manhã Joona e Saga haviam ido à delegacia escutar o interrogatório gravado de Edith Schwartz enquanto acompanhavam as anotações manuscritas de John Bengtsson.

Joona repassa perguntas e respostas de memória. Depois das declarações formais de praxe informando a Edith que não há suspeita de um crime, eles perguntam se ela poderia ajudar a esclarecer as razões por trás da morte de Carl

Palmcrona. Silêncio. Então Joona e Saga ouvem os sons do sistema de ventilação, o rangido de uma cadeira e uma caneta raspando uma folha de papel. John Bengtsson decidira que, devido ao aparente desinteresse de Edith Schwartz, ele a deixaria falar primeiro.

Pelo menos dois minutos se passaram antes que ela falasse. Dois minutos é um tempo longo para ficar sentada diante da escrivaninha de um policial enquanto uma fita rola.

Ela finalmente perguntou:

— O diretor Palmcrona tirou seu casaco?

— Por que pergunta? — retruca John Bengtsson de modo amistoso.

Ela não disse nada. Mais meio minuto se passou. Finalmente John rompeu o silêncio perguntando:

— Ele estava vestindo seu casaco na última vez em que o viu?

— Sim, estava.

— Mais cedo você contou ao detetive Linna que viu um laço pendurado do teto.

— Correto.

— Achou que ele iria usar o laço para quê?

Ela não respondeu.

— Há quanto tempo o laço estava pendurado lá?

— Desde quarta-feira — disse ela calmamente.

— Então você viu o laço pendurado do teto na noite de 2 de junho, foi para casa, retornou na manhã seguinte, 3 de junho, viu que o laço ainda estava pendurado lá, encontrou Palmcrona, deixou o apartamento e retornou em 5 de junho às 14 horas, quando encontrou o detetive Linna.

As anotações relatam que nesse momento ela deu de ombros.

— Poderia nos dizer algo sobre esses quatro dias? — perguntou.

— Eu vou ao apartamento do diretor Palmcrona toda manhã, às 6 horas. Só sou autorizada a usar minha chave de manhã cedo, já que Palmcrona dorme até as 6h30. Ele tem horários regulares e nunca dorme até mais tarde, nem mesmo no domingo. Eu passo os grãos de café no moedor manual, corto duas fatias de pão preto e passo margarina extrassalgada neles antes de colocar duas fatias de patê de fígado trufado e pickles com uma fatia de queijo cheddar de um lado. Coloco a mesa com uma toalha engomada e a porcelana de verão. Tenho de retirar todos os anúncios e a seção de esportes dos jornais matutinos e os colocar, dobrados, do lado direito do prato.

Ela detalha toda a preparação de hambúrgueres de vitela moída com molho de creme de quarta-feira, bem como dos preparativos para o almoço de quinta-feira.

Quando chegou ao ponto em que retornou ao apartamento com comida para o

fim de semana e tocou a campainha, ficou em silêncio novamente.

— Entendo que isso pode ser difícil para você — disse John Bengtsson depois que um pouco mais de tempo havia passado. — Mas escutei todas as suas palavras por um bom tempo. Você passou por quarta-feira e quinta-feira, mas em nenhum momento disse nada que poderia ter relação com a morte inesperada de Palmcrona.

Ela não disse nada.

— Peço que examine sua memória novamente — disse John Bengtsson com bastante paciência. — Você sabia que Carl Palmcrona estava morto quando tocou a campainha?

— Não.

— Perguntou ou não ao detetive Linna se ele já havia sido baixado? — perguntou John, irritação surgindo em sua voz.

— Sim, perguntei.

— Você já o tinha visto morto?

— Não, não tinha.

— Mas que inferno! — reagiu John, a irritação explodindo. — Não pode simplesmente nos dizer o que sabe? O que a levou a perguntar se já o havíamos baixado ou não? Foi você quem perguntou isso! Por que perguntou se nem sequer sabia que ele estava morto?

John Bengtsson anotou que ele infelizmente se permitira ser provocado pela impassível recusa da mulher de dar respostas diretas e que, após ele ter se irritado, ela se fechara totalmente.

— Está me acusando de um crime? — perguntou ela friamente.

— Não.

— Então acredito que terminamos.

— Realmente gostaríamos de sua ajuda...

— Não me lembro de mais nada — disse, se levantando da cadeira.

Joona olha para Saga. Seus olhos estão fixos na estrada à frente.

— Estou pensando na entrevista com a empregada — diz ele.

— Eu também.

— John se cansou da atitude dela e pensou que ela estava se contradizendo. Ele supôs que ela sabia que Palmcrona estava morto quando tocou a campainha e nós atendemos.

— Certo — concordou Saga, ainda sem desviar os olhos da estrada.

— Mas ela estava simplesmente dizendo a verdade. Ela realmente não sabia que ele estava morto. Acreditava que podia estar, mas não tinha certeza — continua. — Por isso ela disse não à declaração dele.

— Edith Schwartz parece uma mulher incomum.

Joona diz:

— Acredito que ela está tentando não mentir, mas ainda assim esconde algum segredo de nós.

Nem Joona nem Saga acreditam que serão capazes de arrancar alguma coisa importante de Edith Schwartz, mas talvez ela tenha pistas de onde poderia estar a fotografia. Eles precisam solucionar esse caso.

Saga vira para oeste na Estrada 77 sob o viaduto a caminho de Knivsta, depois quase imediatamente entra em uma pequena estrada de cascalho paralela à estrada principal.

Florestas de pinheiros baixos delimitam campos sem cultivo. A beirada de pedras de um depósito de esterco se partiu e seu teto de zinco está caído de lado.

— Deve ser aqui — diz Saga, espiando o GPS.

Eles seguem lentamente até uma barreira enferrujada e param. Enquanto Joona salta, ouve o ruído abafado do tráfego na estrada. Vinte metros à frente eles podem ver uma casa de um andar feita de tijolos amarelos sujos. Venezianas decorativas estão trancadas, e há musgo cobrindo as telhas de amianto.

Quando se aproximam da casa, ouvem um ruído incomum de algo se arrastando. Eles se entreolham e se deslocam com cautela para a porta da frente da casa. Um barulho vem dos fundos; depois ouvem o ruído metálico novamente, e está se aproximando. Um pastor-alemão contorna a casa correndo, a boca escancarada. Ele para com um solavanco a um metro de Saga, erguido sobre as patas traseiras, preso por uma guia comprida. Ele recua um pouco, agacha e começa a latir. Joga a cabeça de um lado para o outro, tentando se soltar. Quando pula, a guia desliza por um poste produzindo um som arrastado, que parece um gemido.

O cachorro se vira para correr na direção de Joona, mas é puxado para trás novamente. Ele late enlouquecidamente, mas para no instante em que ouve uma voz dentro de casa.

— Nils! — ordena uma voz feminina.

Eles ouvem o piso ranger do lado de dentro, e no momento seguinte a porta se abre. O cachorro corre de volta para os fundos da casa e o ruído metálico desaparece com ele.

— Precisamos falar com você — diz Joona.

— Já disse à polícia tudo que sei — retruca ela.

— Podemos entrar?

— Não.

Joona olha para além dela, para o interior escuro da casa. O saguão está coberto de potes e panelas, pratos, a mangueira cinza de um aspirador de pó, roupas, sapatos e um puçá enferrujado.

— Podemos ficar aqui fora — diz Saga, tranquilizadora.

Joona olha suas anotações. É rotina repassar detalhes de um interrogatório para descobrir discrepâncias ou mesmo surpreender alguém contando uma mentira da qual já não se lembra bem.

— O que Palmcrona jantou na quarta-feira?

— Hambúrgueres de vitela moída com molho de creme — responde ela.

— Com arroz? — pergunta Joona.

— Com batatas — responde. — Sempre batatas cozidas.

— A que horas Palmcrona retornou ao seu apartamento na quinta-feira?

— Às 18 horas.

— Quais eram suas tarefas quando deixou o apartamento de Palmcrona na quinta-feira?

— Ele me deu a noite de folga.

Joona olha diretamente nos olhos dela e decide que não faz sentido dar voltas. Ele vai direto ao ponto.

— Palmcrona já havia prendido o laço na noite de quarta-feira?

— Não — responde Edith.

— Mas você disse ao nosso colega John Bengtsson que sim — disse Saga.

— Não é verdade.

“Sua entrevista foi gravada”, Saga tem vontade de dizer, mas descobre que está irritada e decide ficar calada.

— Fez alguma pergunta a Palmcrona sobre o laço? — indaga Joona.

— Nunca discutimos questões pessoais.

— Mas não é estranho deixar um homem com um laço pendendo do teto? — pergunta Saga.

— Bem, o que eu poderia fazer? Ficar ali e vigiá-lo? — retruca Edith com um ligeiro sorriso.

— É verdade — concorda Saga, calmamente.

Edith inspeciona Saga pela primeira vez. Sem constrangimento, seus olhos passeiam desde os cabelos de contos de fadas de Saga, presos com uma fita colorida, até o rosto limpo, descendo para jeans e tênis.

— Bem, devo dizer que acho isso um tanto confuso — continua Saga. — Você contou a nosso colega que viu o laço na quarta-feira, mas acabou de dizer o oposto.

Joona confere seu bloco em busca da pergunta anterior de Saga.

— Edith — diz Joona. — Acredito que entendo o que você disse.

— Que bom — retruca ela.

— Em relação à questão sobre Palmcrona ter pendurado o laço na quarta-feira, você disse que não... porque não foi Palmcrona quem o pendurou.

A velha lança um olhar duro para Joona. Depois diz com firmeza:

— Ele tentou, mas não conseguiu. Suas costas estavam tensas demais devido à operação que fez no inverno passado... Então ele me pediu.

Há silêncio novamente. As árvores que os cercam estão totalmente imóveis no dia quente.

— Então foi você quem fez um laço com uma corda de varal e pendurou no teto? — pergunta Joona.

— Ele deu o nó e segurou a escada para eu subir — diz ela.

— Depois você recolheu a escada, voltou para seus afazeres habituais e foi para casa após lavar a louça do jantar de quarta-feira — diz Joona.

— Certo.

— Você voltou na manhã seguinte — continua ele. — Começou o dia como de costume, preparando o café da manhã.

— Você sabia que ele ainda não tinha se enforcado? — pergunta Saga.

— Bem, eu dei uma espiada no salão — responde Edith.

A sombra de um sorriso sarcástico surge por uma fração de segundo em seu rosto fechado.

— Você já nos disse que ele tomou café como de hábito, mas que não foi trabalhar na manhã de quinta-feira.

— Ele ficou na sala de música pelo menos uma hora.

— Ele estava escutando música?

— Sim, estava.

— Logo depois do almoço ele deu um telefonema — diz Saga.

— Bem, isso eu não sei. Ele foi para o escritório e fechou a porta, mas antes de almoçar salmão cozido pediu que marcasse um táxi para as 14 horas.

— Ele estava planejando ir ao aeroporto Arlanda?

— Sim, estava.

— E faltando dez minutos para as 14 horas alguém ligou para ele.

— Sim, ele já colocara o casaco e atendeu o telefone no saguão.

— Ouviu o que ele disse? — pergunta Saga.

— “Morrer não é um pesadelo” — retruca Edith.

— Perguntei a você o que ele disse — repete Saga.

— Agora vocês vão me desculpar — diz Edith secamente e começa a fechar a porta.

— Só um segundo — insiste Joona.

O movimento da porta é interrompido e Edith franze o cenho para ele pela

abertura, sem reabri-la.

— Você separou a correspondência de Palmcrona hoje? Está com ela? — pergunta Joona.

— Claro.

— Por favor, nos traga tudo que não for publicidade — pede Joona.

Ela confirma com um gesto de cabeça, entra na casa, deixando a porta entreaberta, e retorna com um pote azul cheio de correspondência.

— Obrigado — diz Joona, pegando o pote.

Edith fecha a porta completamente e eles a ouvem trancando. Alguns segundos depois escutam novamente o barulho da guia do cachorro. Ouvem seus latidos agressivos atrás deles enquanto caminham para o carro e entram.

Saga liga o motor, engrena o carro e dá a volta. Joona coloca luvas de proteção para examinar as cartas no pote e depois tira um envelope pardo com um endereço escrito à mão. Abre cautelosamente e com o mesmo cuidado desliza para fora a fotografia pela qual pelo menos duas pessoas morreram.

Saga Bauer vai para o acostamento e estaciona. A grama na vala é tão alta que roça na janela do carona. Joona Linna permanece absolutamente imóvel enquanto contempla a fotografia.

Há algo indistinto no alto, mas no geral está perfeitamente nítida. Provavelmente a câmera estava escondida e a fotografia foi tirada em segredo.

Há quatro pessoas sentadas no grande camarote de uma sala de espetáculos. Três homens e uma mulher. Seus rostos são claramente visíveis. Apenas uma pessoa está virada, mas mesmo esse rosto não está oculto.

Há champanhe em um balde e a mesa foi arrumada de modo a que eles pudessem conversar e comer escutando a música.

Joona reconhece Carl Palmcrona imediatamente. Ele segura uma *flûte* de champanhe. Saga consegue identificar duas das outras pessoas.

— Aquele é Raphael Guidi, o negociante de armas mencionado no e-mail de chantagem — diz, apontando para um homem de cabelos ralos. — E o que olha para longe é Pontus Salman, diretor da Silencia Defense.

— Armas — diz Joona.

— Silencia Defense é uma empresa bastante conhecida.

Sob os holofotes, no palco atrás dos homens, pode-se ver um quarteto de cordas: dois violinos, viola e violoncelo. Os músicos são todos homens. Estão em um semicírculo, os rostos calmos e concentrados. É difícil dizer se seus olhos estão fechados ou entreabertos, se estão olhando para a música ou simplesmente acompanhando as diferentes partes.

— Quem é a quarta pessoa, a mulher? — pergunta Joona.

— Deixe-me pensar e vai me ocorrer — responde Saga enquanto as engrenagens giram em sua cabeça. — Eu a reconheço, mas... Droga... — A voz de Saga desaparece enquanto ela observa a mulher na foto.

— Precisamos descobrir quem ela é — diz Joona em voz baixa.

— Claro.

Saga liga o carro e, ao retornar à estrada, a resposta surge.

— É Agathe al-Haji — diz. — Ela é conselheira militar do presidente Omar al-Bashir.

— Sudão.

— Isso.

— Há quanto tempo é conselheira dele?

— Uns quinze anos. Não consigo lembrar.

— Então o que está acontecendo nesta foto? — reflete Joona.

— Não tenho ideia. Quer dizer... O fato de os quatro se encontrarem não é tão estranho. Talvez estejam discutindo propostas de negócios — especula Saga. — Esse tipo de encontro acontece o tempo todo. Esse poderia ser um primeiro. As pessoas se encontram, explicam suas intenções e talvez peçam ideias, até mesmo uma decisão preliminar, de Carl Palmcrona.

— E a reação positiva dele poderia significar que a Inpe muito provavelmente daria permissão de exportação no fim.

— Exatamente. Seria um bom indício.

— A Suécia costuma exportar material bélico para o Sudão? — pergunta Joona.

— Não, acho que não — responde ela. — Deveríamos perguntar a um especialista. Acredito que China e Rússia são os maiores exportadores para o Sudão, mas não estou certa. Foi assinado um acordo de paz no Sudão em 2005, e imagino que o mercado de exportação tenha se aberto depois disso.

— Então o que esta fotografia nos diz? Por que Carl Palmcrona tiraria a própria vida por causa dela? Quer dizer, eles se encontraram em público em um camarote de uma sala de espetáculos.

Eles seguem em silêncio rumo ao sul pela estrada empoeirada enquanto Joona analisa a fotografia ininterruptamente, vira, percebe o canto rasgado e pensa.

— Então esta fotografia pode não ser perigosa para alguém — afirma.

— Não do modo que penso.

— Palmcrona tirou a própria vida porque percebeu que a pessoa que tirou essa fotografia poderia denunciar alguma coisa? Será que a fotografia é apenas um aviso? Talvez Penelope e Björn sejam mais importantes que a fotografia?

— Não sabemos porcaria nenhuma.

— Sim, sabemos — diz Joona. — O problema é que não sabemos como ligar os pontos. Ainda estamos tentando adivinhar as ordens desse assassino de aluguel. Parece que ele estava apenas tentando encontrar esta fotografia para destruí-la e que matou Viola por tê-la confundido com Penelope.

— Talvez Penelope tenha tirado a foto — sugere Saga. — Ainda assim, esse assassino não ficou satisfeito apenas com a morte dela.

— Exatamente. Não sabemos o que vem primeiro: a fotografia é uma ligação com o fotógrafo, que seria a verdadeira ameaça? Ou o fotógrafo é a ligação com a fotografia, a principal ameaça?

— O primeiro ataque foi ao apartamento de Björn.

Eles ficam em silêncio durante alguns minutos. Estão quase de volta à delegacia quando Joona olha a fotografia de perto. As quatro pessoas no camarote, a comida, os quatro músicos no palco, os instrumentos, a cortina pesada, a garrafa de champanhe, as *flûtes*.

— Olhando esta fotografia — diz Joona —, eu vejo quatro rostos. Um deles tem de estar por trás do assassinato de Viola Fernandez.

— Certo. Palmcrona está morto, então provavelmente podemos excluí-lo. Portanto restam três... E dois deles estão fora do nosso alcance, então não podemos interrogá-los.

— Temos de interrogar Pontus Salman — conclui Joona.

É difícil encontrar um humano de verdade na Silencia Defense AB. Todas as linhas externas levam ao mesmo labirinto de instruções automatizadas e informações gravadas. Finalmente Saga decide evitar tudo com o número 9 e a tecla asterisco. Ela é transferida para a secretária da empresa. Ignora as perguntas da funcionária e vai diretamente ao que deseja. A secretária não fala nada por algum tempo e depois diz a Saga que todos saíram para almoçar.

— Por favor, telefone novamente amanhã entre 9 e 11 horas e...

— Diga a Pontus Salman para se preparar para uma visita do Sãpo às 14 horas hoje — anuncia Saga em voz alta e firme.

— Lamento — diz a secretária. — Ele está em reuniões o dia inteiro.

— Não estará às 14 horas — responde Saga com doçura.

— Sim, está anotado em sua agenda que...

— Porque às 14 horas ele estará reunido comigo — diz Saga.

— Vou repassar seu pedido.

— Muito obrigada — retruca Saga. Ela olha nos olhos de Joona do outro lado da mesa.

— Quatorze horas? — confirma ele.

— Sim, com certeza.

— Tommy Kofoed gostaria de dar uma olhada naquela foto — diz Joona. — Vamos passar no escritório dele depois do almoço, antes de sairmos.

* * *

Enquanto Joona almoça com Disa, os peritos no Laboratório Nacional de Perícia estão ampliando a fotografia.

O rosto de uma pessoa específica no camarote está sendo borrado para se tornar irreconhecível.

* * *

Disa está sorrindo consigo mesma enquanto retira o arroz da panela. Ela o estende para Joona e o observa umedecer as mãos e verificar se o arroz está frio o bastante para fazer bolinhos.

— Sabia que Södermalm tinha seu próprio calvário?

— Calvário como Gólgota ou calvária como de crânio?

— Um lugar para execuções.

Disa balança a cabeça enquanto abre o armário de cozinha de Joona, encontra duas taças, serve vinho branco em uma e água na outra.

Disa parece relaxada. Suas sardas ficaram mais escuras e ela prendeu os cabelos despenteados em uma trança frouxa. Joona lava as mãos e pega um novo pano de prato. Disa vai até ele e coloca os braços ao redor de seu pescoço. Joona reage ao abraço colocando o rosto junto ao dela e inalando o cheiro dos seus cabelos enquanto sente as mãos dela acariciando gentilmente suas costas e seu pescoço.

— Vamos em frente — sussurra. — Vamos tentar.

— Talvez — diz ele em voz baixa.

Ela o aperta com força, depois solta os braços.

— Há momentos em que eu realmente tenho raiva de você — murmura enquanto se vira.

— Disa, sou quem sou, mas eu...

— Fico muito feliz por não vivermos juntos — diz ela, e sai da cozinha.

Ele a ouve se trancando no banheiro e se pergunta se deveria ir até lá e bater na porta, mas sabe que ela realmente quer ficar sozinha, então apenas continua a preparar o almoço. Pega um pedaço de peixe, o coloca na palma da mão e depois passa uma linha de wasabi nele.

Alguns minutos depois Disa volta. Fica de pé no umbral e o observa terminando o sushi.

— Lembra que a sua mãe sempre tirava o salmão do sushi e o fritava antes de recolocá-lo no arroz? — comenta ela, rindo.

— Claro.

— Devo pôr a mesa?

— Por favor.

Disa leva pratos e hashis para a sala grande, interrompe a caminhada ao lado da janela e olha para a Wallingatan abaixo. Um grupo de árvores ilumina a vista com suas folhas verdes de final de primavera. Seus olhos passeiam pela paisagem agradável até Norra Bantorget, onde Joona Linna morou no ano anterior.

Ela arruma a mesa de jantar amarelada, volta à cozinha para tomar um gole de vinho. O vinho perdeu sua acidez ao ser gelado. Ela reprime a repentina vontade de se sentar no chão de madeira laqueada sob a mesa e almoçar, comendo com as mãos

como se ainda fossem crianças.

Em vez disso, diz:

— Fui convidada para sair.

— Convidada para sair?

Ela confirma com um gesto de cabeça e sente que quer ser um pouco má, embora na verdade não queira.

— Fale sobre isso — diz Joona calmamente enquanto leva a bandeja com sushi para a mesa.

Disa pega sua taça e diz relaxada:

— É que tem um cara no museu que está me convidando para jantar há seis meses.

— As pessoas ainda convidam as outras para jantar atualmente?

Disa sorri um tanto maliciosa.

— Está com ciúmes?

— Não sei. Talvez um pouco — admite Joona indo na direção dela. — É sempre agradável ser convidado para jantar.

— É verdade.

Disa enfia os dedos nos cabelos grossos de Joona.

— Ele é bonito?

— Na verdade, sim.

— Que bom.

— Mas você sabe que eu realmente não quero. — Disa sorri.

Ele não responde e vira a cabeça.

— Você sabe o que eu quero — continua Disa, suavemente.

O rosto de Joona está um pouco pálido. Ela vê uma camada de suor na testa dele. Ele se vira para ela lentamente. Seus olhos escureceram até estarem negros e duros como um abismo.

— Joona? — chama. — Esqueça isso. Desculpe-me...

Joona parece prestes a dizer algo e começa a dar um passo quando as pernas fraquejam.

— Joona! — grita Disa, derrubando a taça da mesa quando corre para perto dele. Ela o segura e sussurra que logo passará.

Após alguns minutos o rosto de Joona desfaz gradualmente sua expressão contorcida de dor.

Disa se levanta para recolher os pedaços da taça quebrada do chão. Em seguida eles se sentam à mesa e comem em silêncio.

Depois de um tempo Disa fala:

— Você não está tomando seu remédio.

— Ele me deixa sonolento. Eu preciso pensar. Neste momento é importante

pensar claramente.

- Você me prometeu que continuaria com ele.
- Eu vou, eu vou — tranquiliza-a.
- É perigoso não continuar, você sabe disso — sussurra ela.
- Assim que resolver este caso eu volto a tomar.
- E se nunca resolver?

* * *

A distância, o Museu Nórdico parece ser uma bela imagem esculpida em ébano, embora seja construído de arenito e calcário. É um sonho renascentista de elegância com suas muitas torres e seus pináculos. O museu foi planejado como uma homenagem à soberania dos povos nórdicos, mas, quando foi inaugurado, em um dia chuvoso do verão de 1907, a união entre Suécia e Noruega havia se dissolvido e o rei estava morrendo.

Joona caminha rapidamente pelo enorme saguão grandioso do museu e só para após ter subido as escadas. Ele se detém, depois passa lentamente pelas vitrines iluminadas. Nada ali chama sua atenção. Ele segue em frente, seus pensamentos tomados por lembranças e pela tristeza da perda.

O guarda o tinha visto chegar e colocara uma cadeira para ele junto a um mostruário específico. Joona Linna se acomoda e ergue os olhos para a coroa nupcial sami diante dele. Os oito pontos da coroa são como mãos ligadas, e a coroa brilha suavemente sob a luz atrás do vidro fino. Joona consegue ouvir uma voz dentro de si e vê um rosto sorrindo para ele enquanto se senta ao volante do carro. Ele está dirigindo. Choveu naquele dia, mas agora o sol se reflete nas poças da estrada de forma tão brilhante que parece haver fogos iluminando-as por baixo. Ele se vira para o banco de trás para ter certeza de que Lumi está bem preso.

A coroa nupcial parece feita de tiras leves de couro ou cabelos trançados. Ele desfruta de sua promessa de amor e prazer e se lembra de como era sua esposa: seu sorriso sério, seus cabelos cor de areia roçando o rosto.

- Como está hoje? — pergunta o guarda.

Joona ergue os olhos para o guarda, surpreso. O homem trabalha ali há muitos anos. Meia-idade, barba por fazer e olhos cansados.

- Na verdade não sei — responde Joona enquanto se levanta.

Joona Linna e Saga Bauer estão no carro a caminho da reunião com Pontus Salman no escritório central da Silencia Defense. Levam a fotografia que os técnicos do Departamento Nacional de Investigação ampliaram. Eles viajam em silêncio rumo ao sul pela Autoestrada 73, que segue como uma pista suja para Nynäshamn.

Duas horas antes Joona estava novamente olhando para as quatro pessoas sentadas no camarote: Raphael com seu rosto calmo e crânio calvo; Palmcrona com seu sorriso fraco em óculos de armação de metal; Pontus Salman, com a expressão plácida, quase juvenil; e Agathe al-Haji, com a face enrugada e o olhar inteligente e pesado.

— Tenho uma ideia — dissera Joona, encarando Saga. — Se pudéssemos reduzir a qualidade da foto e retocá-la para que Pontus Salman não seja mais identificável...

Ele fica em silêncio acompanhando seu raciocínio interior.

— O que conseguiríamos? — pergunta Saga.

— Ele não sabe que temos uma foto original definida, certo?

— Como saberia? Ele espera que deixemos a foto mais nítida, não o contrário.

— Exatamente. Fizemos todo o possível para identificar as quatro pessoas na fotografia, e descobrimos três. A quarta está um pouco virada e o rosto está borrado demais.

— Você acha que devemos dar a ele a chance de mentir — conclui Saga. — Alegar que não estava lá e que não se encontrou com Palmcrona, Agathe al-Haji e Raphael.

— Se ele negar que esteve lá, então o encontro era o segredo.

— E se começar a mentir o pegaremos em uma armadilha.

Eles passam por Handen e pegam a saída para Jordbrolänken. Entram em uma área industrial cercada por uma floresta silenciosa.

O escritório central da Silencia Defense fica em um prédio de concreto impessoal de um cinza pálido. Joona examina-o com atenção, com suas janelas de vidro fumê. Pensa novamente nas quatro pessoas na foto que deflagrou uma cadeia de violência levando à morte de uma jovem e à tristeza de sua mãe. Talvez Penelope Fernandez e Björn Almskog também estejam mortos por causa dessa foto. Joona sai

do carro e seu maxilar fica tenso. Pontus Salman, uma das pessoas na enigmática fotografia, está dentro daquele prédio naquele momento.

A fotografia original está em segurança no Laboratório Nacional de Perícia em Linköping. Tommy Kofoed criou uma cópia que parece velha e gasta como a original. Um canto está rasgado e restos de fita adesiva podem ser vistos nos outros. Kofoed deixou rosto e mão de Pontus Salman borrados, de modo que parece que Salman se movia no momento em que a foto foi tirada.

Salman pensará que tem sorte — apenas ele não está reconhecível. Nada o liga ao encontro com Raphael Guidi, Carl Palmcrona e Agathe al-Haji. A única coisa que precisa fazer é negar. Não é crime não se reconhecer em uma foto borrada e não se lembrar de ter encontrado certas pessoas.

Eles se encaminham para a entrada.

Se ele negar, o teremos apanhado em uma mentira e saberemos que deseja manter algo em segredo.

O ar está opressivamente quente e úmido.

Saga balança a cabeça com seriedade para Joona enquanto passam pelas reluzentes e pesadas portas de entrada.

E se Salman começar a mentir, pensa Joona, garantiremos que ele continue a mentir até estar tão enrolado que não consiga se safar.

A recepção é grande e fria.

Quando Pontus Salman olhar para a fotografia e disser que não consegue identificar as pessoas nela, diremos que é uma pena que ele não possa nos ajudar, Joona continua a pensar. Nós nos prontaremos para sair e então pararemos e perguntaremos se ele pode dar mais uma olhada com uma lente de aumento. O técnico deixou um anel com um brasão gravado nítido na mão pendente. Perguntaremos a Pontus Salman se ele reconhece roupas, sapatos ou o anel no mindinho. Ele será obrigado a mentir novamente, e então teremos um motivo para levá-lo para interrogatório e pressioná-lo mais.

Atrás da mesa da recepção há um emblema vermelho iluminado com o nome da empresa e um logotipo sinuoso cercado por letras da escrita rúnica.

— Ele lutou enquanto tinha uma arma — diz Joona.

— Você sabe ler runas? — pergunta Saga, cética.

Joona aponta para a placa com a tradução enquanto caminha até a mesa da recepção. Um homem pálido com lábios finos e secos está instalado atrás da mesa.

— Pontus Salman — informa Joona secamente.

— Vocês têm um horário marcado?

— Quatorze horas — diz Saga.

O recepcionista folheia alguns papéis, encontra um e lê.

— Sim, isso mesmo — começa ele, erguendo os olhos. — Infelizmente Pontus

Salman pede desculpas. Ele não pode comparecer ao encontro.

— Não recebemos aviso de cancelamento — diz Saga. — Precisamos falar com ele...

— Lamento muito.

— Por favor, ligue para ele. Informe que estamos aqui — diz Saga.

— Tentarei, mas acredito... que ele está em reunião.

— No quarto andar — acrescenta Joona.

— No quinto — corrige o recepcionista automaticamente.

Saga senta-se em uma das cadeiras da recepção. O sol entra pelas janelas e se espalha como fogo por seus cabelos. Joona permanece de pé enquanto o recepcionista leva o telefone ao ouvido e tecla um número. Há sinal de ocupado, e o recepcionista balança a cabeça.

— Desligue — ordena Joona. — Vamos fazer uma surpresa a ele.

— Surpresa? — repete o recepcionista, inseguro.

Joona simplesmente caminha para a porta de vidro além da mesa da recepção e a abre.

— Nem precisa dizer a ele que estamos indo — avisa Joona.

Saga levanta-se da cadeira e segue Joona.

— Espere! — chama o homem. — Vou tentar...

Eles continuam andando pelo corredor e entram em um elevador aberto. Apertam o botão para o quinto andar. A porta se fecha e o elevador sobe silenciosamente.

Pontus Salman espera por eles quando a porta se abre. Tem por volta de 40 anos e há uma expressão de velhice e cansaço em seu rosto.

— Bem-vindos — diz secamente.

— Obrigado.

Pontus Salman os examina rapidamente.

— Um detetive e uma princesa de conto de fadas — diz.

Enquanto acompanham Salman por um corredor comprido, Joona repassa mentalmente seu plano.

Joona sente um arrepio nas costas — como se Viola Fernandez estivesse abrindo os olhos naquele instante no necrotério, olhando para ele ansiosa.

As paredes do corredor são de vidro fumê e criam uma aura de atemporalidade. O escritório em si é bastante grande e contém uma escrivaninha de olmo e um conjunto estofado cinza-claro ao redor de uma mesinha de centro de vidro preto.

Cada um toma uma das cadeiras estofadas. Pontus Salman sorri, desanimado, e junta as pontas dos dedos das mãos. Depois pergunta:

— Por que estão aqui?

— Você sabe que Carl Palmcrona, da Inpe, está morto? — pergunta Saga.

Salman balança a cabeça, confirmando:

— Ouvi dizer que foi suicídio.

— Nossa investigação ainda não foi concluída — explica Saga em tom amistoso. — Estamos investigamos uma fotografia que encontramos. Queremos descobrir quem são as pessoas ao redor de Palmcraona.

— Três das pessoas na foto estão nítidas, mas uma está borrada — diz Joona.

— Também gostaríamos que alguns de seus empregados dessem uma olhada. Talvez alguém o reconheça. Uma das mãos, por exemplo, está um pouco mais nítida.

— Compreendo — diz Salman, contraindo os lábios.

— Talvez alguém possa dizer quem é em função do contexto — diz Saga. — Vale a pena tentar.

— Visitamos Patria e Saab Bofors Dynamics — diz Joona. — Ninguém de lá sabe.

O rosto cansado de Pontus Salman não revela nada. Joona pensa consigo mesmo se Salman toma comprimidos para se manter calmo e confiante. Há alguma coisa claramente sem vida em seus olhos — uma falta de expressão e contato —, como se algo do lado de dentro tivesse saído do lugar, o deixando sem ligação com nada.

— Vocês devem achar que isso é importante — reflete Salman, cruzando as pernas.

— De fato achamos — diz Saga.

— Eu poderia ver a tal fotografia incomum? — pergunta Pontus Salman com seu modo relaxado mas impessoal.

— Além de Palmcraona, identificamos o comerciante de armas Raphael Guidi — diz Joona. — Identificamos igualmente Agathe al-Haji, conselheira militar do presidente Al-Bashir... Mas ninguém reconhece essa quarta pessoa.

Joona tira a pasta e então estende a fotografia em sua capa plástica. Saga aponta para a pessoa borrada. Joona observa que ela está concentrada em Salman de modo a registrar cada nuance, cada sinal nervoso em seu corpo, caso minta.

Salman umedece os lábios e embora as bochechas empalideçam antes de responder dá um tapinha na fotografia e diz:

— Sou eu!

— É você?

— Sim. — Salman ri, revelando dentes da frente pequenos e infantis.

— Mas...

— Tivemos uma reunião em Frankfurt — continua ele com um sorriso satisfeito. — Estávamos escutando um maravilhoso... Bem, não lembro o que estavam tocando... Talvez Beethoven.

Joona tenta entender aquela confissão inesperada. Ele pigarreia.

— Você tem certeza?

— Claro — diz Salman.

— Bem, isso resolve o enigma — conclui Saga calorosamente, sem qualquer vestígio de seu equívoco.

— Talvez eu devesse pedir um emprego no Sapo — brinca Salman.

— Desculpe-me perguntar, mas qual era o assunto da reunião? — pergunta Joona.

— Agora posso falar sobre isso. — Salman ri e olha diretamente para Joona. — Essa foto foi tirada na primavera de 2008. Estávamos discutindo sobre um carregamento de munição para o Sudão. Agathe al-Haji negociava em nome do governo. A área precisava ser estabilizada depois do acordo de paz em 2005. As negociações foram bastante demoradas, mas todo nosso trabalho virou pó na primavera de 2009, claro. Ficamos abalados, sim, vocês compreendem... E desde então não tivemos mais contatos com o Sudão.

Joona olha para Saga, já que não tem ideia do que aconteceu na primavera de 2009. Saga está com uma expressão neutra, então ele decide fazer outra pergunta.

— Quantas reuniões tiveram?

— Apenas essa — responde ele. — E até mesmo eu posso ver quão estranho é o diretor da Inpe aceitar uma taça de champanhe.

— Você acha? — pergunta Saga.

— Não havia nada a celebrar. Talvez ele apenas estivesse com sede — diz Salman com um sorriso.

Penelope e Björn não têm ideia de quanto tempo permaneceram escondidos naquela fenda profunda na face de um penhasco. Simplesmente não conseguiam mais correr. Seus corpos estavam além da exaustão e eles haviam feito turnos dormindo e vigiando.

No começo, parecia que seu perseguidor antecipara cada movimento que fizeram, mas agora a sensação de sua presença imediata desaparecera. Por algum tempo ele ficara perceptivelmente quieto. Aquela sensação desagradável em suas costas, a sensação arrepiante de alguém correndo logo atrás, desaparecera no instante em que haviam feito a escolha imprevisível de seguir para o centro da floresta, longe de humanidade e continente.

Penelope não está certa se a secretária eletrônica da mãe captou alguma de suas palavras. *Mas logo alguém encontrará o barco de Björn*, pensa ela. *Depois disso a polícia começará a procurar por nós*. Eles só precisam ficar tempo suficiente escondidos de seu perseguidor.

Embora a superfície arredondada pedra acima esteja coberta de musgo, a fenda no penhasco é de pedra nua, e de muitos pontos pinga água limpa. Estava quente quando encontraram aquele lugar, e eles haviam lambido a água e decidido ficar ali o restante do dia. No final da tarde, enquanto o sol se punha atrás da sombra das árvores, eles haviam adormecido.

Sonhos e lembranças distantes se misturam na cabeça de Penelope. Ela ouve Viola tocar “Brilha, brilha estrelinha” em seu pequeno violino cujos adesivos no braço indicam onde os dedos devem tocar. Ela vê Viola passar sombra rosa nas pálpebras e beliscar as bochechas em frente ao espelho.

Penelope engasga ao acordar.

Björn está sentado desperto com os braços ao redor dos joelhos, tremendo.

Amanhece depois da terceira noite, e eles não suportam mais. Estão com fome e fracos. Deixam o esconderijo e começam a caminhar.

Já é quase manhã quando Penelope e Björn chegam à beira d’água. Os raios vermelhos do sol formam facho brilhantes entre os compridos véus de nuvens. A água está parada na serenidade da manhã. Dois cisnes mudos deslizam lado a lado na superfície, silenciosamente nadando para longe.

Björn estica a mão para levar Penelope para a água. Suas pernas fraquejam de fadiga. Ele escorrega, depois se equilibra sobre uma pedra enquanto levanta. Penelope olha rigidamente para a frente com expressão vazia enquanto tira os tênis, une os pés do calçado pelos cadarços e os pendura no pescoço.

— Venha — sussurra Björn. — Vamos apenas nadar. Não pense nisso. Apenas continue a nadar.

Penelope quer pedir a ele para esperar. Não está certa de que consegue fazer isso, mas ele já está entrando na água. Ela sente um arrepio e olha para a ilha em frente a eles, mais para dentro do arquipélago.

Ela entra e sente a água fria em suas canelas e então nas coxas. O fundo sob seus pés é pedregoso e escorregadio, mas logo desaparece. Ela não tem tempo de hesitar e começa a nadar seguindo Björn.

Seus braços doem e suas roupas a seguram quando nada para longe da margem. Björn já está bem à frente.

É um grande esforço. Cada braçada parece insuportável, com cada músculo clamando por descanso.

A ilha de Kymmendö é uma praia do outro lado. Penelope bate pernas exaustas, lutando para continuar boiando. Os primeiros raios de sol sobre a copa das árvores são ofuscantes. Machucam seus olhos e ela deixa de nadar. Não sente câibras, mas seus braços não aguentam mais; estão desistindo. Em poucos segundos suas roupas molhadas começam a arrastá-la para baixo antes que seus braços obedeçam aos comandos novamente. Quando volta à superfície e arfa em busca de ar, está aterrorizada. A adrenalina corre por seu corpo e ela suga mais ar, mas perdeu a noção de direção. Vê apenas oceano. Para num ponto e gira apenas para se impedir de gritar. Finalmente vê a cabeça em movimento de Björn pouco acima da superfície da água, cerca de cinquenta metros à frente. Penelope recomeça a nadar, mas não está certa de que conseguirá chegar à outra ilha.

Os tênis ao redor do pescoço dificultam suas braçadas, e ela tenta se livrar deles, mas os cadarços se prendem no crucifixo. Então a fina corrente do crucifixo se rompe e tudo vai para o fundo do mar.

Ela continua nadando, sentindo o coração bater forte no peito. Demora um momento para se dar conta de que consegue ver Björn cambaleando na direção da terra. Está olhando para trás para ela quando devia estar procurando abrigo. Seu perseguidor poderia estar no litoral norte da ilha Ornö, procurando por eles com binóculos.

Penelope desacelera cada vez mais. Sente o peso e a lentidão de suas pernas à medida que o ácido láctico se espalha. Mal consegue nadar. Björn parece amedrontado. Entra na água novamente, indo na direção dela. Ela está prestes a desistir, mas dá uma braçada após a outra. Finalmente sente o chão sob seus pés.

Björn está na água a seu lado e passa o braço ao redor dela, puxando-a para perto e então para a praia de areia cheia de seixos.

— Esconder — sussurra Penelope roucamente.

Ele a ajuda a sair da praia, indo na direção dos pinheiros, até que não conseguem mais ver o oceano. Caem sobre musgo e amoreiras e se abraçam, tanto para se aquecer quanto para se consolarem.

— Não podemos continuar com isso — diz Penelope com os dentes batendo, o rosto apertado sobre o peito dele.

— Vamos nos ajudar.

Finalmente se levantam, apoiados um no outro, e recomeçam a andar em silêncio sobre pernas rígidas, na direção leste. Vinte minutos depois saem do outro lado da ilha. O sol está alto no céu; o ar fica mais quente. Penelope para ao ver uma bola de tênis caída na grama alta de uma clareira. Sua cor verde-amarelada é completamente estranha. Ergue os olhos e vê uma casinha vermelha. Está quase inteiramente escondida atrás de uma sebe alta de lilases. As cortinas em todas as janelas estão fechadas e há uma rede no caramanchão; a grama está alta demais e um galho partido da velha macieira está caído sobre a trilha de lajotas cinza.

— Não tem ninguém em casa — sussurra Penelope.

Eles se esgueiram para mais perto, preparados para ouvir um cão latir ou alguém gritar. Espiam pelas aberturas das cortinas e continuam seguindo para a frente da casa e testando a porta. Está trancada.

— Vou quebrar uma janela — diz Björn. — Precisamos descansar.

Junto à parede há um vaso de argila com uma planta de folhas verde-claras. Penelope sente o cheiro doce de lavanda. Ela se curva para pegar uma das pedras no vaso. A pedra é de plástico, e sob ela há uma pequena tampa. Ela a abre e tira a chave antes de recolocar a pedra falsa.

Do lado de dentro o piso é de pinho. Penelope sente as pernas tremendo. Estão prestes a fraquejar. O papel de parede tem uma luxuosa padronagem. Penelope está tão cansada e faminta que a casa parece irreal — uma casa de chocolate de um conto de fadas. Fotos emolduradas cobrem as paredes. Björn e Penelope reconhecem muitos rostos de programas de televisão suecos populares: Siewert Öholm, Bengt Bedrup, Kjell Lönnå, Arne Hegerfors, Magnus Härenstam, Malena Ivarsson, Jacob Dahlin.

Eles caminham pela casa, passando pela sala de estar e chegando à cozinha. Olham ao redor com olhos preocupados.

— Não podemos ficar aqui — Penelope sussurra.

Björn vai à geladeira e a abre. As prateleiras estão cheias de comida fresca. A casa não está abandonada de todo. Björn agarra um pouco de queijo, uma peça de salame, leite. Penelope encontra uma baguete e uma caixa de cereal matinal na

despensa. Eles rasgam o pão e passam queijo um para o outro enquanto arrancam pedaços, ansiosos. Björn engole leite diretamente de caixa. Escorre pelos cantos de sua boca para o pescoço. Penelope morde o salame e o engole com punhados de cereal matinal. Pega a caixa de leite de Björn e bebe tanto que engasga, depois bebe um pouco mais. Sorriem nervosamente um para o outro, se afastando da janela enquanto devoram a comida antes de enfim desacelerarem.

— Vamos encontrar roupas secas antes que tenhamos de ir embora novamente — diz Penelope.

Enquanto vasculham a casa, sentem o calor da comida se espalhando dentro deles. O sangue parece circular mais facilmente, embora o estômago deles doa.

No quarto principal há um guarda-roupas em toda a extensão da parede, com portas espelhadas. Penelope avança e empurra metade da porta para um lado.

— O que é isso?

Há paletós dourados, faixas pretas brilhantes, um smoking dourado e um casaco de pele macio de comprimento médio. As sobancelhas de Penelope se erguem enquanto vasculha sungas de todos os tipos: transparentes, com padronagem de tigre, camufladas e fios dentais.

Ela abre a porta do outro guarda-roupa e encontra roupas mais simples: suéteres, paletós, calças. Procura rapidamente e escolhe algumas peças. Desequilibrada, tira as roupas encharcadas.

Ela se vê nua no espelho. Está coberta de hematomas e seus cabelos emaranhados caem em cachos pretos. Seu rosto está marcado de arranhões e machucados nas bochechas. Há sangue ainda nos cortes na coxa, e o quadril está esfolado da queda do penhasco.

Veste calças listradas, uma camiseta com a frase “Coma mais aveia!” escrita e por cima um agasalho com capuz. O agasalho é tão comprido que chega aos joelhos. Ela se aquece o bastante para todo o seu corpo querer relaxar. De repente se desfaz em lágrimas, mas se controla, limpando as bochechas. Vai para o saguão e procura calçados. Encontra um par de botas de marinheiro azuis que lhe cabem. De volta ao quarto, Björn, embora molhado e enlameado, vestiu calças de flanela lilás. Seus pés estão horríveis. Cobertos de terra e feridas, deixam pegadas de sangue onde quer que ele vá. Coloca uma camiseta azul e um paletó de couro estreito com lapela larga. Penelope recomeça a chorar, as lágrimas escorrendo em ondas. Não consegue mais contê-las. É como se toda a angústia e todo o terror tivessem encontrado o caminho para sair.

— O que está acontecendo? — pergunta, soluçando.

— Não tenho ideia — sussurra Björn.

— Nem sequer vimos o rosto dele. O que ele quer de nós? Que porra ele quer? Por que está atrás de nós? Por que quer nos machucar?

Ela passa a manga do suéter pelo rosto.

— Acho — diz. — Quer dizer... E se... e se Viola fez algo ruim, algo idiota? Você sabe que o namorado dela, Sergei, o cara com quem ela brigou, deve estar ligado a algo criminoso... Talvez... Só sei que ele trabalhava como segurança.

— Penny...

— Só estou dizendo que Viola, ela é tão... Talvez tenha feito alguma coisa errada.

— Não, não é ela — sussurra Björn.

— O que quer dizer? Não sabemos nada! Você não precisa me tranquilizar.

— Há algo que eu tenho de...

— Ele... O homem que estava atrás de nós... Talvez ele apenas tivesse algo a nos dizer. Não, eu sei, isso é ridículo... Quer dizer, não sei o que quero dizer.

— Penny — diz Björn, sério. — Tudo que aconteceu é culpa minha.

Ela o fita. Os olhos dele estão injetados e as bochechas queimam em vermelho contra a pele pálida.

— O que está dizendo? — pergunta em uma voz mortalmente baixa.

Ele engole em seco, desajeitado, antes de explicar.

— Eu fiz algo inacreditavelmente idiota, Penny.

— O quê? O que você fez?

— Aquela fotografia — responde. — É tudo por causa daquela fotografia.

— Que fotografia? Aquela de Palmcrona e Guidi?

— Essa mesma. Entrei em contato com Palmcrona — responde Björn sinceramente. — Disse a ele que queria dinheiro pela fotografia, mas...

— Você não fez isso — sussurra ela.

Penelope o encara e instintivamente recua, conseguindo derrubar a mesa de cabeceira com o copo de água e o despertador.

— Penny...

— Não! Não! Apenas cale a boca, merda — grita. — Não estou entendendo! Que porra você está tentando me dizer? Você não pode estar dizendo... Você não pode ter... Você perdeu a cabeça? Você tentou chantagear Palmcrona? Onde você estava com a cabeça?

— Escute! Eu me arrependi imediatamente. Sei que era errado! Ele recebeu a foto. Eu mandei pelo correio.

O quarto fica em silêncio. Penelope tenta entender o que Björn acabou de dizer. Pensamentos confusos giram em sua cabeça, e ela tenta compreender a confissão de Björn.

— Aquela fotografia era minha — diz ela devagar. Ainda está tentando organizar as ideias. — Podia ser de extrema importância. Talvez uma fotografia inacreditavelmente importante. Ela me foi dada em confiança. Alguém pode

conseguir explicar...

— Eu precisava de dinheiro. Não queria vender meu barco — sussurra Björn. Parece prestes a chorar.

— Ainda não estou entendendo... Você mandou a fotografia para Palmcrona?

— Eu tive de fazer isso, Penny. Sei que era sua e que foi errado mandar, mas precisei dar a fotografia a ele.

— Preciso pegá-la de volta! — diz, desesperada. — Você não entende? E se a pessoa que mandou para mim quiser de volta? Isso é importante. Diz respeito a exportações suecas de armas. Não tem a ver com seu dinheiro ou com a falta dele... Não tem nada a ver com você ou comigo... Isso está bem acima de nós, Björn.

Penelope olha para ele, desesperada. O volume de sua voz aumenta até que está praticamente berrando.

— Isso tem a ver com a vida de seres humanos! Você me traiu. — Com essas palavras sua voz cai pesadamente. — Estou com tanta raiva que poderia bater em você. Isso é algo com que simplesmente não posso lidar agora.

— Mas, Penny, eu não sabia — choraminga ele. — Como poderia saber? Você nunca me conta nada. Tudo que você disse foi que a foto iria constranger Palmcrona. Você nunca disse...

Ela o interrompe.

— Qual a importância disso?

— Eu só pensei...

— Cale a boca! — grita. — Não quero escutar suas desculpas idiotas. Você tentou chantagear alguém... Você é um filho da puta ganancioso! Eu não conheço você. E você certamente não me conhece!

Ela fica em silêncio e os dois se encaram. Uma gaivota grita enquanto sobrevoa a água e depois outras gaivotas somam seus gritos como ecos queixosos.

— Precisamos sair daqui logo — diz Björn sem energia.

Penelope balança a cabeça, concordando, e então eles ouvem o clique da porta da frente se abrindo. Instintivamente vão para o fundo do quarto. Ouvem os passos pesados de um homem. Björn tenta abrir as portas duplas, mas estão trancadas. Penelope tenta destrancar as janelas, mas já sabe que é tarde demais.

— Que porra vocês estão fazendo aqui? — cobra o homem com voz rouca, do umbral.

Penelope entende imediatamente que ele é o dono da casa — não seu perseguidor. É baixo, largo, rechonchudo. Seu rosto parece familiar, como alguém a quem ela foi apresentada um dia.

— Vocês são viciados em drogas? — pergunta ele com interesse.

Tudo se encaixa. Eles invadiram a casa de Ossian Wallenberg. Ele foi uma celebridade adorada da televisão, que esteve no ar pela última vez dez anos antes. Apresentou muitos programas populares de variedades: *Sexta-feira dourada*, *Alto do muro*, *Noite do leão*. E havia disputas em seus programas: jogos, prêmios e convidados especiais. Todo programa *Sexta-feira dourada* terminava da mesma forma. Ossian levantava seu convidado. Sorria, e seu rosto ficava vermelho. Penelope lembrava que quando era criança ele um dia levantara Madre Teresa. A delicada idosa ficara totalmente aterrorizada. Ossian Wallenberg era conhecido por seus cabelos dourados, suas roupas extravagantes — e sua maldade estudada.

— Sofremos um acidente — diz Björn. — Temos de avisar a polícia.

— Entendo — diz Ossian, indiferente. — Tenho apenas celular aqui.

— Tudo bem. Por favor, precisamos dele emprestado. Estamos desesperados.

Ossian pega seu celular, olha para ele, depois o fecha novamente.

— O que está fazendo? — pergunta Penelope, quase gritando.

— Eu faço o que quero — responde Ossian.

— Olhe, realmente precisamos do seu telefone emprestado — diz.

— Então vocês vão precisar da minha senha.

— Que jogo é esse?

Ossian se apoia no batente da porta e os observa um pouco.

— Apenas pensem, um casal de viciados chega até o velhinho.

— Não somos...

— Ninguém se importa — diz Ossian.

— Vamos embora — Penelope diz a Björn.

Mas Björn parece incapaz de se mover. Suas bochechas e seus lábios estão brancos e ele se sustenta com uma mão na parede.

— Desculpe-nos por termos invadido sua casa — explica-se ele. — Pagaremos por tudo que pegamos. Mas realmente precisamos usar seu telefone neste momento. Como ela disse, é uma situação desesperadora...

— E qual o seu nome? — interrompe Ossian, sorrindo.

— Björn.

— Você fica bonito com meu paletó, Björn, mas por que não uma gravata também? Tenho uma gravata que combina perfeitamente com o paletó.

Ossian vai até o guarda-roupa e tira uma gravata de couro azul. Fazendo o jogo, Björn se submete a tê-la colocada no pescoço.

— Você deveria chamar a polícia! — diz Penelope. — Dizer que dois drogados invadiram sua casa e você os flagrou.

— Isso não é engraçado — retruca Ossian.

— Então o que você quer? — pergunta Penelope, desesperada.

Ossian recua um passo e analisa os invasores.

— Não gosto dela — diz ele a Björn. — Mas você, por outro lado, você tem estilo. Meu paletó realmente fica bem em você. Vamos deixar que ela fique com aquele suéter feio, certo? Fica parecendo uma coruja. Nem sequer parece sueca. Parece uma...

— Pare com isso — diz Björn.

Ossian se aproxima de Björn e balança o dedo no rosto dele.

— Seja bonzinho — provoca.

— Sei quem você é — diz Penelope.

— Fico contente — diz Ossian com um sorriso.

Björn olha para ela e de volta para Ossian. Penelope desaba na beirada da cama e tenta respirar calmamente.

— Espere um minuto — diz Ossian. — Eu também a conheço... Vi você na TV. Reconheço você.

— Participei de alguns debates políticos...

— E agora você está morta — sorri Ossian.

O corpo inteiro dela fica tenso. Que palavras estranhas. Ela tenta entender do que ele está falando ao mesmo tempo em que busca um modo de escapar. Björn desliza pela parede até o chão, completamente pálido e incapaz de dizer uma palavra.

— Se não quer nos ajudar, então simplesmente iremos embora e encontraremos alguém que queira — diz Penelope.

— Claro que quero ajudar vocês! Claro!

Ossian vai até o corredor e volta com uma sacola de compras da qual tira um maço de cigarros e um jornal vespertino. Joga o jornal na cama e vai para a cozinha com os cigarros. Penelope vê na primeira página uma foto sua, uma maior de Viola e

uma de Björn. Acima da foto de Viola está a palavra MORTA, e sobre as deles, DESAPARECIDOS.

DRAMANO BARCO — TRÊS PODEM ESTAR MORTOS!, grita a manchete.

Penelope consegue imaginar a mãe: aterrorizada e arrasada de dor — talvez totalmente paralisada, os braços ao redor do corpo, como fizera quando haviam sido presas.

O piso range quando Ossian volta.

— Vamos fazer um jogo!

— Do que está falando?

— Realmente estou a fim de um jogo! Uma competição!

— Uma competição? — sussurra Björn, inseguro.

— Vão me dizer que não sabem o que é uma competição?

— Claro, mas...

Penelope analisa Ossian e se dá conta de que estão em uma situação ruim. Ninguém sabe que ainda estão vivos. Ele pode até decidir matá-los, já que todos acreditam que já estão mortos.

— Ele está testando o poder que tem sobre nós — diz Penelope.

— Você nos dará o telefone e a senha se jogarmos? — pergunta Björn.

— Apenas se vencerem — responde Ossian, sorrindo para eles com dentes brilhantes.

— O que acontece se perdermos? — pergunta Penelope.

Axel Riessen caminha até a janela da cozinha e olha por sobre as roseiras, além da cerca de ferro, para a rua e na direção da ampla escadaria da igreja Engelbrekt.

No instante em que assinara seu nome no contrato de trabalho, assumira todos os deveres e responsabilidades do falecido Carl Palmcrona.

Parecia muito bom, parecia certo. *A primeira coisa a fazer*, disse a si mesmo, *é começar uma colaboração com as Nações Unidas no que diz respeito à Convenção sobre a Proibição de Armas Químicas.*

Ele sorri consigo mesmo e fica maravilhado com as estranhas reviravoltas da vida. Depois se lembra de Beverly. Seu estômago se contrai de preocupação. Uma vez ela dissera que iria à loja, mas quatro horas depois ainda não tinha voltado. Ele saíra para procurá-la. Finalmente a encontrara sentada em um carrinho de mão do lado de fora do Museu do Observatório. Estava confusa, cheirava a álcool e sua roupa íntima desaparecera. Alguém grudara chicletes em seus cabelos.

Dissera que encontrara alguns garotos no parque.

— Eles estavam jogando pedras em uma pomba machucada — explicou Beverly —, então achei que se desse meu dinheiro eles iriam parar. Mas só tinha 12 coroas. Não era suficiente. Em vez disso eles quiseram que eu fizesse outra coisa. Disseram que iriam pisar na pomba até a morte se eu não fizesse.

Ela ficou em silêncio e lágrimas brotaram em seus olhos.

— Eu não queria, mas sentia muita pena da pomba.

Axel pega o celular e liga para o número de Beverly.

Enquanto toca, ele olha para a rua, além do prédio que um dia abrigou a embaixada chinesa, até a casa escura onde a instituição católica Opus Dei tem sua sede principal.

Seu próprio imóvel é uma mansão enorme que ele e o irmão, Robert, dividem. Fica na Bragevågen, no meio de Lärkstaden, um bairro chique entre Östermalm e Vasastan. Todas as casas ali são parecidas, como se fossem crianças da mesma família.

A residência Riessen tem dois apartamentos, um de cada lado. Cada um tem três andares altos, totalmente isolados uns dos outros.

O pai deles, Erloff Riessen, morrera havia vinte anos. Fora embaixador sueco

na França e depois na Inglaterra, enquanto o irmão, Torleif Riessen, havia sido um pianista famoso que se apresentara no Symphony Hall de Boston e na Grosser Musikvereinssaal de Viena. A nobre casa dos Riessen sempre se entregara a duas profissões, diplomatas e músicos clássicos, e as duas eram estranhamente similares: exigiam obediência e submissão absolutas.

O pai e a mãe, Erloff e Alice Riessen, fizeram um acordo lógico: desde criança Axel se dedicaria à música, enquanto o irmão mais jovem, Robert, seria formado na profissão de diplomata do pai. Esse arranjo foi virado de cabeça para baixo quando Axel cometeu o maior erro de sua vida. Tinha 17 anos quando foi obrigado a abandonar a profissão de músico. Foi enviado para uma academia militar, enquanto Robert se tornava o músico da família. Axel aceitou sua punição, até mesmo achou justa, e desde aquele dia jurou nunca mais pegar o violino.

A mãe de Axel nunca mais falou com ele.

Após nove toques Beverly atende ao telefone, tossindo.

— Alô?

— Onde você está? — cobra Axel.

— Estou...

Ela devia ter afastado o rosto do telefone, pois ele não conseguiu entender as palavras seguintes.

— Não consigo ouvir — diz ele, ainda mais assustado. Sua voz é aguda e forçada.

— Está com raiva de mim?

— Apenas me diga onde você está — pede.

— Você está falando demais! — diz ela, e ri. — Estou no meu apartamento, claro. Tudo bem com você?

— Só estava preocupado.

— Bobo, eu ia ver um programa sobre a princesa Vitória.

Ela desliga e ele sente uma preocupação contínua. Há um tom estranho na voz dela.

Ele olha para o telefone e fica pensando se devia ligar de novo. Dá um pulo quando o telefone começa a tocar.

— Riessen.

— Aqui é Jörgen Grünlicht.

— Oi — diz Axel, com alguma surpresa na voz.

— Como foi sua reunião com a equipe?

— Bastante frutífera — responde Axel.

— Colocou o Quênia como prioridade, espero.

— Bem como o certificado de usuário final da Holanda — diz Axel. — Havia muito na mesa e estou esperando para decidir minha posição. Preciso pesquisar um

pouco mais...

— Mas o Quênia — interrompa Grünlicht. — Já assinou a autorização de exportação? Pontus Salman está em cima de mim perguntando por que não sai. Você entende que este é um negócio grande já bastante atrasado. A Inpe tinha dado a eles uma decisão preliminar positiva e eles foram em frente com a produção, um carregamento enorme já enviado de Trollhättan para o porto de Gotemburgo. O dono está enviando um navio de contêineres do Panamá amanhã. Eles irão descarregar durante o dia e depois poderão carregar a munição no dia seguinte.

— Jörgen, eu entendo tudo isso. Eu repassei a papelada e claro... que irei assinar, mas acabei de começar no trabalho, e preciso ser minucioso.

— Eu mesmo repassei o negócio inteiro — diz Jörgen ríspidamente. — Não há nada nele que não seja claro.

— Não, mas...

— Onde você está agora?

— Em casa — diz Axel, ainda mais perplexo.

— Mandarei a papelada por mensageiro — diz Jörgen secamente. — O mensageiro irá esperar enquanto você assina. Assim não perderemos mais tempo.

— Isso realmente não é necessário. Cuidarei disso amanhã — protesta Axel.

Vinte minutos depois Axel atende a porta cuja campainha era tocada persistentemente pelo mensageiro enviado por Jörgen Grünlicht. Ele está muito perturbado com a obstinação de Grünlicht. Por outro lado, não parece haver motivo algum para adiar aquele negócio.

Axel abre a porta e recebe o mensageiro de bicicleta. O ar quente da noite entra na casa com a música vigorosa da festa de final de ano da faculdade de arquitetura.

Axel pega a pasta e ainda se sente incomodado de assinar o contrato na frente do mensageiro. Parece estar se submetendo a alguma pressão.

— Só um minuto — diz, fazendo um gesto para o mensageiro esperar no corredor.

Axel vai para o seu lado da casa, passando pela biblioteca e chegando à cozinha, deixando para trás os balcões de granito, os armários pretos brilhantes, até a geladeira de porta dupla com sua máquina de gelo. Tira uma minigarrafa de água mineral e bebe do gargalo enquanto afrouxa o nó da gravata. Senta-se em um banco alto perto do balcão do bar e abre a pasta.

Tudo está arrumado, limpo e aparentemente em ordem. Cada apêndice está em seu devido lugar: a opinião do Comitê de Controle de Exportações, a classificação, a decisão preliminar, as cópias para o Departamento de Relações Exteriores e o anúncio legal. Ele examina o documento referente à permissão de exportação e folheia até a linha onde o diretor-geral da Inspeção Nacional de Produtos Estratégicos deve colocar sua assinatura.

Um arrepio percorre seu corpo.

Aquele é realmente um grande negócio. Parece ser uma questão de rotina apenas postergada pelo trágico suicídio de Carl Palmcrona, mas está claro que afeta seriamente a balança comercial do seu país. Ele entende que a situação de Pontus Salman é tão precária que aquele atraso poderia afundar sua empresa caso se alongasse muito.

Mas, embora entenda isso, Axel também entende que está sendo pressionado a aprovar exportação de munição para o Quênia sem a oportunidade de ponderar ele mesmo a situação.

Axel toma a decisão e imediatamente se sente muito melhor.

Ele dedicará sua atenção àquela questão nos próximos dias — e só então assinará a aprovação.

Ele *irá* assinar, está bastante certo disso, mas não pode assinar naquele momento. Não se importa caso fiquem com raiva ou aborrecidos. Ele é a pessoa que

tem de tomar a decisão: agora ele é o diretor-geral da Inspetoria Nacional de Produtos Estratégicos.

Ele rabisca um rosto sorridente e desenha um balão de diálogo com uma palavra na linha de assinatura.

Axel retorna ao saguão com uma expressão séria e devolve a pasta ao mensageiro. Depois sobe para o salão. Está pensando se Beverly realmente está no andar de cima ou se não teve coragem de lhe dizer que escapulira.

E se ela fugir e então desaparecer?

Axel pega o controle remoto do aparelho de som e seleciona um apanhado dos primeiros trabalhos de David Bowie. Seu aparelho de som parece uma lâmina de vidro brilhante. Não tem fio e as caixas de som são embutidas nas paredes, totalmente invisíveis.

Ele vai até o sofisticado armário de bebidas, abre suas portas esculpidas e avalia as garrafas brilhantes. Hesita antes de pegar uma garrafa numerada de uísque Hazelburn da Springbank Distillery, localizada na região de Campbeltown, Escócia. Axel visitou a área uma vez e ficou encantado com os barris centenários. Eram bastante gastos, pintados de vermelho-claro e ainda em uso. Ele tira a rolha e sente o perfume do uísque: terra profunda e escura como um temporal. Então recoloca a rolha e devolve a garrafa ao armário lentamente. O sistema de som está tocando uma música do *Hunky Dory*. David Bowie canta:

*But her friend is nowhere to be seen.
Now she walks through her sunken dream,
To the seat with the clearest view,
And she's hooked to the silver screen.*

Há uma batida na porta do apartamento do irmão. Axel olha pelas enormes janelas panorâmicas com vista para o jardim malcuidado. Fica pensando se Robert passará por ali, e nesse momento ouve a batida em sua própria porta.

— Entre — diz Axel.

Robert entra parecendo perturbado.

— Sei que você toca esse lixo para tentar me enlouquecer, mas...

Axel sorri e começa a cantar junto:

*Take a look at the lawman,
Beating up the wrong guy.
Oh man! Wonder if he'll ever know:
He's in the bestselling show...*

Robert dá alguns passos de dança e caminha até o armário de bebidas aberto. Dá uma olhada nas garrafas.

— Vá em frente e sirva-se — oferece Axel secamente.

— Você poderia dar uma olhada no meu Strosser? Posso desligar a música um momento?

Axel dá de ombros. Robert aperta stop.

— O Strosser está concluído?

— Fiquei acordado a noite inteira — explica Robert com um sorriso largo. — Coloquei as cordas esta manhã cedo.

Há um momento de silêncio entre eles. Muito tempo antes sua mãe decidira que Axel seria um violinista famoso. Alice Riessen fora musicista profissional e tocara durante dez anos como segundo violino da orquestra de música de câmara da Ópera de Estocolmo. Claramente preferia seu primogênito.

Tudo desmoronara quando Axel, no Colégio Real de Música, se tornara um dos três finalistas da Competição Johan Fredrik Berwald para jovens solistas. Teria sido uma transição rápida dali para a elite mundial.

Mas depois da competição Axel ingressara na Academia Militar de Karlberg. Robert matriculara-se na Academia Real Sueca de Música. Nunca se tornou um astro do violino. Por outro lado, toca em uma orquestra de câmara e tem um ateliê famoso onde recebe encomendas de instrumentos de cordas do mundo inteiro.

— Mostre-me seu violino — diz Axel após algum tempo.

Robert confirma com um aceno e vai pegar o instrumento. É um belo violino com um verniz vermelho-vivo e fundo de bordo tigrado.

Ele fica de pé diante do irmão e começa a tocar uma passagem em *tremolo* de uma peça de Béla Bartók inspirada por uma viagem pelo interior da Hungria. Axel sempre gostou de Bartók, inimigo declarado do nazismo, que foi obrigado a fugir de sua terra natal. Axel admira a capacidade de Bartók de ser profundamente reflexivo mas ao mesmo tempo capaz de criar breves descargas de puro prazer. *Ou escrever música popular melancólica em meio às ruínas de uma grande catástrofe*, pensa Axel enquanto Robert conclui a peça.

— Parece bom — diz Axel. — Mas você deveria deslocar a alma ligeiramente, já que há um ponto morto que...

Robert fecha a cara.

— Daniel Strosser disse que queria... um som como este — diz Robert. — Ele quer que o violino soe como um Birgit Nilsson jovem.

— Então você definitivamente não deve deslocar a alma — diz Axel com um sorriso.

— Você não entende! Eu queria que você...

— Afora isso é um instrumento excelente — apressa-se em acrescentar Axel.

— Você ouve o som... Seco e aguçado e...

— Não estou dizendo que é um violino ruim — continua Axel, impassível. — Só estou dizendo que há um ponto no som que não está vivo...

— Vivo? É um intérprete de Bartók comprando este violino — diz Robert. — Estamos falando de Bartók, e isso não é a mesma coisa que David Bowie.

— Talvez eu tenha ouvido errado — responde Axel em voz baixa.

Robert abre a boca para responder quando batem à porta. É a esposa de Robert, Anette.

Ela abre e sorri quando vê Robert segurando seu violino.

— Então você está testando o Strosser? — pergunta, ansiosa.

— Sim — responde Robert de modo deselegante. — Mas Axel não gosta dele.

— Não é verdade — protesta Axel. — Eu estou certo de que seu cliente ficará totalmente satisfeito. O que eu estava dizendo podia ser apenas minha imaginação...

— Ah, Robert, não dê ouvidos a ele — diz Anette com irritação. — O que ele sabe?

Robert agora só quer ir embora e levar a esposa consigo para evitar uma cena, mas ela se vira para Axel.

— Confesse que você apenas imaginou uma falha — exige.

— Não há falha nele. Apenas um ajuste na alma que...

— E quando foi a última vez em que você tocou? Há trinta anos? Quarenta? Você não passava de uma criança. Você deve a Robert um pedido de desculpas.

— Deixe para lá — diz Robert.

— Diga que lamenta — exige Anette.

— Certo, eu lamento — diz Axel. Ele sente as bochechas corando.

— Você não quer que Robert tenha a fama que seu novo violino merece.

— Eu lamento.

Axel liga seu som novamente muito alto. *Ziggy Stardust* começa a rolar. A música soa como duas guitarras que não foram devidamente afinadas, e um cantor que busca a nota certa: *Goodbye love, goodbye love...*

Anette murmura alguma coisa mais sobre a falta de talento de Axel, mas Robert manda que cale a boca enquanto a arrasta para fora da sala. Axel aumenta ainda mais o volume e a bateria e o baixo mudam a música: *Didn't know what time it was and the lights were low oh oh. I leaned back on my radio oh oh.*

Axel fecha os olhos e sente como queimam no escuro. Já está muito cansado. Há momentos em que consegue dormir meia hora, e outros em que não consegue dormir nada, mesmo quando Beverly está na cama a seu lado. Nesses momentos ele se enrola em um cobertor e vai se sentar na varanda envidraçada, com vista para as belas árvores velhas do jardim. Ele fica sentado ali até a luz úmida do alvorecer aparecer. Claro que Axel entende perfeitamente o que há de errado consigo, e fecha

os olhos e pensa novamente no dia em que toda a sua vida mudou.

Penelope e Björn se observam com olhos cansados e sérios. Através da porta fechada eles podem ouvir Ossian Wallenberg cantando “Do you Want to See a Star” como Zarah Leander enquanto arruma os móveis.

— Podemos pegá-lo — sussurra Penelope.

— Talvez.

— Temos de tentar.

— E depois? Vamos torturá-lo para conseguir a senha?

— Acho que ele nos dará assim que assumirmos o controle — diz Penelope.

— E caso contrário?

Ela cambaleia de exaustão enquanto caminha até a janela e começa a soltar os ganchos. Seus dedos estão feridos e inchados. As unhas estão quebradas e sujas de terra, argila e cascas de ferida.

— Talvez possamos subir mais a praia — diz ela.

— Bom. Vá em frente.

— Não vou deixar você para trás.

— Não consigo mais continuar, Penny — diz, sem olhar para ela. — Meus pés... não consigo mais correr. No máximo poderia andar mais meia hora.

— Eu o ajudo.

— Talvez não haja mais ninguém com um telefone na ilha inteira. Não sabemos. Não temos a mínima ideia.

— Não quero ser parte dessa desagradável...

— Penny, temos de entrar em contato com a polícia. Não temos escolha: precisamos usar o telefone dele.

Ossian escancara a porta com um sorriso. Está vestindo um paletó com estampa de pele de leopardo, tendo apenas uma tanga por baixo. Ele os conduz cerimoniosamente a um enorme sofá. As cortinas ainda estão fechadas, e ele afastou os outros móveis para o lado de modo a criar um grande espaço na sala, possibilitando que ele se mova livremente. O homenzinho entra na região iluminada por suas luminárias de piso, se detém e vira.

— Senhoras e senhores! O tempo voa quando você se diverte em uma noite de sexta-feira! — anuncia, piscando. — Chegamos ao momento da competição no

programa, e hoje vamos dar as boas-vindas à convidada especial desta noite, conhecida por suas participações na televisão. Ela é uma comunista de merda e tem um amante menor de idade. Esse é um casal verdadeiramente desajustado, se querem saber. Uma bruxa e um jovem com tronco musculoso.

Ossian pisca novamente e flexiona o braço para uma câmera imaginária.

— Todos prontos? — convoca, correndo sem sair do lugar. — Estão com os botões de aprovação? Eu apresento: Verdade ou Consequência! Ossian desafia: a Bruxa e o Gostosão!

Ele gira uma garrafa vazia no chão. Ela rodopia algumas vezes e aponta para Björn.

— Gostosão! — anuncia Ossian, sorrindo. — Gostosão é o primeiro! Eis a pergunta! Pronto para dizer a verdade, nada mais que a verdade?

— Totalmente — diz Björn com um suspiro.

Uma gota de suor cai da ponta do nariz de Ossian enquanto ele abre um envelope e lê em voz alta:

— Em que você pensa quando está fazendo amor com a Bruxa?

— Muito engraçado — diz Penelope.

— Você me dará o telefone se eu responder? — pergunta Björn.

Ossian faz bico como criança e balança a cabeça.

— Não, mas se nossa plateia acreditar em você, ganhará o primeiro número da senha.

— E se eu escolher Consequência?

— Você disputará comigo e a plateia decidirá — explica Ossian. — O tempo está correndo. Tique-taque, tique-taque. Cinco, quatro, três, dois...

Penelope vê Björn banhado pelo forte holofote: o rosto sujo, a barba por fazer, os cabelos oleosos. Suas narinas escuras de sangue seco e os olhos exaustos e injetados.

— Eu penso em Penelope quando fazemos sexo — diz Björn.

Ossian vaia e faz uma careta de desgosto enquanto corre sob o holofote.

— Você deveria dizer a verdade — guincha ele. — Isso não chega nem perto! Ninguém na plateia acreditará que você pensa na Bruxa quando está na cama com ela. Um, dois, três pontos negativos para o Bonitão!

Ele gira a garrafa de novo e ela para quase imediatamente, apontando para Penelope.

— Oh, oh, oh! — grita Ossian. — Um caso especial! O que isso significa? Isso mesmo! Consequência diretamente! De imediato! Vou abrir a caixa e descobrir o que o Hipo tem a dizer!

Ossian pega da mesa um pequeno hipopótamo feito de madeira escura envernizada. Ele o leva ao ouvido como se estivesse escutando e balança a cabeça.

— Está se referindo à Bruxa? — pergunta. Escuta novamente. — Entendo, Sr. Hipo! Sim, de fato, muito obrigado!

Ossian recoloca o hipopótamo e se vira para Penelope com um sorriso.

— A Bruxa competirá com Ossian! O campo é striptease! Se você conseguir excitar a plateia mais que Ossian, receberá todos os números da senha; do contrário, o Bonitão terá de dar um chute na sua bunda o mais forte que puder!

Ossian pula diante de seu sistema de som e aperta um botão, colocando a canção “Teach Me Tiger”.

— Um dia eu perdi essa competição para Loa Falkman — conta Ossian em um sussurro encenado enquanto balança os quadris no ritmo da música.

Penelope se levanta do sofá e dá um passo à frente. Está vestindo botas de marinheiro, as calças listradas e o agasalho com capuz.

— Então você só quer que eu tire a roupa — diz Penelope. — Tudo se resume a isso? Você só quer me ver nua?

Ossian para de cantar e faz um biquinho de desapontamento. Olha para ela com frieza antes de responder.

— Você acha que eu tenho algum interesse em olhar a bocetinha de uma piranha refugiada? Isso é fácil de encomendar na internet.

Ossian bate nela com força. Ela cambaleia e quase cai, mas consegue manter o equilíbrio.

— Você tem de ser educada quando falar comigo — diz ele, sério.

— Certo — murmura ela.

Um risinho divertido distorce sua boca enquanto ele explica.

— Eu sou uma pessoa que costuma competir com celebridades da televisão... E eu a vi lá, embora tenha corrido para mudar de canal.

Ela olha para o rosto entusiasmado e ruborizado dele.

— Você não vai nos dar o telefone, não é?

— Prometo que vou. Regras são regras. Você vai tê-lo depois que eu tiver o que quero.

— Você sabe que precisamos de ajuda e está usando isso para...

— Sim, claro, estou usando isso! — grita ele.

— Certo, então, vamos dizer que façamos um strip e depois eu consigo o telefone.

Penelope dá as costas a Ossian e tira o suéter e a camiseta. Seus arranhões e ferimentos parecem descolorados sob a luz forte. Seu corpo está coberto de hematomas e terra seca. Ela se vira, mas mantém os braços sobre os seios.

Björn aplaude e assovia, embora pareça triste.

O rosto de Ossian está suado, e ele olha para Penelope. Depois se coloca sob o holofote diante de Björn. Balança o quadril e então arranca a tanga e a gira. Deixa

que deslize entre suas pernas antes de jogá-la na direção de Björn. Ossian beija o ar em frente a Björn e faz um gesto “eu ligo mais tarde”.

Björn aplaude e assovia mais alto e continua aplaudindo enquanto vê Penelope indo na direção da lareira para pegar o atizador de ferro de seu suporte. A pá de cinzas ao lado dele desequilibra e bate levemente na pinça grande.

Ossian está dançando com cuecas douradas cintilantes.

Penelope segura o atizador com as duas mãos enquanto vai por trás de Ossian, que balança os quadris para Björn.

— Fique de joelhos, bonitão — sussurra Ossian. — Abaixese e me dê um...

Penelope bate selvagememente com o atizador pesado entre as pernas dele com toda força que consegue. Há um barulho alto e Ossian cai, dando um berro sobrenatural. Ele se segura e rola no chão, uivando. Penelope vai até o aparelho de som e bate quatro vezes de forma violenta, fazendo-o em pedaços enquanto a música guincha e se cala.

Ossian ofega e geme caído no chão. Penelope vai até ele, que estreita as pálpebras. Fica de pé ali olhando para baixo, impassível. O atizador pesado balança ligeiramente em sua mão direita.

Penelope diz calmamente:

— O Sr. Hipo me diz que você vai me dar o telefone e a senha neste instante.

a guarda costeira

Está extremamente úmido na casa de veraneio de Ossian Wallenberg. Björn continua se levantando de uma cadeira para olhar pela janela para o oceano e o cais. Penelope está no sofá com o telefone na mão, esperando que a guarda costeira ligue de volta. Eles receberam seu telefonema de emergência e prometeram ligar de volta assim que o barco da guarda costeira chegasse mais perto. Ossian está sentado em uma poltrona com um grande copo de uísque à sua frente. Ele os observa. Tomou analgésicos e diz, deprimido, que irá sobreviver.

Penelope continua olhando para o telefone e percebe que o sinal está mais fraco, mas ainda suficiente para fazer uma ligação. A qualquer momento eles devem ligar de volta. Ela se recosta. A umidade é sufocante. A camisa que veste está encharcada de suor. Fecha os olhos e começa a pensar em quando estava em Darfur: o calor opressivo enquanto viajava de ônibus para Kubbum, indo se juntar a Jane Oduya e seu trabalho na Action Contre la Faim.

Estava a caminho da caserna, onde funcionava o centro administrativo da organização, quando parou. Tinha visto crianças brincando de algo estranho. Parecia que estavam colocando bonecos de argila na estrada para que os veículos de passagem os esmagassem. Ela se aproximou. Eles riam alto sempre que uma das figuras de barro era esmagada.

— Eu matei outro! Esse é um velho!

— Matei outro fur!

Uma das crianças correu para a estrada e colocou duas figuras de barro. Uma era grande e a outra, pequena. Uma carroça passou e a pequena foi esmagada sob as rodas.

— A garota morreu! Aquela piranha morreu!

Penelope foi até as crianças e perguntou o que estavam fazendo. Mas elas não responderam e saíram correndo. Penelope olhou para os fragmentos de argila que restavam na estrada de terra laranja-escura.

O nome fur fora dado ao povo da região de Darfur. Aquela antiga tribo africana estava sendo massacrada pelo terror das milícias janjaweed.

Durante séculos os povos africanos foram fazendeiros, e sempre houve conflito entre os fazendeiros e as tribos nômades remanescentes; esse conflito parecia existir

desde os primórdios. Mas havia sido descoberto petróleo sob o solo em Darfur, e as tribos africanas que aparentemente cultivavam esse solo desde sempre estavam sendo colocadas de lado. A produção de petróleo gerava de tudo — incluindo genocídio. No papel a guerra civil havia acabado, mas os janjaweed continuavam a fazer ataques sistemáticos. Eles matavam os homens, estupravam as mulheres e depois incendiavam as aldeias.

Penelope viu as crianças árabes correndo para longe, depois recolheu as figuras de barro restantes. Alguém chamou:

— Penny! Penny!

Ela deu um pulo, assustada, mas então se virou e viu Jane Oduya de pé, acenando para ela. Jane era baixa e gorda. Vestia jeans desbotados a um paletó amarelo. Penelope mal a reconheceu. Seu rosto envelhecera muito em poucos anos.

— Jane!

Elas se abraçaram com força.

— Não fale com aquelas crianças — disse ela. — São como muitas outras. Elas nos odeiam porque somos negros. Não entendo. Eles odeiam só o fato de a pele ser negra.

Jane e Penelope caminharam na direção do acampamento de refugiados. O cheiro de leite queimado sobrepujava o fedor das latrinas. As lonas plásticas azuis da ONU estavam por toda parte e eram usadas para tudo: cortinas, proteção contra o vento, cobertores. Centenas de barracas brancas da Cruz Vermelha balançavam ao vento que soprava da terra aberta.

Penelope seguiu Jane até uma grande barraca de hospital. Jane deu uma espiada através da janela de plástico para a unidade de cirurgia.

— Minhas enfermeiras se tornaram boas cirurgiãs — disse ela. — Agora fazem amputações e operações simples sozinhas.

Dois garotos magros, de uns 13 anos, levavam uma grande caixa com material para curativos e a depositaram com cuidado. Quando se aproximaram de Jane ela agradeceu e pediu que ajudassem as mulheres que chegavam. As mulheres precisavam de água para limpar seus ferimentos.

Os garotos voltaram logo com água em duas grandes garrafas plásticas.

— Eles pertenciam à milícia árabe, mas tudo está tranquilo agora. Sem munição e peças para armas, houve um equilíbrio. As pessoas têm tempo, e algumas decidiram ajudar aqui. Temos uma escola para garotos, muitos dos quais faziam parte da milícia.

Uma mulher em um catre gemeu. Jane foi até ela e acariciou seu rosto. Parecia não ter mais de 15 anos, mas estava em estágio adiantado de gravidez. Um dos pés havia sido amputado.

Um homem africano de uns 30 anos, com rosto bonito e ombros musculosos,

correu até Jane com uma pequena garrafa branca.

— Trinta novas doses de antibióticos!

— Tem certeza?

Ele balançou a cabeça positivamente, sorridente.

— Bom trabalho!

— Vou pressionar Ross um pouco mais. Ele disse que poderíamos conseguir uma caixa de medidores de pressão esta semana.

— Este é Grey — disse Jane. — Na verdade é professor, mas não faço nada sem ele.

Penelope estendeu a mão e olhou nos olhos sorridentes do homem.

— Penelope Fernandez.

— Tarzan — respondeu, apertando a mão dela suavemente.

— Ele quis ser chamado de Tarzan assim que chegou aqui — explicou Jane, rindo.

— Tarzan e Jane — disse ele, sorrindo. — Sou o Tarzan dela.

— Eu finalmente concordei em chamá-lo de Greystoke — disse Jane. — Mas todos acham Greystoke difícil demais de pronunciar, então ele agora fica contente com o nome Grey.

Um caminhão buzinou em frente à barraca. Eles saíram rapidamente. Poeira avermelhada, levantada pelos pneus, rodopiava no ar. Havia sete homens feridos na carroceria do caminhão. Havia sido baleados em uma aldeia mais a oeste quando começou um tiroteio por causa de um poço.

Várias cirurgias tomaram o restante do dia. Um dos homens morreu. Em dado momento Grey fez Penelope parar e deu a ela uma garrafa de água. Penelope balançou a cabeça negativamente, mas ele sorriu com calma e disse:

— Você tem tempo para beber.

Ela agradeceu, tomou a água e o ajudou a colocar um dos homens feridos em uma maca.

Naquele final de dia, Penelope e Jane se sentaram na varanda de um dos alojamentos do acampamento. O dia as deixara esgotadas. Havia jantado tarde. Ainda estava bastante quente. Conversaram e olharam para a estrada entre as casas e as barracas, observaram as pessoas cuidando das últimas tarefas antes do anoitecer.

A noite profunda trouxe um silêncio desconfortável. Inicialmente Penelope podia ouvir pessoas indo para cama: os barulhos perto das latrinas e os pequenos movimentos quase silenciosos na escuridão. Em pouco tudo estava totalmente silencioso. Nem mesmo o som de um bebê chorando.

— Todos ainda têm medo de que os janjaweed passem por aqui — disse Jane, retirando os pratos.

Elas entraram, trancaram a porta e a bloquearam. Desejaram boa-noite uma à outra e Penelope seguiu para o quarto de hóspedes no fundo do corredor.

Duas horas depois, acordou com um espasmo. Adormecera inteiramente vestida na cama de hóspedes. Ficou deitada imóvel, escutando a noite poderosa, sem se lembrar do que a acordara. Seu coração havia começado a desacelerar quando de repente ouviu um grito do lado de fora. Penelope se colocou ao lado da janela gradeada para olhar para a noite. A lua brilhava sobre a estrada. Ela podia ouvir vozes raivosas. Três garotos adolescentes caminhavam pelo meio da rua; sem dúvida pertenciam à milícia janjaweed. Um deles tinha uma pistola. Penelope compreendeu que estavam gritando coisas sobre matar escravos, sobre um velho africano que costumava assar batatas doces e vendê-las por 2 dinares enquanto ficava sentado em seu cobertor em frente ao armazém da ONU.

Os garotos tinham ido até o velho e cuspidos em seu rosto. Então o garoto magro erguera a pistola e atirara no rosto do velho. O *bang* reverberara assustadoramente entre os prédios. Fora o que arrancara Penelope do sono. Os garotos haviam gritado, apanhado algumas batatas doces e as comido enquanto chutavam o restante para a poeira ao lado do homem morto.

Continuaram a se exhibir ao longo da estrada, olhando ao redor. Depois seguiram para os alojamentos onde Penelope e Jane moravam. Penelope prendeu a respiração enquanto os ouvia pisando duro ao redor da varanda, gritando excitados enquanto esmurravam a porta.

* * *

Penelope respira fundo e abre os olhos. Deve ter adormecido no sofá de Ossian Wallenberg.

Trovões rugem ao fundo. O céu havia escurecido.

Björn está de pé junto à janela. Ossian beberica seu uísque.

Penelope olha para o telefone — ninguém ligou.

A guarda costeira já deveria estar lá.

Os trovões se aproximam. A luz do teto se apaga e o ventilador na cozinha para de girar. Acabou a energia. O barulho da chuva caindo começa suavemente no teto e nas venezianas, depois aumenta até que o céu simplesmente se abre e deixa a chuva despencar.

Toda a cobertura de celular desaparece.

Raios iluminam a sala por um segundo. O ruído de um trovão se segue.

Penelope recosta e escuta a chuva. Sente o ar mais fresco penetrando pelas janelas e está começando a cochilar novamente quando ouve Björn dizer algo.

— O quê? — pergunta.

— Um barco da guarda costeira — repete ele. — Estou vendo um barco da guarda costeira.

Penelope se levanta de um pulo e olha para o mar. A água parece ferver sob a tempestade violenta. A grande lancha de aparência oficial já está perto e segue para o cais. Penelope olha para o telefone. Sem sinal.

— Rápido — diz Björn.

Ele tenta forçar a chave na tranca das portas duplas. Suas mãos tremem. A lancha da guarda costeira desliza perto do cais e dá um toque de alerta.

— Não funciona — diz Björn. — É a chave errada.

— Ai, ai. — Ossian ri e pega seu chaveiro. — Por que não experimenta esta?

Björn se atrapalha com a chave da porta, a coloca na fechadura, gira e ouve o trinco se abrir.

É difícil ver a lancha da guarda costeira através da chuva. Já começou a se afastar do cais quando Björn consegue abrir a porta.

— Björn — grita Penelope.

Eles podem ouvir o motor batendo e a espuma branca se erguer atrás da lancha. Björn acena loucamente e corre sob a chuva o mais rápido que pode pelo caminho de cascalho até o cais.

— Aqui! — grita. — Estamos aqui.

Björn nem sequer percebe como está ficando encharcado enquanto corre para o cais. Há um ruído sob a água quando a lancha coloca os motores em ré. Björn mal consegue identificar a figura de um oficial ao leme. Um novo raio ilumina o céu. O policial parece falar com alguém em seu radiotransmissor. A chuva se abate sobre o teto da lancha e ondas se chocam contra a praia. Björn acena com os braços. A lancha dá a volta e bate suavemente no cais a sota-vento.

Björn agarra a escada molhada e sobe a bordo pela proa, depois desce uma escada até uma porta metálica. A lancha balança. Björn desequilibra-se por um segundo e depois abre a porta.

Um cheiro metálico e doce enche a casa do leme — óleo e suor.

A primeira coisa que Björn vê é um oficial, bronzeado pelo trabalho, caído no chão com um buraco de bala entre os olhos arregalados. A poça de sangue sob ele secou e está quase preta. Björn engasga, chocado, e olha ao redor para um conjunto de pertences aparentemente normais, revistas, capas de chuva. Ouve uma voz do lado de fora. É Ossian: sua voz acima do motor ligado. Segue mancando pelo caminho de cascalho, um guarda-chuva amarelo acima da cabeça. O sangue de Björn lateja na cabeça. Ele cometeu um equívoco. Aquilo é uma armadilha. Desajeitado, estende a mão na direção da maçaneta, vendo, tonto, o sangue espalhado sobre a face interna do para-brisa. A escada para os dormitórios range e Björn fica

paralisado, olhando para sua nêmesse. Seu perseguidor usa um uniforme. O rosto é atento, até mesmo curioso. Já é tarde demais para fugir, mas Björn vê uma chave de fenda acima do painel de instrumentos como uma última defesa. O homem sobe descontraidamente, segurando o corrimão, e pisca sob a luz forte. Olha para a praia através do para-brisa. A chuva cai. Björn dá um golpe na direção do coração dele e tropeça, de repente sem compreender o que acabou de acontecer. O golpe do homem deixou seu braço dormente do cotovelo para baixo. Ele sente como se o braço não existisse mais. A chave de fenda cai no chão, inútil, e rola para trás de uma caixa de ferramentas de alumínio. O homem está segurando o braço inútil de Björn e o puxa para a frente. Outro golpe dobra o corpo de Björn ao meio, e ele afasta seus pés com um chute. O assassino conduz a queda de modo que todo o impulso lance o rosto contra a base do leme. O pescoço de Björn se quebra com o choque. Ele não sente absolutamente nada, mas vê centelhas estranhas — pequenas luzes que saltam na escuridão, depois desaceleram e se tornam cada vez mais agradáveis de ver. Passa por seu rosto um estremecimento que ele não é capaz de sentir, e então está morto.

Penelope está de pé junto à janela. O céu brilha com os raios, e trovões ribombam sobre o mar. A chuva cai. Björn desapareceu na casa do leme da lancha da guarda costeira. Ela vê Ossian mancar na direção da água, um guarda-chuva amarelo acima da cabeça. A porta metálica da casa do leme se abre e um oficial uniformizado sai para o convés de proa, pula para o cais e amarra o barco.

Só quando o oficial começa a subir a trilha de cascalho Penelope vê quem ele é.

Seu perseguidor não se preocupou em retribuir o cumprimento de Ossian. Sua mão esquerda se lança para acertar Ossian sob o queixo.

O telefone cai da mão de Penelope sem que ela perceba.

Com facilidade profissional, o homem uniformizado vira o rosto de Ossian para um lado, desliza um punhal para a mão direita, vira ainda mais o rosto de Ossian e depois, em segundos, enfia o punhal no lado direito do pescoço de Ossian acima da vértebra atlas e diretamente no tronco cerebral. O guarda-chuva amarelo cai no chão e rola encosta abaixo. Ossian está morto antes que seu corpo toque o solo.

O homem se aproxima. Um relâmpago fraco ilumina seu rosto e Penelope olha nos olhos dele. Antes que a escuridão volte, pode ver a expressão preocupada em seu rosto, seus olhos exaustos e tristes e sua boca desfigurada por uma cicatriz profunda. Vem o trovão. O homem não para. Penelope fica junto à janela, totalmente paralisada. Respira rápido, mas não consegue fugir.

A chuva bate nas esquadrias e nos vidros das janelas. O mundo do lado de fora parece distante. De repente é possível ver a silhueta do homem devido a uma luz amarela brilhante que parece iluminar o cais, a água e até o céu. Como se um carvalho enorme tivesse brotado do barco atrás dele, uma coluna de fogo se eleva com um rugido. Fragmentos de metal são lançados no ar. A nuvem de fogo cresce e pulsa com um bruxuleio interno e sobrenatural. O calor incendeia arbustos próximos, até mesmo o cais. A explosão faz a casa tremer.

Com vidro estilhaçado caindo ao seu redor, Penelope finalmente consegue reagir. Ela se vira, correndo tão rápido que passa por cima do sofá e pelo corredor com todos os retratos autografados. Sai pela porta dos fundos e pelo gramado malcuidado. Escorrega, mas continua a avançar sob a chuva forte pela trilha

desfigurada, contornando as bétulas e saindo em uma clareira. Uma família com crianças — todos vestindo capas de chuva amarelo-brilhantes, salva-vidas e carregando varas de pescar — está enfrentando o temporal. Penelope dispara por entre eles e desce para a praia. Está sem fôlego e sente que pode desmaiar. Precisa parar, mas não pode. Em vez disso se joga atrás de um pequeno carrinho de mão e vomita entre as urtigas. Sussurra o pai-nosso. Trovões rugem a distância. Trêmula, ela se agacha, enxuga a chuva do rosto com a manga, para enxergar o outro lado da clareira atrás. O homem está contornando as bétulas. Ele para junto à família, que imediatamente aponta na sua direção. Ela se agacha, recua, deslizando por um penhasco baixo para correr junto à água. Suas pegadas deixam uma trilha branca na areia molhada espumosa. Uma comprida ponte flutuante parece ser o único ponto que pode alcançar, e corre por ela o máximo que pode. Ela ouve o ruído das hélices de um helicóptero e continua correndo. Só precisa olhar rapidamente para ver seu perseguidor seguindo na direção dela. Na outra extremidade da ponte um homem está sendo baixado do céu vindo de um helicóptero de resgate. Ele pousa lá, esperando por ela. A água ao redor dele é agitada em círculos concêntricos pelo vento produzido pelas hélices do helicóptero. Penelope corre diretamente para lá. Ele prende rapidamente um cabo a ela, gritando instruções, depois faz um gesto com a mão para a aeronave acima. Eles são erguidos da ponte, levados para um lado perto da água enquanto o cabo os ergue para o helicóptero. A visão que Penelope tem da praia é quase imediatamente bloqueada pelos pinheiros que a invadem, mas pouco antes disso vê seu perseguidor se lançar sobre um joelho. Está tirando uma mochila preta e montando algo rapidamente. Depois sai de vista; ela vê apenas a copa das árvores e a superfície agitada do mar.

Há uma explosão curta. Ela ouve algo quebrar acima. O cabo sacode e o estômago de Penelope revira enquanto o homem preso a ela grita algo para o piloto do helicóptero. O helicóptero balança loucamente. O horror toma conta de Penelope. O piloto foi baleado. Instintivamente, sem pensar, ela se contorce no cinto de segurança, se solta e simplesmente cai.

Ela pode ver que o motor do helicóptero para, ele vira de lado e gira. O cabo com seu salvador ainda preso a ele se enrola no grande rotor. Ela despenca pelo ar, incapaz de desviar os olhos. A máquina ronca de modo ensurdecador e, com dois estalos, as enormes hélices do rotor são arrancadas do eixo. Penelope cai aproximadamente 20 metros antes de atingir a água. Afunda bastante, quase inconsciente pelo impacto e o frio. Muito tempo se passa antes que consiga se mover. Chegando à superfície, seus pulmões reagem automaticamente e ela respira fundo. Quase sem poder enxergar, ela olha ao redor. Então começa a nadar para longe da ilha, na direção do mar aberto.

Joona Linna e Saga Bauer saíram em silêncio da Silencia Defense após sua breve reunião com Pontus Salman.

Pontus Salman arruinara sua armadilha se identificando imediatamente e dando a data: 2008, em uma sala de espetáculos de Frankfurt.

Fora discutido um carregamento de munição para o Sudão, explicara ele, um plano que estava bem adiantado antes de ser abandonado na primavera de 2009. Salman parecera supor que Joona e Saga estavam informados do que acontecera então.

Ele acrescentara que aquela havia sido a única reunião referente ao Sudão e que agora, claro, quaisquer acordos comerciais estavam fora de questão.

— Sobre o que ele estava falando? — pergunta Joona. — Você sabe o que aconteceu na época?

Antes que tivessem saído para Nynäshamn, Saga telefonara para Simon Lawrence no Säpo.

— Suponho que não esteja ligando para me convidar para sair — diz Simon, bem-humorado.

— Você é especialista no Norte da África. O que aconteceu no Sudão na primavera de 2009? — pergunta Saga.

— Qual o contexto?

— Por alguma razão, depois disso a Suécia não pode mais exportar armas para o Sudão.

— Você não lê jornais?

— Claro — responde com dentes trincados.

— Em março de 2009 o Tribunal Penal Internacional de Haia indiciou o presidente do Sudão, Omar al-Bashir.

— Um mandado de prisão para o presidente?

— Isso mesmo.

— Isso é significativo.

— O indiciamento inclui o envolvimento direto do presidente em ordens para saque, estupro, deslocamento forçado, tortura, assassinato e genocídio contra todos os três grupos étnicos de Darfur.

— Ah.

Simon Lawrence prossegue, dando a Saga uma rápida aula de história sobre os acontecimentos no Sudão antes de finalmente desligar.

— Então, o que significa isso tudo? — pergunta Joona.

— O Tribunal Penal Internacional de Haia tem um mandado de prisão contra o presidente Al-Bashir — explica, olhando durante um longo tempo para Joona.

— Não tinha ouvido falar disso — diz Joona.

— Em 2004 as Nações Unidas decretaram um embargo a armas para os janjaweed e outras milícias em Darfur.

Eles seguem rumo ao norte na Nynäsvägen. O céu de verão começa a escurecer, e nuvens surgem.

— Continue — diz Joona.

— O presidente Al-Bashir nega qualquer ligação com a milícia. Depois do embargo da ONU, só foram permitidas exportações diretas para o governo do Sudão.

— Porque não havia qualquer ligação entre o governo e a milícia.

— Exatamente — diz Saga. — Então, em 2005, foi dada uma anistia geral. O Acordo de Paz Abrangente. Deveria encerrar a longa guerra civil na África. Após essa data não havia razão para a Suécia não fornecer armas para o exército do Sudão. Carl Palmcrona era a pessoa encarregada de decidir se essas vendas eram algo responsável de se fazer, tanto moral quanto legalmente.

— Mas o Tribunal Penal Internacional pensou diferente — diz Joona, cáustico.

— De fato. Viu uma ligação direta entre o presidente e a milícia armada, e exigiu que ele fosse preso por estupro, tortura e genocídio.

— O que aconteceu depois?

— Houve uma eleição em abril, e Al-Bashir continua a ser o presidente. O Sudão não permitirá o cumprimento de qualquer mandado de prisão, de modo que hoje é totalmente proibido enviar armas para o Sudão e fazer qualquer negócio com Omar al-Bashir e Agathe al-Haji.

— Como Pontus Salman nos contou — conclui Joona.

— E por isso eles romperam ligações comerciais.

— Temos de encontrar Penelope Fernandez — diz Joona quando as primeiras gotas de chuva batem no para-brisa.

Eles estão dirigindo sob uma violenta tempestade que imediatamente obscurece a visão. A chuva despenca, batendo no teto do carro. Joona é obrigado a reduzir para menos de 50 quilômetros por hora. Está tudo escuro, mas de vez em quando um raio ilumina o céu. Os limpadores de para-brisa vão de um lado ao outro a toda velocidade.

O celular de Joona toca. Petter Näslund diz que Penelope enviou um pedido de socorro menos de vinte minutos antes.

— Por que não me ligou imediatamente?

— Minha prioridade era alertar a guarda costeira. Ela já está a caminho. Também mandei um helicóptero de resgate.

— Bom trabalho, Petter — diz Joona.

Saga olha para ele intrigada.

— Sei que você vai querer falar com os dois assim que possível.

— Certo — diz Joona.

— Ligo assim que souber de mais alguma coisa.

— Obrigado.

— A guarda costeira deve estar lá agora... Espere... Aconteceu alguma coisa. Espere.

Joona ouve Petter baixar o telefone. Está falando com alguém, e a voz fica mais alta, até que ele está gritando. Está gritando “Continuem tentando! Continuem tentando!” antes que Joona o ouça pegando o telefone de novo.

— Preciso ir — diz Petter.

— O que está acontecendo? — pergunta Joona.

Há um raio, ouve-se o trovão e a claridade some lentamente.

— Não conseguimos falar com o oficial no barco. Sem resposta. É aquele idiota do Lance, provavelmente viu uma onda e quer pegar.

— Petter — grita Joona —, escute! Você tem de trabalhar rápido. Aquele barco foi sequestrado... E acredito...

— Agora você foi longe demais!

— Cale a boca e escute! Provavelmente os caras no barco já estão mortos. Pode haver apenas alguns minutos para enviar uma força de ataque. Cuide da operação! Ligue para o DIC por um telefone e para Bengt Olofsson em outro e tente conseguir duas patrulhas. Peça apoio de um Helicóptero 14 da base mais próxima.

Uma tempestade se abate sobre Estocolmo. A chuva bate nas janelas do grande apartamento de Carl Palmcrona. Tommy Kofoed e Nathan Pollock recomeçaram toda a investigação forense.

Está tão escuro que eles acendem as luminárias do teto.

No piso de um dos guarda-roupas que ocupam toda a extensão da parede no quarto de vestir de Palmcrona, abaixo de uma fileira de ternos cinza, azuis e pretos, Pollock descobre uma pasta de couro preta.

— Ei, Tommy — grita.

Kofoed entra no quarto com sua habitual postura curvada e melancólica.

— O que é isso?

Nathan dá uma batidinha leve na pasta de couro preta com os dedos enluvados.

— Acho que encontrei alguma coisa.

Eles vão até o nicho da janela alta e Pollock solta o fecho e abre a pasta de couro.

— O que temos aqui? — sussurra Kofoed, reverente.

Pollock ergue a fina página inicial com essas poucas palavras: *Últimos desejos e testamento de Carl Palmcrona*.

Eles leem o documento em silêncio. Está datado de 3 de março, três anos antes. Palmcrona deixara tudo que tinha para uma pessoa: Stefan Bergkvist.

— Que maldição, quem é Stefan Bergkvist? — pergunta Kofoed após terem terminado de ler. — Palmcrona não tem parentes nem amigos, pelo que descobri.

— Stefan Bergkvist mora em Västerås... Pelo menos quando isso foi escrito — diz Pollock. — Seu endereço é Rekylgatan, 11 e...

Pollock para e ergue os olhos.

— Ainda é um garoto. Segundo seu número de registro pessoal, acabou de completar 16 anos.

O testamento havia sido feito pelo advogado de Palmcrona no escritório Wieselgreen and Sons. Pollock folheia os apêndices que relacionam os bens de Palmcrona.

— Há quatro fundos de pensão; uma propriedade rural alugada de apenas dois hectares; uma fazenda loteada em Sörmland, também alugada por prazo longo; e o

imóvel de alto valor de Grevgatan, 2. A herança realmente vultosa parece ser uma conta-corrente no Standard Chartered Bank da ilha de Jersey. Palmcrona estipulou seu valor em 9 milhões de euros.

— Parece que Stefan se tornou um garoto rico — diz Pollock.

— Pois é.

— Mas por quê? Qual a ligação?

Tommy dá de ombros.

— Quem sabe? Algumas pessoas dão tudo que têm para seus cachorros ou seu professor de ginástica.

— Vou ligar para ele.

— Está falando em ligar para o garoto?

— O que mais você sugere?

Nathan Pollock pega seu telefone e discar um número, pede para ser transferido para Stefan Bergkvist, morador de Rekylgatan, 11, em Västerås. Descobre que há uma Siv Bergkvist no mesmo endereço e imagina que seja a mãe do garoto. Nathan olha pela janela para a chuva forte e para os bueiros transbordando.

— Siv Bergkvist — atende uma mulher com uma voz que soa abalada.

— Meu nome é Nathan Pollock e sou investigador criminal. Você é mãe de Stefan Bergkvist?

— Sim — diz em um sussurro.

— Posso falar com ele?

— O quê?

— Por favor, não se preocupe. Só preciso perguntar a ele...

— Vá para o inferno! — grita a mulher, e bate o telefone.

Pollock liga novamente para o número, mas ninguém atende. Olha pela janela, para a rua brilhando sob a chuva, e liga mais uma vez.

— Aqui é Micke — diz uma voz masculina em tom reservado.

— Meu nome é Nathan Pollock e eu...

— O que você quer?

Nathan ouve a mulher soluçando ao fundo. Ela diz algo ao homem e ele responde que pode cuidar disso.

— Não, deixe que eu faço — fala ela.

Nathan ouve passos enquanto o telefone é transferido.

— Alô — atende a mulher, suavemente.

— Eu realmente preciso...

— Stefan está morto! — grita ela em tom agudo. — Você diz que é policial, e ainda diz que precisa falar com ele! Por que está me torturando? Já é demais...

Ela soluça ao telefone. Algo cai no chão ao fundo.

— Lamento muito — diz Pollock, suavemente. — Eu não sabia. Eu...

— Eu não aguento mais isso! — Ela soluça. — Não aguento!

Passos são ouvidos novamente, e o homem pega o telefone.

— Já chega — diz ele.

— Por favor, espere um momento — interrompe Pollock rapidamente. — Por favor, me diga o que aconteceu. É importante...

Tommy Kofoed, que estava ouvindo o que Pollock dizia, acompanha enquanto ele escuta com atenção, fica pálido e passa a mão pelo rabo de cavalo prateado.

quando a vida ganha sentido

Policiais se reuniram no corredor do quartel-general da polícia até ele estar tomado por uma energia nervosa. Todos esperam os últimos relatos. Primeiro foi perdido contato com o barco da guarda costeira; depois o contato com o helicóptero de resgate também desapareceu.

No DIC, Joona está em pé em seu escritório e lê um cartão-postal que Disa mandou para ele de uma conferência em Gotland. “Uma carta de amor de uma admiradora secreta. Abraços, Disa.” Ele acha que ela procurou bastante até encontrar um cartão-postal que o fizesse estremecer tanto. Ele morde o lábio enquanto vira o postal. SEX ON THE BEACH está impresso acima de uma foto de um poodle branco de óculos escuros e biquíni rosa. O cachorro está deitado em uma espreguiçadeira e tem um drinque vermelho a seu lado.

Batem à porta. O sorriso de Joona desaparece com a expressão no rosto de Nathan Pollock.

— Carl Palmcrona deixou tudo que tinha para o filho — começa Nathan.

— Achei que ele não tivesse parentes.

— O filho está morto. Tinha 16 anos. Aparentemente houve um acidente ontem.

— Ontem? — repete Joona.

— Stefan Bergkvist sobreviveu apenas três dias a Carl Palmcrona — diz Nathan suavemente.

— O que aconteceu?

— Não sei direito. Algo relacionado à motocicleta dele — diz Pollock. — Solicitei o relatório preliminar da necrópsia.

— O que temos até agora?

— Já conversei várias vezes com a mãe. Seu nome é Siv Bergkvist. Mora com o companheiro, Micke Johansson. Aparentemente Siv foi secretária substituta de Palmcrona quando ele trabalhava na Quarta Frota Naval. Eles tiveram um breve relacionamento. Ela engravidou. Quando contou, ele quis que fizesse um aborto. Em vez disso Siv retornou a Västerås, teve o bebê e nunca contou a ninguém o nome do pai.

— Stefan sabia que seu pai era Carl Palmcrona?

Nathan balança negativamente a cabeça e pensa nas palavras da mãe: *Disse ao*

meu filho que seu pai estava morto, que morrerá antes do meu docinho nascer.

Outra batida na porta. Anja entra e coloca um relatório na mesa. Ainda está quente, recém-saído da impressora.

— Um acidente — diz Anja, soturna, sem mais explicações, e depois sai da sala.

Joona pega a pasta plástica e começa a ler o relatório da investigação técnica inicial. A morte não foi por envenenamento por monóxido de carbono, mas resultado direto de queimaduras. Antes de o garoto morrer sua pele inchava e rachava como se por cortes fundos, e então toda a musculatura interna encolhera. O calor explodira o crânio e os ossos longos. O legista estabelecera como causa da morte hematomas causados por calor, pelo fato de o sangue começar a ferver entre o crânio e a membrana cerebral rígida.

— Desagradável — murmura Joona.

Basicamente nada restou do barracão onde os restos de Stefan Bergkvist foram encontrados, o que prejudicou o trabalho dos peritos de incêndio. O barracão não passava de uma pira de cinzas fumegantes, alguns pedaços de metal enegrecidos e um corpo calcinado em posição fetal junto ao que havia sido a porta. A polícia criara uma teoria preliminar do que acontecera com base no depoimento de uma única testemunha: o engenheiro ferroviário que chamara os bombeiros. Ele vira a motocicleta em chamas caída junto ao barracão. Os indícios apontavam para um acidente no qual Stefan Bergkvist, de 16 anos, ficara preso dentro do velho barracão quando sua motocicleta caíra e bloqueara a porta. A tampa do tanque de gasolina não estava presa e o combustível vazara. A faísca que provocara o fogo ainda não havia sido determinada, mas se acreditava que teria sido um cigarro.

— Palmcrona morre — diz Pollock lentamente. — Deixa toda sua fortuna para o filho. Três dias depois o filho também está morto.

— A herança vai então para a mãe? — pergunta Joona.

— Sim.

Eles escutam em silêncio os lentos passos mancos no corredor antes de Tommy Kofoed entrar.

— Entrei no cofre de Palmcrona — diz, triunfante. — Havia apenas isto lá dentro.

Kofoed ergue um livro belamente encadernado.

— O que é isso? — pergunta Pollock.

— É um resumo de sua vida — diz Kofoed. — Muito comum na nobreza.

— Uma espécie de diário?

Kofoed dá de ombros.

— Apenas memórias simples não designadas para publicação. Como uma genealogia, pretende passar adiante outra parte da história familiar. Essas páginas

são manuscritas. Começa com uma árvore genealógica e menciona a carreira do pai, depois um relato tedioso de seus anos na escola, seus diplomas, seu serviço militar e sua carreira... Ele fez alguns investimentos ruins e precisava de dinheiro, então vende algumas propriedades e outros bens. Tudo de uma forma muito seca.

— E quanto ao filho?

— Inicialmente sua relação com Siv Bergkvist é descrita, de forma curta e grossa, como um “acontecimento infeliz” — responde Tommy Kofoed. Ele respira fundo antes de prosseguir. — Porém, ele logo começa a mencionar Stefan em suas memórias. Todas as entradas nos últimos oito anos são sobre o filho. Ele acompanha o desenvolvimento do filho a distância. Sabe em qual escola estuda, o que o interessa, com quem sai. Diz que irá recuperar a herança. Aparentemente está poupando tudo que tem para o filho. Finalmente, decidiu entrar em contato com o filho quando o garoto fizesse 18 anos. Espera que o filho o perdoe e que possam se conhecer após tantos anos. É a única coisa com a qual se importa... E agora ambos de repente morrem.

— Que pesadelo — murmura Pollock.

— O que você disse? — pergunta Joona, erguendo os olhos.

— Eu só disse que acho que é um pesadelo se tornando realidade — diz Pollock, pensando em por que a expressão do rosto de Joona de repente ganhou vida. — Ele faz tudo que pode pelo futuro do filho, e então o filho sobrevive apenas três dias à sua morte. Seu filho sequer soube quem ele era.

um pouco mais de tempo

Beverly já está na cama quando Axel entra em seu quarto. Ele só tivera duas horas de sono na noite anterior e agora se sente um pouco tonto da fadiga.

— Quanto tempo leva para Evert vir de carro até aqui? — pergunta ela em uma voz clara e baixa.

— Levaria cerca de seis horas para chegar aqui — responde, sucinto.

Ela se levanta e vai até a porta.

— O que está fazendo? — pergunta Axel.

Ela se vira.

— Achei que ele poderia estar sentado no carro esperando por mim.

— Você sabe que ele não dirige até Estocolmo — diz Axel.

— Só quero dar uma olhada pela janela e ter certeza.

— Podemos telefonar para ele; acha que devemos telefonar?

— Já tentei — diz ela.

Axel estica a mão e acaricia a sua bochecha, e ela se senta novamente na beirada da cama.

— Está cansado? — pergunta.

— Tão cansado que me sinto enjoado — responde.

— Quer que eu durma em sua cama hoje?

— Sim, isso seria agradável.

— Acredito que papai vai querer falar comigo amanhã — diz suavemente.

Axel confirma com um gesto de cabeça.

— Estou certo de que tudo dará certo amanhã.

Seus grandes olhos brilhantes fazem com que pareça mais jovem que nunca.

— Venha e deite — diz. — Deite para poder dormir, Axel.

Ele pisca para ela, cansado, e a observa deitar do seu lado da cama. Sua camisola cheira a algodão puro recém-lavado. Enquanto deita ao lado dela, quer chorar. Quer dizer que vai conseguir ajuda psiquiátrica para ela. Irá ajudá-la a escapar daquela confusão. Tudo vai dar certo. Tudo sempre dá certo.

Ele lentamente agarra um dos braços dela e põe o outro sobre a barriga dela. Ele a ouve guinchar quando a puxa mais para perto. Pressiona o rosto contra seu pescoço, respira úmido sobre sua pele e a segura com força. Após um tempo escuta

sua respiração suavizar. Ficam deitados absolutamente imóveis enquanto o calor de seus corpos juntos faz a pele dela suar, mas ele não a solta.

* * *

Na manhã seguinte Axel levanta cedo. Dormiu apenas quatro horas e seus músculos doem. Fica um tempo de pé junto à janela olhando para a silhueta escura da sebe de lilases.

Quando entra em seu novo escritório ainda está se sentindo congelado e cansado. No dia anterior ele estivera a um segundo de assinar o nome no contrato de um homem morto. Teria colocado sua honra pessoal nas mãos de um homem que se enforcara — confiado no julgamento de um suicida, não no seu.

Está contente de ter decidido esperar, mas lamenta ter feito o desenho no contrato.

Ele sabe que deve aprovar a exportação de munição para o Quênia nos próximos dias. Abre a pasta do relatório e começa a tomar ciência sobre os negócios suecos.

Uma hora depois a porta do escritório de Axel Riessen se abre e Jörgen Grünlicht entra. Sem uma palavra, leva uma cadeira até a escrivaninha e se senta. Abre a pasta, tira o contrato, vai até a página onde deveria estar a assinatura e então olha nos olhos de Axel.

— Oi — cumprimenta Axel em voz baixa.

Jörgen Grünlicht não consegue evitar um sorriso. A caricatura desenhada com cabelos espetados lembra Axel Riessen e o balão de diálogo saindo da boca da figura tem escrito “Oi!”.

— Olá — cumprimenta Jörgen.

— Apenas era cedo demais — explica Axel.

— Entendo. Não queria pressionar você, mesmo que estejamos com um pouco de pressa — explica Jörgen. — O ministro do Comércio esteve em cima de mim de novo e a Silencia Defense não para de telefonar. Ainda assim, entendo, sabe. Essa responsabilidade é nova para você, e você... quer ser especialmente cuidadoso.

— É isso.

— E isso é bom — continua ele. — Mas você pode mandar o acordo para o governo, caso esteja inseguro em relação a ele.

— Não estou inseguro — retruca Axel. — Apenas ainda não terminei. Só isso.

— É que... do ponto de vista deles as coisas estão sendo absurdamente demoradas.

— Estou deixando tudo mais de lado no momento, e até agora posso dizer que

tudo parece bom — retruca Axel. — Não estou dizendo à Silencia Defense para esperar antes de carregar o navio, mas simplesmente ainda não terminei.

— Vou fazer com que todas as partes envolvidas saibam que você está sendo positivo.

— Vá em frente. Quer dizer, se não encontrar nada incomum, é só...

— Não encontrará. Eu mesmo fiz a pesquisa.

— Tudo bem então — diz Axel suavemente.

— Não vou perturbá-lo mais — diz Jörgen. Ele se levanta da cadeira. — Alguma ideia de quando acha que estará pronto?

Axel dá uma espiada na papelada.

— Espere pelo menos alguns dias. Talvez precise dar mais uma olhada no Quênia antes.

— Claro — diz Jörgen Grünlicht, e sorri ao deixar a sala.

Axel deixa o escritório na Inpe às 10 horas da manhã para trabalhar em casa. Coloca toda a papelada necessária em sua maleta. Ainda sente frio por estar tão cansado, e agora também está com fome. Dirige até o Grand Hotel e pega brunch para duas pessoas.

Axel leva a comida para a cozinha. Beverly está sentada de pernas cruzadas sobre a mesa da cozinha, bem no meio, folheando a revista de noivas *Amelia Brud & Bröllop*.

— Está com fome? — pergunta ele.

— Não sei se quero vestir branco quando me casar — diz Beverly. — Talvez rosa-claro...

— Gosto de branco — murmura Axel.

Axel prepara uma travessa e os dois sobem as escadas para a sala íntima onde um módulo de sofás vermelho em estilo rococó está colocado junto às grandes janelas. Como parte do conjunto há uma mesa octogonal do século XVIII. Ela revela quanto a época apreciava o entalhe na madeira: um jardim com pavões e uma musicista, uma mulher tocando o *erhu*.

Axel arruma a mesa com a porcelana da família. Possui gravações em prata. Coloca guardanapos cinza-prateados combinando e taças de vinho pesadas ao lado dos pratos. Serve Coca-Cola na taça de Beverly e água mineral gostosa com fatias de limão na sua.

O rosto infantil de Beverly tem um pequeno queixo cinzelado acima de um pescoço frágil. A curva de sua cabeça pode ser vista sob os cabelos despenteados. Ela bebe a taça toda, depois espreguiça o tronco, indolente; em um bonito movimento despretensioso. Axel pensa que fará exatamente isso quando for adulta, que talvez se espreguice dessa forma mesmo quando for uma velha senhora.

— Fale mais sobre a música — pede a ele.

— Onde estávamos? — pergunta Axel apontando o controle remoto para o aparelho de som.

A interpretação inacreditavelmente perspicaz de Alexander Malter para a *Alina* de Arvo Pärt sai pelos alto-falantes. Axel pousa sua taça na mesa. As bolhas da água mineral dançam. Axel deseja de todo coração que fosse champanhe naquele

copo, champanhe para acompanhar a comida. Ele quer outro desejo acalentado — soníferos para passar a noite.

Axel serve mais Coca na taça de Beverly. Ela olha agradecida. Ele fita seus grandes olhos escuros e não percebe que passou do ponto até a Coca começar a se espalhar pela mesa. Toda a paisagem chinesa escurece como se coberta por uma nuvem. A película líquida cintila sobre o parque com seus pavões.

Axel se levanta. Ele vê o reflexo de Beverly nos vidros das janelas. A curva de seu queixo é tão forte... E então de repente estabelece uma conexão ofuscante. Ele se dá conta imediatamente de que ela lembra Greta.

Como pode não ter visto isso antes?

Tudo que quer fazer agora é fugir, sair correndo daquela sala, correndo da casa. Em vez disso, se obriga a pegar um pano para limpar o líquido derramado até seu coração ter oportunidade de desacelerar e voltar ao ritmo normal.

Não é que as duas mulheres pudessem um dia ser confundidas, mas agora ele identifica uma lembrança, uma característica após outra que têm em comum.

Axel para e limpa a boca. Sua mão treme.

Não se passa um dia em que ele não pense em Greta. E todo dia ele faz de tudo para esquecer.

O dia seguinte à competição ainda o assombra.

Isso havia sido 34 anos antes, mas em sua cabeça tudo desde então foi obscurecido por aquele acontecimento. Sua vida era tão nova na época; ele tinha apenas 17, mas todas as brilhantes esperanças chegaram ao fim.

A Competição John Fredrik Berwald era a competição de maior prestígio para jovens violinistas no norte da Europa. Muitos dos jovens virtuosos do mundo foram colocados sob esse holofote ofuscante, mas após seis rodadas diante de um júri fechado o número caíra para apenas três. Agora era a rodada final, e os três violinistas competiriam no salão de concertos como parte de uma apresentação regida pelo lendário Herbert Blomstedt, e a música seria transmitida ao vivo pela televisão.

Nos círculos musicais, era uma sensação que dois dos finalistas, Axel Riessen e Greta Stiernllood, tivessem estudado no Colégio Real de Música de Estocolmo. O outro finalista era Shiro Sasaki, do Japão.

Para Alice Riessen, uma musicista profissional sem renome, o sucesso de seu filho Axel era um enorme triunfo. Especialmente naquele momento. Ela ignorara os avisos do diretor da escola sobre as faltas de Axel, às vezes por um dia inteiro, e que ele estava ficando descuidado, sem concentração.

Assim que Axel e Greta chegaram à terceira rodada receberam permissão para dedicar todo tempo a ensaiar. A competição os aproximara e, de modo impressionante, um estava feliz com o sucesso do outro. Haviam começado a se encontrar na casa de Axel para se ajudarem.

Axel e seu irmão mais novo, Robert, podiam utilizar sete aposentos no último andar da casa em Lärkstaden. Como regra, Axel nunca praticava a peça propriamente dita. Em vez disso, abria caminho para ela, explorando suas correntes sonoras subjacentes como se em um novo mundo. Ele adorava tocar e algumas vezes ficava até tarde da noite tocando o violino até seus dedos calejados queimarem.

Faltava apenas um dia para a competição entre Axel e Greta no Salão de Concertos. Axel estava sentado no chão olhando para as capas de seus LPs espalhados em frente ao toca-discos. Ele tinha três álbuns de David Bowie: *Space Oddity*, *Aladdin Sane* e *Hunky Dory*.

Sua mãe bateu na porta e entrou com uma garrafa de Coca-Cola, dois copos com gelo e fatias de limão. Axel ficou surpreso ao vê-la, mas agradeceu, se levantou para apanhar a bandeja e a colocou na mesinha de centro.

— Achei que estavam ensaiando — disse Alice, olhando ao redor da sala.

— Greta teve de ir para casa comer.
— Você poderia aproveitar esse tempo para trabalhar.
— Estou esperando ela voltar.
— Você sabe que a final é amanhã — disse Alice, se sentando no chão perto do filho. — Eu me dedico a praticar oito horas por dia, algumas vezes dez.
— Eu nem sequer fico acordado dez horas por dia — brincou Axel.
— Axel, você tem o dom.
— Sim, mamãe.
— Você diz sim. Mas não entende. O dom não é suficiente. Não é suficiente para ninguém.
— Mamãe, eu pratico como um louco — mentiu.
— Toque para mim — ela pediu.
— Não.
— Sei que você não quer a mãe como professora, mas deixe-me ajudá-lo agora quando é realmente importante — continuou Alice, pacientemente. — Faz dois anos que ouvi você pela última vez, no concerto de Natal. Ninguém entendeu o que você tocou.

— Foi “Cracked Actor”, de Bowie.
— Uma escolha infantil... Mas ainda assim um desempenho muito impressionante para alguém de 15 anos — disse, estendendo a mão para tocá-lo. — Mas veja, amanhã...

Axel se afastou da mão da mãe.
— Pare de me atormentar.
— Pode ao menos me dizer qual peça escolheu?
— É clássica.
— Obrigada ao Senhor ao menos por isso.
Axel deu de ombros e evitou o olhar da mãe. Quando a campainha tocou, desceu as escadas correndo.

O crepúsculo começava a cair, mas a neve refletia a luz indireta, de modo que a escuridão não engolia a casa. Greta estava no degrau de baixo, segurando o estojo de violino e a bolsa de pano. As bochechas estavam rosadas de frio, seu cachecol listrado, enrolado no pescoço para protegê-lo. Os cabelos caíam sobre os ombros, salpicados de flocos de neve. Ela colocou o estojo no guarda-roupas para pendurar casaco e cachecol. Então tirou as botas pretas e calçou sapatos de ficar em casa que tirou da bolsa.

Alice Riessen desceu as escadas e estendeu as mãos para ela. Alice estava entusiasmada e suas bochechas brilhavam de alegria.

— Bom que estejam ajudando um ao outro a ensaiar — disse ela. — Você precisa ser dura com Axel. Do contrário ele é preguiçoso — censurou gentilmente.

— Percebi isso. — Greta riu.

Greta Stiernllood era filha de um gigante da indústria que tinha grandes participações em Saab-Scania e Enskilda Banken. Fora criada pelo pai — os pais tinham se divorciado quando era bebê, e desde então ele erguera uma barreira contra a mãe. Muito cedo — talvez antes mesmo do nascimento — o pai decidira que ela seria violinista.

Depois que os dois subiram as escadas para a sala de música de Axel, Greta foi ao piano de cauda. Seus cabelos brilhantes desciam em cachos até os ombros. Ela estava vestida de forma descontraída com uma saia xadrez escocesa, blusa branca, cardigã azul-escuro e meias listradas.

Ela tirou o violino do estojo, prendeu o apoio de queixo, limpou a colofônia das cordas com um pano, esticou o arco, passou uma nova camada de colofônia nele e afinou cuidadosamente o instrumento após sua viagem pela noite fria.

Depois começou a tocar. Tocou como sempre, com os olhos semicerrados como se estivesse se concentrando em algo dentro de si. Seus cílios longos lançavam sombras sobre o rosto sério. Axel conhecia bem a peça: o primeiro movimento do concerto para violino em Ré Maior de Beethoven, um tema sério, penetrante.

Ele sorriu enquanto escutava. Ele respeitava a maravilhosa noção de música de Greta e a honestidade de sua interpretação.

— Bom — pontuou quando ela terminou.

Greta mudou de música e esticou os dedos.

— Mas eu não consigo me decidir... Você sabe, papai quer que eu toque a sonata para violino em Sol Menor de Tartini. Mas não estou tão certa...

Ela ficou em silêncio, olhando para a música, lendo, contando e memorizando o *legato* complicado.

— Posso ouvir? — pediu Axel.

— Está terrível — disse ela, corando um pouco.

Ela tocou o último movimento. Seu rosto estava tenso, bonito e triste, mas no final ela perdeu o tempo exatamente quando as notas mais altas do violino deveriam se erguer como se pegassem fogo.

— Droga — sussurrou, apoiando o violino sob o braço. — Eu desacelerei. Tenho trabalhado como um animal, mas preciso me dedicar mais às semicolcheias e tercinas, que...

— Embora eu tenha gostado do ritmo, como se você estivesse curvando um grande espelho na direção de...

— Eu não toquei direito — disse ela, enrubescendo ainda mais. — Desculpe. Sei que você está tentando ser gentil, mas não vai funcionar. Preciso tocar direito. É uma loucura que na noite antes da apresentação eu ainda não consiga decidir. Devo

seguir o caminho fácil ou dedicar todo meu esforço a uma peça difícil?

— Você conhece as duas bem, então...

— Não, não conheço. Isso seria um grande risco — explicou ela. — Mas, talvez... Preciso de mais algumas horas, talvez três, e então talvez arrisque o Tartini amanhã.

— Você não deveria fazer isso só porque seu pai acha...

— Mas ele está certo.

— Não, não está — disse Axel. Ele começou a apertar um baseado.

— Eu conheço bem a peça fácil — disse ela. — Mas pode não estar em um nível suficientemente alto. Tudo depende do que você e Shiro Sasaki escolherem.

— Você não deveria pensar assim.

— Como eu deveria pensar? Nunca me deixou ver você ensaiando uma só vez.

O que está planejando tocar? Ao menos escolheu uma peça?

— O Ravel — respondeu.

— O Ravel? Sem sequer praticar?

Ela riu alto.

— Não, falando sério, que peça? — perguntou ela.

— A *Tzigane* de Ravel, e é a verdade.

— Desculpe-me, Axel, mas é uma escolha louca. Você mesmo sabe disso. É complicada demais, rápida demais, desafiadora demais, e...

— Vou tocar como Perlman, mas sem pressa... Porque a peça não deve ser corrida.

— Axel, ela deve ser um *allegro* — disse ela com um sorriso.

— Sim, para a lebre que está sendo caçada... Mas para o lobo, deveria ser um pouco mais lenta.

Ela lançou-lhe um olhar cansado.

— Onde você leu isso?

— Atribuição — disse, acenando com o baseado. — Paganini.

— Bem, então eu só tenho de me preocupar com nosso concorrente japonês — disse, colocando o violino novamente sob o queixo. — Como você nunca ensaia, nunca conseguirá tocar a *Tzigane*.

— Não é tão difícil quanto as pessoas dizem — retrucou ele enquanto acendia o baseado.

— Não, de modo algum. — Ela sorriu enquanto recomeçava a tocar.

Depois de um tempo ela parou e olhou seriamente para Axel.

— Você realmente vai tocar o Ravel?

— Sim.

Ela estava séria.

— Você mentiu para mim e tem ensaiado todo esse tempo? Talvez há quatro

anos? E nem sequer me disse? Ou o quê?

— Decidi neste minuto; no minuto em que você perguntou.

Ela riu.

— Como você pode ser tão idiota?

— Não me importo se ficar em último — disse, se esticando no sofá.

— Eu me importo — disse ela simplesmente.

— Eu sei, mas haverá outras oportunidades.

— Não para mim.

Ela começou a tocar o Tartini. Estava melhor, mas ela parou. Repetiu a passagem complicada, e então mais uma vez.

Axel bateu palmas e então colocou *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*, de David Bowie, no toca-discos. Colocou a agulha sobre o long-play e enquanto a música começava ele se deitou, fechou o olhos e começou a cantar junto.

Ziggy really sang, screwed up eyes and screwed down hairdo.

Like some cat from Japan, he could lick'em by smiling.

He could leave'em to hang.

Greta hesitou, pousou o violino, foi até ele e pegou o baseado. Deu um tapa, outro, tossiu e devolveu.

— Como alguém pode ser tão idiota quanto você? — perguntou, tocando os lábios dele.

Ela se curvou e quis beijá-lo nos lábios, mas errou, tocando a bochecha. Sussurrou “Desculpe” e o beijou novamente. Eles mantiveram os lábios juntos, vasculhando e procurando. Ele arrancou o cardigã dela e seus cabelos arrepiaram com a eletricidade estática. Recebeu uma pequena descarga quando tocou a bochecha, e recolheu a mão. Sorriram nervosamente um para o outro e se beijaram de novo. Ele desabotoou a blusa branca engomada a ferro e sentiu os seios pequenos sob o sutiã simples. Ela o ajudou a tirar a camiseta. Os cabelos compridos lustrosos dela cheiravam como o ar fresco de neve e inverno, mas seu corpo estava quente como um pão saído do forno.

Foram para o quarto dele e se jogaram na cama. As mãos dela tremiam enquanto abria e tirava a saia, e por um momento pareceu que ela iria tirar a calcinha ao mesmo tempo, mas não era o que pretendia, e suas mãos a mantiveram ali enquanto Axel tirava as meias dela.

— O que há de errado? — sussurrou ele. — Quer parar?

— Não sei; você quer?

— Não — respondeu.

— Só estou um pouco nervosa — disse ela honestamente.

— Você é mais velha que eu.

— Sim, você tem apenas 17; estou pegando para criar — disse ela, sorrindo.

O coração de Axel batia forte enquanto baixava as calcinhas dela. Ela ficou imóvel enquanto ele beijava sua barriga, seus seios pequenos, seu queixo, seus lábios. Abriu as pernas e ele se deitou sobre ela e sentiu como lentamente pressionava as coxas contra seus quadris. As bochechas dela ficaram vermelho-brilhantes enquanto ele deslizava para dentro. Ela o puxou mais para perto, acariciou suas costas e pescoço e suspirava toda vez que ele afundava.

Quando terminaram, ofegantes, havia uma fina camada de suor entre seus corpos nus. Eles ficaram deitados um nos braços do outro, de olhos fechados, e caíram em um sono doce.

a competição johan fredrik berwald

Estava claro quando Axel acordou no dia em que iria perder tudo. Ele e Greta não tinham fechado as cortinas. Haviam adormecido juntos na cama e dormido a noite toda.

Axel se levantou lentamente e olhou para Greta, que dormia com um rosto absolutamente sereno e o cobertor grosso amarranhado ao redor. Caminhou até a porta, parou junto ao espelho e olhou para seu corpo nu de 17 anos por um tempo. Depois seguiu para a sala de música. Fechou a porta do quarto suavemente e se dirigiu ao piano de cauda. Tirou o violino do estojo e o afinou. Levou-o ao queixo, foi à janela e, olhando para a manhã de inverno e para a neve soprada dos tetos em compridos véus, começou a tocar a *Tzigane* de Maurice Ravel de memória.

A peça começa com uma melodia romani triste, lenta e contida, mas então o ritmo acelera. A melodia ecoa cada vez mais rápido nela mesma como uma lembrança veloz de fração de segundo de uma noite de verão.

É uma peça extremamente rápida.

Axel tocava por estar alegre. Não estava pensando. Seus dedos corriam e dançavam como correntes e ondas em um riacho.

Axel começou a sorrir. Estava pensando em uma pintura que seu avô tinha na sala íntima. Seu avô dissera que era a versão mais adequada e brilhante da *Näcken* de Ernst Josephson. Quando criança, Axel adorara as lendas que cercavam esse ser místico cuja música de violino era tão bonita que atraía as pessoas para a morte, belas mortes por afogamento no lago.

Naquele momento Axel sentia que era exatamente como o Närke, um jovem cercado de água enquanto tocava. Com a diferença de que Axel estava feliz. Essa era a maior diferença entre Axel e a pintura de Josephson.

Seu arco saltava sobre as cordas a uma velocidade impressionante. Ele não se importava que alguns dos pelos do arco esticado se partissem e dançassem no ar com a música.

É assim que Ravel deve ser tocado, pensou. Não de forma exótica, mas de forma feliz. Ravel é um compositor jovem, um compositor feliz.

Axel deixou as notas finais ressoarem no corpo do violino e então pareceu rodopiar para longe como a neve leve no telhado do lado de fora. Baixou o arco e

estava prestes a se curvar para a neve do lado de fora quando se deu conta de que havia alguém atrás dele.

Ele se virou e viu Greta no umbral. Segurava o cobertor ao redor do corpo e seus olhos estavam escuros e estranhos enquanto olhava para ele.

Axel franziu o cenho com a expressão perturbada dela.

— O que há de errado?

Ela não respondeu. Engoliu alto. Duas grandes lágrimas começaram a correr por suas faces.

— Greta, qual o problema? — insistiu.

— Você me disse que não tinha ensaiado — disse em um tom sem nuances.

— Não, eu... eu... — gaguejou. — Eu disse a você que aprendia peças novas facilmente.

— Meus parabéns.

— No que está pensando? — perguntou, chocado. — Não é o que você está pensando!

— Não acredito que fui tão idiota — disse.

Ele pousou violino e arco, mas ela já fechava a porta do quarto. Axel agarrou os jeans que deixara pendurados no encosto de uma cadeira e vestiu. Depois bateu na porta.

— Greta? Posso entrar?

Não houve resposta, e com isso uma massa negra de preocupação se formou nas suas entranhas. Pouco depois ela saiu do quarto inteiramente vestida. Nem sequer olhou para ele enquanto guardava seu violino no estojo e juntava suas coisas para deixá-lo sozinho.

* * *

A sala de concertos estava lotada. Greta era a primeira a tocar. Quando o viu, ela desviou os olhos. Estava com um vestido de veludo azul e um colar com pingente de coração.

Axel ficou sentado sozinho no camarim e esperou com pálpebras semicerradas. O silêncio era absoluto. Só se escutava um som baixo por trás da proteção plástica empoeirada de um ventilador. Seu irmão mais novo entrou no aposento.

— Não vai se sentar com mamãe? — perguntou Axel.

— Não, estou nervoso demais. Não posso ver sua apresentação. Vou ficar sentado aqui e esperar.

— Greta já começou?

— Sim, parece bom.

— Qual peça ela escolheu? Foi a sonata de violino de Tartini?

— Não, alguma coisa de Beethoven.

— Bom — murmurou Axel.

Eles ficaram sentados em silêncio, e não disseram mais nada. Após algum tempo houve uma batida na porta. Axel se levantou e abriu. Uma mulher disse que ele seria o próximo.

— Boa sorte — desejou Robert.

— Obrigado — agradeceu Axel. Ele pegou violino e arco e acompanhou a mulher pelo corredor.

Muitos aplausos vinham da plateia. Axel teve um vislumbre de Greta e do pai indo apressados para o camarim dela.

Axel caminhou para perto das coxias e teve de esperar ser apresentado. Quando ouviu seu nome, caminhou para o centro do palco iluminado e sorriu para a plateia. Houve um murmúrio quando ele anunciou sua escolha, a *Tzigane* de Maurice Ravel.

Ele levou o violino ao queixo e ergueu o arco. Começou a tocar a introdução melancólica e depois acelerou o ritmo até uma velocidade impossível. A plateia parecia prender a respiração. Ele podia ouvir que tocava de forma brilhante, mas dessa vez a melodia não cintilava. Sua interpretação já não era feliz. Era como se ele tivesse se tornado o Näcke, com uma tristeza consumidora, febril. Com três minutos as notas caíam como chuva na noite e então ele começou a pular algumas intencionalmente. Ele desacelerou, tocou fora do tom, e finalmente abandonou a peça.

A sala de concertos estava em silêncio.

— Desculpem-me — sussurrou ele, e saiu do palco.

A plateia aplaudiu com educação. A mãe se levantou de seu assento na plateia e o seguiu. Ela o deteve no corredor.

— Venha aqui, meu filho — disse, colocando as mãos em seus ombros.

Então acariciou sua bochecha e tinha uma voz calorosa quando disse:

— Aquilo foi impressionante, a melhor interpretação que já ouvi.

— Perdoe-me, mamãe.

O rosto dela endureceu, pareceu se esticar.

— Nunca — respondeu, deu as costas a Axel e saiu da sala de concertos.

Axel foi até o camarim pegar seu casaco, mas foi interrompido por Herbert Blomstedt do lado de fora.

— Aquilo foi impressionante, meu garoto — disse, com uma voz muito triste.

— Até você começar a fingir que não conseguia mais tocar.

A casa reverberava com o silêncio quando Axel retornou. Já era tarde da noite. Ele se arrastou para o apartamento do último andar, passou pela sua sala de música e entrou no quarto. Fechou a porta atrás de si. Ainda podia ouvir a música na cabeça, do modo como soara até ele começar a pular notas, reduzir o ritmo inesperadamente, abandonar a peça no meio.

Ele tinha interrompido. Interrompido repetidamente.

Axel se jogou na cama e adormeceu com o estojo do violino ao lado.

Na manhã seguinte acordou com um telefone tocando.

Alguém atravessava a sala de jantar. O piso sempre rangia.

Um momento depois houve passos nas escadas. Sua mãe entrou no seu quarto sem bater.

— Sente-se — ordenou Alice.

Axel ficou assustado no momento em que a viu. O rosto dela ainda estava molhado de lágrimas.

— Mamãe, por favor...

— Fique quieto! — diz em voz baixa. — Acabei de receber um telefonema do seu diretor...

— Ele está chateado comigo porque...

— Fique quieto! — berrou Alice.

Ele parou de falar. Ela levou uma mão trêmula à boca. Novas lágrimas começaram a correr por suas faces.

— É sobre Greta — finalmente conseguiu dizer. — Ela se suicidou essa noite.

Axel ficou olhando para ela e tentando entender o que dissera.

— Não! Porque eu...

— Ela estava envergonhada — diz Alice. — Disseram que ela sentia ter decepcionado a todos, que deveria ter praticado mais. Você prometeu ajudar. Eu sabia disso, eu sabia. Ela nunca deveria ter vindo aqui, ela... Não estou dizendo que é culpa sua, Axel, porque não é. Ela ficou desapontada com ela mesma porque, quando tudo dependia da sua interpretação, não conseguiu lidar com isso e não conseguiu suportar que...

— Mas mamãe, eu...

— Fique quieto — disse ela. — Tudo isto acabou.

Alice saiu. Axel levantou-se da cama envolto em uma névoa. Ele tropeçou, mas conseguiu se equilibrar. Tirou seu belo violino do estojo e bateu no chão violentamente com ele. O braço se partiu e o cavalete tombou sobre as cordas frouxas. Axel pisou nele, e pedaços de madeira voaram em todas as direções.

— Axel! O que você está fazendo?

Robert entrou correndo no quarto e tentou detê-lo. Axel o empurrou. Robert caiu de costas sobre o guarda-roupa atrás dele, mas levantou novamente.

— Axel, então você estragou tudo, e daí? — disse Robert. — Greta também. Encontrei com ela no saguão e ela também... Todos...

— Cale a boca! — gritou Axel. — Nunca mais mencione o nome dela para mim!

Robert ficou olhando enquanto Axel continuava a pisar nos pedaços de madeira até não restar nada que lembrasse um violino. Robert então saiu do quarto.

Shiro Sasaki venceu a Competição Johan Fredrik Berwald. Greta escolhera a peça de Beethoven, mais fácil, mas não conseguira tocá-la de forma perfeita, uma exigência que fazia a si mesma. Assim que chegara em casa, se trancara no quarto e provavelmente tomara uma quantidade enorme de comprimidos para dormir. Fora encontrada na cama na manhã seguinte quando não apareceu para o café da manhã.

* * *

A lembrança de Axel afunda como se fosse uma vida esquecida nas profundezas do mar. Ele olha para Beverly. É como se os grandes olhos de Greta estivessem olhando para ele. Olha para o pano em sua mão, o líquido na mesa e o entalhe reluzente com a mulher tocando o *erhu*.

A luz desliza pela curva da cabeça de Beverly quando ela se vira para olhar os violinos pendurados na parede.

— Gostaria de saber tocar — diz ela.

— Vamos fazer uma aula juntos — diz ele, sorrindo gentilmente.

— Gostaria disso — responde ela, totalmente séria.

Ele coloca o pano na mesa e sente a terrível exaustão dentro do corpo. A gravação da música do piano ecoando enche a sala. Está sendo tocado sem abafador, e as notas fluem oniricamente uma dentro da outra.

— Pobre Axel, você quer dormir — diz ela.

— Preciso trabalhar.

— Então esta noite — diz ela, e se levanta.

O detetive inspetor Joona Linna está à sua escrivaninha no DIC. Lê as memórias de Carl Palmcrona. Há cinco anos Palmcrona registrou como viajara a Västerås para ver seu filho se formar no ensino fundamental. Ficara a distância enquanto todos se reuniam no pátio da escola e cantavam “Den blomstertid nu kommer”, de pé na chuva segurando guarda-chuvas. Palmcrona descreveu os jeans e a jaqueta brancos, os cabelos louros compridos, e escreveu que “o garoto tem uma semelhança familiar no nariz e nos olhos que me fez querer chorar”. Voltou a Estocolmo e escreveu que o filho merecia tudo que ele havia feito até então e tudo que iria fazer.

O telefone toca. Joona atende imediatamente. É Petter Näslund ligando do ônibus da polícia em Dalarö.

— Eles pegaram Penelope Fernandez, acabei de entrar em contato com o grupo do helicóptero e estão sobrevoando a baía Erstavik neste momento — diz a Joona. Sua voz ainda soa assustada.

— Está viva? — pergunta Joona, e é tomado por uma sensação de alívio.

— Estava nadando no mar aberto quando a encontraram — explica Petter.

— Como está? Está bem?

— Aparentemente, sim. Estão indo para o Hospital Söder.

— Perigoso demais — diz Joona abruptamente. — Em vez disso levem para a delegacia. Traremos uma equipe de médicos do Hospital Karolinska.

Petter diz que vai entrar em contato com o helicóptero.

— E quanto aos outros? — pergunta Joona.

— Está um caos total. Perdemos pessoas, Joona. Está uma loucura aqui.

— E Björn Almskog?

— Ainda não encontramos, mas... Neste exato instante não sabemos nada, e é difícil descobrir o que aconteceu.

— E o assassino?

— Vamos pegá-lo. Esta é uma ilha pequena. Temos homens por toda parte, com ajuda da guarda costeira e da polícia naval.

— Bom — diz Joona.

— Você acha que não vamos pegá-lo? — pergunta Petter, soturno.

— Se não o pegaram até agora, ele provavelmente já escapou.

— Está dizendo que é culpa minha?

— Petter — começa Joona em voz baixa e calma —, se você não tivesse entendido tão rápido, Penelope estaria morta, e sem ela não teríamos pista alguma.

* * *

Uma hora depois dois médicos do Karolinska seguem para uma sala protegida bem no fundo do quartel-general do Departamento Nacional de Polícia. Penelope está deitada sem se mexer aos cuidados deles. Fazem curativos em seus ferimentos, colocam um tubo intravenoso para reidratação e nutrição e lhe dão tranquilizantes.

Petter Näslund relata a Carlos Eliasson que seus colegas Lennart Johansson e Göran Sjödin foram encontrados nos destroços da lancha da polícia com outro corpo não identificado, provavelmente Björn Almskog. O corpo de Ossian Wallenberg foi encontrado do lado de fora da casa, e os mergulhadores estão a caminho da área onde o helicóptero caiu. Petter teme que todos a bordo tenham morrido.

A polícia não pegou o suspeito, mas Penelope Fernandez ainda está viva.

Bandeiras são colocadas a meio mastro em frente à delegacia de polícia. A chefe de polícia Margareta Widding e o diretor do DIC, Carlos Eliasson, estão dando uma triste entrevista coletiva na sala de imprensa envidraçada. O detetive Joona Linna não participa da entrevista coletiva. Em vez disso, ele e Saga Bauer se encaminham de elevador para o andar mais baixo do prédio a fim de encontrar Penelope Fernandez.

Cinco andares abaixo do mais moderno anexo à delegacia de polícia há uma área com dois apartamentos, oito quartos de hóspedes e dois dormitórios. Foi criada para garantir a segurança de líderes do departamento durante crises e catástrofes. Na década anterior, os quartos de hóspedes também foram usados para proteção de testemunhas. As paredes são de um amarelo alegre, e livros que parecem agradáveis tomam uma bela prateleira. É óbvio que as pessoas que ficam nesses quartos têm muito tempo para ler. Não há janelas, mas uma simulação delas, com uma luz por trás de uma cortina lisa que tenta distrair a mente da ideia de se estar enterrado em um bunker.

Penelope Fernandez está deitada em um leito de hospital ali, gelada. Dizem que é porque a velocidade do intravenoso em seu braço está sendo aumentada.

— Estamos dando a você líquidos e suprimentos nutricionais — diz a ela a médica, Daniella Richards.

Com uma voz suave, a Dra. Richards continua a explicar o que faz enquanto prende o cateter na parte interna do cotovelo de Penelope.

Os ferimentos de Penelope foram limpos. Seu pé esquerdo machucado foi suturado e recebeu uma bandagem, e o corte nas costas foi limpo e fechado com curativo, enquanto o ferimento profundo no quadril recebeu os oito pontos de que precisava.

— Agora quero dar a você um pouco de morfina para a dor.

— Mamãe — diz Penelope —, quero falar com mamãe.

— Compreendo — responde a médica.

Lágrimas quentes escorrem pelo rosto de Penelope e molham cabelos e orelhas. Ela ouve a médica pedir à enfermeira para preparar uma injeção de 0,5 mililitros de morfina. A simpática Dra. Richards diz a Penelope que irão deixá-la descansar, mas caso precise de algo basta apertar o botão vermelho-brilhante.

Penelope Fernandez pode sentir um clima de paz no quarto. Fecha os olhos e o calor da morfina se espalha por seu corpo e a arrasta para o sono.

Há um leve rangido quando uma mulher vestindo um *niqab* preto esmaga duas figuras de argila seca ao sol sob seus pés com sandálias. Uma garota e seu irmão mais novo viram fragmentos e poeira. A mulher de véu caminha carregando uma

carga pesada de grãos e nem sequer percebe o que está fazendo. Dois garotos assoviam, apontam e gritam que as crianças escravas estão mortas, e logo restarão apenas bebês. Todos os fur morrerão.

Penelope expulsa a lembrança de Kubbum, mas antes que possa cair no sono novamente sente por um instante o peso de toneladas de pedra, terra, argila e cimento sobre ela. Sente como se continuasse caindo, caindo, caindo, caindo para o centro da terra.

* * *

Penelope Fernandez acorda de repente. Não consegue abrir os olhos, a morfina deixou seu corpo pesado demais. Mas ela sabe que está em um leito de hospital em um bunker protegido bem abaixo da delegacia de polícia. Já não precisa fugir. Seu alívio é seguido por uma enorme onda de dor e tristeza. Ela não sabe quanto tempo dormiu ou se deve apenas se permitir apagar novamente. Ainda assim abre os olhos.

Ela pisca, mas nada vê. Nem mesmo o botão de emergência ao lado da cama está iluminado. Deve haver falta de energia. Ela está prestes a gritar, mas se obriga a ficar quieta quando a porta do corredor estala e se abre. Ela olha para a escuridão e ouve o próprio coração batendo forte. O corpo fica tenso e os músculos estão prontos para dar um salto. Alguém toca seus cabelos. Quase imperceptível. Ela fica absolutamente imóvel e sente alguém fazer isso de novo, furtivamente, os dedos se enrolando lentamente em seus cachos. Está prestes a rezar quando a pessoa perto dela a arranca da cama pelos cabelos. Grita enquanto é jogada na parede de tal modo que as imagens emolduradas se quebram e o suporte das bolsas intravenosas cai. Ela caiu no chão cercada por cacos de vidro. Ele continua segurando seus cabelos e a levanta, vira e bate seu rosto contra as rodas travadas do leito. Depois saca uma faca com uma lâmina preta.

Penelope acorda. Caiu da cama. Uma enfermeira corre na sua direção. Todas as luzes estão acesas e Penelope se dá conta de que teve um pesadelo. É ajudada a voltar para a cama, com a enfermeira falando calmamente. Então se levantam as grades ao redor da cama para que ela não caia de novo.

O suor em seu corpo esfria após algum tempo. Ela não quer se mexer. Está deitada de costas com o botão de emergência na mão, e olha para o teto. Uma jovem entra. Tem uma fita colorida trançada em seus cabelos compridos, e olha para Penelope com uma seriedade gentil. Atrás dela há um homem alto com cabelos louros espetados e um rosto simétrico amigável.

— Meu nome é Saga Bauer — apresenta-se a mulher. — Sou do Serviço de Segurança. Este é meu colega Joon Linna, do DIC.

Penelope olha para eles sem expressão e depois baixa os olhos para seus braços com curativos, todos os seus cortes, os arranhões e o cateter em seu braço.

— Lamentamos muito por tudo pelo que você passou nos últimos dias — diz a mulher. — E podemos entender caso queira simplesmente ficar em paz. Mas não podemos fazer isso ainda. Precisamos de algumas informações suas.

Saga Bauer pega a cadeira da pequena escrivaninha e se senta ao lado da cama.

— Ele ainda está atrás de mim, não está? — pergunta Penelope.

— Você está segura aqui — responde Saga.

— Diga que ele está morto.

— Penelope, precisamos...

— Vocês não conseguem detê-lo — diz ela, fraca.

— Vamos pegá-lo. Eu prometo — diz Saga. — Mas você precisa nos ajudar.

Penelope fecha os olhos.

— Isso deve ser muito difícil, mas precisamos de algumas respostas — continua Saga, suavemente. — Tem alguma ideia de por que isso está acontecendo?

— Pergunte a Björn — murmura ela. — Talvez ele saiba.

— O que você disse?

— Disse que vocês têm de perguntar a Björn — sussurra Penelope. Ela abre os olhos lentamente. — Pergunte a ele. Talvez ele saiba.

Aranhas e insetos devem ter entrado em seu corpo na floresta. Estão correndo sobre seu corpo. Ela tenta coçar a testa, mas Saga segura suas mãos calmamente.

— Ele estava caçando você — diz Saga. — Não posso sequer imaginar como deve ter sido terrível. Mas você reconheceu a pessoa atrás de você? Você já o havia encontrado antes?

Penelope faz um gesto negativo tão discreto que é quase imperceptível.

— Também achamos que não — diz Saga. — Mas talvez você possa nos dar uma boa descrição dele, ou alguma coisa reconhecível, como uma tatuagem ou marca especial.

— Não — sussurra Penelope.

— Então poderia ajudar nosso desenhista a fazer um retrato? Não precisamos de muito para começar uma busca pela Interpol.

O homem do DIC se aproxima, e seus olhos cinza incomuns parecem pedras polidas em um riacho.

— Pensei ter visto você balançando a cabeça — diz ele. A voz também é calma. — Quando Saga perguntou se o reconhecia você balançou a cabeça um pouquinho, certo?

Penelope confirma.

— Então talvez o tenha visto — diz Joona de forma amistosa. — Só não está certa se o viu antes ou não.

Penelope olha diretamente à frente e se lembra dos movimentos descontraídos do assassino, que se mexia como se tivesse todo o tempo do mundo, e também de como mesmo assim tudo aconteceu tão terrivelmente rápido. Ela vê em sua mente ele mirando enquanto estava pendurada na corda do helicóptero. Ela o vê erguer a arma e atirar. Sem pressa, sem nervosismo. Vê novamente seu rosto iluminado pelo clarão do raio. Como eles se encararam.

— Entendemos que esteja assustada — diz Joona. — Mas nós...

Ele para de falar quando uma enfermeira entra no quarto e diz a Penelope que ainda estão tentando encontrar sua mãe.

— Ela não está em casa e não atende o celular.

Penelope geme e desvia os olhos, escondendo o rosto no travesseiro. A enfermeira coloca uma mão reconfortante em seu ombro.

— Não quero ouvir! — diz Penelope, soluçando. — Não quero!

Outra enfermeira entra apressada e diz que irá colocar um pouco mais de tranquilizante no tubo intravenoso de Penelope.

— Por favor, preciso pedir que se retirem — diz a enfermeira apressada para Saga e Joona.

— Voltaremos logo — diz Joona. — Sei onde sua mãe pode estar. Eu a buscarei.

Penelope para de chorar, mas sua respiração ainda está acelerada. Ela ouve um farfalhar enquanto a enfermeira prepara o líquido, e pensa que todo o quarto lembra sua cela de prisão. Sua mãe não desejaria ir ali. Ela morde o lábio e tenta conter as lágrimas um pouco mais.

Há dias em que Penelope se lembra de seus primeiros anos. O cheiro de corpos sujos suados. A cela na qual nasceu. O facho de uma lanterna no rosto dos prisioneiros. Como se sentiu quando a mãe a ergueu acima dos outros, passando-a para alguém antes de desaparecer com os guardas. Lembra-se de uma canção sendo cantarolada em seu ouvido.

Claudia Fernandez salta do ônibus no Dalarö Beach Hotel. Enquanto caminha para o porto pode ouvir o som de helicópteros e sirenes cada vez mais baixos a distância. A busca não pode ter terminado. Eles têm de continuar procurando. Alguns barcos da guarda costeira se movem na água. Ela olha ao redor. Não há barcas no cais e nenhum carro esperando no porto.

— Penelope! — grita ela no ar. — Penelope!

Ela se dá conta de que deve parecer louca, mas sem Penelope não sobra nada nesta terra para ela.

Começa a caminhar ao longo da água. A grama está seca e marrom, com lixo espalhado por toda parte. Gaivotas guincham a distância. Começa a correr, mas logo se cansa e volta a andar. Há chalés vazios na beira de um penhasco. Ela para junto a uma placa em um cais onde a palavra PARTICULAR está escrita em letras brancas. Entra no cais de cimento e olha na direção dos grandes penhascos. Não há ninguém lá, pensa. Volta ao porto. Um homem chega pelo caminho de cascalho e acena para ela. É uma figura escura com o casaco tremulando com a brisa. Ela pisca por causa da luz do sol. O homem grita algo. Claudia olha para ele, confusa. Ele começa a andar mais rápido, se aproxima dela e só então ela reconhece seu rosto amigável.

— Claudia Fernandez! — chama ele.

— Sou eu — responde ela, e espera que ele a alcance.

— Sou John Bengtsson — diz ao chegar. — Joona Linna me mandou encontrá-la. Disse que provavelmente você viria para cá.

— Por que precisa de mim? — diz ela com uma voz fraca.

— Sua filha está viva.

Claudia olha para o rosto do homem. Ele repete as palavras:

— Penelope está viva — diz ele novamente e dá um grande sorriso para ela.

As emoções estão aflorando na delegacia até que o tom da conversa está repleto de ódio. As pessoas comparam os acontecimentos com os assassinatos de policiais em Malexander em 1999 e com a bestialidade do triplo assassinato em Tumba dois anos antes.

Os jornais se empolgam com o drama nos mares do arquipélago. Chamam o suspeito de “Carniceiro de policiais”, e jornalistas buscam qualquer pista, qualquer possível fonte na polícia.

Joona Linna e Saga Bauer se dirigem a uma reunião rápida dos chefes de departamento, Eliasson, Zandén, Näslund e Rubin, além de Nathan Pollock e Tommy Kofoed, da Divisão Nacional de Homicídios. Seguem pelo corredor e discutem que ajuda Penelope Fernandez conseguirá oferecer.

— Acho que ela conseguirá falar logo — diz Joona.

— Não estou tão certa. Ela pode ir na direção oposta e se fechar completamente — retruca Saga.

Anja Larsson deu um passo para fora de seu escritório e está de pé no corredor olhando para Joona e Saga com expressão triste. Quando Joona a vê, dá um grande sorriso e acena, mas passa rápido demais para ver o coração que ela formou com polegares e indicadores.

Eles fecham a porta da sala de reuniões atrás deles e cumprimentam todos ao redor da mesa.

— Quero começar hoje descartando todas as suspeitas de que extremistas de esquerda estejam por trás disso — começa Saga.

Verner Zandén sussurra algo para Nathan Pollock.

— Estou certa? — pergunta Saga, aumentando o tom de voz.

Verner ergue os olhos e balança a cabeça, confirmando.

— Certo — diz ele, pigarreando.

— Por que não começa pelo começo? — pede Carlos a Saga.

— Bem... Estamos nos concentrando em um indivíduo, Penelope Fernandez, que é militante pacifista e presidente da Sociedade Sueca para a Paz e Reconciliação. Manteve um longo relacionamento pessoal com Björn Almskog, bartender da boate Debaser na Medborgarplatsen. Ela mora em Sankt Paulsgatan 3 e

ele mora em Pontojörgatan, número 47. Penelope Fernandez tinha uma fotografia presa com fita na porta de vidro entre sua sala e o corredor.

Saga projeta uma imagem na tela que cobre uma das paredes da sala.

— Esta fotografia foi tirada em Frankfurt na primavera de 2008 — explica.

— Reconhecemos Palmcrona — diz Carlos.

— Isso mesmo — confirma Saga, depois aponta para as outras pessoas no camarote do teatro. — Esse é Pontus Salman, diretor da fabricante de armamentos Silencia Defense. Esta pessoa é ninguém menos que Raphael Guidi. Um conhecido negociante de armamentos que atua há muitos anos, principalmente na África e no Oriente Médio. Eles o chamam de Arcanjo.

— E a senhora no grupo? — pergunta Benny Rubin.

— É Agathe al-Haji — responde Saga sem sorrir. — Conselheira militar do governo do Sudão e tem fortes laços com o presidente Omar al-Bashir.

Benny dá um tapa na mesa e mostra os dentes. Pollock olha irritado para ele.

— Isso é comum? — pergunta Carlos. — As pessoas se encontram assim?

— Sim, acredito que sim — responde Saga. — O assunto desse encontro supostamente é um carregamento de munição para o exército sudanês. Sem dúvida teria sido completado se o Tribunal Penal Internacional em Haia não houvesse emitido um mandado de prisão contra o presidente Al-Bashir.

— Isso foi em 2009, não? — pergunta Pollock.

— Não saiu na imprensa sueca — explica Saga. — Mas o indiciamento sinaliza a participação direta do presidente em tortura, estupro e genocídio em Darfur.

— Então o negócio foi suspenso — diz Carlos.

— Sim — responde Saga.

— E quanto a essa fotografia? O que acontece aí? Nada? — pergunta Verner.

— Penelope Fernandez não teria considerado perigosa, já que a exibiu abertamente em sua porta — diz Saga.

— Mas deve ser importante; já que ela a tinha ali — emenda Carlos.

— Não temos ideia do motivo. Talvez fosse um lembrete de como o mundo funciona — especula Saga. — Algumas pobres pessoas lutando pela paz na base da pirâmide enquanto os poderosos de cima brindam a um negócio de armas com champanhe.

— Esperamos interrogar Penelope Fernandez logo, mas estamos bastante certos de que Björn Almskog tentou negociar pelas costas dela — presume Joona. — Talvez ele não soubesse mais que Penelope sobre a foto, ou apenas estivesse aproveitando uma oportunidade de ganhar dinheiro. Mas no dia 2 de junho Björn usa um endereço de e-mail anônimo em um cibercafé para enviar uma chantagem para Carl Palmcrona. O e-mail dá início a uma correspondência muito breve: Björn informa que sabe que a fotografia pode ser problemática para Palmcrona e que está

pronto para vendê-la por 1 milhão de coroas a ele.

— Chantagem clássica — murmura Pollock.

— Björn usa a palavra “constrangedora” em relação a essa fotografia — continua Saga. — Isso nos leva a crer que ele não compreende quão sério Palmcrona considerará isso.

— Björn acredita estar no controle — diz Joona. — Então fica surpreso quando Palmcrona inverte tudo e dá um aviso a *ele*. Palmcrona explica de modo soturno que Björn não sabe no que está se metendo e implora para que lhe envie a fotografia antes que seja tarde demais.

Joona toma um pouco de água.

— Qual é o tom do e-mail? — pergunta Nathan Pollock. — Você diz que é “soturno”, mas é também agressivo?

Joona balança a cabeça negativamente enquanto faz circular cópias da correspondência.

— Não. Não agressivo. Na verdade marcado por medo... da parte dele mesmo.

Tommy Kofoed lê os e-mails, balança a cabeça, esfrega as faces marcadas de varíola e escreve algo.

— O que acontece depois?

— Antes de sair naquela quarta-feira a empregada ajuda Palmcrona a prender um laço na luminária do teto.

Petter tem de rir.

— O quê? Por que ela faria isso?

— Porque ele fez uma cirurgia nas costas e não conseguia se esticar para fazer ele mesmo — responde Saga.

— Bem, então — diz Carlos, sem conseguir conter um sorrisinho.

— No dia seguinte, no almoço... — continua Joona. — Depois que o correio havia sido entregue, acreditamos, Palmcrona telefona para um número em Bordeaux e...

— Não conseguimos rastrear o número além de Bordeaux — acrescenta Saga.

— A ligação poderia ter sido comutada e transferida para outro país ou mesmo de volta para a Suécia — explica Joona. — De qualquer forma, para onde quer que tenha ido, a conversa durou apenas 43 segundos. Provavelmente ele apenas deixou uma mensagem. Presumimos que falou sobre a chantagem e pediu ajuda.

“Pouco depois, apenas alguns minutos, a empregada de Palmcrona usou o nome dele para chamar um táxi da Taxi Stockholm. Ele deve chegar às 14 horas no aeroporto Arlanda. Exatamente uma hora e 15 minutos após a ligação para Bordeaux, o telefone toca. Palmcrona já colocou seu sobretudo e sapatos, mas atende ao telefone. A chamada é de Bordeaux, do mesmo número. Essa conversa dura dois minutos. Palmcrona envia um último e-mail para seu chantagista avisando

que é tarde demais. Ambos morrerão. Dispensa a empregada pelo resto do dia, paga o taxista pelo tempo de espera, volta ao apartamento e nem sequer se dá o trabalho de tirar o casaco. Entra no pequeno salão, coloca sua maleta de pé, sobe nela e se enforca.”

Todos à mesa estão em silêncio.

— Mas a história não termina assim — diz Joona lentamente. — O telefonema de Palmcrona colocou algumas coisas em movimento. Um matador internacional é convocado. Um assassino profissional é enviado para apagar tudo e pegar a fotografia.

— Com que frequência... quer dizer, na Suécia... temos de lidar com assassinos profissionais? — pergunta Carlos, cético. — Teria de haver muito dinheiro envolvido nisso.

Joona olha para ele inexpressivo.

— Correto.

— Palmcrona deve ter ficado assustado e repassado todo o conteúdo do e-mail de chantagem, incluindo o número da conta corrente que Björn dera a ele — diz Saga.

— Com o número da conta não é difícil achar alguém — murmura Verner.

— Mais ou menos no mesmo momento em que Palmcrona está chutando sua maleta, Björn Almskog está no Dreambow Internet Café — diz Joona. — Entra em sua conta anônima e vê que recebeu duas mensagens de Palmcrona.

— Claro que ele espera que Palmcrona apareça com 1 milhão de coroas — diz Saga.

— Em vez disso ele encontra o alerta de Palmcrona e depois a mensagem curta dizendo que ambos irão morrer — acrescenta Joona.

— E agora ambos *estão* mortos — suspira Pollock.

— Quase podemos imaginar como Björn deve ter ficado assustado — diz Saga. — Ele não é um chantagista profissional. Apenas aproveitou a oportunidade de ganhar dinheiro.

— O que ele faz então? — pergunta Petter, os observando boquiaberto.

Carlos serve um pouco de água para ele.

— Björn se arrepende e decide enviar a foto para Palmcrona e esquecer tudo — diz Saga.

— Mas Palmcrona já está morto quando Björn escreve que está desistindo e enviando a foto para ele — complementa Joona.

— E há outro problema. Ele na verdade não está com ela. A fotografia está no apartamento de Penelope, presa com fita adesiva na porta de vidro — diz Saga. — E Penelope não sabe nada sobre a tentativa de chantagem.

— Ele precisa pegar a fotografia sem dizer a ela — diz Tommy Kofoed,

balançando a cabeça.

— Não temos ideia de como ele tentaria explicar isso — diz Saga com um sorriso irônico. — Provavelmente entrou em pânico, simplesmente queria interromper a coisa toda e esperava que tudo acabasse enquanto eles passeavam de barco pelo arquipélago.

Joona se levanta e olha pela janela. Uma mulher com uma criança nos braços empurra um carrinho de bebê com sacos de compra pela calçada.

— Na manhã seguinte Penelope pega um táxi rumo ao estúdio da emissora de televisão para um debate — continua Saga. — Assim que ela sai, Björn entra em seu apartamento, arranca a fotografia, corre para a estação do metrô em Slussen, pega um trem para a estação Central, compra envelope e selos no quiosque Pressbyrån e manda a fotografia para Palmcrona. Depois corre até o cibercafé e escreve um bilhete para Palmcrona dizendo que a foto foi enviada. Björn se dirige então para seu apartamento, pega sua bagagem e a de Penelope para a viagem e vai ao seu barco, atracado no porto do iate clube de Långholmen. Quando Penelope termina, pega o metrô em Karlaplan e aparentemente vai direto para Hornstull, caminhando o trecho final até Långholmen. A essa altura o assassino de aluguel já vasculhou o apartamento de Björn e iniciou um incêndio que destruiu o andar inteiro.

— Mas eu olhei esse relatório — contesta Petter. — Os inspetores disseram que o incêndio foi causado por um ferro de passar deixado no apartamento vizinho.

— Tenho certeza de que foi exatamente assim que aconteceu — diz Joona.

— Da mesma forma que uma explosão de gás teria sido a causa oficial da tentativa de incêndio no apartamento de Penelope — comenta Saga.

— O plano do assassino era eliminar qualquer vestígio — continua Joona. — Quando ele não encontra a fotografia no apartamento de Björn, queima tudo e segue para o barco.

— Ele continua procurando por ela — acrescenta Saga. — Planeja matar os dois e disfarçar os assassinatos em um “acidente” de barco.

— O que o assassino de aluguel não sabia é que houvera uma mudança de planos. A irmã de Penelope, Viola, também estava no barco.

Joona fica em silêncio e pensa na mulher morta no necrotério. Seu rosto jovem e vulnerável. A marca vermelha em seu peito.

Joona continua.

— Acredito que os jovens ancoram em uma das ilhas nos arredores de Jungfrufjärden, perto de Dalarö. Antes de o matador chegar, Penelope e Björn desembarcaram por uma razão qualquer. Quando o matador sobe a bordo confunde Viola com a irmã. Ele a afoga em uma bacia e a coloca na cama da cabine principal. Precisa esperar Björn, e enquanto faz isso deve ter procurado pela fotografia. Como não está lá, ele se ocupa completando o trabalho para que o barco exploda. Vocês

têm o relatório de Erixson sobre isso. Não estamos certos do que acontece a seguir, mas de alguma forma Björn e Penelope escapam.

— E o barco com Viola Fernandez fica à deriva.

— Não sabemos como ou para onde eles correm, mas na segunda-feira estão em Kymmendö.

Benny sorri.

— Na casa de Ossian Wallenberg? Ele era um bom apresentador de televisão, mas sempre tive a sensação de que não tinha a ver com este país.

Carlos pigarreia e se serve de mais café.

— Quando o matador percebe que os perdeu, vai ao apartamento de Penelope continuar a busca pela fotografia — prossegue Joona. — Erixson e eu aparecemos e atrapalhamos seus planos. Só quando o encaro me dou conta de que temos um *grob*, um matador internacional.

— Chegamos à conclusão de que ele é capaz de grampear nossas comunicações policiais — diz Saga.

— Foi como ele encontrou Björn e Penelope em Kymmendö? — pergunta Petter.

— Não temos certeza — responde Joona.

— Ele é muito rápido — diz Saga. — Aparentemente foi a Dalarö procurar Björn e Penelope logo após escapar do apartamento dela.

— Por que supõem que esse matador está trabalhando sozinho? — pergunta Carlos.

— Nesse nível é como eles agem — diz Joona.

— E o que acontece depois?

— Ainda estamos reconstituindo — diz Petter. — De alguma forma ele conseguiu sequestrar a lancha da polícia e matar Lennart Johansson e Göran Sjödin. Depois ele conduz o barco para Kymmendö, onde Björn Almskog e Ossian Wallenberg são assassinados. Explode a lancha. Segue Penelope e derruba o helicóptero do Serviço de Resgate.

— E desaparece — suspira Carlos.

— Mas Petter Näslund agiu tão rapidamente que Penelope Fernandez foi salva no fim — diz Joona.

Ele vê Pollock se virar para Petter com interesse.

— Claro que temos de repassar tudo novamente com mais detalhes — diz Petter, com uma careta. Ainda assim há um toque de prazer por ter suas ações reconhecidas.

— Bem, e quanto à fotografia? Tem de haver *algo* aí! — exclama Carlos.

— É só uma porra de uma fotografia — diz Petter com um suspiro.

— Sete pessoas morreram por causa dela — anuncia Joona, com gravidade. —

E mais irão morrer se nós...

Joona fica em silêncio enquanto continua a olhar pela janela.

— Talvez a fotografia seja um cadeado e devemos procurar a chave — diz ele.

— Que chave? — pergunta Petter.

— O fotógrafo — responde Saga.

— A fotógrafa não é Penelope Fernandez? — pergunta Pollock.

— Talvez — diz Saga, prolongando a palavra.

— Mas...? — pergunta Carlos.

— Há alguma prova de que possa ser outra pessoa? — cobra Benny.

— Joona não acredita que Penelope tirou aquela foto — diz Saga.

— Que porra! — exclama Petter, quase gritando.

Carlos fecha a boca com força. Ele olha para a mesa e é esperto o bastante para se manter em silêncio.

— Penelope continua em estado de choque, e ainda não sabemos seu papel nisso — diz Saga.

Nathan Pollock pigarreia e distribui cópias do testamento de Palmcrona pela mesa.

— Palmcrona tem uma conta bancária na ilha de Jersey — diz ele.

— Aquele maravilhoso paraíso fiscal — diz Petter Näslund, balançando a cabeça.

Ele tira seu rapé de sob o lábio. Limpa o polegar na mesa sem perceber o olhar de Carlos.

— Podemos descobrir quanto dinheiro ele tem nessa conta? — pergunta Verner.

— Oficialmente, não — diz Joona. — Contudo, de acordo com seu testamento, ele estima ter 9 milhões de euros.

— Seu patrimônio pessoal despencou nos últimos anos. É difícil entender como ele conseguiu acumular tanto de forma legal em tão curto tempo — afirma Pollock.

— A Transparência Internacional, a agência global que combate a corrupção, nos diz que não tem nada contra Carl Palmcrona nem ninguém na Inpe. Nem mesmo um boato.

— A fortuna de Palmcrona foi deixada para um garoto de 16 anos chamado Stefan Bergkvist. Acabamos descobrindo que ele é filho de Palmcrona. Um filho que ele nunca conheceu pessoalmente... um filho que morreu em um estranho incêndio apenas três dias após o suicídio de Palmcrona.

— O garoto nunca soube quem era o pai — acrescenta Saga.

— Segundo o relatório policial preliminar a morte foi acidental — diz Carlos.

— Claro. Acidental. Mas há alguém nesta sala que acredite ter sido apenas coincidência o filho de Palmcrona morrer três dias após o suicídio dele?

— Não, coincidência não é — diz Carlos.

— Mas isso é doentio! — exclama Pollock, as bochechas vermelhas. — Que motivo alguém teria para assassinar um filho que Palmcrona nunca conheceu?

— Que porra toda é essa? — pergunta Verner, esfregando as mãos nos cabelos.

— Palmcrona continua aparecendo — diz Joona, batendo com o dedo no rosto do homem sorridente na fotografia. — Ele está na fotografia. Ele foi chantageado. Ele foi encontrado enforcado. O filho dele morreu. Ele tem 9 milhões de euros no banco.

— O dinheiro é interessante — diz Saga.

— Nós examinamos a vida dele — diz Pollock. — Ele não tem outra família, outros interesses, não investe em nada como ações ou...

— Então esse acúmulo de dinheiro em sua conta corrente tem de estar de algum modo ligado a seu posto de diretor-geral da Inpe — diz Joona.

— Talvez ele estivesse envolvido em compra de ações com informações privilegiadas usando um laranja — diz Verner.

— Ou recebesse suborno — diz Saga.

— *Follow the money* — sussurra Pollock em inglês.

— Vamos bater um papo com o sucessor dele, Axel Riessen — diz Joona, se aprontando para partir. — Algo estranho ou irregular já deve ter ficado evidente para Riessen.

Joona Linna e Saga Bauer ouvem apitos estridentes e repetidas batidas de tambor quando chegam ao Instituto Real de Tecnologia. Uma manifestação segue para a Odengatan. Parecem ser cerca de setenta jovens carregando símbolos antifascistas e cartazes protestando contra o tratamento dispensado pelo Säpo aos membros da Brigada. “*O Säpo fede a fascismo, o Estado apoia o fascismo!*”, cantam eles com suas animadas vozes juvenis.

Mas os sons raivosos desaparecem quando Joona e Saga caminham pela idílica Bragevägen, uma curva suave que leva à igreja de Engelbreckt. Eles entraram em contato com a Inpe e descobriram que o diretor-geral estava trabalhando em casa naquela manhã.

Eles logo veem o palácio particular dos Riessen do lado esquerdo da rua. A fachada é imponente com tijolos escuros, vidros com caixilhos de chumbo, madeira esculpida e o verde-fosco do cobre ao redor da mansarda e chaminé.

A porta da rua é igualmente imponente. Uma placa de bronze está afixada na madeira escura reluzente anunciando AXEL RIESSEN. Saga toca a campainha. Pouco tempo depois um homem alto e bronzeado abre a porta. Tem uma expressão amigável no rosto.

Saga se identifica como inspetora do Serviço de Segurança e explica que a visita deles será a mais breve possível enquanto Axel Riessen examina atentamente sua identificação. Depois ele ergue os olhos e diz:

— Duvido que possa ser de grande ajuda, mas...

— É sempre um prazer fazer uma visita — diz Joona com formalidade cortês.

Axel olha para ele surpreso, depois sorri com a observação de Joona, apreciando a piada. Vestido descontraidamente com calças azul-escuras, camisa azul-clara abotoada até o pescoço e pantufas, ele os conduz ao saguão de pé-direito alto. Está banhado em luz.

— Sugiro que nos sentemos no jardim de inverno. É um pouco mais fresco lá.

Eles acham o apartamento imenso enquanto seguem Axel, passando por uma escadaria de mogno com lambris escuros. Passam por mais dois grandes salões até chegarem ao jardim de inverno.

É uma sala de vidro entre a casa e o jardim. A sebe alta do lado de fora cria

sombras verdes e uma parede de folhas bruxuleantes. Ervas perfumadas e orquídeas sem cheiro enchem vasos de cobre dispostos em bancos e superfícies azulejadas.

— Por favor, fiquem à vontade — diz Axel, fazendo um gesto para cadeiras ao redor de uma mesa. — Eu estava prestes a tomar chá com bolo torrado, e seria agradável ter companhia.

— Não como bolo torrado desde que fazia intercâmbio em Edimburgo — diz Saga, sorrindo.

— Então — diz Axel, contente, deixando a sala.

Ele volta alguns minutos depois com uma bandeja. Coloca o bule de chá, guardanapos, fatias de limão e açucareiro no centro da mesa. Os bolos torrados quentes estão cobertos por um pano de linho com uma porção generosa de manteiga ao lado. Axel arruma a mesa com cuidado, sem pressa. Coloca xícaras e pires em frente a eles, com guardanapos de linho. Depois serve o chá.

Eles podem ouvir uma música suave de violino vindo através das portas e paredes.

— Então, me digam, o que posso fazer por vocês? — pergunta Axel.

Saga pausa xícara e pires com cuidado, pigarreia.

— Temos de fazer algumas perguntas sobre a Inpe e esperamos que possa nos ajudar.

— Certamente, mas primeiro tenho de esclarecer isso com um telefonema — diz, pegando seu celular.

— Claro — diz Saga.

— Por favor, me desculpe, mas esqueci seu nome.

— Saga Bauer.

— Poderia ver sua identificação novamente, Saga Bauer?

Saga a entrega a Axel, que se levanta e sai. Eles podem ouvi-lo falando por alguns segundos, e quando retorna agradece a ele e devolve a Saga a identificação.

Saga começa com as perguntas.

— Ano passado a Inpe deu autorizações de exportação para África do Sul, Namíbia, Tanzânia, Argélia e Tunísia. Munição para metralhadoras pesadas, armas antitanque portáteis, foguetes antitanque, lançadores de granada...

— E o avião JAS Gripen, claro — acrescenta Axel. — A Suécia tem um longo relacionamento comercial com muitos desses países.

— Mas nunca com o Sudão?

Axel sustenta o olhar dela com um indício de sorriso.

— Não que eu saiba.

— Quero dizer antes do mandado de prisão contra o presidente Al-Bashir — explica ela.

— Compreendo — diz ele com veemência. — Do contrário, seria

absolutamente inimaginável. Chamariamos de um bloqueio total, não havendo nada a discutir.

— Talvez tenha tido a oportunidade de revisar várias das decisões de seu antecessor, Carl Palmcrona — diz Saga.

— Sim, tive — responde Axel.

— Percebeu algo estranho?

— O que quer dizer com estranho?

— Decisões que lhe pareçam estranhas — explica Saga, tomando seu chá novamente.

— Alguma razão para essa pergunta? — ele retruca.

— É o que estamos perguntando — responde, sorrindo.

— Então eu diria que não.

— Já conseguiu recuar quanto tempo?

Joona escuta as perguntas de Saga relativas a classificação, permissão preliminar e autorização de exportação de material bélico enquanto observa o rosto calmo e atento de Axel Riessen. Ouve novamente a música de violino. Agora está vindo de fora, da janela voltada para o jardim. É uma mazurca com notas agudas, tristes. Então o violino para, volta ao início e recomeça a peça.

Joona está escutando a música e pensando nas quatro pessoas sentadas no camarote particular. Ele toca distraidamente em sua pasta, onde leva a cópia da fotografia.

Pensa em Palmcrona e como ele se enforcou com uma corda de varal ao redor do pescoço, no testamento de Palmcrona e no filho dele.

Joona vê Saga balançar a cabeça para algo que Axel diz. Uma sombra verde passa sobre o rosto de Axel, talvez um reflexo da bandeja de cobre na mesa.

Palmcrona compreendeu a gravidade da situação imediatamente, pensa Joona. Tudo que Björn Almskog precisou mencionar em sua carta de chantagem foi que Palmcrona havia sido fotografado em um camarote particular com o negociante de armas Raphael Guidi. Carl Palmcrona não duvidou por um instante da autenticidade da fotografia.

Talvez ele já soubesse de sua existência.

Ou o conhecimento de Björn tornara real uma fotografia sobre a qual ele não sabia nada.

Axel serve mais chá para Saga. Ela está limpando uma migalha do canto da boca.

Algo não está certo aqui, pensa Joona.

Pontus Salman definiu uma data para o encontro. Ele não considerou a foto problemática.

Como Palmcrona sabia que a fotografia significava problemas?

Joona escuta Axel e Saga discutindo como a situação inicial das políticas de segurança muda quando um embargo é imposto ou suspenso.

Joona faz ruídos com a boca fechada para que eles pensem que está acompanhando a situação, mas se concentra na reunião no camarote particular.

A mesa estava posta para quatro pessoas, e havia quatro pessoas na fotografia. Isso significa que a quinta pessoa, aquela segurando a câmera, não fazia parte do grupo e não seria convidada a se sentar à mesa com uma taça de champanhe na mão.

A quinta pessoa provavelmente era a resposta para o enigma.

Precisamos fazer Penelope Fernandez falar logo, pensa Joona. Mesmo que ela não seja a fotógrafa, pode ter a chave; pode saber quem foi.

Seus pensamentos retornam às quatro pessoas na fotografia: Carl Palmcrona, Raphael Guidi, Agathe al-Haji e Pontus Salman.

Joona pensa novamente no encontro deles com Pontus Salman. Ele se identificou imediatamente. Segundo ele, a única coisa estranha na fotografia era que Carl Palmcrona estava tomando champanhe, embora eles não tivessem nada para comemorar. Era apenas uma reunião preliminar.

Mas talvez houvesse algo a comemorar.

O pulso de Joona acelera.

E se os quatro estivessem prestes a brindar a um acordo com champanhe?

Pontus Salman se identificara e dera a eles muito detalhes, assim como o local e a data.

A data, pensa Joona. A data podia ser diferente.

Temos apenas a palavra de Pontus Salman de que a reunião aconteceu em Frankfurt em 2008.

Precisamos da ajuda de Penelope Fernandez.

Joona brinca com a pasta. Seria possível identificar os músicos ao fundo? Seus rostos estão nítidos. Alguém deve reconhecê-los.

Se identificarmos os músicos, podemos definir o momento da reunião. Há quatro pessoas tocando: um quarteto.

Talvez os quatro só tenham tocado juntos uma vez. Isso estabeleceria a data acima de qualquer dúvida.

Claro, pensa Joona. Já deveríamos ter feito isso.

Ele pretende deixar Saga e Axel Riessen discutindo e retornar imediatamente à delegacia. Quer perguntar a Petter Näslund se eles consideraram o quarteto de músicos uma forma de descobrir a data exata da reunião.

Ele olha para Saga e a observa sorrir para Axel Riessen e perguntar a ele sobre a indústria de defesa americana e suas grandes empresas, Raytheon e Lockheed Martin.

A melodia do violino pode ser ouvida novamente pela janela aberta. Dessa vez é uma peça mais rápida. Para de repente, e depois ouve-se o som de duas de suas cordas sendo comparadas.

— Quem está tocando? — pergunta Joona, se levantando.

— É meu irmão, Robert — responde Axel, um tanto surpreso.

— Entendo... Ele é violinista profissional?

— Ele é o orgulho e a alegria da família... Mas hoje em dia é principalmente fabricante de violinos. Tem seu estúdio aqui, nos fundos.

— Você se importaria caso eu fizesse uma pergunta a ele?

o quarteto de cordas

Joona caminha com Axel para o pátio de mármore atrás da casa. O aroma dos arbustos de lilases é quase forte demais. Eles seguem para o estúdio, e Axel bate. O violino para. A porta é aberta por um homem de meia-idade cujos cabelos rareando são compensados por um rosto inteligente extremamente bonito. Seu corpo deve ter sido esguio, mas o passar dos anos deixou sua marca.

— A polícia quer falar com você — diz Axel em um tom sério. — Você é suspeito de perturbar a paz.

— Confesso tudo — diz Robert.

— Torna mais fácil — diz Joona.

— Algo mais?

— Temos alguns casos sem solução que você também poderia ajudar a encerrar — diz Joona, sorrindo.

— Provavelmente sou culpado de todos eles — retruca Robert, e aperta a mão de Joona.

— Isso é um alívio — brinca Joona. — Sou Joona Linna, do Departamento Nacional de Investigação Criminal.

— O que é tudo isto? — pergunta Robert, sorrindo.

— Estamos trabalhando em um caso de morte inesperada. O antigo diretor-geral da Inpe. Por isso estou conversando com seu irmão.

— Não sei nada sobre Palmcrona além do que está nos jornais.

— Posso entrar um momento?

— Claro.

— Vou voltar para sua colega — diz Axel, e fecha a porta atrás de Joona.

O teto do estúdio tem uma inclinação alta, como o teto de um sótão. Uma escadaria de madeira belamente trabalhada leva à oficina em baixo, e o cheiro agradável de madeira recém-serrada, colofônia e terebintina sobe até eles. Por toda parte há violinos pendurados em vários estágios de fabricação. Outros materiais estão arrumados de forma organizada: madeiras cuidadosamente escolhidas, rolos, ferramentas especiais para trabalho em madeira, plainas pequenas como uma rolha de vinho, facas curvas e outros.

— Ouvi sua música pela janela — diz Joona.

Robert balança a cabeça e aponta para um belo violino.

— Precisa de alguns ajustes.

— Você mesmo o fez?

— Sim.

— É inacreditavelmente belo.

— Obrigado.

Robert pega o violino e o entrega a Joona. O instrumento reluzente quase não tem peso. Joona o vira e respira fundo.

— O verniz é um segredo — comenta Robert. Ele pega o instrumento de volta e o coloca em um estojo com forração borgonha.

Joona abre sua maleta e tira a fotografia envolta em plástico e estende a Robert.

— Esse é Palmcrona — diz Robert.

— Sim, mas você por acaso conhece as pessoas ao fundo, os músicos?

Robert olha para a foto novamente e confirma com um gesto de cabeça.

— Esse é Martin Beaver — diz apontando. — Kikuei Ikeda... Kazuhide Isomura e, no violoncelo, Clive Greensmith.

— Esses músicos são conhecidos?

Robert não consegue deixar de sorrir com a pergunta.

— São lendários. Esse é o Tokyo String Quartet.

— O Tokyo String Quartet. Significa que as mesmas quatro pessoas estão em todas as apresentações?

— Sim.

— Sempre?

— Eles estão juntos há muito tempo. E se saindo bastante bem.

— Algo particular ou especial nessa fotografia?

Robert olha para a foto com muito cuidado.

— Não — diz finalmente.

— Eles não tocam apenas em Tóquio? — pergunta Joona.

— Eles tocam no mundo inteiro, mas seus instrumentos são de uma instituição japonesa.

— Isso é comum?

— Sim, especialmente com certos instrumentos — responde Robert. — Esses, da fotografia, estão entre os instrumentos mais valiosos do mundo.

— Entendo.

— É o Quarteto Paganini — acrescenta Robert.

— O Quarteto Paganini — repete Joona, olhando para a fotografia.

A madeira brilha e as roupas pretas dos músicos estão refletidas no verniz.

— Stradivarius os fez — explica Robert. — O mais velho é chamado Desaint, um violino feito em 1680... É o que Kikuei está tocando. Martin Beaver está com o

que o conde Cozio di Salabue deu de presente ao próprio Paganini.

Robert hesita, não querendo entediar Joona. Mas Joona balança a cabeça para que ele continue.

— Os quatro instrumentos acabaram nas mãos de Niccolò Paganini. Não sei quanto você sabe sobre Paganini, mas ele era um violinista virtuoso e compositor; compôs peças que foram consideradas ridículas na época porque as pessoas, mesmo músicos, as consideravam impossíveis de tocar. Até o próprio Paganini pegar o violino. Após sua morte cem anos se passaram antes que qualquer outro violinista conseguisse alcançar sua técnica e tocasse suas peças... E algumas de suas técnicas ainda são consideradas impossíveis. Sim, há muitas lendas sobre Paganini e seus duelos de violino.

A sala ficou em silêncio. Joona olha novamente a fotografia e os quatro homens no palco ao fundo. Pensa sobre seus instrumentos.

— Então o Tokyo String Quartet costuma usar esses instrumentos específicos?

— Sim. Eles os usam em oito ou nove concertos por mês.

— Alguma ideia de quando essa foto poderia ter sido tirada?

— Não faz mais de dez anos, ao menos a julgar pela aparência de Martin Beaver. Eu o vi algumas vezes.

— Talvez o lugar onde eles estão tocando possa me levar à data?

— Esta é a Alte Oper, em Frankfurt.

— Tem certeza absoluta?

— Sei que eles tocam lá uma vez por ano — diz Robert. — Duas ou três vezes.

— *Perkele* — murmura Joona em finlandês.

Deve existir algum modo de descobrir quando essa fotografia foi tirada e assim ver se há um furo na história de Pontus Salman.

Joona vai recolocar a foto em sua pasta. Penelope provavelmente é a única pessoa capaz de lançar alguma luz sobre isso.

Então ele dá outra olhada. Observa o violino principal, a posição do arco, o cotovelo alto... Os olhos cinza de Joona encaram Robert.

— Eles sempre tocam as mesmas peças em turnê?

— As mesmas? Não, quer dizer... Eles tocam todos os quartetos de Beethoven, e só isso é uma grande variedade. Mas também tocaram várias outras peças: Schubert, Bartók. E Brahms, isso eu sei. É uma longa lista... Debussy, Dvorák, Haydn, muito Mozart, e Ravel, e assim por diante.

Joona está concentrado em suas palavras e então se levanta para andar pelo estúdio antes de parar e se virar novamente para Robert.

— Acabei de pensar em algo — diz Joona, ansioso. — Se você ampliasse esta fotografia e desse uma boa olhada nas posições dos dedos dos músicos, as posições dos braços... Seria possível determinar que peça eles estão tocando?

Robert abre e fecha a boca, mas então sorri e pega a foto novamente. Sob os holofotes do palco da Alte Oper, os integrantes do Tokyo String Quartet são vistos claramente. O rosto estreito de Clive Greensmith está atipicamente suave, e sua testa alta brilha. E o dedo mínimo de Kikuei Ikeda está alto no braço, buscando uma nota alta.

— Desculpe-me, acho que seria impossível, poderiam ser... quaisquer notas, mas...

— Digamos que você tivesse uma lente de aumento... Pode ver os dedos, as cordas, os braços dos instrumentos...

— Certo, teoricamente, mas... — diz, suspirando e balançando negativamente a cabeça.

— Conhece alguém que pudesse me ajudar? — pergunta Joona, teimoso. — Um músico ou um professor do Colégio Real de Música que pudesse analisar esta fotografia para nós?

— Eu gostaria que...

— Não é possível, é? — pergunta Joona.

— Não, falando sério, não é — diz Robert, dando de ombros. — Se nem mesmo Axel conseguiu descobrir, ninguém consegue.

— Axel? Seu irmão?

— Claro. Você não mostrou a ele?

— Não.

— Não é por isso que estão conversando com ele?

— Não, você é o músico — diz Joona, sorrindo.

— Fale com ele — sugere Robert.

— Por que deveria...

Joona para, interrompido por uma batida na porta. Saga Bauer entra. A luz do sol bate em seus cabelos louros.

— Axel está aqui? — ela pergunta.

— Não — diz Joona.

— Outra detetive? — pergunta Robert com um grande sorriso.

— Säpo — responde Saga secamente.

O silêncio é um pouco longo demais. Robert está avaliando Saga, interessado em seus olhos azuis enormes e sua elegante boca rosada.

— Não tinha ideia de que o Säpo tinha uma divisão de elfos — diz ele, sorrindo ainda mais. Depois tenta ficar sério. — Desculpe-me, não queria ficar encarando, mas você parece um elfo ou uma princesa de conto de fadas.

— As aparências enganam — retruca Saga secamente.

— Sou Robert Riessen — apresenta-se Robert, estendendo a mão.

— Saga — diz ela, apertando a dele.

Joona e Saga saem da casa dos Riessen e entram no carro. O telefone de Saga vibra. Ela olha a mensagem de texto e sorri.

— Vou almoçar em casa — diz. Ela enrubesce.

— Que horas são?

— Onze e meia. Vai continuar trabalhando?

— Não, vou ao concerto de almoço no teatro Södra. Com uma amiga.

— Então pode me deixar na Söder? Moro na Bastugatan.

— Deixo você em casa se quiser — oferece.

Enquanto Joona interrogava Robert, Saga permanecera com Axel. Ele estava começando a descrever sua carreira na ONU quando foi interrompido por um telefonema. Axel olhou a tela, pediu desculpas e saiu do cômodo. Após esperar 15 minutos ela fora ao estúdio de Robert Riessen. Os três procuraram por Axel antes de chegarem à conclusão de que ele tinha sido tirado de casa pelo telefonema.

— Sobre o que você precisava conversar com o irmão de Axel?

— Era só uma sensação... — começa Joona.

— Ah, ótimo — murmura Saga. — Uma sensação.

— Você sabe... Mostramos a fotografia a Pontus Salman — continuou Joona.

— Ele se identificou imediatamente e então ficou naquele blá-blá-blá sobre a decisão do Tribunal Penal Internacional de indiciar... — Para de falar quando seu telefone toca. Procura por ele sem tirar os olhos da estrada e atende. — Foi rápido.

— A data está confirmada — diz Anja Larsson. — O Tokyo String Quartet tocou na Alte Oper de Frankfurt quando Pontus Salman estava lá.

— Entendo — diz Joona.

Saga observa enquanto ele escuta o que Anja diz, balança a cabeça, agradece e desliga.

— Então Pontus Salman estava dizendo a verdade? — pergunta Saga.

— Isso não sabemos.

— Mas a data está correta?

— Sabemos apenas que Pontus Salman foi a Frankfurt e que o Tokyo String Quartet tocou na Alte Oper... Mas Pontus Salman esteve com frequência em Frankfurt, eo Tokyo String Quartet também toca na Alte Oper pelo menos uma vez

por ano.

— Você acredita que ele mentiu sobre a data embora soubesse que iríamos verificar?

— Não, mas... Bem, não sei. Como disse, apenas tive uma sensação — diz Joona. — Há um bom motivo para mentir caso ele e Carl Palmcrona estivessem discutindo negócios com Agathe al-Haji após o mandado de prisão ter sido expedido.

— Isso seria um crime, contra a lei internacional. Uma exportação de armas diretamente para a milícia em Darfur...

— Nós acreditamos em Pontus Salman porque ele pareceu muito disposto a nos ajudar, até mesmo se identificando — diz Joona. — Mas só porque ele disse uma verdade não significa que tudo que ele diz é verdade.

— Essa é a sua sensação?

— Não, foi algo na voz de Salman... Quando ele disse que a única coisa estranha na fotografia era que Carl Palmcrona não recusou champanhe...

— ... já que não havia nada a celebrar — Saga completa o pensamento.

— Foi como ele colocou, mas minha sensação é a de que *havia* algo a celebrar, e eles estavam brindando a isso com champanhe. Um acordo...

— Não há fatos que sustentem o que você acabou de dizer.

— Mas pense por um segundo na foto — diz Joona, teimoso. — Há um clima naquele camarote e... Olhe os rostos deles, estão muito felizes com algo.

— Ainda assim, não podemos provar. Precisamos da ajuda de Penelope Fernandez.

— O que os médicos têm a dizer?

— Poderemos falar com ela em breve. Mas neste instante ela está mentalmente exausta.

— Não temos ideia do que ela pode nos contar — diz Joona.

— Não, mas o que nós *temos*, droga?

— Temos a fotografia — diz Joona. — Temos os quatro músicos nela e talvez possamos descobrir a peça que eles estão tocando a partir das posições das mãos.

— Ah, Joona — suspira Saga.

— O quê? — pergunta ele, sorrindo.

— Isso é uma maluquice; espero que perceba.

— Robert disse que teoricamente poderia ser possível.

— Vamos apenas esperar Penelope melhorar um pouco.

— Vou ligar — informa Joona.

Ele pega o telefone e liga para a delegacia, pedindo para ser transferido para o quarto U 12.

Saga olha para o rosto impassível dele.

— Meu nome é Joona Linna e eu...

Ele para de falar e um grande sorriso toma conta de seu rosto.

— Claro que me lembro de você e sua capa vermelha — diz ele, e escuta um pouco mais. — Sim, mas... Quase acreditei que você iria sugerir hipnose?

Saga pode ouvir a risada da médica do outro lado.

— Não, mas realmente... Nós decididamente, *decididamente*, precisamos falar com ela.

O rosto dele fica sério.

— Posso entender os sentimentos dela, mas não pode fazê-la mudar de ideia? Certo, só temos de descobrir alguma outra coisa... Tchau.

Ele desliga e ao mesmo tempo entra na Bellmansgatan.

— Era a Dra. Daniella Richards — diz Joona a Saga.

— O que ela disse?

— Ela acha que poderemos interrogar Penelope em alguns dias. O grande problema é que temos de encontrar outro lugar para ela ficar; ela se recusa a ficar naquele quarto subterrâneo. Ela diz...

— Não há lugar mais seguro.

— Ela se recusa — repete Joona simplesmente.

— Temos de deixar claro como a situação é perigosa.

— Acredito que ela sabe disso melhor que nós.

sete milhões de alternativas

No restaurante Mosebacke Etablissement, Disa e Joona estão sentados frente a frente. A luz do sol banha o salão entrando pelas enormes janelas voltadas para Gamla Stran, Skeppsholmen e a água cintilante. Eles estão terminado um almoço de arenque do Báltico frito com purê de batatas com amora-alpina. Colocam nos copos o restante da cerveja. Ao fundo, em uma plataforma elevada, Ronald Brautigam se apresenta em um piano de cauda preto. A violinista, Isabelle van Keulen, está terminando o último movimento de arco, o cotovelo direito erguido.

A última nota do violino tremula, esperando pelo piano, depois termina com um som agudo vibrante quando a música chega ao final. Depois do concerto Joona e Disa saem do restaurante para a praça Mosebacke. Param um momento, olhando um para o outro.

— O que é essa coisa toda sobre Paganini? — pergunta. Ela ajeita o colarinho de Joona. — Da última vez em que estivemos juntos você também falou sobre Paganini.

Ele segura a mão dela gentilmente.

— Eu só queria ver você...

— Para podermos discutir sobre você não tomar seu remédio?

— Não — responde ele, sério.

— Então você tomou?

— Começarei em breve — diz ele, um pouco impaciente.

Ela não diz mais nada, olha nos olhos dele por um segundo, depois suspira e sugere que continuem a andar.

— De qualquer forma foi um concerto muito agradável — diz ela. — De alguma forma senti que a música combinava com esta luz suave aqui fora. Sempre pensei que Paganini era... bem, você sabe, como um equilibrista de corda bamba. Na verdade tive a oportunidade de ouvir Yngwie Malmsteen tocar o Capricho nº 5 uma vez, em Gröna Lund.

— Ah, na época em que você e Benjamin Gantenbein estavam saindo.

— Acabamos de nos tornar amigos no Facebook após todos esses anos.

Eles caminham para Slussen de mãos dadas e descem Skeppsbron.

— Você acha que é possível dizer qual música um violinista está tocando

apenas pelas posições dos dedos?

— Sem ouvir, quer dizer?

— Em uma fotografia.

— Talvez. Talvez se chegar bem perto... Depende de quão bem a pessoa conheça o instrumento — responde.

— Quão perto? Como exatamente?

— Posso perguntar a Kaj se você acha que é importante — diz ela.

— Quem é Kaj?

— Kaj Samuelsson. Ele trabalha no departamento de história da música. Era um bom amigo do meu pai e me deu algumas aulas de direção.

— Pode ligar para ele agora?

— Claro — responde Disa, depois erguendo as sobrancelhas levemente. — Você não está brincando... Realmente quer que eu ligue para ele neste instante.

— Sim — confirma Joona.

Disa solta a mão dele e pega o celular. Rola a lista de contatos e liga para o professor.

— Oi, aqui é Disa — anuncia. — Estou interrompendo seu almoço?

Joona pode ouvir uma voz de homem ao telefone. Após um pouco de papo furado, Disa fala:

— Por falar nisso, estou aqui com um grande amigo que tem algumas perguntas para você.

Ela ri de algo que ele diz e então pergunta diretamente.

— Você consegue definir qual nota um violinista está tocando... Não, não assim... Apenas olhando para os dedos?

Joona observa Disa, que escuta, franzindo o cenho. De Gamla Stan ele pode ouvir o som distante de música marcial.

— Certo — fala Disa. — Quer saber, Kaj, acho que vou passar o telefone para ele.

Ela dá o telefone a Joona sem dizer uma palavra.

— Joona Linna — diz ele.

— Ah, Disa fala muito sobre você — diz Kaj Samuelsson. Ele parece relaxado.

— Um violino tem apenas quatro cordas — começa Joona. — Logicamente, há um numero limitado de notas que podem ser tocadas.

— Aonde quer chegar com isso?

— A nota mais grave é o Sol aberto — continua Joona calmamente. — E em algum ponto deve haver a nota mais alta que...

— Sim, um bom raciocínio — diz o professor. — Em 1636 o cientista francês Mersenne publicou *Harmonie universelle*. Nessa obra ele afirma que os melhores violinistas podem tocar uma oitava acima da corda solta. Isso significa que a gama

pode ser de Sol até Mi em terça, o que nos dá no total 34 notas na escala cromática.

— Trinta e quatro notas — repete Joona.

— Mas se chegarmos aos músicos da era moderna a gama é maior graças a novas posições de dedo — continua Samuelsson, parecendo se divertir. — E você pode contar ao chegar em Lá em terça e ter uma escala cromática de 39 notas.

— Continue — diz Joona, observando Disa, que se afastou para ver algumas estranhas pinturas confusas expostas na vitrine de uma galeria.

— Contudo, quando Richard Strauss expandiu o *Grande Tratado de Instrumentação e Orquestração Moderna*, de Berlioz, de 1904, o Sol em quarta foi aceito como a nota mais alta possível alcançada por um violinista de orquestra, o que significa 49 notas.

Kaj Samuelsson ri sozinho com o silêncio impressionado de Joona.

— Na verdade ainda não alcançamos a nota mais alta possível — explica o professor. — E, além disso, agora temos flajolés e tons em quartas.

Disa e Joona estão passando agora por uma réplica recente de um barco viking atracado em Slottskajen enquanto ele fala. Estão se aproximando de Kungsträdgården.

— E quanto a um violoncelo? — pergunta Joona, impaciente.

— Cinquenta e oito — responde Samuelsson.

Disa está lançando um olhar irritado para Joona e apontando para um café ao ar livre.

— A minha verdadeira pergunta é: você seria capaz de olhar a fotografia de quatro músicos, sendo dois violinos, uma viola e um violoncelo, e em a imagem estando nítida, dizer, apenas pela posição de seus dedos nas cordas, que peça eles estão tocando?

Joona ouve Kaj Samuelsson murmurando consigo mesmo do outro lado.

— Há tantas alternativas, milhares...

Disa dá de ombros e continua andando sem olhar para Joona.

— Sete milhões de combinações — diz Kaj finalmente.

— Sete milhões — repete Joona.

Há silêncio dos dois lados da ligação.

— Mas na minha fotografia — continua Joona, teimosia na voz — é possível ver claramente os dedos e as cordas, de modo que muitas alternativas podem ser eliminadas imediatamente.

— Ficaria feliz em olhar sua foto — retruca o professor. — Mas não conseguiria adivinhar as notas, simplesmente não é possível e...

— Mas...

— Imagine, Joona Linna — continua o professor alegremente. — Imagine que você realmente descobriu as notas aproximadas... Como você conseguirá dizer, de

todas as milhares de peças para quartetos de cordas, Beethoven, Schubert, Mozart, qual é a composição correta?

— Percebo que pode ser impossível — diz Joona.

— Falando sério, é — concorda Kaj.

Joona agradece a ele pelo tempo despendido e vai até Disa, que está sentada na beira de uma fonte, esperando. Ela coloca a bochecha em seu ombro quando ele senta ao seu lado. Quando está passando um braço ao redor dela se lembra das palavras de Robert Riessen sobre o irmão: *Se nem mesmo Axel conseguiu descobrir, ninguém consegue.*

Enquanto Joonas está subindo rapidamente a calçada de Bragevägen, ouve crianças gritando alegremente no terreno da Escola Alemã.

Ele toca a campainha de Axel e ouve o toque melodioso do lado de dentro, mas ninguém atende, então após esperar um momento decide contornar a casa. De repente ouve um barulho desagradável. Vê pessoas de pé à sombra de uma árvore e para a distância. Uma garota segurando um violino está no pátio de mármore. Parece ter uns 15 anos. Os cabelos são extremamente curtos, e ele pode ver desenhos em seus braços. Axel Riessen está com ela, balançando a cabeça e escutando atentamente enquanto ela arrasta o arco sobre as cordas. Os movimentos parecem desajeitados, como se segurasse o instrumento pela primeira vez. Talvez seja a filha de Axel, ou mesmo neta, porque a observa com uma expressão muito gentil e curiosa.

O arco cruza as cordas no ângulo errado, produzindo um som sibilado, arrastado.

— Não está no tom — diz a garota, como uma desculpa para o barulho terrível. Ela sorri e, com cuidado, devolve o instrumento a Axel.

— Tocar violino significa escutar — diz Axel de forma calma e amigável. — A música já está dentro de você. Você apenas a solta no mundo.

Leva o violino ao próprio ombro e começa a tocar a melodia introdutória de “Séguedille”, da *Carmen* de Bizet, depois para e estende o violino para demonstrar.

— Agora vou afinar estas cortas de um modo um pouco estranho, aqui... e aqui — diz, virando a tarraxa algumas vezes em direções diferentes.

— Por que você...

— Agora o violino está completamente desafinado — continua. — E se eu só tivesse aprendido a tocar mecanicamente com os dedos na posição exata, soaria assim.

Ele toca “Séguedille” novamente, e é tão terrível que se torna quase irreconhecível.

— Que bonito! — diz ela, brincando.

— Contudo, se você escutar as cordas... — diz, tocando a corda Mi. — Está ouvindo? Está grave demais, mas isso não faz diferença alguma. Você compensa

movendo o dedo mais para cima do braço.

Joona observa Axel Riessen levar o violino novamente ao ombro e tocar a peça de novo no violino desafinado. Ele parece fazer uma ginástica com os dedos, mas a peça está perfeitamente afinada.

— Você é um mágico. — A garota ri e bate palmas.

— Olá — cumprimenta Joona.

Ele se aproxima e estende a mão. Axel segura violino e arco com a mão esquerda e aperta a mão de Joona. A garota faz a mesma coisa, timidamente.

Ele olha para Axel e seu violino desafinado.

— Isso é impressionante.

Axel nega com um aceno de cabeça.

— Na verdade eu não toco há 34 anos — diz, a voz soando dura.

— Você acredita nisso? — Joona pergunta à garota.

Ela balança a cabeça e então diz de forma misteriosa:

— Você não vê o brilho ao redor dele?

— Essa é Beverly — apresenta Axel em voz baixa. — Beverly Andersson.

Beverly dá um grande sorriso para Axel, depois simplesmente se afasta por entre as árvores.

Joona balança a cabeça para Axel.

— Preciso falar com você.

— Desculpe por mais cedo, quando sumi daquele jeito — diz Axel, começando a afinar o violino novamente. — Surgiu uma coisa.

— Não se preocupe, eu apenas voltei.

Joona observa Axel, que por sua vez observa a garota colher algumas plantas floridas no gramado sombreado.

— Temos um vaso lá dentro? — pergunta ela.

— Na cozinha — responde Axel.

Ela leva seu pequeno buquê de dentes-de-leão — bolas brancas fofas — para a cozinha.

— É a flor preferida dela — explica Axel, escutando atentamente a corda Sol.

Ele ajusta a tarraxa ligeiramente, depois coloca o violino na mesa de mosaico.

— Gostaria que desse uma olhada nisto — pede Joona, tirando a fotografia da pasta.

Eles se sentam à mesa. Axel pega os óculos no bolso da frente e analisa a fotografia cuidadosamente.

— Quando foi tirada? — pergunta rapidamente.

— Não sabemos, mas foi sugerido que teria sido na primavera de 2008.

— Certo — diz Axel, imediatamente parecendo muito mais relaxado.

— Reconhece essas pessoas? — pergunta Joona calmamente.

— Claro. Palmcrona, Pontus Salman, Raphael Guidi e... Agathe al-Haji.

— Preciso de sua ajuda em um assunto específico. Poderia dar uma olhada nos músicos ao fundo?

Intrigado, Axel observa Joona, depois olha de novo para a fotografia.

— O Tokyo String Quartet; eles são muito bons — diz em tom neutro.

— Bem, a questão na qual tenho pensado é... Tenho pensado sobre esta foto e imaginado se seria possível uma pessoa com conhecimento dizer... apenas olhando para a imagem... qual peça eles estão tocando.

— É uma questão interessante.

— Haveria, mesmo que remotamente, a possibilidade de um palpite? Kaj Samuelsson acha que não, e quando seu irmão olhou disse que era impossível.

Joona se inclina para a frente, os olhos suaves e calorosos à sombra.

— Seu irmão foi resoluto quando disse que, se você não pudesse resolver esse enigma, ninguém poderia.

Um sorriso se insinua nos cantos da boca de Axel.

— Ele disse isso?

— Sim — responde Joona. — Embora eu não saiba muito bem o que ele queria dizer com isso.

— Nem eu.

— Ainda assim, dê uma olhada na fotografia. Eu tenho uma lente de aumento...

— Você quer saber quando essa reunião aconteceu, não é? — afirma Axel em um tom de repente grave.

Joona balança afirmativamente a cabeça e tira uma lente de aumento da maleta.

— Você deve conseguir ver os dedos deles com clareza — diz Joona.

Joona recosta-se em silêncio e observa Axel examinar minuciosamente a fotografia. Ele acha que, se ela foi tirada em 2008, como fora dito, sua intuição estava errada. Mas, se essas pessoas se reuniram depois do mandado de prisão em março de 2009, a fotografia era prova de uma atividade criminosa.

— Sim, consigo ver a posição dos dedos — diz Axel lentamente.

— Pode adivinhar quais notas estão tocando? — pergunta Joona, ansioso.

Axel suspira, devolve a fotografia e a lente de aumento para Joona, depois canta quatro notas em uma voz suave, mas clara, como se emanando de dentro dele. Então pega o violino e toca duas notas altas, trêmulas.

Joona Linna se levanta.

— E isso não é brincadeira...

Axel Riessen olha diretamente nos olhos de Joona e balança a cabeça.

— Não. Martin Beaver está tocando um Dó em terça, Kikuei está tocando um Dó em segunda, Kazuhide Isomura faz uma pausa e Clive toca um *pizzicato* de quatro notas. Foi o que eu cantei: Mi, Lá, Lá, Dó.

Joona anota isso, e pergunta:

— Qual o seu palpite?

— Não é um palpite — retruca Axel.

— Essa combinação aparece em muitas peças? Quer dizer, apenas identificando essas notas você pode deduzir a peça exata que o Tokyo String Quartet está tocando nesse momento na foto?

— Essa combinação é encontrada apenas em um lugar — diz Axel.

— Como sabe?

Axel se vira e olha para uma janela da casa. Sombras de folhas rendadas refletem no vidro.

— Desculpe-me, por favor, continue — diz Joona.

— Claro que não ouvi todas as peças que o quarteto tocou — diz Axel, dando de ombros.

— Mas você está certo de que esta exata combinação de notas é encontrada em apenas uma composição específica? — pergunta Joona novamente.

— Só tenho conhecimento de uma — responde Axel calmamente. — O compasso 156 do primeiro movimento do Segundo Quarteto de Cordas de Béla Bartók.

Axel pega o violino e o leva ao ombro.

— *Tranquillo*... Este movimento é maravilhosamente pacífico, quase como uma canção de ninar. Escute a primeira voz — pede enquanto começa a tocar.

Os dedos de Axel se movem com ternura, as notas tremulam, leves e macias. Ele para após quatro compassos.

— Os dois violinos acompanham um ao outro. Mesma nota, diferentes oitavas — explica. — É quase bonito demais, mas então o acorde lá menor do violoncelo torna dissonantes as notas do violino... Embora não sejam experimentadas como dissonantes por serem harmônicas, o que...

Ele para de falar e pausa o violino.

Joona olha para ele.

— Então você está absolutamente certo de que esses músicos estão tocando o Segundo Quarteto de Cordas de Bartók? — pergunta Joona em voz baixa.

— Sim.

Joona, de repente desconfortável, se levanta e cruza o pátio até a sebe de lilases. Isso é tudo de que ele precisa para determinar o momento da reunião.

Ele sorri consigo mesmo, e imediatamente limpa o triunfo com a mão. Retorna, pega uma maçã vermelha na tigela na mesa e encontra o olhar questionador de Axel.

— Então você está absolutamente certo — confirma Joona de novo.

Axel balança a cabeça e Joona dá a maçã a ele. Ele se vira para tirar o telefone no paletó e ligar para Anja.

— Anja, esta é uma emergência...

— Vamos fazer uma sauna juntos este fim de semana — retruca Anja.

— Preciso de sua ajuda.

— Eu sei — diz Anja, dando uma risadinha.

Joona tenta disfarçar a tensão em sua voz.

— Preciso que você verifique o repertório do Tokyo String Quartet nos últimos dez anos.

— Já fiz isso.

— Especificamente o que eles tocaram na Alte Oper de Frankfurt nessa época?

— Sim, na verdade eles se apresentaram lá anualmente.

— Eles alguma vez tocaram o Segundo Quarteto de Cordas de Bartók?

Há uma pausa enquanto ela confere a informação.

— Sim, Opus 17. Tocaram uma vez.

— Opus 17 — repete Joona, olhando para Axel.

Axel confirma com um gesto.

— O quê? — pergunta Anja.

— E quando eles tocaram essa peça?

— Em 13 de novembro de 2009.

— Tem certeza?

As pessoas na fotografia se encontraram oito meses depois do mandado de prisão contra o presidente do Sudão, pensa Joona. Pontus Salman mentiu sobre a data. Eles se reuniram em novembro de 2009. E toda esta carnificina é fruto disso — as mortes brutais de tantas pessoas, e talvez ainda mais no futuro.

Joona estende a mão e brinca distraído com alguns botões de lilás, e pode sentir o cheiro de churrasco vindo de algum pátio. Ele pensa que tem de ligar para Saga Bauer e contar a novidade.

— É isso? — pergunta Anja do outro lado.

— Sim.

— Pode usar aquela palavrinha?

— Ah, sim... *Kiitokseksi saat pusun* — diz Joona em finlandês. *Como agradecimento, eu vou lhe dar um beijo.*

Joona encerra a ligação.

Pontus Salman mentiu, pensa Joona novamente. Não havia exceções ou ambiguidades em um embargo total de armas.

Mas Agathe al-Haji queria comprar munição. E os outros queriam dinheiro. Nenhum deles dava a mínima para direitos humanos ou lei internacional.

Joona imagina Pontus Salman: um homem estranhamente sereno sem emoções no rosto.

Negócios de armas. Negócios de armas e o dinheiro que eles produzem, lhe

diz o sussurro em sua cabeça. *Tudo isso por causa do contrabando de armas: a fotografia, a tentativa de chantagem, as pessoas mortas.*

Ele vê Saga Bauer de pé após sua conversa com Salman. Ela deixara as marcas de cinco dedos na escrivania dele como um testemunho silencioso.

Março de 2009. Foi quando o Tribunal Penal Internacional em Haia emitiu o mandado de prisão contra o presidente do Sudão Omar al-Bashir por envolvimento direto no extermínio de três grupos étnicos em Darfur. Naquele instante todos os habituais carregamentos de munição do restante do mundo foram suspensos. O exército do Sudão ainda tinha armas — metralhadoras e fuzis —, mas ficariam com pouca munição, e em pouco tempo, completamente desabastecidos. O estrangulamento do suprimento sufocaria a milícia em Darfur. Exceto por aqueles quatro — Carl Palmcrona, Pontus Salman, Raphael Guidi e Agathe al-Haji — terem escolhido se colocar acima da lei internacional.

— O que você descobriu? — pergunta Axel, se levantando.

— Como? — reage Joona, arrancado de suas reflexões.

— Conseguiu determinar a data daquela reunião?

— Sim.

Axel tenta olhar nos olhos de Joona.

— E? — insiste Axel.

— Preciso ir — diz Joona.

— Eles se reuniram depois do mandado de prisão contra Al-Bashir? Não podem ter feito isso! Eu preciso saber se foi o que eles fizeram!

Joona encara Axel. Seus olhos são calmos e brilhantes.

uma última pergunta

Saga Bauer está deitada de barriga para baixo no tapete branco felpudo. Seus olhos estão fechados enquanto Stefan beija suas costas lentamente. Seus cabelos claros se espalham como uma cachoeira sobre o chão. O rosto de Stefan é quente enquanto se move sobre sua pele.

Continue, ela pensa.

Os lábios dele são leves pinceladas agradáveis entre suas omoplatas. Ela se obriga a ficar imóvel, e estremece de prazer.

O dueto erótico para violoncelo e mezzo-soprano de Carl Unander-Scharin sai dos alto-falantes do seu aparelho de som. As vozes de mulher e violoncelo se cruzam ritmada e repetidamente como fluxos interligados em um córrego escuro. Saga está deitada, o desejo aumentando em seu corpo, respira pela boca entreaberta e umedece os lábios.

As mãos dele deslizam pela sua cintura, ao redor dos quadris e depois sem esforço erguem suas nádegas.

Ninguém que já conheci me tocou tão suavemente, pensa Saga, sorrindo consigo mesma.

Ela ouve o próprio gemido ao sentir o toque da língua dele.

Ele vira seu corpo com cuidado. O tapete deixa marcas em seu corpo.

— Continue — sussurra.

— Ou você atira em mim — diz ele.

Ela confirma com um gesto e sorri abertamente. Cachos dos cabelos negros de Stefan se curvaram ao redor do rosto e seu rabo de cavalo está pendurado acima de um de seus seios.

— Vem, vem — sussurra Saga.

Ele tira os jeans rapidamente e deita o corpo nu sobre ela. Ela ergue as pernas e o sente entrar. Dá um longo gemido, depois respira mais rápido. Eles hesitam um momento, maravilhados com a sensação de estar além da proximidade. Stefan empurra suavemente. Seus quadris estreitos se movem com cuidado. Saga corre os dedos sobre as omoplatas dele, costas e nádegas.

Então o telefone toca. *Claro*, pensa ela. Na pilha de roupas no sofá, seu celular toca com insistência o “Blue Jeans Blues” do ZZ Top. Está enterrado sob o chemise

de linho branco, lingerie e jeans do avesso.

— Deixe tocar — sussurra ela.

— É seu telefone de trabalho — diz ele.

— Foda-se, não é importante — murmura, e tenta mantê-lo preso a ela.

Mas ele sai, fica de joelhos e procura nos bolsos do jeans dela enquanto a música continua a tocar. Ele finalmente vira a calça de cabeça para baixo e o telefone cai. Parou de tocar. Então um pequeno sinal anuncia que há uma mensagem de voz.

* * *

Vinte minutos depois Saga está correndo pelo corredor da delegacia, as pontas dos cabelos molhadas da chuveirada rápida. Seu corpo ainda vibra, desejoso e insatisfeito. A lingerie e os jeans parecem desconfortáveis, e não exatamente no lugar certo.

O rosto roliço de Anja Larsson surge inquisidor acima do computador, enquanto Saga corre para o escritório de Joona. Ele espera no meio da sala. Seus olhos cinzentos a encaram de modo penetrante e ela sente um estremecimento de desconforto.

— Feche a porta — diz ele, sério.

Ela fecha imediatamente e se volta para ele. Está ofegando baixinho.

— Axel Riessen se lembra de cada peça musical que já ouviu. Cada nota de cada instrumento em uma orquestra sinfônica.

— E?

— E ele soube na hora qual peça o quarteto de cordas estava tocando. Era o Segundo Quarteto de Cordas de Béla Bartók.

— Tudo bem, você estava certo. Agora sabemos o que estavam tocando, mas...

— Esta fotografia foi tirada em novembro de 2009 — informa Joona secamente.

— Então aqueles demônios ignoraram o embargo. Estavam fazendo um negócio de armas — diz, amarga.

— Certo.

— E planejavam que a munição chegasse a Darfur — sussurra.

Joona balança a cabeça enquanto os músculos de seu maxilar se contraem.

— Carl Palmcrona nunca deveria estar lá. Não com Pontus Salman, nem com ninguém...

— E aí estão eles juntos, flagrados em uma fotografia — diz Saga, triunfante.

— Brindando a um negócio com Raphael Guidi e Al-Haji.

— Isso mesmo. — Joona encara os olhos azul-verão de Saga.

— Dizem que os peixes realmente grandes sempre escapam — murmura Saga.

— As pessoas sempre disseram isso... A maioria das pessoas percebe isso... Mas é verdade. Os grandes quase sempre se livram.

Eles olham em silêncio para a fotografia mais uma vez. Quatro pessoas em um camarote. O champanhe. As expressões em seus rostos. Os músicos tocando os instrumentos de Paganini na Alte Oper.

— Agora solucionamos o primeiro enigma — diz Saga, e respira fundo. — Um negócio sujo para enviar armas para o Sudão.

— Palmcrona estava lá. O dinheiro em sua conta certamente vem de subornos — diz Joona devagar. — Mas ao mesmo tempo Palmcrona não autorizou esse negócio. Seria impossível. Ele nunca conseguiria que passasse...

Joona é interrompido pelo telefone em seu paletó. Ele atende, escuta em silêncio e encerra a ligação. Olha para Saga.

— Axel Riessen descobriu o que está acontecendo — diz Joona. — Ele sabe o que a fotografia significa.

Um garoto de ferro, de apenas 15 centímetros de altura, sentado com os braços ao redor dos joelhos. A estátua está localizada no jardim dos fundos da igreja finlandesa em Gamla Stan. Axel Riessen está a 3 metros dela, apoiado na parede ocre, comendo miojo na caixinha. Ele acena com os hashis quando Joona e Saga cruzam o portão.

— Diga o que você descobriu — diz Joona abruptamente.

Axel confirma com um gesto de cabeça, pousa a caixinha no peitoril da janela, limpa a boca com um guardanapo de papel e aperta as mãos de Joona e Saga.

— Você disse que sabe o que a fotografia significa — repete Joona.

Axel baixa os olhos, respira fundo e começa a falar.

— Tudo tem a ver com o Quênia — começa. — As quatro pessoas no camarote estão celebrando um acordo sobre um enorme carregamento de munição para o Quênia.

Ele para.

— Continue — incentiva Joona.

— O Quênia está comprando 1,25 milhão de unidades de munição de fabricação autorizada 5,56 x 45mm.

— Para fuzis automáticos — completa Saga.

— Supostamente uma exportação para o Quênia — diz Axel. — Mas nunca chegará lá. Será desviado para o Sudão e a milícia de Darfur. Tudo me ocorreu de repente. Agathe al-Haji é a representante do comprador; portanto é para o Sudão.

— Como o Quênia se encaixa? — pergunta Joona.

— Os quatro no camarote se reuniram depois da emissão do mandado de prisão. Certo? Sabemos disso por causa da data em que essa composição foi tocada. Um embargo ao Sudão... Mas não ao Quênia. E o Quênia é perto, localizado logo ao sul.

— Como pode estar tão certo? — pergunta Saga.

— Carl Palmcrona escolheu sair dessa confusão pelo suicídio. Esse foi seu último trabalho, mas não o concluiu. Ele deixou para que eu o levasse ao fim — diz Axel, amargo. — E prometi assinar a autorização de exportação hoje.

— Então é o mesmo negócio, apenas com o nome do Sudão riscado e

substituído pelo do Quênia — diz Saga.

— Um trabalho perfeito — diz Axel.

— Ou era, antes de alguém fotografar o encontro — diz Joona secamente.

— Antes de Palmcrona cometer suicídio todo o trabalho estava feito. Eles acreditavam que ele iria assinar a autorização — diz Axel.

— E agora eles ficaram realmente nervosos ao descobrir que ele não o havia feito — diz Joona, sorrindo.

— Eu fui trazido rapidamente — diz Axel. — Eles praticamente enfiaram uma caneta na minha mão para me obrigar a assinar o contrato.

— Mas...?

— Eu queria tomar minhas próprias decisões.

— E você tomou.

— Isso.

— E toda a papelada parecia correta? — pergunta Saga.

— Sim... E eu prometi assinar, e o teria feito, sem dúvida, caso não tivesse visto aquela fotografia e a relacionado ao negócio queniano.

Todos ficam em silêncio, contemplando a estátua do garoto. É a menor obra de arte pública em Estocolmo. Joona se inclina para a frente e dá um tapinha na cabeça brilhante do garoto. O metal libera calor após um dia inteiro ao sol.

— Eles já estão carregando o navio no porto de Gotemburgo — explica Axel em voz baixa.

— Imaginei isso — diz Saga. — Mas sem a autorização de exportação, então...

— Então a munição não pode deixar a Suécia.

— Eles esperam que você assine hoje? — pergunta Joona. — Você pode atrasar de algum modo? Temos de continuar com a investigação, e liberar aquela carga pode impedir isso.

— Eles não vão simplesmente sentar e esperar.

— Diga a eles que ainda está verificando a papelada — sugere Joona.

— Bem, posso fazer isso, mas não será fácil. O negócio já está atrasado por minha causa, mas tentarei — diz Axel.

— Tenha também em mente sua segurança. Nossa investigação é importante, mas...

Axel sorri e pergunta, cético:

— Acha que eles irão me ameaçar?

Joona sorri de volta, expressão grave:

— Enquanto eles quiserem sua assinatura, você não corre perigo. Mas, se você impedir isso, eles perderão um volume inacreditável de dinheiro. Pense apenas no que já custou subornar as pessoas da Suécia até o Quênia.

— Não posso postergar a assinatura para sempre. Salman está tentando falar

comigo o dia todo. Essas pessoas conhecem o jogo. Não é possível enganá-los por tempo demais.

Nesse instante o celular de Axel toca.

Ele olha para a tela e faz uma careta.

— É Pontus Salman de novo...

— Atenda — diz Joona.

— Certo — diz Axel, e atende.

Eles podem ouvir a voz em *staccato* do outro lado.

— Não consegui encontrar você — diz Salman em tom acusador. — Você sabe que o navio já está carregado e esperando. Custa dinheiro mantê-lo no porto. O dono do navio também tentou entrar em contato com você. Eles ainda não receberam a autorização.

— Lamento muito — diz Axel, temporizador. Ele olha para Joona e Saga. — Infelizmente não tive tempo de dar uma última olhada no...

— Falei com funcionários do governo e eles disseram que você iria assinar hoje.

Axel para, as ideias de repente confusas. Fica tentado a simplesmente desligar. Em vez disso, pigarreia, se desculpa e mente:

— Surgiu outra coisa que demandou minha atenção imediatamente. Tive de colocar isso de lado por um momento...

Axel percebe como sua voz soa falsa, e ele demorou tempo demais para responder. Sentiu mais uma vez a tentação de simplesmente dizer a verdade: que não haveria autorização de exportação porque ele sabe a verdade sobre o negócio ilegal.

— Nós entendemos que isto estaria concluído hoje — diz Salman, sem disfarçar a raiva.

— Você correu um risco — ameaçou Axel.

— O que está me dizendo?

— Sem minha autorização não pode haver embarque...

— Mas nós temos... *Desculpe-me?*

— Vocês receberam permissão para fabricar a munição, e houve uma decisão preliminar favorável. Apenas isso.

— Você entende que há muito em jogo aqui — explica Salman em tom de súplica. — O que posso dizer ao dono do navio? Pode nos dar alguma ideia de qual será o atraso? Ele precisa saber quanto tempo precisa permanecer no porto. É apenas uma questão de logística.

— Continuo favorável. Mas ainda preciso repassar tudo mais uma vez. Então você terá minha decisão — informa Axel com firmeza.

Saga Bauer estava pulando corda havia 50 minutos na academia do distrito policial quando um colega preocupado se aproxima e pergunta como ela está. O rosto dela está suado e sério, mas seus pés continuam pulando como se ignorassem a passagem rápida da corda.

— Você está forçando a barra — diz ele.

— Não — retruca ela, continuando a pular.

Vinte e cinco minutos depois Joona desce até a academia e se senta em um banco inclinado ao lado de um haltere.

— Que monte de merda — diz ela, e continua a pular. — Eles vão mandar essa munição para Darfur e não podemos fazer porra nenhuma em relação a isso.

— Bem, de qualquer forma sabemos o que pretendem — retruca Joona com calma. — Sabemos que eles estão tentando ir pelo Quênia e...

— Mas que porra podemos fazer quanto a isso? — pergunta enquanto pula. — Prender o desgraçado do Pontus Salman? Entrar em contato com a Europol sobre Raphael Guidi?

— Ainda não temos provas.

— Esta coisa é grande, muito maior do que qualquer um imaginava. Nós certamente não queríamos ter nada a ver com algo tão enorme — raciocina ela enquanto a corda gira e bate no piso. — Carl Palmcrona está envolvido, Pontus Salman da Suécia... Raphael Guidi, ele é um figurão... E alguém no governo do Quênia, do contrário todo o negócio não poderia dar certo... E talvez alguém no governo da Suécia.

— Provavelmente não pegaremos todos — reflete Joona.

— A coisa mais inteligente seria abandonar o caso — diz ela.

— Então vamos abandonar.

Ela ri da piada enquanto continua a pular com expressão séria.

Joona diz, pensativo:

— Palmcrona provavelmente estava sendo subornado havia anos, mas assim que recebeu a carta de chantagem de Björn se deu conta de que a farra acabara... Então telefonou para alguém... Provavelmente Raphael... E ele se tornou um problema depois de a fotografia ser descoberta. Todas as pessoas que estão

investindo neste negócio queriam seu fim. Não iriam perder dinheiro e arriscar posições por causa dele.

— Então ele se mata — diz Saga, começando a pular ainda mais rápido.

— Ele sai do quadro, o que deixa a fotografia e o chantagista.

— Entra o matador internacional — diz Saga, começando a ficar sem fôlego.

Joona balança a cabeça enquanto ela salta.

— Se Viola não tivesse entrado no barco no último instante ele teria matado Björn e Penelope e afundado o barco — diz ele.

Saga faz uma última sequência rápida e então para.

— Nós teríamos... — diz, ofegante. — Nós teríamos descartado como sendo um acidente. O matador teria apanhado a fotografia, limpado os computadores e saído do país sem deixar rastro.

— Embora eu ache que ele não é o tipo que tem medo de ser descoberto. Ele é prático — diz Joona. — É mais fácil resolver o problema sem envolver a polícia, mas é a resolver o problema que ele se dedica... Do contrário não se preocuparia em queimar os apartamentos. Isso chama atenção. Ele está apenas sendo minucioso, e prioriza a minúcia acima de tudo.

Saga recupera o fôlego com as mãos nas coxas. O suor pinga de seu rosto.

— Claro que ligaríamos os incêndios de apartamentos ao acidente de barco mais cedo ou mais tarde — diz ela, se empertigando.

— Mas já seria tarde demais — diz ele. — O trabalho do assassino de aluguel é destruir a prova e eliminar as testemunhas.

— Mas agora temos a fotografia e Penelope — diz Saga com um sorriso. — Aquele assassino de aluguel não resolveu o problema.

— Ainda não...

Saga dá alguns golpes aleatórios no saco de areia pendurado no teto e depois olha para Joona.

— Durante meu treinamento eu vi um filme sobre um assalto a banco e a maneira você deixou o suspeito impotente com uma pistola quebrada.

— Tive sorte — explica Joona.

— Certo.

Ele ri e ela vai até ele, o contorna com um belo trabalho de pés e então para. Estica as mãos abertas e olha nos olhos dele. Acena para que ele avance, balançando os dedos. Quer que ele a enfrente. Ele sorri ao entender a referência dela a Bruce Lee: a mão que acena. Ele balança a cabeça, mas não interrompe o contato visual.

— Já vi você se mover — explica ele.

— Então você sabe — diz secamente.

— Você é rápida e acertará o primeiro golpe, mas depois disso...

— Estou ferrada — responde.

— É um bom pensamento, mas...

Ela faz o mesmo gesto de novo, um pouco mais impaciente.

— Mas você atacará com força demais — prevê ele, divertindo-se.

— Não, não farei isso — informa ela.

— Tente e descobrirá — diz Joona calmamente.

Ela acena mais uma vez, mas ele parece não se importar. Levanta, dá as costas e vai na direção da porta. Ela parte para cima dele pretendendo acertar um gancho de direita. Ele inclina o pescoço levemente e o golpe passa por cima da cabeça. Em um suave movimento contínuo, Joona gira e saca sua pistola enquanto a joga no chão com um chute na patela.

— Tenho de lhe dizer uma coisa — admite Saga.

— Que eu estava certo, certo?

— Não se envaideça — diz, olhando para ele com raiva enquanto se levanta.

— Se você atacar com força demais...

— Não estava atacando com força — explica ela. — Eu me contive porque pensei em algo importante.

— Entendi! — diz ele, rindo.

— Estou cagando para o que você acha que entendeu ou não — diz. — Minha ideia é usar Penelope como isca.

— O que você pretende?

— Comecei a pensar que ela quer ir para outro lugar e, no instante em que ia acertar você, tive uma ideia. Eu não podia nocauteá-lo se queria falar com você.

— Então fale — diz.

— Eu me dei conta de que Penelope seria uma isca de qualquer forma, estejamos nós envolvidos ou não. Ela iria atrair o matador para ela.

Joona para de sorrir e balança lentamente a cabeça.

— Continue.

— Não temos certeza se o assassino de aluguel pode escutar nossas comunicações, se pode ouvir tudo que dizemos via rakel... Mas é provável, já que descobriu Penelope em Kymmendö — diz Saga.

— Certo.

— Ele irá encontrá-la de um modo ou de outro, é o que acho. Ele não se importa se há proteção policial ou não. Faremos o possível para manter sua localização em segredo, mas é muito difícil protegê-la sem comunicação por rádio.

— Ele a encontrará — reflete Joona.

— Era o que eu estava pensando. Penelope será a isca, não importa como. A pergunta é: estaremos prontos quando ele aparecer? Ela recebe toda proteção, como planejado, mas se também colocarmos o pessoal de vigilância da Span para ficar de

olho no lugar, talvez possamos pegar o cara.

— É bastante possível. Você está pensando na direção certa — diz Joona.

o apartamento seguro

Carlos, Saga e Joona estão seguindo pelo corredor comprido até o quartel-general do Säpo. Verner Zandén já está esperando por eles, e, sem saudações desnecessárias, fala no instante em que a porta é fechada.

— Klara Olofsdotter do Escritório da Promotoria Internacional está nisso. Não preciso dizer que esta é uma grande operação para dic e o Säpo. Mas quem afinal estamos tentando pegar?

— Não sabemos praticamente nada sobre ele — explica Saga. — Nem sequer sabemos se trabalha sozinho ou se é parte de uma equipe de assassinos profissionais da Bélgica, do Brasil ou mesmo de agentes dispensados da KGB ou do antigo bloco oriental.

— Não é difícil interceptar nossas comunicações por rádio — admite Carlos.

— Esse homem sabe que Penelope está sendo protegida e que será difícil chegar a ela — diz Joona. — Mas sempre há pequenas oportunidades: em algum momento uma porta tem de ser aberta, guardas são substituídos, pessoas levam comida, ela vai visitar a mãe, conversar com um psicólogo, e está planejando encontrar com Nicklas Dent, da DNH...

Joona para de falar quando seu celular toca. Ele confere a tela e passa para a caixa de mensagens.

— Claro que nossa prioridade é Penelope — diz Saga. — Mas, enquanto a protegemos, podemos ter uma chance de apanhar o homem que assassinou tantos colegas nossos.

— Não preciso lembrar a vocês que ele é extremamente perigoso — alerta Joona. — Nenhum de nós irá encontrar um ser humano mais perigoso que ele.

* * *

O apartamento seguro, em Storgatan, 1, tem uma janela voltada para Sibyllegatan, com vista para a praça Östermalm. Não há prédios do outro lado da rua, e o mais próximo fica a pelo menos 100 metros.

Saga Bauer segura a porta da rua aberta para que a Dra. Daniella Richards tire Penelope Fernandez de um ônibus cinza da polícia. Guardas do Säpo com coletes as cercam.

— Este é o apartamento acima do solo mais seguro de Estocolmo — explica Saga.

Penelope não parece não ouvir suas palavras. Apenas segue a Dra. Richards até o elevador. Câmeras de segurança proliferam ao redor do saguão de entrada e a escadaria.

— Instalamos detectores de movimento, um sistema de alarme sofisticado e duas linhas criptografadas ligadas ao Controle Central — explica Saga a Penelope enquanto o elevador sobe.

No quarto andar Penelope é conduzida por uma porta pesada para mais uma porta trancada que outro policial uniformizado abre, permitindo a entrada delas no apartamento.

— Este apartamento tem uma enorme proteção contra incêndios — diz Saga. — Tem gerador elétrico e sistema de ventilação próprios.

— Você está segura aqui — informa a Dra. Richards gentilmente.

Penelope ergue o rosto e olha para a médica com uma expressão vazia.

— Obrigada — diz finalmente, quase inaudível.

— Posso ficar com você caso queira.

Penelope balança a cabeça. A Dra. Richards e Saga esperam um bom tempo antes de se virarem para partir.

Penelope tranca a porta atrás delas e caminha até uma das janelas à prova de balas com vista para a praça Östermalm. A janela é opaca quando vista de fora. Olha para baixo e sabe que algumas das pessoas circulando pela praça devem ser policiais à paisana.

Toca a janela lentamente. Não consegue ouvir nada do mundo exterior.

A campainha toca.

Penelope dá um pulo e seu coração acelera.

Caminha até o monitor, acha o botão do interfone e o aperta. O rosto da policial surge e diz que a mãe de Penelope chegou.

— Penny? Penny? — chama a voz ansiosa da mãe atrás da policial.

Penelope aperta a combinação da tranca da porta e ouve o mecanismo responder antes que possa abrir a pesada porta de aço.

— Mamãe — diz em voz baixa.

O som de sua própria voz morre no silêncio opressivo do apartamento.

Penelope deixa a mãe entrar na sala, a seguir fecha e tranca a porta. Depois disso parece não conseguir se mover. Aperta os lábios e sente o corpo começar a tremer. Expulsa do rosto tudo que sente.

Ela ergue os olhos para a mãe, mas não ousa encará-la. Espera a censura da mãe e as acusações por não ter conseguido proteger Viola.

Claudia parou e olha ao redor lentamente.

— Eles estão cuidando bem de você, Penny? — pergunta.

— Estou bem agora.

— Mas eles têm de proteger você.

— Estão fazendo isso, então estou segura aqui.

— Só isso que importa — diz Claudia em palavras quase inaudíveis.

Penelope tenta engolir o choro.

— Há muita coisa de que tenho de cuidar agora — diz a mãe, e desvia o rosto.

— Eu... Eu não acredito que tenho de organizar o funeral de Viola.

Penelope balança a cabeça lentamente. Sua mãe estende a mão para tocar a face de Penelope. Mas ela se afasta e a mãe recolhe a mão.

— Eles me dizem que vai terminar logo — diz Penelope. — A polícia acha que vai pegar aquele homem... O homem... que matou Viola e Björn.

Claudia confirma com um gesto de cabeça e olha para a filha com um rosto tão despido e franco que Penelope se surpreende ao ver seu sorriso.

— Pense apenas que está viva! — diz Claudia com voz embargada. — Pense apenas que eu tenho você de volta! É só o que importa agora... É a única coisa que importa.

— *Mamãe.*

— Minha garotinha.

Claudia estica a mão novamente, e dessa vez Penelope não se afasta.

a vigilância

Jenny Göransson está encarregada da vigilância. Está posicionada na *bay window* de um apartamento três andares acima, no Nybrogatan 4A. Está esperando. As horas passam. Ninguém relatou nada. Tudo parece quieto. Por rotina, seus olhos varrem a praça até o teto da Sibyllegatan, 27. Alguns pombos se assustam e voam para longe.

Sonny Jansson está naquele telhado. Ele deve ter se movido e assustado os pássaros.

Jenny entra em contato com ele e descobre que se deslocou para olhar outro apartamento.

— Achei que estavam no meio de uma briga, mas depois me dei conta de que estão jogando Wii e pulando na frente da televisão.

— Volte à sua posição — ordena Jenny secamente.

Ela ergue os binóculos para olhar mais uma vez a área escura entre o quiosque e os olmos. Está decidida de que seria um ponto em potencial.

Blomberg liga. Está usando um disfarce de corredor seguindo pela Sibyllegatan.

— Vejo algo no cemitério — diz em voz baixa.

— O quê?

— Alguém está sob as árvores, a cerca de 10 metros do portão.

— Verifique, Blomberg, mas tenha cuidado — orienta ela.

Ele passa correndo pelos degraus junto ao frontão do Museu Militar e entra no cemitério. A noite está quente e verde. Ele pisa silenciosamente na grama junto à trilha de cascalho e pensa que logo irá parar e fingir se alongar. Por hora, apenas segue em frente. Há um farfalhar entre as folhas. A luz que ainda há no céu é bloqueada por galhos, e está escuro entre as lápides. Ele se assusta ao ver um rosto perto do chão. Uma mulher de uns 20 anos. Seus cabelos são espetados e pintados de vermelho, e sua mochila verde-militar está caída ao lado da cabeça. Blomberg está começando a ver mais claramente quando outra pessoa, uma mulher vestida de preto e rindo, tira o suéter da primeira mulher e começa a beijar seus seios.

Blomberg se afasta cuidadosamente e se reporta a Jenny Göransson:

— Alarme falso. Amantes.

Três horas se passaram. Blomberg treme. Está ficando frio. O sereno se forma na grama à medida que a temperatura cai. Ele faz uma curva e para de repente na frente de uma mulher de meia-idade com rosto bastante envelhecido. Parece extremamente bêbada, cambaleante. Conduz dois poodles em uma guia, puxando para trás com força quando os cães farejam o chão ansiosos e querem avançar.

Perto do limite do cemitério uma comissária de bordo passa. As rodas de sua mala azul fazem barulho no asfalto. Ela lança um olhar desinteressado para Blomberg e ele mal olha para trás, embora sejam colegas há mais de sete anos.

Maria Ristonen ouve o som dos próprios saltos ecoando no muro. Está puxando sua mala na direção da entrada do metrô para verificar alguém quase escondido ali perto. A mala prende em um paralelepípedo e cai de lado. Ela precisa parar, e, enquanto se curva, verifica a pessoa nas sombras. Está muito bem-vestida, mas tem uma expressão estranha no rosto. Parece esperar por alguém, e olha para ela intensamente. O coração de Maria Ristonen começa a acelerar e ouve a voz de Jenny Göransson em seu fone.

— Blomberg também o viu e está a caminho — informa Jenny. — Espere por Blomberg, Maria. Espere por Blomberg.

Maria sente que não pode hesitar tanto tempo. O normal seria voltar a caminhar. Ela tenta se mover mais lentamente, e está se aproximando do homem com expressão estranha. Terá de passar por ele, dando as costas. O homem recua mais para as sombras quando ela se aproxima. Tem uma das mãos dentro do paletó. Maria Ristonen sente a adrenalina correr por suas veias quando o homem de repente avança na sua direção e tira algo que estava escondendo. Por cima do ombro do homem, Maria vê Blomberg assumir posição, uma arma de repente em sua mão. Jenny grita que é alarme falso. O homem segura apenas uma lata de cerveja.

— Piranha! — grita o homem, cuspidando cerveja na sua direção.

— Ai, meu Deus — suspira Jenny no fone de Maria. — Apenas continue seguindo para o metrô, Maria.

O restante da noite passa sem incidentes. As últimas boates fecham e apenas algumas pessoas passeando com seus cães e catadores de latas de alumínio estão nas ruas. Depois os entregadores de jornais. Depois mais donos de cachorros e alguns poucos corredores. Jenny Göransson mal pode esperar por seu substituto às 8

horas. Olha para a igreja Hedvig Eleonora e depois para a janela escura de Penelope. Baixa os olhos para a Storgatan, e depois novamente para a igreja na qual o cineasta Ingmar Bergman cresceu. Pega uma goma de mascar de nicotina e analisa a praça, os bancos do parque, as árvores e as esculturas da mulher curvada e do homem com a peça de carne no ombro.

Há um pequeno movimento perto do alto portão de aço que protege o mercado Östermalms Saluhall. Barracas de comida gourmet deram novo vigor à enorme construção de tijolos vermelhos. O fraco brilho de vidro na entrada é brevemente escondido por um movimento escuro. Jenny Göransson liga para Carl Schwirt. Ele está em um banco de parque atrás das árvores onde um dia ficou o teatro popular. Dois sacos de lixo com latas recolhidas estão entre seus pés.

— Não vejo droga nenhuma — responde.

— Fique aí.

Talvez, pensa ela, talvez devesse deixar Blomberg abandonar seu posto perto da igreja e correr pela Humlegårdsgatan para verificar isso.

Jenny olha para a entrada pelos binóculos novamente. Agora consegue ver a imagem fraca de alguém de joelhos atrás da grade negra. Um táxi ilegal pegou o caminho errado na Nybrogatan e está dando a volta. Jenny observa a luz dos faróis do carro deslizando pela parede de tijolos do Saluhall. A luz bruxuleia pela entrada, mas ela não vê nada. O carro para e recua.

Idiota, ela pensa enquanto o motorista dá marcha a ré até uma roda bater na calçada.

Então os faróis batem em uma vitrine mais adiante na rua e aquele vidro lança um reflexo direto na entrada.

Há alguém atrás da grade alta.

Jenny só precisa de um segundo para entender. O homem está ajustando uma mira em um rifle.

Ela solta os binóculos e passa um rádio para o Controle Central.

— Alerta! Estou vendo um homem armado! — informa, quase gritando. — Rifle militar com mira, na entrada do Saluhall... Repito! Um atirador de elite no nível do chão na esquina de Nybrogatan e Humlegårdsgatan!

O homem na entrada espera pacientemente atrás das grades do portão. Ele passara algum tempo examinando a praça vazia, esperando o catador de latas sem-teto no banco do parque ir embora, mas decidiu ignorar o sem-teto quando pareceu que ele iria passar a noite no banco. Protegido pela escuridão, ele desembrulha um cano tubular com o apoio de ombro absorvente de impactos para um Modular Sniper Rifle. Com munição de precisão, o rifle semiautomático amarelado é certo a distâncias de até 2 quilômetros. Ele calmamente instala um supressor de clarão no cano, encaixa o pente e baixa o tripé da frente.

Ele penetrara no Saluhall pouco antes que fechasse, à noite. Escondera-se em um depósito até os faxineiros terem terminado e os guardas, partido, e assim que o lugar foi trancado e todas as luzes apagadas, passara para o próprio Saluhall.

Precisara de pouco tempo para desligar o sistema de alarme do prédio por dentro. Dessa forma, foi capaz de passar para a entrada externa, protegida da rua por uma grande grade de ferro fundido.

Ele estava protegido de todos os lados naquela entrada profunda, como em uma pequena cabana de caçador. Tinha uma visão clara do exterior, mas não podia ser visto se permanecesse imóvel. Caso alguém chegasse perto da entrada, ele podia simplesmente recuar para desaparecer na escuridão.

Ele aponta o rifle para o prédio onde Penelope Fernandez foi instalada. Procura o quarto dela usando seu visor eletro-óptico. Ele é paciente, lento e sistemático. Está esperando há muito tempo. Logo será de manhã, e antes que a luz nasça ele terá de se retirar, reativar o sistema de alarme do prédio e esperar até a noite seguinte. Seus instintos dizem que em algum momento ela será atraída à janela para olhar para fora, supondo que o vidro à prova de bala a protegerá.

Ele ajusta a mira e então os faróis de um carro passam por ele. Ele se vira por um momento e depois volta a observar o apartamento da Storgatan, número 1. Há uma assinatura de calor atrás da janela escura. A imagem é borrada e indistinta, enfraquecida pela distância e pelo vidro à prova de balas. Ele tenta se fixar no centro daquela silhueta borrada. Uma sombra rosa-clara se move no violeta salpicado, afina e depois reaparece.

Ele é interrompido. Duas figuras se materializaram de algum ponto na praça e correm diretamente para ele, pistola em punho junto ao corpo.

Penelope acorda cedo e perde o sono. Fica mais algum tempo deitada na cama, mas depois se levanta e ferve água para um chá. Pensa na vigilância que a polícia está oferecendo a ela e em por quanto tempo poderão mantê-la. Talvez por apenas alguns dias. Se policiais não tivessem sido mortos, talvez sequer estivessem oferecendo aquele esquema. Seria caro demais.

Ela tira a chaleira de água fervente do fogo e enche o bule. Coloca dois saquinhos de chá com limão, leva o bule para a sala de estar escura e coloca bule e xícara no nicho da janela. Acende a luminária de vidro verde pendurada lá e olha para a praça vazia.

Duas pessoas surgem do nada e correm pela calçada de pedra. Depois se jogam no chão e ficam imóveis. Parece estranho, como um espetáculo de marionetes visto do alto. Rapidamente apaga a luminária. Por causa do movimento desajeitado de Penelope, ela balança e bate no vidro. Penelope se coloca de lado e olha para fora novamente. Uma equipe da Swat está correndo pela Nybrogatan e de repente há um clarão na entrada do Saluhall. No mesmo instante há um som como se alguém tivesse jogado um trapo molhado no vidro da janela, que faz um barulho surdo quando uma bala o atravessa e se crava na parede atrás dela. Ela se joga no chão e engatinha para longe. Cacos de vidro da luminária verde estão espalhados pelo chão. Ela não percebe que cortou as palmas da mão.

* * *

Stewe Billgren sempre teve um emprego muito tranquilo no DIC. Contudo, nesse instante ele está no banco do carona ao lado da chefe, Mira Carlsson. Estão no Carro Alfa, um veículo não identificado, subindo lentamente a Humlegårdsgatan. Stewe Billgren nunca esteve em postos de ação, mas muitas vezes pensou se daria conta disso. A situação estava começando a sumir de sua cabeça, especialmente depois que a mulher com quem ele vivia saíra do banheiro com o teste de gravidez e, triunfante, mostrara a ele o resultado.

O corpo inteiro de Stewe Billgren doía do jogo de futebol da véspera, e a experiência lhe dizia que a dor pioraria ao longo do dia. Tiros soaram em algum lugar. Mira só teve tempo de olhar pela janela e perguntar:

— Que porra foi essa?

Uma voz no rádio grita que dois policiais estão no chão, baleados, no meio da praça Östermalm. O Grupo 5 recebe ordem de avançar da Humlegårdsgatan.

— Nós o apanhamos! — grita o chefe de operações do Säpo. — O Saluhall só tem quatro entradas, e...

— Tem certeza? — cobra Jenny Göransson.

— Entrada pela Nybrogatan, uma na esquina e duas na Humlegårdsgatan.

— Mande mais gente para lá! — grita o chefe do Comando Central para alguém.

— Estamos tentando conseguir uma planta do Saluhall.

— Desloque Grupos 1 e 2 para a porta da frente — grita outra pessoa. — Grupo 2, entre, Grupo 1, guarde a entrada!

— Vão! Vão! Vão!

— Grupo 3 para a entrada lateral e apoie Grupo 4 — ordena Jenny. Sua voz soa objetiva. — Grupo 5 já tem ordem de entrar. Carro Alfa! Venha agora!

* * *

Ragnar Brolin, chefe do Controle Central, chama o Carro Alfa. Stewe Billgren olha nervoso para Mira Carlsson enquanto atende o chamado. A voz de Brolin é tensa enquanto ordena que sigam para a Majorsgatan e aguardem novas ordens. Explica rapidamente que a área de operação foi ampliada e eles provavelmente precisarão garantir apoio de fogo para o Grupo 5.

O rádio repete mais uma vez que a situação é crítica e que o suspeito está dentro do Saluhall.

— Droga — sussurra Stewe. — Eu não devia estar aqui... Sou um idiota!

— Calma — diz Mira.

— Acabei de descobrir que minha namorada está grávida. Só descobri semana passada. Eu vou ser pai!

— Parabéns.

Ele sente que está respirando mais rápido. Rói a unha do polegar e olha direto para a frente. Mira vê através do para-brisa três policiais fortemente armados correndo da praça Östermalm pela Humlegårdsgatan. Dois deles soltam as travas de suas armas automáticas com mira laser e entram no prédio. O terceiro corre para a

outra porta lateral a fim de abrir à força a grade de ferro trabalhado.

Stewe Billgren para de roer a unha e sente o sangue sumir do rosto quando o chefe Brolin chama seu carro de novo.

— Alfa, avance!

— Responda — Mira ordena a Stewe.

— Alfa, Carro Alfa! — grita o chefe, impaciente. — Avance!

— Aqui Carro Alfa — responde Stewe, de má vontade.

— Não podemos continuar esperando mais pessoal — diz Brolin, quase berrando. — Vamos entrar agora. Vocês dão apoio ao Grupo 5. Entendido?

— Entendido — responde Stewe, e sente seu coração acelerar.

— Verifique sua arma — ordena Mira secamente.

Como se em um sonho em câmara lenta, Stewe saca sua pistola de serviço, tira o pente e verifica a munição.

— Por que nós...

— Nós vamos entrar lá! — diz Mira.

Stewe balança a cabeça e murmura:

— Ele está matando policiais como moscas...

— Agora!

— Eu vou ser pai e eu... Talvez pudesse...

— Vou entrar — diz Mira. — Use o carro como escudo. Vigie a porta. Mantenha contato de rádio o tempo todo e esteja pronto se ele aparecer!

Mira solta a trava de segurança de sua Glock e sai do carro sem olhar para Stewe. Corre até a porta mais próxima passando pela cerca quebrada, enfia a cabeça para dar uma espiada rápida. O policial do Grupo 5 espera por ela na escadaria. Mira respira fundo, sentindo o medo correr por seu corpo, depois passa pela porta estreita. Há um leve cheiro de lixo vindo da área de depósito no primeiro andar. Seu colega a olha nos olhos e acena para que o siga e proteja a linha à direita. Ele espera alguns segundos e faz o sinal de contagem regressiva: três, dois, um. Entra no Saluhall e passa pela porta correndo para então se agachar atrás do balcão em frente a ele. Mira o segue e se concentra em movimentos à direita. O parceiro cola no balcão, que tem peças de queijo do tamanho de pneus de carro. Está murmurando no rádio. O pequeno ponto de luz de sua mira dança no chão em frente a seus pés. Mira vai para a direita dele e olha ao redor. A luz cinzenta da manhã é filtrada pelo teto de vidro 20 metros acima de sua cabeça. Ela ergue a Glock. O espaço está cheio de superfícies reluzentes de aço inoxidável. Ela vê uma peça grande de carne-seca. Algo se move entre os reflexos. Ela intui uma figura esguia com asas brilhantes. Um anjo da morte, pensa ela na fração de segundo antes que o Saluhall escuro seja iluminado pelo fogo abafado de um fuzil automático com silenciador.

Stewe Billgren se agacha atrás do carro blindado. Sacou sua SIG Sauer e a apoiou no capô enquanto move os olhos de um lado para outro entre as duas entradas do Saluhall. Sirenes se aproximam vindo de todas as direções. Há um pequeno som de uma pistola atrás da parede. Stewe dá um pulo. Ele reza para ficar em segurança e deseja de todo coração que possa simplesmente fugir e deixar de ser policial.

quando tudo desmorona

Joona acorda em seu apartamento na Wallingatan. Abre os olhos e olha para fora na direção do céu claro de começo de verão através das cortinas abertas. Ele nunca as fecha, preferindo a luz natural.

É de manhã cedo.

No instante em que se vira para voltar a dormir, seu telefone toca.

Ele sabe o que está acontecendo antes de se sentar para atender. Escuta a voz arrebatada contar os últimos acontecimentos da operação enquanto ele abre o cofre e tira seu Smith & Wesson. O suspeito está no Östermalms Saluhall e a polícia acabou de invadir o mercado sem qualquer estratégia.

* * *

Já se passaram seis minutos desde que o alarme soou e o suspeito se retirou para a área central do prédio. O líder da operação está tentando se aproximar da área vizinha enquanto continua a proteger Penelope Fernandez.

Uma nova equipe da Swat avança pela entrada da Nybrogatan. Eles viram à esquerda passando pelo balcão de chocolates e entre as mesas do restaurante de peixes. As cadeiras ainda estão de cabeça para baixo sobre as superfícies de madeira. Um balcão refrigerado exhibe lagosta e pregado sobre gelo moído. Os passos dos policiais ecoam do piso quando avançam rapidamente. Eles se dispersam e buscam proteção atrás de colunas. Enquanto aguardam ordens, alguém pode ser ouvido gemendo profundamente na escuridão. Um colega parece gravemente ferido e deve estar caído em sua própria poça de sangue.

* * *

A luz do sol nascente se espalha pelas janelas de vidro empoeiradas no teto. O coração de Mira está acelerado. Dois tiros pesados acabaram de ser disparados,

seguidos de quatro tiros rápidos de pistola, depois mais dois tiros pesados. Um policial está em silêncio e o outro deve estar terrivelmente ferido. Grita que foi atingido no estômago e precisa de ajuda.

— Alguém consegue me ouvir? — suplica.

Mira vê um reflexo na janela. Uma figura se movendo atrás de um mostruário com faisões e renas pendurados. Ela sinaliza para o colega que há alguém bem na frente deles. Ele chama o chefe da operação para descobrir se há algum policial no corredor central. Mira seca o suor dos dedos e agarra novamente a arma. A figura obscurecida se move de modo muito estranho. Ela se aproxima curvada, apertando o lado do corpo contra um balcão de legumes. Sente cheiro de salsa e de terra, vindo das batatas. A Glock treme levemente em sua mão. Ela a baixa, respira fundo e se aproxima da quina do balcão. Seu colega acena para ela. Está preparando uma operação com três outros policiais que já entraram pela Nybrogatan. Está indo na direção do suspeito ao longo do balcão de carne de caça. De repente, um fuzil automático de alta velocidade dispara da direção do restaurante especializado em peixe. Mira ouve o som molhado e aspirado de uma bala atravessando o colete e a armadura corporal de carbeto de boro de um policial mais velho e penetrando seu corpo. A cápsula vazia do fuzil automático de alta velocidade cai no piso de pedra perto dela.

* * *

O matador de aluguel vê seu primeiro tiro entrar no peito do policial e sangue jorrar de entre as omoplatas. O homem está morto antes que seus joelhos dobrem. Enquanto escorrega de lado para o chão, puxa uma das mesas consigo. Um conjunto de saleiro e pimenteiro cai e as peças rolam sob uma cadeira.

O matador não para. Corre o mais rápido que pode na direção do centro do mercado e calcula a linha de fogo automaticamente. Um policial deve estar escondido atrás de uma parede de azulejos junto ao balcão de peixes. Outro se aproxima pelo corredor de carne de caça. O assassino de aluguel gira e dispara dois tiros rápidos enquanto segue para a cozinha do restaurante.

* * *

Mira ouve mais dois tiros. Seu jovem parceiro cai e jorra sangue do ferimento entre as omoplatas. Seu rifle automático bate no chão, e ele cai para trás com tanta força

que o capacete se solta e rola pelo piso. O cano de sua arma caída aponta para Mira. Ela se afasta rapidamente e engatinha pelo piso junto ao balcão de frutas. Então é o caos, com 24 policiais invadindo o Saluhall — seis por cada porta. Ela tenta falar ao rádio, mas não consegue contato com ninguém. Piscando, chocada, vê o matador a menos de 10 metros. Está indo na direção do restaurante de peixe. Mira segura a Glock com as mãos e dispara três tiros contra ele.

* * *

Uma bala atravessa o antebraço esquerdo do matador quando está passando pelas portas de vaivém da cozinha. Ele continua a avançar ao longo da grelha, batendo em painéis de aço penduradas, na direção de uma porta metálica estreita. O sangue quente escorre pelas costas de sua mão. Ele sabe que há algum ferimento sério, especialmente na parte de trás do braço. Afinal, foi munição de ponta oca. Mas ele também sabe que a artéria não foi atingida. Sem baixar os olhos para o ferimento, abre a porta do elevador do depósito, passa por ela e sai pela porta em frente. Ele se vê em um corredor estreito, e abre outra porta metálica cinza com um chute, seguindo na direção da luz da manhã. Oito carros estão estacionados em um pátio interno asfaltado. Ao redor dele se erguem as paredes altas e lisas do Saluhall, como a parte de trás de uma cortina de teatro amarela. Ele dobra os acessórios de sua arma e corre para um Volvo vermelho antigo sem ignição automática. Ele chuta a janela de trás do lado do motorista e enfia a mão para abrir a porta. O som de disparo de fuzil automático ainda ecoa dentro do Saluhall. Ele se senta ao volante, abre a coluna de direção e depois a tranca, expõe a ignição e, com a lâmina da faca, liga o carro.

Stewe Billgren acabou de ver 12 policiais fortemente armados se dividirem para entrar correndo no Saluhall por duas portas. Ele está paralisado, com a pistola apontada para a porta mais próxima desde que Mira entrou correndo com o Grupo 5 menos de dez minutos antes. Ela finalmente conseguiu apoio. Ele se levanta rigidamente, aliviado, e vai se sentar ao volante do Carro Alfa. Luzes azuis brilham sobre as paredes até Sturegatan. Um novo movimento no retrovisor o faz erguer os olhos. O capô de um Volvo vermelho surge em uma entrada do prédio ao lado do Saluhall. Avança lentamente pelo calçamento e vira à direita na Humlegårdsgatan, aproximando-se dele. A luz do início da manhã reflete nas janelas, e ele só tem uma vaga impressão do homem ao volante. Volta os olhos para a praça e vê um policial gritar no rádio com urgência. Stewe sente a ânsia de perguntar por Mira quando várias coisas se encaixam em sua cabeça. O homem no Volvo vermelho soltou o volante para mudar de posição. Seu paletó preto parecia brilhante, como se molhado. O coração de Stewe bate apressado. O braço esquerdo estava molhado. Ele não podia ver o rosto do motorista por causa dos reflexos, mas não havia reflexo na janela de trás porque não havia vidro. E a cintilação nas bordas era de vidro quebrado. O matador entrara no Volvo para fugir e seu braço esquerdo estava ensanguentado.

Stewe reage imediatamente. Ele passa um rádio para o líder da operação enquanto o Volvo vermelho sobe a Majorsgatan. Não obtém resposta. Liga o motor e engrena o carro sem pensar na própria segurança. No instante em que entra na Majorsgatan o Volvo acelera. O matador percebe imediatamente que Stewe está atrás dele. Os dois carros aceleram. Estão em uma rua estreita depois da igreja neogótica da Santíssima Trindade, se aproximando de uma cruzamento. Stewe está engrenando a quarta e se aproximando do Volvo. Planeja obrigar o motorista a parar ao fechá-lo. A fachada clara da igreja parece se aproximar rápido demais. O Volvo vira à direita na Linnégatan tão rápido que suas rodas sobem na calçada sob um toldo vermelho e atropelam mesas de um café. Pedacos de madeira e estilhaços de metal são lançados no ar. O para-lama esquerdo se solta e raspa no concreto, levantando fagulhas. Stewe derrapa na curva e ganha alguns segundos. Ele aumenta a marcha e se aproxima do Volvo enquanto descem a Linnégatan acelerando. O para-

lama do Volvo se solta e bate no para-brisa de Stewe. Ele se abaixa involuntariamente, desacelera um segundo, mas acelera novamente. Um táxi buzina para eles de uma rua lateral. Os dois passam para a pista oposta a fim de ultrapassar carros mais lentos. Quase não há tempo de ver o bloqueio ao redor da praça Östermalm. Curiosos começaram a aparecer.

A rua mais larga junto ao Museu Histórico Nacional permite que Stewe tente novamente falar com o líder da operação.

— Carro Alfa! — berra.

— Roger — diz uma voz.

— O suspeito está em um Volvo vermelho na Linnégatan seguindo na direção de Djurgarden — fala Stewe pelo rádio.

Ele solta o rádio, que quica no chão quando seu carro acerta uma barreira da madeira em frente a uma pilha de areia. A roda dianteira direita levanta do chão e ele derrapa para a esquerda, passando pelo buraco da qual o asfalto foi retirado. Pisa na embreagem e compensa a derrapada, desliza para a pista oposta e consegue o controle do carro novamente. Pisa no acelerador.

Ele está perseguindo o Volvo pelo boulevard Narvavägen de três pistas, que cruzou a Linnégatan. Um ônibus freia para não bater no Volvo. Derrapa para o cruzamento e a traseira escorrega, batendo em um poste. Outro carro desvia do ônibus e, descontrolado, bate em um abrigo no ponto de ônibus. Cacos de vidro chovem na calçada. Uma mulher se joga para longe do carro e cai. Os freios do ônibus continuam guinchando, os pneus batem na ilha e o teto derruba um grande galho de árvore.

Stewe continua a seguir o Volvo em alta velocidade, passando pela Sala de Concertos Berwald. Aproxima-se bem a tempo de ver o motorista tentando apontar uma pistola em sua direção. Pisa no freio no mesmo instante em que o tiro atravessa a janela perto de sua cabeça. O interior do carro de Stewe é tomado por estilhaços de vidro. O Volvo passa por cima de uma bicicleta estacionada com uma placa anunciando o Linda's Café. Há um barulho alto quando a bicicleta é jogada para cima, depois sobre o capô e o teto, subindo no ar. Aterrissa bem na frente de Stewe para ser esmagada sob suas rodas, e momentaneamente fica presa embaixo do carro.

Eles estão acelerando pela curva fechada para Strandvägen, por cima da ilha entre as árvores. Stewe pisa no acelerador na saída da curva e os pneus giram em falso. Estão correndo em meio ao tráfego da hora do rush, deixando para trás barulho de freadas e pequenas colisões. Viram à esquerda na Sala de Concertos Berwald, passando por cima do canteiro gramado e entrando na estrada Dag Hammarskjölds.

Stewe saca a pistola e a coloca ao lado do corpo. Raciocina que alcançará o outro carro na Djurgårdsbrunnsvägen. Nesse ponto ele tentará jogá-lo para fora, e será o momento de acertar o homem. Estão passando pela embaixada norte-

americana, escondida sob uma grade cinzenta alta, a quase 130 quilômetros por hora. O Volvo, queimando pneus, sai da rua e entra à esquerda logo depois da embaixada norueguesa. Sobe na calçada e passa por entre as árvores. Stewe reage um pouco tarde demais e é forçado a uma curva aberta, em frente a um ônibus, sobre a calçada e no gramado, passando sobre arbustos baixos. Seus pneus batem no meio-fio no Instituto Italiano de Cultura. Ele cruza a calçada e derrapa para a esquerda da Gärdesgatan, onde imediatamente vê o Volvo.

Está parado no centro do cruzamento Skarpögatan.

Stewe acredita ter um vislumbre do motorista pelo vidro de trás. Apanha a pistola no assento e solta a trava. Dirige lentamente até o Volvo. Luzes azuis piscam em todos os carros de polícia vindo da Nalhallavägen além do prédio do canal público de TV, Sveriges. O motorista do Volvo salta rapidamente do seu veículo e se torna apenas uma figura de preto correndo pela rua entre as duas grandiosas embaixadas da Alemanha e do Japão. Stewe está quase fora do carro quando o Volvo explode em uma bola de fogo. A onda de choque atinge seu rosto e a explosão o deixa surdo. Ele agora escuta como se bolas de algodão tivessem sido enfiadas em suas orelhas, mas dirige na direção do silêncio inacreditável, até a calçada, até mesmo além da carcaça fumegante, mas já não consegue ver o suspeito. Não há outro lugar para onde ir. Ele acelera, atravessa uma grade alta, para no final da rua sem saída, sai do carro e corre de volta com a pistola.

O homem sumiu. O mundo está inacreditavelmente silencioso, a não ser por um assovio agudo, como se um vento forte soprasse. Stewe examina a rua rapidamente de cima a baixo. Os prédios da embaixada ficam atrás de cabos de aço cinzentos. Não há qualquer lugar para onde o homem pudesse ir a não ser para dentro de um dos prédios, usando um código ou mesmo escalando uma das grades altas.

Pessoas saem de seus prédios para ver o que causou a explosão. Stewe olha ao redor, dá alguns passos, depois se vira rapidamente de novo. Dessa vez ele vê o suspeito imediatamente, no terreno da embaixada alemã. Ele caminha descontraidamente, de forma objetiva, para a entrada principal. A porta se abre e o homem entra. Stewe Billgren abaixa o braço e tenta se acalmar de uma sensação de absoluta frustração. Tenta controlar a respiração. A embaixada alemã é um pedaço de terra considerado diplomaticamente parte da própria Alemanha. Ele não pode entrar sem um convite expresso. A jurisdição sueca termina no portão.

a embaixada alemã

Um policial uniformizado está postado 10 metros à frente da barreira na Sturegatan com Humlegårdsgatan quando Joona Linna se aproxima. O policial tenta afastá-lo, mas Joona o ignora e estaciona no acostamento. Mostra sua identificação, passa sob a fita plástica de isolamento e então começa a correr na direção do Saluhall.

Ele recebeu a chamada apenas 18 minutos antes, mas o tiroteio acabou e as ambulâncias começaram a chegar.

A líder da operação, Jenny Göransson, está recebendo um relatório detalhado da perseguição policial ao suspeito, que terminou na região que concentra diversas embaixadas, e por isso chamada Cidade Diplomática. Aparentemente o suspeito entrou na embaixada alemã. Saga Bauer está conversando com uma colega do lado de fora do Saluhall. A policial está enrolada em um cobertor. Saga percebe o olhar de Joona e o chama com um aceno. Ele caminha até as mulheres e cumprimenta com um gesto de cabeça.

— Tinha certeza de que chegaria aqui antes de você — diz Joona.

— Lento demais, Joona, você é lento demais.

— Sim, sou — responde, sorrindo.

A policial no cobertor olha para Joona e diz olá.

— Esta é Mira Carlsson, da Span — diz Saga. — Foi uma das primeiras a entrar no Saluhall e acha que acertou nosso matador.

— Mas não viu o rosto dele — afirma Joona.

— Não, não vi — confirma Mira.

Joona olha para a entrada do Saluhall, depois se vira para Saga.

— Eles me garantiram que todos os prédios próximos estavam seguros — murmura, amargo.

— Eles supuseram que os edifícios estavam longe demais...

— Supuseram errado — diz Joona.

— Sim — concorda Saga, apontando para o prédio — Ele estava atrás da grade nesta entrada e conseguiu disparar um tiro na janela de Penelope.

— Foi o que ouvi. Ela teve sorte — diz Joona com suavidade.

Barreiras tinham sido erguidas na região em torno do Östermalms Saluhall, e pequenos sinais numerados marcavam as primeiras descobertas: uma pegada de

sapato e uma cápsula vazia de um projétil de precisão encamisado de fabricação norte-americana.

Além das portas abertas Joona podia ver tomates espalhados pelo chão e um pente de aparência gasta de um AK-5 sueco.

Saga continua:

— Stewe Billgren, nosso colega da Span, seguiu o suspeito até a Cidade Diplomática e relata que ele entrou andando na embaixada alemã pela porta da frente.

— Alguma possibilidade de que esteja equivocado?

— Talvez... Entramos em contato com a embaixada e... Espere — diz, lendo o seu bloco. — Eles dizem não ter “registrado nenhuma atividade incomum no terreno da embaixada”.

— Você falou pessoalmente com Billgren?

— Sim — afirma Saga, olhando séria para Joona. — Sua audição foi afetada quando o suspeito explodiu o carro roubado. Ele mal consegue ouvir. Contudo, está absolutamente certo do que viu. Ele viu claramente o suspeito entrar na embaixada alemã.

— E talvez tenha atravessado e saído pelo outro lado.

— Bem, nosso pessoal está cercando o lugar agora, e temos um helicóptero no ar. Só precisamos de autorização para entrar no prédio.

Joona dá uma olhada rápida no Saluhall.

— Isso pode demorar um pouco — diz, pegando o celular e falando quase para si mesmo. — Vou bater um papo com Klara Olofsdotter.

Klara Olofsdotter, a promotora principal da Promotoria Internacional, atende o telefone no segundo toque.

— Sei que é você, Joona — diz ela sem cumprimentos. — E sei o que está acontecendo.

— Então também sabe que temos de entrar na embaixada.

— Isso não é tão fácil. Essa sempre é uma área sensível da porra, com o perdão de minha linguagem. Falei pelo telefone com a secretária do embaixador — explica Klara Olofsdotter. — Ela insiste que tudo está absolutamente normal na embaixada.

— Sabemos que o suspeito está lá dentro — informa Joona.

— Como ele poderia ter entrado?

— Poderia ser um cidadão alemão cobrando seu direito à ajuda da embaixada. Eles simplesmente abriram. Ele também pode ser um funcionário sueco de meio-expediente, ter o código ou... Algum tipo de status diplomático. Talvez tenha imunidade ou esteja sendo protegido por alguém. Simplesmente não sabemos. Pode até mesmo ser parente próximo do adido de defesa ou do próprio embaixador Joachim Rücker.

— Mas você nem sequer sabe como ele é — diz ela. — Como poderemos identificá-lo caso nos deixem entrar?

— Levarei uma testemunha — diz Joona.

Há um momento de silêncio. Joona pode ouvir Klara Olofsdotter respirando do outro lado.

— Certo. Então vou descobrir um modo de colocá-los lá dentro — diz ela finalmente.

Joona Linna e Saga Bauer estão no apartamento protegido de Penelope. Não há luzes acesas. O sol matinal brilha através da janela quebrada. Penelope Fernandez está sentada no chão com as costas apoiadas na parede mais interna e aponta para a janela.

— Sim, foi por ali que a bala entrou — corrobora Saga.

— A luminária salvou a minha vida — diz Penelope, baixando a mão.

Eles estão olhando para os restos da luminária da janela, o fio pendurado e o soquete plástico quebrado.

— Eu a apaguei para ver um pouco melhor do lado de fora. Estava acontecendo alguma coisa na praça — informa Penelope. — A lâmpada então começou a balançar e ele achou que era eu, certo? Ele pensou que era eu me movendo e que o calor era do meu corpo.

Joona se vira para Saga.

— Ele tinha uma mira eletro-óptica?

Saga balança a cabeça e diz:

— Segundo Jenny Göransson, tinha.

— O que é isso? — pergunta Penelope.

— Ela procura o calor; e você está certa, a luminária salvou sua vida — responde Joona.

— Meu Deus do céu — sussurra Penelope.

Joona olha para ela calmamente e seus olhos cinzentos cintilam.

— Penelope — começa ele. — Você viu o rosto dele, certo? Não desta vez, mas antes. Você disse que não, mas... Agora eu quero que balance afirmativamente a cabeça se acredita que pode descrevê-lo.

Penelope seca as bochechas rapidamente e ergue os olhos para o detetive alto. Ela balança a cabeça negativamente.

— Nenhuma descrição? — pergunta Saga com gentileza.

Penelope escuta a voz do detetive com seu leve sotaque finlandês, e se pergunta como ele pode estar tão certo de que ela viu o rosto do homem. Ela o viu, mas não está certa de que possa descrevê-lo. Tudo aconteceu rápido demais. Só teve um vislumbre dele. Chovia no rosto dele. Foi poucos segundos após ter matado

Björn e Ossian.

Ela gostaria de conseguir apagar cada lembrança.

Mas o rosto cansado, quase preocupado do homem é iluminado repetidamente pelos clarões brancos dos raios.

Saga Bauer vai até Joona, que está perto da janela, lendo uma longa mensagem de texto que acabou de receber.

— Klara Olofsdotter falou com o presidente do tribunal, que por sua vez falou com o embaixador alemão — diz Joona. — Três pessoas serão autorizadas a passar uma hora na embaixada. Essa hora começará em 45 minutos.

— Melhor irmos logo para lá — diz Saga.

— Não há razão para correr — explica Joona, olhando relaxadamente para a praça.

Jornalistas circulam ao redor das barricadas que protegem o Saluhall.

— Você disse à promotora que temos de entrar armados? — pergunta Saga.

— Temos de coordenar tudo com a segurança alemã — responde Joona.

— Quem vai entrar?

Joona se vira para ela.

— Talvez... Quem o rastreou?

— Stewe Billgren — responde Joona. — Ele consegue identificá-lo?

— Stewe não viu o rosto dele. Ninguém viu o rosto dele — retruca Saga. Ela volta e se senta novamente ao lado de Penelope.

Elas ficam sentadas por um bom tempo, apoiadas na parede. Saga acalma sua respiração e fala devagar ao fazer a primeira pergunta.

— O que ele quer de você? O cara que está atrás de você... Você sabe por que tudo isso está acontecendo?

— Não — diz Penelope lentamente.

— Ele está atrás da fotografia que você prendeu com fita na sua porta — diz Joona, de costas para Penelope.

Penelope baixa a cabeça e assente.

— Sabe por que ele quer essa fotografia? — pergunta Saga.

— Não — responde Penelope, e começa a chorar baixo.

Saga espera mais um momento e então diz:

— Björn tentou chantagear Palmcrona...

— Eu não sabia nada sobre isso — interrompe Penelope. — Não concordei com nada disso.

— Nós sabemos — diz Joona.

Saga segura gentilmente a mão de Penelope.

— Foi você quem tirou aquela foto? — pergunta ela.

— Eu? Não, não eu... A fotografia chegou à Sociedade Sueca... Vocês sabem,

sou a diretora e...

Penelope fica em silêncio.

— Ela chegou pelo correio? — pergunta Joona.

— Sim.

— Quem foi o remetente?

— Não sei — responde ela rapidamente.

— Havia uma carta com ela? — pergunta Joona.

— Não, não que eu saiba.

— Apenas um envelope com uma fotografia.

Ela confirma com um gesto de cabeça.

— Você ainda tem o envelope?

— Não.

— Como estava endereçado?

— Apenas em meu nome e no da Sociedade Sueca... Bem, não a caixa postal, apenas meu nome.

— Então estava endereçado a Penelope Fernandez, aos cuidados da Sociedade Sueca de Paz e Reconciliação — diz Saga.

— Então você abriu o envelope e olhou a fotografia — diz Joona. — O que pensou na hora? O que a fotografia significou para você?

— Significou para mim?

— O que você viu quando olhou para ela? Reconheceu as pessoas envolvidas?

— Sim... Três delas, mas...

Ela fica em silêncio.

— Diga o que passou pela sua cabeça quando olhou a foto pela primeira vez.

— Alguém tinha me visto na televisão — diz, e organiza os pensamentos por um segundo antes de continuar. — Pensei que aquela fotografia era típica. Palmcrona deveria ser neutro, mas lá está ele, vai à ópera, senta e bebe champanhe com o diretor da Silencia Defense e um negociante de armas que vende armamento por toda a África e todo o Oriente Médio. É um escândalo.

— O que você planejava fazer com a fotografia?

— Nada — responde. — Não havia nada que eu pudesse fazer. Era só uma fotografia, mas, ao mesmo tempo, me lembro de ter pensado: pelo menos agora sei de que lado ele está.

— Entendo.

— Isso me lembrou dos idiotas do Departamento de Imigração. Eles simplesmente deportaram uma família desamparada buscando asilo. Sim, eles celebraram com champanhe e trocaram tapinhas nas costas por botar para fora pessoas que buscavam refúgio na Suécia, uma família com uma criança doente...

Penelope fica novamente em silêncio.

— Você sabe quem é a quarta pessoa? A mulher na fotografia?

Penelope balança a cabeça negativamente.

— É Agathe al-Haji — diz Saga.

— Sério? — pergunta Penelope com uma careta.

— Sim.

— Por que ela...

Penelope fica em silêncio e seus olhos escuros encaram Saga.

— Sabe quando a fotografia foi tirada? — pergunta Saga.

— Não, mas, claro, a ordem de prisão contra Al-Bashir foi expedida em março de 2009 e... — diz Penelope, antes de parar de repente e seu rosto ficar rubro.

— O que é? — pergunta saga.

— A fotografia foi tirada depois disso — afirma Penelope, a voz trêmula. — Certo? A fotografia foi tirada depois do mandado de prisão.

— O que a leva a dizer isso? — pergunta Saga.

— É o que a torna tão importante... — Penelope pensa, e a cor desaparece de seu rosto. — É o negócio com o Quênia — diz, os lábios tremendo. — A foto diz respeito a isso, não é? É o contrato do Quênia, e Palmcrona acabou de concordar com ele. A venda de munição para o Quênia... eu sempre soube que havia algo errado ali.

— Prossiga — diz Joona.

— O Quênia tem negócios com a Grã-Bretanha. A munição é entregue no Quênia, certo, mas acaba no Sudão e em Darfur!

— Sim — diz Saga. — É o que acreditamos que está acontecendo.

— Mas isso é proibido! Isso é terrível... É traição, é contra a lei internacional... Além disso, é um crime contra a humanidade... — Penelope pensa um momento, o rosto enterrado nas mãos. — Então é por isso que tudo aconteceu — diz em voz baixa. — Não por causa da tentativa de chantagem de Björn.

— Isso foi o catalisador. Alertou essas pessoas para o fato de que a fotografia existia.

— Eu presumi que a fotografia pudesse ser constrangedora — diz Penelope. — Constrangedora, sim, mas não muito mais do que isso.

— Quando Palmcrona ligou para eles falando sobre a tentativa de chantagem, ficaram em alerta — explica Saga. — Até então eles não sabiam nada sobre qualquer fotografia. Então ficaram preocupados. Não sabiam se ela revelava muito ou pouco. Só sabiam que não era bom. Não temos noção exatamente de como eles raciocinaram... Talvez que você ou Björn fossem o fotógrafo.

— Mas...

— Eles não tinham como saber quanto vocês podiam provar. Mas não queriam correr riscos.

— Entendo — diz Penelope. — E a situação continua a mesma, não é?

— Sim.

Penelope balança a cabeça.

— Eles acham que eu posso ser a única testemunha do negócio — reflete ela.

— Eles investiram muito dinheiro — explica Saga.

— Eles não podem se livrar dessa — diz Penelope suavemente.

— O que você disse?

Penelope olha diretamente nos olhos de Saga e diz claramente:

— Eles não podem desviar munição para Darfur, simplesmente não podem fazer isso! Eu vi o que acontece! Eu estive lá duas vezes...

— Eles não ligam. É só uma questão de dinheiro — diz Saga.

— Não é! Diz respeito a... Diz respeito a... Muito mais — diz Penelope, e vira o rosto para a parede. — Diz respeito a...

Ela fica em silêncio relembrando o barulho quando uma figura de argila é quebrada sob o casco de uma cabra. Uma mulher pequena feita de argila secada ao sol transformada em pó. Uma criança pequena rindo e gritando: “Foi a mãe feia de Nufi! Todos os fur vão morrer! Todos vão morrer!” E todas as crianças sorrindo e cantando juntas.

— O que está tentando dizer? — pergunta Saga.

Penelope olha para ela, nos olhos dela, mas não responde. Sua cabeça está de novo em Darfur.

* * *

Após uma longa e quente viagem de carro, ela chegou ao campo de refugiados de Kubbum, sudoeste de Nyala, em Janub Darfur, Sudão Ocidental. Mal chegou e ela, Jane e Grey começam a trabalhar tentando salvar as vidas das pessoas apanhadas nos ataques dos janjaweed.

Durante a noite Penelope havia acordado ao ouvir três adolescentes gritando em árabe que iriam matar escravos. Eles pertenciam à milícia. Andavam pelo meio da rua e um deles tinha uma arma. Penelope espiara pela janela. Eles estavam se gabando de terem encontrado um velho vendedor de batata-doce e atirado em sua cabeça à queima-roupa.

Os garotos continuaram a andar pela rua gritando, e então apontaram para a casa onde Penelope e Jane estavam. Penelope prendeu a respiração. Ouviu os pés deles pisando duro na varanda, e suas vozes exaltadas.

De repente eles chutaram a porta do alojamento e seguiram pelo corredor. Penelope se jogou embaixo da cama para se esconder. Totalmente imóvel, ela

recitara o pai-nosso em silêncio. Móveis foram derrubados e pisoteados. Depois ela ouviu os garotos voltando para a rua. Um deles ria e gritava que os escravos iam morrer. Penelope se esgueirou até a janela novamente. Os garotos seguravam Jane pelos cabelos, a arrastavam, e então a jogaram no meio da rua. A porta para o outro alojamento do outro lado da rua se abriu e Grey saiu brandindo um facão. O garoto magro foi até ele, embora Grey fosse quase 60 centímetros mais alto e muito mais musculoso.

— O que você quer aqui? — cobrou Grey.

Seu rosto sério estava coberto de suor.

O garoto magro não disse nada, simplesmente ergueu a pistola e atirou na barriga de Grey. O barulho ecoou entre os prédios. Grey tropeçou e caiu para trás. Ele tentou se levantar, mas ficou imóvel com a mão apertando a barriga.

— Um fur morto! — gritou um dos outros garotos alegremente. Ainda segurava Jane pelos cabelos.

O segundo garoto abriu as pernas de Jane à força. Ela lutou, mas continuou falando com eles com uma voz calma e dura. Grey gritou algo para os garotos. O garoto magro foi até ele, gritou algo para Grey, apertou a arma na têmpora dele e disparou. Ela fez clique, e ele tentou mais seis vezes. A pistola estava vazia. O grupo de garotos de repente começou a parecer em dúvida. Outras portas em outros alojamentos se abriram e mulheres africanas começaram a sair. Os adolescentes soltaram Jane e começaram a se afastar, apressados. Penelope viu cinco mulheres correndo atrás deles. Penelope pegou seu cobertor na cama, destrancou a porta e correu para a rua. Foi até Jane para enrolar o cobertor nela e ajudá-la a se levantar.

— Voltem para dentro, todos vocês! — gritou Jane. — Eles podem voltar com mais munição! Vocês não devem estar do lado de fora caso voltem!

Jane passou toda aquela noite e a manhã seguinte trabalhando de pé na mesa de operação. Apenas às 10 horas da manhã conseguiu ir para cama convencida de que a vida de Grey estava salva. Naquela noite trabalhou o turno habitual, e no dia seguinte a rotina na barraca do hospital voltara ao normal. Os garotos pequenos a ajudaram, mas estavam mais reservados, e às vezes fingiam não ouvi-la quando achavam que estava exigindo demais.

* * *

— Não — sussurra Penelope.

— O que você disse? — pergunta Saga.

Penelope acha que não se pode permitir que essas pessoas exportem munição para o Sudão.

— Eles não podem se safar dessa — diz, depois ficando em silêncio.
— Você estava mais segura no quarto subterrâneo — diz Saga.
— Segura? Ninguém pode me manter em segurança — retruca Penelope.
— Sabemos onde ele está. Está dentro da embaixada alemã, e cercamos o prédio...

— Mas ainda não o pegaram — diz Penelope em voz mais alta.
— Ele provavelmente está ferido. Atingido no braço. Vamos entrar e...
— Quero ir com vocês — diz Penelope.
— Como?
— Por que eu *vi* o rosto dele — explica ela.
Saga e Joona ficam chocados, e Penelope olha diretamente para Joona.
— Você estava certo — diz. — Eu vi o rosto dele.
— Não temos muito tempo. Talvez você possa nos dar um esboço do suspeito — pede Saga, ansiosa.
— Isso não será suficiente — diz Joona. — Não podemos entrar em uma embaixada tendo apenas um esboço.
— Mas e com uma testemunha viva que pode identificá-lo? — pergunta Penelope, se levantando para encarar Joona.

Penelope fica de pé entre Saga Bauer e Joona Linna atrás de um ônibus blindado da polícia estacionado na Skarpögatan ao lado da embaixada japonesa. São menos de 50 metros de distância da embaixada alemã. Ela sente o peso do colete à prova de balas em seus ombros e apertando seu peito.

Eles têm de esperar cinco minutos. Então três pessoas são admitidas na embaixada alemã em uma tentativa de identificar e prender um suspeito.

Silenciosamente Penelope aceita a pistola extra que Joona coloca no coldre às suas costas. Ele ajusta o ângulo de modo que, caso necessário, possa ser sacada rapidamente.

— Ela não quer isso — protesta Saga em voz baixa.

— Não tem problema — diz Penelope.

— Não sabemos o que acontecerá — diz Joona. — Espero que tudo dê certo, mas caso contrário essa pequena ajuda pode fazer diferença.

Policiais suecos, agentes do Säpo, equipes da Swat e ambulâncias estão por toda parte.

Joona Linna olha para o que resta do Volvo queimado. Apenas o chassi calcinado está inteiro. Há partes do carro espalhadas por todo o cruzamento da rua. Erixson já encontrou um detonador e traços de explosivos.

— Provavelmente hexógeno — diz Erixson, empurrando os óculos para o alto do nariz.

— Uma bomba — diz Joona, conferindo o relógio.

Um pastor-alemão está farejando entre as pernas de um policial, depois deita na calçada e ofega com a língua para fora.

Uma equipe da Swat escolta Saga, Penelope e Joona até o portão, onde quatro militares alemães sem expressão aguardam.

— Tente não se preocupar — diz Saga a Penelope. — Você só precisa identificá-lo. Os seguranças da embaixada não o prenderão até você estar fora do prédio.

Um policial de aparência forte e boa constituição, com sardas no nariz, abre o portão e os admite na propriedade da embaixada. Ele os cumprimenta amistosamente e se apresenta como Karl Mann, chefe de segurança.

Eles o acompanham até a entrada principal.

O ar da manhã ainda é frio.

— Espero que tenham sido bem informados. Esse homem é um assassino extremamente perigoso — diz Joona.

— Entendemos. Fomos bem informados — retruca Karl Mann. — Contudo, não vi ninguém a não ser empregados da embaixada e outros cidadãos alemães aqui a manhã toda.

— Podemos ter uma lista? — pede Saga imediatamente.

— Direi apenas que revisamos as fitas de nossas câmeras de segurança — Karl Mann diz a eles. — Achemos que seu policial se equivocou. Talvez esse fugitivo tenha escalado a grade, mas em vez de entrar no prédio provavelmente o contornou e seguiu em frente.

— Uma possibilidade — diz Joona calmamente.

— Quantas pessoas estão aqui na embaixada neste momento? — pergunta Saga.

— Estamos funcionando, e há quatro horários marcados.

— Quatro pessoas?

— Sim.

— E quantos empregados?

— Onze.

— E quantos seguranças?

— Cinco no momento.

— Mais ninguém?

— Não.

— Nada de carpinteiros, pedreiros, ou...

— Não.

— Então são vinte pessoas no total — reflete Saga.

— Gostaria de olhar você mesma? — pergunta Karl Mann em voz baixa.

— Preferiríamos ter alguém conosco — retruca Saga.

— Quantos? — pergunta Karl Mann.

— O maior número de pessoas possível, e com o armamento mais pesado possível — responde Joona.

— Então realmente acreditam que ele é muito perigoso — diz Karl Mann, sorrindo. — Posso colocar dois homens à sua disposição além de mim mesmo.

— Não sabemos o que esperar, mas...

— Vocês disseram que ele foi baleado no braço — aponta Karl Mann. — Devo dizer que não estou exatamente com medo.

— E é possível que ele nunca tenha entrado. Ou talvez já tenha partido — Joona diz em voz baixa. — Mas, se ele *estiver* aqui, poderemos perder algumas

peessoas.

Silenciosamente, Joona, Penelope e Saga, acompanhados pelos três policiais com rifles automáticos e bombas de efeito moral, começam a percorrer os corredores do andar principal. Foram feitas reformas em todo o prédio nos anos anteriores, quando os negócios da embaixada foram transferidos para Artillerigatan. Contudo, a despeito do fato de que os últimos arranjos estavam sendo concluídos, o pessoal da embaixada fora trazido de volta. Ainda cheirava a tinta e madeira recém-serrada. Alguns dos pisos continuavam cobertos com papel de proteção.

— Gostaríamos de ver os visitantes primeiro — diz Joona. — Não os empregados em tempo integral.

— Já esperava isso — diz Karl Mann.

Penelope se sente estranhamente calma enquanto caminha entre Saga Bauer e Joona Linna. De alguma forma não acredita que irá encontrar seu perseguidor ali. O lugar parece normal e pacífico.

Então ela percebe a cautela de Joona, como seus movimentos ao seu lado mudam.

Um alarme começa a tocar. Todos ficam imóveis. Karl Mann levanta seu rádio e fala brevemente em alemão.

— O alarme de uma porta está tocando — explica a eles em sueco. — A porta está trancada, mas o alarme é tão sensível que age como se a porta tivesse ficado aberta alguns segundos.

Eles continuam andando juntos pelo corredor e Penelope Fernandez está consciente do peso da arma às suas costas.

— Eis o escritório de Martin Schenkel, nosso adido comercial — aponta Karl Mann. — Ele tem um visitante, Roland Lindkvist.

— Gostaríamos de vê-los — diz Joona.

— Martin pediu que ninguém o perturbasse até depois do almoço.

Joona não diz nada.

Saga agarra o braço de Penelope e elas param enquanto os outros avançam para a porta fechada.

— Espere um momento, por favor — diz Karl Mann a Joona enquanto bate.

Ele recebe uma resposta abafada, espera um momento, e então recebe permissão para entrar. Ele o faz e fecha a porta atrás de si.

Joona olha para uma sala com uma porta coberta por plástico industrial cinza. Uma pilha de placas de gesso está estocada ali. O plástico infla um pouco como uma vela enquanto sons saem da porta fechada do escritório do adido comercial. Há vozes e um baque surdo. Os pensamentos de Penelope recuam no tempo para as notícias sobre quando este prédio da embaixada foi ocupado pelo Kommando Holger Meins, na primavera de 1975. Ela lembra a exigência de que Andreas Baader, Ulrike

Meinhof, Gudrun Ensslin e outros 35 prisioneiros da Facção do Exército Vermelho fossem libertados da prisão na Alemanha Ocidental. Foi por aqueles mesmos corredores que eles correram e onde gritaram uns com os outros, arrastando o embaixador Dietrich Stoecker pelos cabelos e empurrando o corpo ensanguentado de Heinz Hillegaart escada abaixo. Ela não se lembrava do que tinham dito ou como haviam sido as negociações, mas depois o chanceler alemão Helmut Schmidt dissera ao primeiro-ministro Olof Palme para não negociar com os terroristas, e então dois dos reféns foram mortos. Karl-Heinz Dellwo gritara que mataria uma pessoa a cada hora até que suas exigências fossem atendidas.

Agora Penelope observa Joona Linna ir até a porta. Os outros dois homens estão de pé, imóveis. Joona saca sua arma, solta a trava e então bate na porta.

Um cheiro se espalha pelo corredor, como se alguém tivesse deixado comida queimando no fogão.

Joona bate novamente, escuta e ouve uma voz monótona como se alguém estivesse repetindo a mesma frase o tempo todo. Ele espera alguns instantes, esconde a pistola às costas e então baixa a maçaneta da porta.

Karl Mann está em pé bem embaixo da luminária do teto com seu fuzil automático baixado ao lado da perna. Ele olha para Joona e então novamente para o homem sentado em uma poltrona no fundo da sala.

— Herr Schenkel, este é o inspetor sueco — informa ele suavemente.

Livros e pastas estão espalhados pelo chão como se alguém os tivesse varrido da mesa em um acesso de raiva. O adido comercial alemão, Martin Schenkel, está sentado em silêncio em uma poltrona assistindo à televisão. Uma transmissão ao vivo de uma partida de futebol em Pequim. O jogo é entre o DFB-Elf da Alemanha e a seleção chinesa.

— Roland Lindkvist não estava aqui há um minuto? — pergunta Joona objetivamente.

— Ele saiu — responde Martin Schenkel sem desviar os olhos da televisão.

Joona e Karl Mann retornam ao corredor. Karl Mann está incomodado, e também inquieto. Ele rosna ordens para seus homens com uma voz dura. Uma mulher usando um vestido de tricô verde-claro se afasta rapidamente pelo corredor sobre o papel de proteção.

— Quem é essa? — pergunta Joona.

— A secretária do embaixador — responde Karl Mann.

— Gostaríamos de falar com ela e...

De repente um alarme soa. Acima do barulho, uma voz calma gravada avisa que não é um treinamento: eles não devem usar os elevadores e é preciso sair do prédio imediatamente.

Karl Mann dá ordens rápidas no seu rádio enquanto corre na direção das escadas.

— O andar de cima está pegando fogo — diz secamente.

— Quão extenso é o incêndio? — pergunta Joona, acompanhando Karl.

— Não sabemos, mas estamos evacuando a embaixada e normalmente há 11 pessoas trabalhando lá em cima.

Karl Mann pega um extintor de incêndio em um armário vermelho e tira a trava de segurança.

— Vou levar Penelope para fora — grita Saga.

— Foi ele quem fez — diz Penelope. — Vai tentar escapar quando todos estiverem combatendo o incêndio.

Joona segue os três militares escada acima. Seus passos ecoam entre as frias paredes de concreto, embora eles tentem correr o mais silenciosamente possível. Chegam ao corredor do terceiro andar, onde há um forte cheiro de fumaça e até mesmo nuvens cinza correndo pelo teto.

Eles se revezam abrindo portas, mas não acham nada nas salas.

— Parece haver fumaça saindo do salão Schiller — diz Karl Mann, apontando enquanto fala.

No final do corredor, há fumaça escapando por baixo das portas duplas. Escorre como água se movendo na direção errada, subindo as portas e as paredes para se espalhar pelo teto.

Uma mulher grita em algum lugar e há um baque no prédio, como se um trovão retumbasse do lado de dentro das paredes. Um barulho agudo estala atrás das portas, como se uma grande folha de vidro tivesse se quebrado com o calor.

— Temos de tirar as pessoas — diz Joona. — Há...

Karl Mann gesticula para que Joona fique quieto enquanto escuta seu rádio. Baixa o extintor enquanto responde em alemão. Depois se vira para o grupo.

— Escutem! — diz com voz firme. — Nossas câmeras de segurança localizaram um homem vestido de preto no banheiro masculino. Tem uma pistola na pia.

— É esse o cara — diz Joona.

Karl Mann fala novamente com a segurança em voz baixa, pedindo a

localização exata dele no banheiro.

— Ele está dois metros à direita da porta — explica Karl Mann. — Está sangrando muito no ombro e sentado no chão... Mas a janela está aberta, e é possível que queira sair por ela.

Eles seguem rapidamente sobre o papel marrom do piso, passando por uma escada de pintor montada, e se agrupam atrás de Karl Mann. Está mais quente ali, e a fumaça se desloca perto do teto como uma bola de argila escura. Tudo estala e range, e o piso parece tremer sob seus pés.

— Que tipo de arma ele tem? — pergunta Joona.

— Eles só conseguem ver a pistola na pia. Nada mais...

— Pergunte sobre uma mochila — corta Joona. — Ele sempre carrega uma...

— Estou fazendo isso — sibila Karl Mann.

Karl Mann gesticula para um de seus homens. Todos baixam os olhos rapidamente, conferindo seus fuzis automáticos, e o seguem para a área do vestiário. Joona reprime um alerta enquanto eles entram. Ele teme que o ataque padrão deles não seja suficiente contra aquele assassino. Eles são como moscas atraídas para uma aranha. Um a um, ficarão presos na teia.

Joona sente os olhos arderem por causa da fumaça.

Uma aranha faz a teia de dois tipos de fios, pensa ele. Os viscosos, para apanhar a presa, e as tramas que ela faz para si mesma.

Ela conhece o padrão, portanto pode passar por cima da própria armadilha sem ficar presa.

Joona se junta aos policiais militares, que já se abrigaram do lado de fora da porta do banheiro. Um deles, com cabelos louros saindo por debaixo do capacete, tira o pino de segurança de uma bomba de efeito moral. Ele abre a porta ligeiramente para lançar a granada pelo piso ladrilhado, e a fecha rapidamente. Uma explosão surda é ouvida, e os outros homens abrem a porta com armas em punho. Karl Mann gesticula pedindo pressa. Sem hesitar um momento, o policial louro entra com o fuzil automático erguido e a coronha apoiada no ombro. O coração de Joona acelera de preocupação. Ele então ouve o grito assustado do policial louro, quase infantil em seu pânico. Apenas um segundo depois há uma enorme explosão. Os corpos dos homens são arremessados para trás pela porta, com fumaça e fragmentos voando ao redor deles. A porta é arrancada de suas dobradiças. Um policial solta sua arma e escorrega, caindo sobre um joelho. A onda de choque empurra Joona para trás. O policial louro está caído de costas no chão. A boca está aberta e o sangue começa a surgir entre seus dentes. Está inconsciente. Um fragmento se projeta de sua coxa. Sangue vermelho-brilhante cai em grandes gotas. Joona avança rapidamente, puxa o policial e vira seu rosto. Faz um torniquete de emergência com o cinto do homem e uma manga rasgada. Ignora o calor do sangue em suas mãos.

Um dos homens está chorando com um som assustado e trêmulo.

Civis estão sendo conduzidos para fora. Dois policiais ajudam um homem de cabelos grisalhos a cruzar o corredor. O rosto do homem está coberto de fuligem e ele mal consegue andar. Uma mulher amarrou o suéter sobre a boca e está descendo o corredor apressada, olhos arregalados.

Apontando sua pistola, Karl Mann entra no banheiro, pisando em cacos do espelho. Encontra o matador caído no chão. O homem ainda está vivo. Suas pernas têm espasmos e os braços se sacodem ferozmente. O queixo e a maior parte do rosto foram arrancados. Karl Mann analisa a cena e imagina o que deve ter acontecido. Ele acha que o homem pretendia criar uma armadilha usando a própria granada, mas fora ferido pela bomba de efeito moral. E acabara soltando a dele.

— Vamos evacuar todos os outros — diz Karl Mann, e sai do banheiro.

Joona limpa o sangue de suas mãos. Liga para o centro de operações e os orienta a enviar ajuda médica para o banheiro. Enquanto fala, vê Penelope vindo da escadaria na sua direção, com Saga logo atrás. Os olhos de Penelope estão envoltos em manchas negras. Saga murmura palavras de consolo e tenta levá-la para fora, mas Penelope se liberta.

— Onde ele está? — pergunta Penelope com uma voz assustada. — Preciso olhar para ele!

— É perigoso para você — diz Joona. — O fogo pode chegar aqui em segundos.

Penelope passa por Joona e cruza o piso entulhado do banheiro masculino. Olha ao redor e vê o homem no chão ainda tendo espasmos, com o que sobrou do rosto. Ela geme e sai apressada para se apoiar na parede. Uma carta emoldurada do ex-chanceler Willy Brandt escorrega para o chão e o vidro se quebra, mas a carta fica na parede.

O estômago de Penelope revira. Ela engole e sente Saga tentando colocar os braços ao redor dela para levá-la de volta às escadas.

— Não é ele! — geme Penelope.

— Temos de sair — diz Saga com urgência, e a leva embora.

Equipes médicas entraram correndo. Colocam o soldado louro em uma maca. Uma nova explosão de calor pode ser ouvida. Cacos de vidro e fragmentos de madeira enchem o ar. Um homem tropeça no corredor, escorrega e se levanta novamente. Há fumaça saindo por uma porta aberta. Um homem enorme está de pé no corredor em silêncio com sangue escorrendo de seu nariz para camisa e gravata. A polícia militar conduz todo mundo para as saídas de emergência, gritando para que se movam rapidamente. De repente chamas se projetam por uma porta aberta de escritório. O papel de proteção no piso pega fogo e rodopia enquanto queima. Duas pessoas estão correndo de mãos dadas. O vestido leve de uma mulher pegou fogo.

Ela está gritando. Um policial a cobre com a espuma de seu extintor.

Joona está engasgando com a fumaça, mas obstinadamente retorna para ver a devastação causada pela granada de mão. O matador está caído imóvel agora. Alguém enrolou seu rosto com curativos temporários e gaze. O sangue vermelho-escuro escorre do ferimento em seu antebraço para a manga de seu paletó. Um estojo de primeiros socorros que ficava preso à parede está caído no chão, e as bandagens de seu interior se espalharam sobre os azulejos brancos, cobertas de pó. As paredes estão enegrecidas e a maioria dos azulejos foi arrancada. Um reservado foi destruído. Escorre água de um cano quebrado para o piso.

Na pia há uma pistola Heckler & Koch com sete pentes de munição. Atrás da porta de outro reservado está a forma escura de uma mochila de nylon grossa. Parece vazia.

Gritos, vozes assustadas e ordens ríspidas são ouvidos no corredor do lado de fora. Karl Mann entra com equipe médica.

— Quero um guarda com ele — ordena Joona, apontando para o matador enquanto os homens o colocam em uma maca e o amarram.

— Ele provavelmente estará morto antes de chegar ao hospital — reflete Karl Mann, tossindo fumaça na mão.

— Ainda assim, quero sua palavra de que ele será vigiado enquanto estiver no terreno da embaixada.

Karl Mann estreita os olhos para Joona e depois escolhe um de seus homens para ficar responsável pelo prisioneiro até ele ser entregue à polícia sueca.

Uma pesada fumaça preta avança pelo corredor com o som de rugidos altos e estalos se aproximando. Todos estão correndo para fora. Karl Mann se agacha abaixo da nuvem de fumaça e diz rapidamente:

— Está faltando alguém deste andar.

Joona passa por cima de uma porta que caiu e chega a outra, ainda em sua moldura. Gira a maçaneta. Há uma luz por um segundo e depois desaparece. O fogo ilumina o corredor enfumaçado, e fagulhas saem por portas abertas.

Há rugidos, fagulhas, batidas e estalos enquanto metal esquentado começa a retorcer.

Joona acena para que Karl Mann recue. Ele saca sua pistola, abre a porta mais alguns centímetros, se coloca de lado, espera um momento e então olha para dentro.

Não há nada senão silhuetas negras de móveis de escritório. As cortinas estão fechadas. Mas a corrente de ar no nível do piso faz Joona se afastar de uma possível linha de fogo.

— Evacuar! — grita alguém atrás deles.

Joona se vira e vê quatro bombeiros especializados em resgate avançando pelo corredor. Eles se espalham e vasculham sistematicamente as salas.

Antes que Joona consiga alertá-los, um dos bombeiros lança a luz forte de sua lanterna para dentro do quarto e dois olhos a refletem. Um labrador começa a latir alto.

— Vamos tirá-lo daqui — diz um dos homens, rindo. — Vocês conseguem sair sozinhos?

— Ainda há um desaparecido — informa Karl Mann.

— Tomem muito cuidado — alerta Joona da melhor forma possível.

— Vamos! — grita Karl Mann com urgência atrás dele.

— Preciso pegar mais uma coisa.

Joona, tossindo muito, entra correndo novamente no banheiro masculino, prestando atenção no padrão de sangue no piso e nas paredes, e se apressa para pegar a mochila preta.

As pernas de Penelope tremem. Ela se agarra à cerca que delimita a embaixada e olha para o asfalto preto. Está lutando contra a ânsia de vômito. O que ela viu no banheiro masculino ainda vibra diante de seus olhos: o rosto em pedaços, dentes espalhados, sangue.

O peso do colete à prova de balas parece puxá-la para o chão. O barulho ao redor dela é uma cacofonia. Sirenes alertam para ambulâncias se aproximando. Policiais gritam, até mesmo berram, uns com os outros e pelos rádios. Ela vê uma equipe médica correndo com uma maca. É o homem do banheiro. O sangue encharcou as bandagens que cobrem a cabeça.

Saga vai até Penelope acompanhada de uma enfermeira; diz que tem medo de que Penelope entre em choque.

— Não era ele — repete Penelope enquanto elas a enrolam em um cobertor.

— Um médico chegará logo — diz a enfermeira, acalmando-a. — Precisa de algo para se acalmar enquanto isso? Posso dar alguma coisa caso esteja bem de saúde — diz, hesitando e depois prosseguindo. — Tem problema no fígado, por exemplo?

Penelope balança a cabeça negativamente e a enfermeira dá a ela um comprimido azul.

— Engula inteiro — explica. — É meio miligrama de Xanax.

— Xanax — repete Penelope olhando para o comprimido em sua mão.

— Não é perigoso, e isso irá acalmá-la — explica a enfermeira, se afastando apressada.

— Vou pegar um pouco de água para você — diz Saga, indo até a van da polícia.

Os dedos de Penelope parecem dormentes. Ela olha para a pequena cápsula azul em sua mão.

Joona Linna ainda está no prédio. Mais pessoas saem cambaleando. Estão sujas de fuligem e cheiram a fumaça. O grupo de diplomatas chocados está se reunindo junto à grade que separa seu terreno daquele da embaixada japonesa. Todos esperam transporte para o Hospital Karolinska. Uma mulher de terninho azul-escuro se joga no chão e chora abertamente. Um policial vai até ela e coloca a mão em seus ombros

enquanto fala. Um dos diplomatas umedece os lábios e esfrega as mãos repetidamente com um lenço. Um homem mais velho de terno amarrotado está de pé conversando em um celular. Seu rosto está tenso. O adido militar, uma mulher de meia-idade com cabelo tingido de vermelho, enxugou as lágrimas e está tentando ajudar os outros, mas se move como sonâmbula. Pedem a ela para segurar uma bolsa para uma intravenosa e ela faz isso sem qualquer emoção. Um homem com queimaduras nas mãos foi enrolado em um cobertor e está sentado pacientemente, as mãos com curativos sobre o rosto. Ele se levanta lentamente, o cobertor escorregando para o chão, e começa a andar em silêncio, quase em um sonho, pela calçada na direção da grade.

Um policial militar se apoia em um mastro de bandeira próximo. Está chorando.

O homem com as mãos queimadas caminha suavemente sob o sol brilhante da manhã além da grade. Vira a esquina e segue pelo lado direito de Gärdesgatan.

Penelope respira fundo de repente. Como se jogada em água fria, ela é acometida de uma visão repentina. Nunca viu o rosto dele claramente, mas viu suas costas. Aquele homem com as mãos queimadas é seu perseguidor. Está indo para Gärdet, o grande campo aberto perto da torre de televisão. Está se afastando da polícia e das ambulâncias. Ela não precisa ver o rosto; já vira suas costas quando estava sentado no barco sob a ponte do canal de Skuru Sound. Quando Viola e Björn ainda estavam vivos.

A mão de Penelope se abre e o comprimido azul cai no chão.

Penelope começa a caminhar atrás dele, o coração acelerando. Entra na Gärdesgatan e deixa o cobertor escorregar de seu corpo da forma como ele fizera. Ganha velocidade. Começa a correr mais rápido enquanto ele abre caminho entre as árvores, se movendo lentamente. Parece cansado e fraco. Penelope lembra que pode ter sido baleado. Isso explicaria. Ela pensa, triunfante, que ele não conseguirá fugir dela correndo. Algumas gralhas se levantam das árvores e voam para longe. Penelope se sente poderosa. Está dando passos rápidos sobre a grama da clareira e o vê a menos de 40 metros. Ele tropeça e precisa se apoiar em um tronco de árvore para ficar ereto. As bandagens estão se soltando de seus dedos. Ela agora corre e observa deixar a proteção do pequeno bosque e sair para a luz do sol do grande campo aberto. Sem parar, Penelope leva a mão à pistola que Joonas Linna providencialmente colocara nas suas costas. Baixa os olhos tempo suficiente para soltar a trava enquanto avança entre as árvores. Reduz a velocidade e aponta para a perna dele com o braço esticado.

— Pare! — sussurra enquanto puxa o gatilho.

A arma dispara e o recuo força o braço e o ombro dela. A pólvora queima as costas de sua mão.

A bala parece sumir, mas Penelope o observa tentar correr mais rápido.

Você nunca deveria ter tocado na minha irmã, pensa.

O homem está correndo por uma trilha. Ele para um segundo, agarrando o braço, depois muda de rumo e passa para a grama.

Penelope corre para campo aberto e a luz do sol. Está chegando mais perto. Cruza o passeio de pedestres e ergue a arma novamente.

— Pare! — grita.

Ela dispara e vê um tufo de grama ser arrancado do chão 10 metros à frente do homem. Penelope sente a adrenalina correr por seu corpo, mas tem a mente clara e está concentrada. Aponta para a perna e dispara novamente. Ouve a explosão novamente, sente o recuo e vê a parte de trás do joelho dele marcada por fragmentos arrancados da patela. Ele grita de dor enquanto cai no chão, mas continua tentando se arrastar para longe. Ela está se aproximando, avançando a passos largos enquanto ele tenta se levantar apoiado em uma bétula.

Pare, pensa Penelope. Ela ergue a pistola novamente. Você matou Viola. Você a afogou e matou Björn.

— Você matou minha irmã! — grita, alto.

Dispara.

A bala entra no pé esquerdo dele, e o sangue se espalha sobre a grama.

Enquanto Penelope vai até lá, ele cai, a cabeça caída para a frente com o queixo apoiado no peito. Está sangrando muito e arfando como um animal.

Ela para na frente dele, a sombra da bétula cobrindo ambos. Aponta a pistola novamente para ele.

— Por quê? — pergunta. — Por que minha irmã está morta? Por que...

Ela fica em silêncio, engole em seco e se ajoelha para olhar nos olhos dele.

— Quero você olhando para mim quando o matar.

O homem umedece os lábios e parece tentar levantar a cabeça. Está pesada demais. Ele não consegue. Está prestes a perder a consciência. Ela aponta a arma novamente, mas hesita e ergue a cabeça dele com a outra mão. Olha diretamente em seu rosto. Cerra o maxilar enquanto vê novamente os traços cansados iluminados pelo raio em Kymmendö. Agora se lembra de todos os detalhes: seus olhos calmos após assassinar as pessoas e a cicatriz profunda em seu lábio. Ele está igualmente calmo agora. Penelope mal tem tempo de pensar em como isso é estranho antes que ele ataque. É muito forte e inacreditavelmente rápido. Agarra seus cabelos e a puxa para a frente. Há tanta força no movimento que ela bate com a testa no peito dele. Não consegue se mover rápido o bastante para fugir quando ele muda a posição da mão para agarrar seu pulso e arrancar a arma de sua mão. Com toda força, Penelope empurra e dá chutes para se soltar, mas ele já está com a arma. Ela ergue os olhos quando ele aponta e dispara dois tiros rápidos.

o tronco branco da bétula

Só depois de passar as escadas, ao cruzar apressado o primeiro andar da embaixada alemã, Joana se dá conta de como seus pulmões arfam e como seus olhos ardem. Ele tem de sair para tomar ar. Tosse forte e fica perto da parede enquanto corre. Pode ouvir novas explosões vindas do alto, e uma luminária de teto cai. Ouve muitas sirenes. Sai pela entrada principal da embaixada aliviado. Seis policiais militares alemães estão de prontidão na calçada em frente à porta. Fazem parte da equipe de segurança provisória. Joona leva ar fresco aos pulmões, tossindo e olhando ao redor. Dois caminhões de bombeiros colocaram escadas no muro da embaixada. Do lado de fora da grade há uma multidão de policiais e equipes de ambulâncias. Karl Mann está deitado na grama e um médico debruçado sobre ele ausculta seus pulmões. Penelope Fernandez está caminhando ao longo da grade que separa o prédio da embaixada japonesa. Os ombros estão cobertos por um cobertor.

No último minuto Joona havia voltado ao banheiro masculino para resgatar aquela mochila gasta. Foi um impulso. Não podia entender por que o matador quisera esconder uma mochila vazia, estando a pistola e os pentes à vista na pia.

Ele tem outro acesso de tosse. Abre o nylon preto e olha para dentro. A mochila não está vazia. Contém três passaportes diferentes e uma faca de ataque curta com sangue fresco na lâmina.

Quem você cortou?, pensa Joona.

Ele olha atentamente a lâmina da faca. O sangue está começando a coagular. Olha para as pessoas ocupadas e as ambulâncias dos dois lados do portão. A mulher com o vestido queimado está enrolada em um cobertor e sendo colocada em uma ambulância. Segura a mão de outra mulher. Um homem mais velho com fuligem na testa fala ao telefone. Sua expressão é vazia.

Joona se dá conta de seu equívoco. Joga mochila e faca no chão e corre até o portão para gritar para o guarda deixá-lo sair.

Passa correndo por policiais e outras pessoas, pula a fita plástica de isolamento e abre caminho por entre jornalistas que pareciam ter brotado como erva daninha. Ele se coloca no meio da rua, bloqueando uma ambulância amarela prestes a sair.

— Qual é o ferimento que ele tem no braço? — grita Joona, mostrando sua distintivo.

— O quê? — pergunta o motorista da ambulância, surpreso.

— O homem ferido pela bomba. Ele tem um ferimento no antebraço, e eu preciso...

— Considerando o estado dele isso não tem importância.

— Tenho de ver o ferimento dele! — grita Joona.

O motorista da ambulância quer protestar mais, porém algo na voz de Joona o faz mudar de ideia e obedecer-lhe.

Joona entra na traseira da ambulância. O homem deitado na maca tem o rosto inteiramente coberto de bandagens, com apenas uma área livre para permitir uma máscara e um tubo de oxigênio até o nariz. Um tubo de sucção pende da boca. Um dos funcionários corta o paletó e a camisa. O ferimento tem um curativo provisório.

Mas não é um ferimento de bala. É um corte de faca, profundo.

Joona salta da ambulância e olha ao redor até encontrar Saga. Está levando um copo de plástico com água, mas, assim que vê sua expressão, o joga no chão e vai correndo até ele.

Ele está escapando de novo, pensa Joona. Não podemos deixá-lo escapar!

Joona examina a cena, lembrando que vira Penelope com um cobertor sobre os ombros seguindo junto à grade entre as embaixadas e entrando na Gärdesgatan.

— Traga uma arma! — grita para Saga enquanto começa a correr ao longo da grade. Ele vira à direita, mas não consegue localizar Penelope ou o matador em lugar algum.

Como se em seu próprio mundinho, uma mulher observa dois bonitos dálmatas brincando no gramado do Instituto Italiano de Cultura.

Joona passa correndo pela fachada branca reluzente, já sacando a pistola do coldre. Ele se dá conta de que o matador se misturou ao fluxo de pessoas que saía do prédio em chamas.

Saga está gritando algo atrás dele, mas ele não escuta. Seu coração bate forte demais, e há um ruído em sua cabeça.

Ele corre mais rápido na direção de um pequeno grupo de árvores que o matador poderia considerar uma proteção. De repente ouve um tiro de pistola. Ele desce tropeçando uma elevação, chega ao outro lado, sobe uma encosta e se coloca entre os troncos das árvores no bosque.

Mais tiros de pistola. As explosões são curtas e secas.

Joona afasta galhos de árvores para o lado e sai para o gramado ensolarado. Vê Penelope a 300 metros. Está sob uma bétula. Há um homem sentado apoiado na árvore com a cabeça caída. Penelope está no chão na frente dele quando de repente é puxada para a frente e depois cai para trás. O homem aponta uma arma para ela. Enquanto corre, Joona dispara contra o homem, mas a distância é grande demais. Ele para, faz pontaria e segura a arma com as duas mãos. No mesmo momento o

matador dispara duas balas no peito de Penelope. Ela é lançada para trás. O matador parece exausto, mas ergue a arma novamente. Joona dispara e erra. Ele corre mais para perto e vê Penelope chutar o homem para se livrar. O homem ergue os olhos e vê Joona chegando, mas então se volta novamente para Penelope. Está olhando nos olhos dela quando aponta a arma para seu rosto. Um tiro é disparado... mas Joona ouve o som vindo de trás. Ele passa zumbindo por sua orelha direita e no mesmo segundo uma cascata de sangue jorra das costas do matador e cobre o tronco branco da árvore. O projétil encamisado atravessou seu esterno, o coração, e saiu pelas costas para se cravar na árvore atrás. Enquanto Joona continua correndo com a arma ainda apontada, há outro tiro. O corpo já morto rodopia com o impacto, o ponto de entrada da bala a poucos centímetros do primeiro. Joona baixa a arma e se vira para ver Saga de pé no bosque com um rifle de grande calibre no ombro. Seus cabelos compridos são banhados pela luz do sol que passa por entre as folhas, e sua expressão ainda é de extrema concentração enquanto baixa a arma lentamente.

Penelope se arrasta para trás, tossindo, até a luz do sol. Ela se levanta para olhar o homem morto. Joona caminha até o corpo, chuta a pistola para longe e se ajoelha para levar o dedo ao pescoço do homem. Quer ter certeza absoluta de que está morto.

Penelope solta o colete à prova de balas e o deixa cair no chão. Joona se levanta e vai até ela enquanto ela caminha na sua direção, cambaleando, como se prestes a desmaiar. Ele pega o corpo exausto dela, com o rosto tombando para se apoiar no peito dele.

O homem com o rosto mutilado morreu uma hora depois de ser levado da embaixada alemã para o hospital. Foi identificado como Dieter Gramma, secretário do adido cultural. Durante a necrópsia, o médico-chefe, Niels Åhlén, descobriu restos de fita adesiva nas roupas e escoriações e ferimentos em pulsos e pescoço, indicando que estivera amarrado no momento da explosão. Quando a investigação inicial de cena de crime foi concluída e as fitas das câmeras de segurança analisadas, foi possível reconstituir os acontecimentos: após chegar ao seu escritório no segundo andar do prédio, Dieter Gramma ligara o computador e lera alguns e-mails. Não respondeu, mas marcou três deles. Depois foi ao refeitório e ligou a máquina de café espresso antes de ir ao banheiro masculino. Estava prestes a entrar em um dos reservados quando um homem de frente para o espelho sobre a pia se virou. O rosto estava coberto por uma máscara de esquiador. O homem, vestido de preto, era o matador ferido que entrara na embaixada alemã com seu passaporte alemão. Acabara de escapar da perseguição policial e impedira a vigilância no banheiro masculino ao colocar uma fita sobre a câmera de segurança.

O matador estimara as proporções do corpo de Dieter Gramma pelo espelho. Dieter Gramma provavelmente não teve tempo de dizer muito antes de ter uma arma pressionando seu peito e ser obrigado a ajoelhar para ser amordaçado com uma fita. O matador trocou sua jaqueta preta pelo paletó de Dieter Gramma, depois o amarrou em posição acorçada a um cano de água com as costas para a câmera de segurança e enfiou a faca de dois gumes pelo buraco da jaqueta de couro.

Provavelmente Dieter Gramma ficou tão confuso, com dor, medo e liberação de endorfinas, que não conseguiu entender muito do que estava acontecendo. O matador passou um pedaço de arame ao redor do pescoço de Dieter Gramma, com um laço às costas. Trançou pelo laço um arame comprido, pegou uma granada de mão, uma Spräng 2000, prendeu uma ponta do arame à granada, tirou o pino, mas manteve a trava baixa. Se soltasse a trava, a granada teria explodido em três segundos. Em vez disso prendeu a granada no peito de Dieter Gramma com fita, com a trava pressionada. Depois puxou a ponta do arame pelo laço ao redor do pescoço de Dieter Gramma, o enrolou no cano da pia e o esticou pelo piso para transformá-lo em uma armadilha.

Claro que ele queria que alguém entrasse no banheiro e soltasse a granada para mutilar Dieter Gramma, e em meio ao caos o corpo mutilado de Gramma seria identificado como o dele. Então poderia simplesmente ir embora.

O matador provavelmente foi mais lento por causa do ferimento e da perda de sangue, mas a preparação da armadilha não teria demorado mais de quatro minutos desde o momento em que Dieter Gramma entrou no banheiro até o momento em que o matador colocou sua arma e os pentes na pia, deixou a mochila com a faca ensanguentada em um reservado, tirou a fita da câmera de segurança, passou por cima do arame e saiu do banheiro.

Ele então seguiu pelo corredor, entrou na sala de reunião pelas portas duplas e iniciou um incêndio rápido. Depois disso foi ao escritório de Davida Meyer e estava começando a contar a ela o motivo de sua visita quando o alarme disparou.

Durante os 25 minutos seguintes Dieter Gramma ficou amarrado de joelhos com uma granada de mão adesivada a seu peito antes de ser notado pela câmera de segurança. Provavelmente tentou gritar, sem soltar a granada. A necrópsia revelou que ele rompera um vaso sanguíneo no pescoço e o lado de dentro da boca estava mordido.

A porta para o banheiro masculino foi aberta e uma bomba de efeito moral arremessada pelo piso de ladrilhos. Em vez de lançar fragmentos, como acontece com bombas comuns, uma violenta onda de pressão atingiu o pequeno aposento. Dieter Gramma bateu com a cabeça no cano e na parede de azulejos, e desmaiou. Um jovem policial chamado Uli Schnieder entrou correndo no banheiro com a arma em punho. A fumaça tornava difícil de enxergar, então o jovem levou alguns segundos para se dar conta do que significava tropeçar no arame.

A trava da granada no peito de Dieter Gramma fora solta. A granada de mão parou no laço ao redor do pescoço de Dieter Gramma, escorregou levemente, já que o homem estava inconsciente, e então explodiu com um efeito horrível.

Joona Linna, Saga Bauer e Penelope Fernandez estão em uma van blindada da polícia se afastando da Cidade Diplomática pela Strandvägen, e, margeando-a, a água cintilante.

— Eu vi o rosto dele — diz Penelope em voz monótona. — Eu sabia que ficaria atrás de mim até...

Ela para de falar e olha diretamente à frente.

— Até me matar — diz enfim.

Penelope fecha os olhos e se permite balançar com o movimento suave da van da polícia. Estão passando pelo marcante monumento a Raoul Wallenberg, que tem a forma de ondas com cristas brancas ou letras hebraicas adejando ao vento.

— Quem era ele? O homem que estava atrás de mim? — pergunta Penelope.

— Era um matador profissional — explica Joona. — Também chamado de eliminador de problemas ou *grob*.

— Nem a Europol nem a Interpol têm nada sobre ele — diz Saga.

— Um assassino profissional — reflete Penelope. — Então alguém o mandou atrás de mim.

— Sim — responde Saga. — Mas qualquer pista que aponte quem fez isso estará bem oculta.

— Raphael Guidi? — pergunta Penelope suavemente. — Ele está por trás disto? Ou Agathe al-Haji?

— Acreditamos que seja Raphael Guidi — explica Saga. — Não faria sentido Agathe al-Haji estar por trás disso. Pelo envolvimento dela, não teria importância ser vista comprando munição...

— Não é segredo o que ela faz — diz Joona.

— Então Raphael Guidi enviou um matador, mas... O que ele realmente quer? Vocês sabem? Tudo isso é só por causa da fotografia? Realmente?

— Talvez ele tenha imaginado que foi você quem tirou a foto e era uma testemunha; poderia ter visto ou ouvido algo que o comprometesse.

— Ele ainda pensa assim?

— Provavelmente.

— Então apenas irá encontrar outro matador?

— É o que tememos — responde Saga com honestidade.

— Por quanto tempo terei proteção policial? Irei me esconder para sempre?

— Bem — começa Saga —, teremos de planejar os próximos passos, mas...

— Serei caçada até não conseguir mais correr — completa Penelope.

Eles estão passando pela NK e veem três jovens fazendo piquete em uma greve do lado de fora da elegante loja de departamentos.

— Ele não irá desistir — confirma Joona. Sua voz é séria. — Então vamos denunciar todo esse negócio. Assim não haverá mais razão para silenciar você.

— Sabemos que provavelmente não podemos fazer muito em relação ao próprio Raphael Guidi — diz Saga. — Mas aqui na Suécia...

— O que poderiam fazer aqui?

— De início podemos impedir o negócio com o armamento — responde Saga.

— O navio não pode deixar o porto de Gotemburgo sem a assinatura de Axel Riessen.

— E por que ele não assinaria?

— Ele nunca assinará — diz Joona. — Ele sabe o que está acontecendo.

— Isso é bom — sussurra Penelope.

— Então podemos interromper o negócio e prender Pontus Salman e todos os outros suecos envolvidos — conclui Saga.

Após um momento de silêncio, Penelope diz:

— Preciso ligar para minha mãe.

— Aqui está meu telefone — diz Saga.

Penelope pega o telefone de Saga, parece hesitar e então disca o número.

— Oi, mamãe, sou eu, Penny. Estou bem.

— Penny, estava indo para a porta. Tenho de pegar...

— Espere, mamãe! — grita Penelope. — Quem está aí?

— Não sei — responde a mãe.

— Está esperando alguém?

— Não, mas...

— Não abra! — grita Penelope.

A mãe diz algo incompreensível enquanto baixa o telefone. Penelope pode ouvir a campainha tocando novamente. A porta é aberta e Penelope ouve vozes. Espera impotente, fitando Joona e Saga com olhos arregalados. Há barulho na linha e um baque, e então a voz da mãe novamente.

— Ainda está aí, Penny?

— Sim, estou.

— Há uma mulher aqui procurando por você.

— Procurando por mim? — reage Penelope, umedecendo os lábios. — Certo, mamãe, passe o telefone para ela.

Há um estalo na linha, depois uma voz desconhecida.

— Penelope Fernandez?

— Eu mesma — responde Penelope.

— Preciso me encontrar com você.

— Quem é você? — Penelope pergunta.

— Eu mandei a fotografia.

— Não sei nada sobre fotografia alguma — diz Penelope ríspidamente.

— Boa resposta — retruca a mulher. — Nós não nos conhecemos, mas fui eu quem mandou aquela fotografia para você.

Penelope não diz nada.

— Precisamos nos encontrar o mais rápido possível — diz a mulher. Há uma enorme tensão em sua voz. — Eu lhe mandei uma fotografia de quatro pessoas em um camarote de teatro. Eu tirei a fotografia em segredo em 13 de novembro de 2009. Uma das quatro pessoas no camarote é Pontus Salman. Ele é meu marido.

A casa de Pontus Salman fica em Roskullsvägen, na ilha de Lidingö, um subúrbio de Estocolmo. Uma residência familiar construída nos anos 1960, que começava a aparentar a idade que tinha, embora de alguma forma ainda exibisse o trabalho artesanal tão característico do período. Eles estacionaram o carro na calçada de pedra que levava à garagem e saltaram. Alguém fizera um grafite a giz na porta da garagem: um desenho infantil de um pênis.

Eles combinam que Joona irá esperar com Penelope no carro enquanto Saga vai até a porta da frente. Está aberta, mas Saga toca a campainha, que tem a forma de cabeça de leão. Três toques elegantes soam, mas nada mais acontece. Saga pega sua Glock e verifica o pente, solta a trava e entra na casa.

Grande parte dela na verdade é construída abaixo do nível da rua. Além da entrada, a casa se abre em uma sala espaçosa que abrange cozinha e sala de jantar. As janelas altas mostram a vista de tirar o fôlego da enseada além de Lidingö.

Saga se esgueira pela cozinha para inspecionar quartos vazios antes de descer por um lance de escadas. Há música vindo de um aposento com uma placa de bronze marcada R&R. Ela abre a porta e ouve a música mais claramente. É a *Traviata* de Verdi com Joan Sutherland.

No final do corredor ladrilhado há um brilho azul de uma piscina iluminada.

Saga segue com suavidade na direção da piscina tentando escutar algo além da música. Acha que consegue ouvir pés descalços chapinhando.

Mantém a arma junto ao corpo e continua a avançar. Há móveis de vime de aparência confortável e algumas palmeiras em vasos. O ar é quente e úmido. O cheiro de cloro misturado a jasmim fica mais forte. Chega a uma grande piscina de azulejos azul-claros com uma divisória de vidro voltada para um jardim e a água do lado de fora. Uma mulher esguia de cerca de 50 anos está perto de um bar com uma taça de vinho branco na mão. Veste um maiô dourado. Pousa a taça quando vê Saga se aproximando e vai cumprimentá-la.

— Oi, sou Saga Bauer.

— Qual agência?

— Säpo.

A mulher ri e se inclina para a frente para beijar Saga nas duas faces. Depois se

apresenta como Marie-Louise Salman.

— Trouxe roupa de banho? — pergunta Marie-Louise voltando ao bar.

Seus pés compridos e estreitos deixam marcas no piso de cerâmica. Seu corpo é esguio e parece que ela se esforça para cuidar bem dele. O modo como caminha é artificial, como se estivesse acostumada a ter pessoas admirando-a.

Marie-Louise Salman pega sua taça e se vira. Examina Saga atentamente, como se para ter certeza de que realmente está concentrada nela.

— Uma taça de Sancerre? — pergunta, com sua voz suave e modulada.

— Não, obrigada — responde Saga.

— Nado para manter o corpo em forma, embora já não aceite tantos trabalhos de modelo como antigamente. É fácil demais se tornar egocêntrica em minha área. Sim, estou certa de que você sabe tudo sobre isso. É uma merda quando ninguém mais se lembra de sair correndo para acender seu cigarro.

Marie-Louise se inclina para a frente e sussurra teatralmente:

— Eu tive um caso com aquele jovem dançarino Chippendale. Você o conhece? Não importa, de qualquer forma todos aqueles caras são gays.

— Vim aqui para falar sobre uma fotografia que você enviou...

— Ah! Eu sabia que ele não conseguiria manter a boca fechada! — exclama com indignação exagerada.

— Quem?

— Jean-Paul Gaultier.

— O estilista?

— Ele é o maior, o estilista que sempre usa camisas listradas; ele tinha uma barba lindamente dourada por fazer e um biquinho. Ele ainda me odeia. Eu sabia!

Saga sorri com paciência. Pega um roupão e o dá a Marie-Louise quando percebe que está arrepiada.

— Adoro congelar — diz Marie-Louise. — Me torna mais desejável. Pelo menos foi o que Depardieu me disse na última primavera... Ou... Na verdade, não lembro, pode ter sido o docinho do Renaud quem disse isso. Não importa.

Eles ouvem novos passos se aproximando pelo corredor na direção da piscina. Marie-Louise parece nervosa, olhando ao redor como em busca de uma saída.

— Olá? — chama uma mulher.

— Saga? — chama a voz de Joona.

Saga dá um passo na direção do corredor, onde vê Joona e Penelope entrando, escoltando uma mulher de cabelos castanho-escuros com um corte elegante de pajem.

— Marie-Louise — diz a mulher com um sorriso exasperado. — O que está fazendo aqui?

— Só pensei em dar uma nadada — diz Marie-Louise despreocupadamente. —

Esfriar entre as pernas, sabe?

— Você sabe que prefiro que telefone antes.

— Ah, sim, lamento, esqueci.

— Marie-Louise é irmã de Pontus, minha cunhada — explica a mulher. Depois se vira para Saga e se apresenta. — Veronique Salman.

— Saga Bauer, do Säpo.

— Vamos para a biblioteca — convida Veronique, começando a retornar.

— Posso continuar nadando, já que estou aqui? — pergunta Marie-Louise às costas deles.

— Desde que não seja nua! — retruca Veronique sem olhar para trás.

a fotografia, novamente

Saga, Joonas e Penelope seguem Veronique por vários aposentos no andar de baixo até a biblioteca. É uma sala pequena com minúsculas janelas em amarelo, cobre e rosa. Há muitos livros alinhados atrás de prateleiras envidraçadas, e móveis confortáveis de couro marrom estão colocados ao redor de uma lareira aberta. Um samovar de bronze polido domina uma mesa de centro.

— Por favor, me desculpem por não ter bebidas, mas estou correndo para pegar um avião em apenas uma hora...

Veronique parece muito tensa e limpa as mãos na saia antes de continuar.

— Tenho de... Tenho de dizer a vocês de uma vez que nunca irei depor em um tribunal. Eu me recuso — diz, angustiada. — Se me obrigarem, negarei tudo o que estou prestes a contar a vocês, não importando as consequências.

Ela tenta ajeitar uma cúpula de abajur torta, mas seus dedos tremem tanto que ela acaba igualmente fora do lugar.

— Estou indo embora sem Pontus. Ele não poderá me acompanhar — diz. Ela olha para o chão. Sua boca retorce e ela tem de se controlar antes de conseguir prosseguir.

— Penelope — diz, olhando para ela. — Entendo que você despreze Pontus como se ele fosse escória. Mas na verdade ele não é má pessoa, realmente não é.

— Eu não disse...

— Escute, por favor — pede. — Só quero dizer que amo muito meu marido, mas... O trabalho dele... Não sei o que pensar do trabalho dele. No começo eu disse a mim mesma que as pessoas sempre precisaram de armas para se defender. As armas são comercializadas desde que as pessoas começaram a fazê-las. E, na prática, todos os países precisam se armar para sua própria defesa. Mas existe defesa, e existe...

Ela caminha até a porta, a abre, olha para fora e depois a fecha novamente.

— Exportar armas para avivar as chamas em países no meio de uma guerra... Não se deve fazer isso.

— Não, não se deve — sussurra Penelope.

— Entendo que meu marido seja um homem de negócios — continua Veronique. — A Silencia realmente precisa daquele contrato. O Sudão é um país

grande com um suprimento de munição incerto para seus fuzis automáticos. Eles usam quase exclusivamente Fabrique Nationale, e a Bélgica não está mandando nada. As pessoas estão de olho na Bélgica, mas, como a Suécia nunca foi uma potência colonial na África, temos uma reputação impecável na região. Pontus identificou a possibilidade e se adiantou no instante em que a guerra civil no Sudão terminou. Raphael Guidi montou o negócio. Eles estavam prestes a assinar o contrato. Tudo estava pronto quando foi emitido o mandado de prisão para o presidente Al-Bashir.

— Então isso violaria a lei internacional — conclui Saga.

— Todos sabiam disso. Mas Raphael não queria cancelar o negócio. Disse apenas que iria conseguir outra parte interessada. Demorou alguns meses, mas então declarou que o exército do Quênia receberia as armas do Sudão. O mesmo volume de munição, o mesmo preço e tudo o mais. Tentei convencer Pontus a sair disso. Disse a ele que estava muito na cara que a munição iria para o Sudão, mas Pontus disse que o Quênia estava apenas fazendo uma boa jogada. Era um bom negócio para eles, que precisavam da munição. Não achei que acreditasse no que estava me dizendo. Realmente não, mas ele passou toda a coisa para Carl Palmcrona e a Inpe. Se Palmcrona assinar, estará tudo certo, foi a explicação de Pontus, e...

— Uma forma fácil de lavar as mãos — diz Penelope.

— Por isso tirei a fotografia. Só queria que você soubesse quem se encontrou naquele camarote naquela noite. Eu entrei e disse a Pontus que não estava me sentindo bem e precisava chamar um táxi. Enquanto me preparava para fazer isso, simplesmente tirei a foto com meu celular.

— Muita coragem — reflete Penelope.

— Mas eu não sabia como era perigoso! Se soubesse, nunca teria feito isso — chora Veronique. — Eu estava com raiva de Pontus e queria que ele mudasse de ideia. Saí da Alte Oper no meio do concerto e olhei para a foto no táxi. Era maluquice. O comprador era representado por Agathe al-Haji, que é a conselheira militar do presidente do Sudão. Quer dizer, aquela munição seria desviada para uma guerra civil da qual ninguém queria tomar conhecimento.

— Genocídio — sussurra Penelope.

— Quando voltamos para a Suécia, supliquei a Pontus para sair do negócio... Não me esqueço do modo estranho como ele olhou para mim. Disse que era impossível. Contou que havia assinado um contrato Paganini, e quando vi a expressão dele fiquei com medo. Ele estava aterrorizado. Não ousei ficar com aquela foto em meu telefone. Imprimi apenas uma cópia e apaguei do cartão de memória e do disco rígido. Depois mandei a foto para você. Não tinha ideia do que iria acontecer — diz Veronique em voz baixa. — Como poderia? Eu lamento demais, não posso dizer como...

Todos ficaram em silêncio. Só se ouvia o barulho de água vinha da piscina.

— O que é um contrato Paganini? — pergunta Joona.

— Raphael é dono de vários instrumentos de valor inestimável — diz Veronique. — Ele coleciona aqueles tocados pelo próprio Paganini, há mais de cem anos. Ele mantém alguns em sua casa e outros ele empresta para músicos talentosos e...

Ela passa as mãos nervosamente em seus cabelos elegantemente cortados antes de continuar.

— Nunca entendi direito essa coisa sobre Paganini. Pontus me disse que Raphael relaciona Paganini ao contrato. Ele diz que os contratos Paganini valem para sempre, ou é o que Raphael diz. Nada é colocado no papel... Pontus me disse que Raphael prepara tudo minuciosamente. Tem todos os números na cabeça; conhece toda a logística, e sabe exatamente como e quando cada negócio será concluído. Ele diz a cada um o que é exigido deles e quanto ganharão com o negócio. Assim que você beija a sua mão, por assim dizer, não há como sair. Você não pode escapar, não pode ser protegido, não pode sequer morrer.

— Por que não? — pergunta Joona.

— Raphael é... Não sei como explicar, ele é... Ele é um homem horrível — diz ela, os lábios trêmulos. — Ele consegue arrancar... Ele os engana... Todos que trabalham com ele... Ele faz com que lhe contem seu pior pesadelo.

— Como? — pergunta Saga.

— Não sei. Pontus disse isso. Ele diz que Raphael tem essa habilidade — responde, séria.

— O que Raphael quer dizer com “pesadelo”? — pergunta Joona.

— Eu perguntei a Pontus se havia contado a Raphael seu pesadelo, claro que perguntei — disse ela com um olhar aflito. — Mas Pontus não respondeu, e não tenho ideia de em que acreditar.

Eles ficam em silêncio de novo. Grandes manchas molhadas de suor se espalham sob os braços da blusa branca de Veronique Salman.

— Vocês não vão conseguir deter Raphael — diz Veronique finalmente. — Mas talvez possam impedir que essa munição chegue a Darfur.

— Faremos isso — promete Saga.

— Vocês precisam entender... É a falta de munição que mantém aquilo contido depois da eleição... Quer dizer... Se aquilo esquentar novamente, todas as organizações humanitárias fugirão de Darfur.

Veronique Salman confere o relógio e diz que logo terá de ir para o aeroporto. Vai até a janela. A luz multicolorida batendo em seu rosto revela uma expressão quase sonhadora, como se tivesse se livrado de um fardo pesado.

— Meu namorado está morto — diz Penelope de repente. Ela enxuga as faces.

— Minha irmã está morta. Eu nem sei quantos outros morreram...

Veronique Salman se vira para encará-la novamente.

— Penelope, a quem eu podia apelar? Eu só tinha a fotografia. Achei que você, entre todas as pessoas, seria capaz de identificar as pessoas no camarote — explica ela. — Você saberia a razão pela qual Agathe al-Haji estava comprando munição. Você esteve em Darfur, você tem contatos lá, e você é uma pacifista e...

— Você estava errada — diz Penelope. — Não reconheci Agathe al-Haji. Eu sabia quem era, claro, mas eu não sabia como era fisicamente.

— Eu não podia mandar para a polícia ou os jornais. Eles não entenderiam o que significava, não sem uma explicação, e eu não podia explicar. Como poderia? O que sabia era que tinha medo de ter qualquer relação com ela, então mandei para você. Eu a limpei totalmente. Sabia que nunca poderia revelar minha ligação com nada disso.

— Mas agora você fez isso — aponta Joona.

— Sim, porque eu... Eu...

— Por que você mudou de ideia?

— Porque estou saindo do país, e preciso...

Ela baixa os olhos para as mãos.

— O que aconteceu? — pergunta Joona gentilmente.

— Nada — responde, mas está segurando as lágrimas.

— Você pode nos contar — diz Joona.

— Não, é...

— Não há perigo aqui — sussurra Saga.

Veronique esfrega as faces e então ergue os olhos para Joona.

— Pontus acabou de ligar de nossa casa de veraneio. Estava chorando e me pediu que o perdoasse. Eu não sabia do que ele estava falando, mas ele me disse que faria tudo o que pudesse para não colher seu pesadelo.

uma última escapatória

Um barco a remo de mogno polido balança no lago Malmsjö. Está flutuando em águas calmas atrás de um grande banco de areia. Uma brisa suave sopra do leste e leva o cheiro de estrume da fazenda do outro lado da água. Pontus Salman recolheu os remos, mas o barco não se deslocou mais de 10 metros na hora anterior.

Seu rifle está pousado no colo.

A única coisa que ele ouve é a água batendo no casco e o leve farfalhar do vento nas folhas das árvores.

Ele fecha os olhos por um instante. Respira fundo, abre os olhos, coloca a coronha da arma no piso e confirma que está sustentada pela barra de madeira. Sua mão toca o cano aquecido pelo sol e então aponta o cano para a própria testa.

Ele se sente mal com a ideia de sua cabeça explodindo.

Suas mãos tremem tanto que ele tem de parar. Em vez disso decide apontar o cano para o coração.

Andorinhas voam baixo sobre o lago caçando insetos na superfície da água.

Provavelmente choverá esta noite, pensa.

Uma listra branca de um avião aparece no céu. Pontus começa a pensar em seu pesadelo.

Parece que todo o lago escurece, como se alguém jogasse tinta preta nele.

Volta sua atenção novamente para o rifle. Coloca o cano na boca e o sente raspar nos dentes. Tem gosto de metal.

Está prestes a puxar o gatilho quando ouve um barulho de carro. Seu coração acelera no peito. Vários pensamentos disparam por sua cabeça em menos de um segundo. Ele se dá conta de que deve ser sua esposa, já que mais ninguém sabe para onde foi.

Recoloca o rifle sobre os joelhos e sente o sangue pulsar em suas veias. Percebe quanto treme quando tenta olhar entre as árvores na direção da casa de veraneio deles.

Há um homem cruzando o cais.

Pontus leva um momento para perceber que é o detetive que foi ao escritório e mostrou a ele a fotografia que Veronique tirara.

No momento em que reconhece o detetive, um novo medo o percorre. *Diga que*

não é tarde demais, pensa repetidamente enquanto começa a remar de volta para a terra. *Diga que não é tarde demais e que não tenho de colher meu pesadelo. Apenas diga que não é tarde demais.*

* * *

Pontus Salman não rema toda a distância até o cais. Ele está pálido e apenas balança negativamente a cabeça quando Joona pede que se aproxime mais. Salman parece querer manter distância, e vira o barco para que a proa esteja apontando para o lago.

Joona decide sentar no banco de madeira quebrado e desbotado de sol na extremidade do cais. Ele escuta a água batendo e o farfalhar do vento nas árvores.

— O que quer de mim? — pergunta Pontus. Há terror em sua voz.

— Estava conversando com sua esposa — explica Joona.

— Conversando?

— Sim, eu...

— Você conversou com Veronique? — pergunta Pontus, preocupado.

— Só preciso de algumas respostas.

— Não há tempo para isso.

— Não temos pressa — diz Joona, percebendo o rifle no barco a remo.

— O que você sabe? — murmura Pontus, mais para si mesmo que para Joona.

Os remos se movem suavemente na água.

— Sei que sua esposa tirou a fotografia.

O rosto de Pontus desmorona. Ele ergue os remos e água escorre por suas mãos.

— Não posso impedir o negócio — diz Pontus, melancólico. — Eu precisava do dinheiro. Estava com muita pressa.

— Então você assinou o contrato.

— Ele não tem brechas. Todos podiam jurar que haviam concordado de boa-fé. Ninguém seria culpado.

— Mas havia um probleminha, certo?

— Certo.

— Pensei em esperar para prender você...

— Isso porque você não pode provar, certo? — diz Pontus.

— Não discuti isso com o promotor — continua Joona. — Mas estou certo de que podemos oferecer uma sentença mais leve se você testemunhar contra Raphael Guidi.

— Não irei testemunhar. Nunca irei testemunhar — diz Pontus, e a intensidade em sua voz revela sua determinação. — Vejo que você não compreende o que

realmente está acontecendo aqui. Eu assinei um contrato bastante incomum, e se eu não fosse tão covarde já teria me matado, como Palmcrona fez.

— Nós o protegeremos caso testemunhe — anuncia Joona.

— Palmcrona escapou disso — diz Pontus. — Ele se enforcou e agora o próximo diretor tem de ser o responsável por assinar a ordem. Então Palmcrona não significa nada para Raphael Guidi. Ele conseguiu evitar colher seu pesadelo...

O rosto inexpressivo de Pontus ganha um sorriso. Joona o analisa enquanto pensa que Palmcrona na verdade não escapou de seu pesadelo. O pesadelo dele devia ser a morte do filho.

— Uma psicóloga está vindo para cá — diz Joona. — Ela fará de tudo para convencê-lo de que o suicídio não é a resposta. Você está me dizendo que o próximo diretor da Inpe terá de assinar a ordem de exportação, mas o que acontece caso ele se recuse?

Pontus para de remar em círculos. O bote continua a se afastar do cais.

Pontus diz:

— Ele pode se recusar, mas não o fará...

Axel acorda quando o telefone na mesa de cabeceira toca. Ele só conseguiu dormir já perto do amanhecer, e apenas ao lado do corpo suado de Beverly.

Ele observa seu rosto jovem e pode dizer que lembra Greta: a mesma boca, os mesmos cílios.

Beverly está sussurrando algo durante o sono, e rola para ficar de barriga para baixo. Axel sente o calor da ternura tomar conta dele enquanto olha aquela jovem tão pequena de partir o coração.

Ele se senta na cama e estende a mão para o volume fino de *A visita da velha senhora*, de Friedrich Dürrenmatt. Há uma batida inesperada na porta do quarto.

— Só um momento — diz Axel enquanto Robert entra no quarto.

— Achei que já estava acordado — diz o irmão de Axel. — Realmente preciso de seu conselho sobre esse novo instrumento que eu...

Robert vê Beverly na cama e para de repente.

— Axel — gagueja ele. — O que está acontecendo?

Beverly acorda quando ouve a voz de Robert. Ao ver Robert, se esconde sob o cobertor.

Axel sai da cama e se enrola em seu robe, mas Robert já está passando pela porta.

— Que vergonha! — diz Robert, suavemente. — Que vergonha!

— Não é o que parece...

— Você a tem usado? — pergunta Robert, erguendo a voz. — Você tem usado uma garota com doença mental?

— Eu posso explicar — Axel tenta dizer.

— Filho da puta! — diz Robert, o agarrando e tentando arrancá-lo do quarto.

Axel perde o equilíbrio e derruba a luminária no chão. Robert ainda está recuando.

— Espere! — pede Axel. — Você está errado! Eu sei o que parece, mas você está errado! Pergunte a ela...

— Vou levá-la à delegacia neste instante! — declara Robert. — Eu nunca teria imaginado que você...

Robert está tomado pela emoção e seus olhos se enchem d'água.

— Não sou um pedófilo — diz Axel. — Você precisa me entender. Eu só preciso...

— Você precisa dormir com uma criança! — diz Robert. — Você está usando outro ser humano que prometeu proteger!

A essa altura Robert já chegou à biblioteca, Axel atrás dele. Robert se joga em um dos sofás e olha para o irmão enquanto tenta manter a voz firme.

— Axel, você compreende, claro, que não tenho escolha a não ser levá-la à polícia — diz ele.

— Eu entendo — responde Axel.

Robert não consegue mais olhar para o irmão. Ele esfrega a mão no rosto e suspira.

— Posso levá-la agora — diz Robert.

— Irei buscá-la — diz Axel, voltando ao quarto.

Beverly está sentada na cama e sorri para ele enquanto enxuga as lágrimas.

— Vista-se — ordena Axel. — Você precisa ir com Robert.

Quando Axel volta à biblioteca, Robert se levanta. Ambos ficam de pé, evitando o olhar um do outro.

— Você deve ficar aqui — diz Robert.

— Certo — sussurra Axel.

Beverly entra na biblioteca alguns minutos depois. Está vestindo jeans e uma camiseta. Não usa maquiagem, então parece ainda mais jovem do que é.

a morte de greta

Robert dirige sem dizer nada. Para o carro nos sinais e espera que fiquem verdes.

— Desculpe-me pelo que aconteceu com você — lamenta Robert com uma voz triste. — Meu irmão me contou que estava ajudando você oferecendo um lugar para viver até conseguir seu próprio alojamento estudantil. Eu realmente não entendo por que ele fez tal coisa. Nunca acreditei...

— Axel não é um pedófilo — explica Beverly.

— Por que você quer defendê-lo? Ele não merece isso.

— Ele não me toca assim. Nunca tocou.

— Então o que ele faz?

— Ele me abraça — responde Beverly.

— Abraça você! — exclama Robert. — Você acabou de dizer...

— Ele me abraça para conseguir dormir — explica em sua voz clara e sincera.

— Do que você está falando?

— Não há nada feio no que ele faz — diz Beverly. — Pelo menos não que eu possa dizer.

Robert suspira e diz que ela terá de explicar tudo à polícia. Fica pensando se está fazendo a coisa certa.

— Tem a ver com a insônia dele — explica Beverly lentamente. — Ele não consegue dormir sem comprimidos. Mas não pode mais tomá-los. Só que, quando eu estou lá, ele se acalma e...

— Mas você é menor de idade! — protesta Robert.

Beverly olha pelo para-brisa para as folhas verdes nas árvores, adejando à brisa quente. Algumas mulheres grávidas conversam na calçada. Uma idosa está de pé imóvel com o rosto voltado para o sol.

— Por quê? — pergunta Robert. — Por que Axel não consegue dormir de noite?

— Ele diz que sempre foi assim.

— Sei que ele acabou com o fígado tomando todos aqueles comprimidos.

— Ele me contou tudo sobre o porquê de não conseguir dormir. Foi quando ainda estávamos no hospital — diz Beverly. — Uma coisa triste aconteceu a ele.

Robert para em uma travessia de pedestres. Uma criança deixa sua boneca cair

na rua e a mãe não percebe, continuando a andar. A criança se solta da mãe e corre de volta. A mãe dá um berro horrendo, mas então nota que Robert observou a cena e entendeu que a criança correria de volta. A mãe pega o filho e o leva para a calçada, enquanto ele grita.

— Ele conheceu uma garota que morreu — conta Beverly.

— Quem foi?

— Ele só me contou uma vez enquanto estávamos no hospital. Ele não gosta de falar disso.

Beverly torce os dedos.

— Diga o que ele contou a você — pede Robert. Há tensão em sua voz.

— Eles estavam apaixonados, dormiram juntos e no dia seguinte ela se matou — diz Beverly, olhando para Robert. — Eu meio que pareço com ela, certo?

— Parece — diz Robert.

— Quando estava no hospital, ele me disse que foi ele quem a matou — sussurra Beverly.

Robert se vira para ela.

— Do que você está falando?

— Ele disse que fez algo que a levou a querer se matar.

Robert fica boquiaberto.

— Ele disse isso? Disse que foi culpa dele?

Beverly confirma com um aceno de cabeça.

— Ele disse que foi culpa dele porque deveriam estar ensaiando juntos, e em vez disso fizeram sexo e ela pensou que ele a havia enganado para que pudesse vencer a competição de violino.

— Nada daquilo foi culpa dele — diz Robert.

— Claro que foi. Ele disse isso.

Robert afunda atrás do volante e esfrega o rosto com as mãos.

— Ah, meu Deus! — exclama. — Há uma coisa que preciso contar a ele.

Robert para o carro e o de trás buzina. Beverly olha para ele preocupada.

— O que há de errado? — pergunta.

Robert começa a dar a volta.

— Há... Há algo muito importante que preciso contar a ele. Eu estava atrás do palco pouco antes de Axel entrar e sei o que realmente aconteceu. Greta já havia tocado antes de ele entrar porque era a primeira do programa e...

— Você estava lá?

— Só por um minuto — diz Robert. — Eu ouvi tudo o que aconteceu. Eu sei que a morte de Greta não teve nada a ver com Axel.

Robert está tão perturbado que tem de parar o carro de novo. Seu rosto está pálido enquanto fala com Beverly.

— Por favor, me desculpe, mas eu realmente tenho de...

— Você tem certeza disso? — Beverly pergunta.

— Como? — reage Robert, olhando confuso para ela.

— Você tem certeza de que a morte de Greta não foi culpa de Axel?

— Claro!

— Mas o que aconteceu?

Robert limpa uma lágrima da face. Ele abre a porta do carro.

— Só um segundo — pede ele. — Eu tenho de... Preciso falar com ele.

Robert sai do carro e fica em pé na calçada.

As enormes tílias na Sveavägen estão lançando suas sementes, que dançam à luz do sol. Robert tem um grande sorriso no rosto enquanto pega seu celular e discar o número de Axel. Após três toques seu sorriso desaparece e ele começa a andar de volta para o carro com o telefone no ouvido. Só quando desliga e tenta rediscar o número, ele percebe que o carro está vazio. Beverly sumiu. Ele olha ao redor, mas não a vê em parte alguma. O tráfego da cidade está aumentando. Estudantes em seus carros seguem rápido para a praça Sergel.

Robert fecha a porta, liga o carro e começa a dirigir lentamente enquanto procura por Beverly.

plástico branco chacoalhando

Axel Riessen não sabe quanto tempo ficou de pé à janela. Viu Robert e Beverly saindo até sumirem de vista. Seus pensamentos voltaram ao passado. Ele se obriga a parar de lembrar, caminha até o aparelho de som e coloca o primeiro lado de *The Rise and Fall of Ziggy Stardust and the Spiders from Mars*, de David Bowie. Aumenta o volume.

Pushing through the market square...

Axel vai até seu bar e tira uma das mais caras garrafas de uísque de sua coleção. É um Macallan 1939, do primeiro ano da Segunda Guerra Mundial. Ele serve-se de meio copo, depois vai ao sofá e se senta. Escuta a música com os olhos fechados. A voz jovem de Bowie e o piano descuidado. Ele sente o aroma de barris de carvalho, reservatórios pesados e adegas escuras, palha e cítricos. Ele bebe e o álcool forte queima seus lábios enquanto enche sua boca. Conservando seu sabor precioso, esse uísque tem esperado décadas: gerações, mudanças de governo, guerra e paz.

Agora Axel pensa que talvez o que acabara de acontecer fosse algo bom. Talvez Beverly finalmente conseguisse a ajuda de que precisa. Sente um impulso repentino de ligar para o irmão e lhe dizer que o ama, mas franze o cenho com o pensamento patético. Ele não vai se matar — apenas encarar o que logo virá a ele, e tentar morrer de pé, dignamente.

Ele leva o uísque para o quarto e olha para a cama desfeita. Consegue ouvir a vibração que vem de seu paletó, pendurado no encosto de uma cadeira. No mesmo momento também ouve o som de passos atrás dele. Ele se vira.

— Ah, é você, Beverly — diz, surpreso.

O rosto dela está sujo e ela segura uma bola branca de dente-de-leão na mão.

— Eu não queria falar com a polícia — diz ela.

— Onde está Robert?

— Eu peguei uma carona para casa — explica. — Não foi difícil. Consegui uma carona logo.

— Por que você pegou carona? Você poderia ter sido...

— Não fique com raiva. Não fiz nada errado. Mas há algo muito importante que tenho de contar a você.

O telefone em seu paletó começa a vibrar novamente.

— Só um momento, Beverly, preciso atender — diz ele.

Ele vasculha os bolsos do paletó e encontra o celular. Atende.

— Aqui é Axel Riessen.

Uma voz que parece vir de longe diz:

— Alô?

— Alô — repete Axel.

— Aqui é Raphael Guidi — diz uma voz grave com sotaque inglês. — Por favor, desculpe-me pelo barulho na linha. No momento estou no mar, a caminho da Letônia. Temo que assim que chegarmos ao Báltico percamos totalmente a conexão.

— Consigo ouvi-lo — diz Axel educadamente enquanto Beverly caminha até a cama e se senta.

— Vou diretamente ao ponto — diz Raphael Guidi. — Estou telefonando porque preciso de sua assinatura na autorização de exportação de armas. Estou pensando que o cargueiro já poderia deixar o porto agora.

Axel segura o telefone junto ao ouvido. Vai para a biblioteca, mas não consegue ouvir muito mais do que própria respiração. Pensa na fotografia com Raphael Guidi, Carl Palmcrona, Agathe al-Haji e Pontus Salman. Lembra-se de como Palmcrona erguia sua taça de champanhe e ria tanto que seus dentes brilhavam.

— Ainda está aí? — pergunta Raphael Guidi entre estalos.

— Não vou assinar a autorização — retruca Axel secamente, e sente um arrepio na coluna.

— Talvez haja um modo de convencê-lo a mudar de ideia — diz Raphael Guidi. — Pense se não há algo que possa oferecer que ajudasse...

— Você não tem nada que eu queira.

— Acredito que possa estar errado quanto a isso. Sempre que assino um contrato eu...

Axel desliga. Enfia o telefone novamente no bolso do paletó. Está tomado por desconforto, quase uma premonição, e começa a ir para o corredor que leva à escadaria. Quando olha pela janela, percebe movimento no parque: sombras entre os arbustos indo na direção de sua casa. Axel vira e olha pela outra janela, mas não vê nada.

Há um clique no primeiro andar, como se um dos pequenos vidros tivesse se quebrado sob o sol. Axel pensa que a coisa toda é absurda e ao mesmo tempo se dá conta do que está acontecendo. Seu corpo se enche de adrenalina, e ele se move o mais rapidamente que pode sem correr. Vai diretamente até Beverly em seu quarto. Uma luz bonita penetra pelos espaços na veneziana e pousa aos pés de Beverly.

Beverly se despiu e voltou para a cama desfeita. Está com o volume de Dürrenmatt sobre a barriga.

— Axel — diz ela. — Voltei porque tenho de dar a você uma notícia realmente boa...

— Não fique com medo agora — interrompe ele. — Apenas faça o que eu mandar. Esconda-se embaixo da cama neste instante. Não se mova nem faça nenhum barulho. Fique aqui durante uma hora.

Beverly faz o que ele diz sem questionar. Engatinha para baixo da cama.

Axel ouve pés pesados subindo as escadas. *Há pelo menos dois deles*, pensa. Os jeans e a camiseta de Beverly estão em uma cadeira. Ele os pega e joga embaixo da cama.

Seu coração está acelerado e os pensamentos giram enquanto olha ao redor, sem saber o que fazer.

Apanha o telefone no paletó e sai correndo do quarto para a biblioteca. Pode ouvir o som de pés no corredor também seguindo para a biblioteca.

Suas mãos tremem enquanto tenta discar um número no telefone. Ouve o piso ranger quando alguém entra rapidamente na sala. Não há tempo de telefonar. Tenta chegar à janela, para poder gritar para a rua pedindo ajuda, mas alguém agarra seu pulso enquanto enfia um instrumento frio em seu pescoço. Ele não percebe que é uma arma de choque: 69 mil volts de eletricidade pulsam por seu corpo.

O estalo da eletricidade pode ser ouvido na sala, mas Axel sente apenas golpes pesados, como se alguém espancasse seu pescoço com um cano de ferro. Nem sequer se ouve gritar. Seu cérebro apaga e o mundo ao redor desaparece.

O homem que o atacou já tapou sua boca com fita no momento em que Axel começa a acordar. Descobre que está deitado no chão e que o corpo se sacode em espasmos. Os braços e as pernas se agitam. Uma queimadura no pescoço causa uma dor lancinante. Ele não consegue se defender.

Os homens movem os braços e as pernas de Axel bruscamente para enrolá-los em plástico branco. O plástico estala suavemente e ele acredita que irá sufocar. Contudo, o ar consegue chegar até ele. Os homens prendem o plástico com fita adesiva e o levantam como se fosse um tapete. Axel tenta lutar, mas já não controla seus próprios músculos. Os dois homens o levam escada abaixo, saem pela porta da frente e até um caminhão de lixo que está à espera.

Joona tenta chamar Pontus Salman de volta à margem. O barco a remo desliza para longe. Joona sai correndo do cais para receber a psicóloga e os dois colegas de Södertälje. Ele os acompanha de volta ao cais e diz para terem cuidado, mas que não vê Pontus Salman como um perigo para si ou para os outros.

— Mas o mantenha sob custódia — diz Joona. — Entrarei em contato assim que puder — encerra, voltando apressado para seu carro.

Enquanto Joona dirige sobre a ponte de Fittjaviken, reflete sobre Pontus Salman sentado no barco a remo e dizendo a Joona que estava convencido de que Axel Riessen iria querer assinar o contrato Paganini.

Joona perguntara a Salman se Riessen poderia recusar, mas ele respondera que Riessen não iria querer.

Enquanto disca o número de Axel Riessen, surge na cabeça de Joona a imagem de Veronique Salman. A expressão desapontada ao redor da boca e o medo em seus olhos enquanto explicava que assim que alguém beijava a mão de Raphael Guidi, não havia escapatória.

Aquela palavra, o “pesadelo”, continuava rondando, pensa Joona. A empregada de Palmcrona a usara. Veronique Salman dissera que Raphael se assegurava de que todos contassem a ele seu pior pesadelo, e Pontus Salman dissera que Palmcrona evitara seu pesadelo cometendo suicídio.

Pontus dissera: *Ele conseguiu escapar de colher seu pesadelo.*

Joona reflete sobre o fato de que Stefan Bergkvist nunca soubera que Carl Palmcrona era seu pai. Pensa no calor insuportável que queimara a carne até os ossos e fizera o sangue ferver — o calor que explodira o crânio do garoto.

Não se pode romper um contrato Paganini nem mesmo morrendo.

Joona tenta novamente falar com Axel Riessen no celular, e depois tenta o número direto da Inpe.

— Poderia me transferir para Axel Riessen? — pede rapidamente.

— Lamento. Ele não pode atender no momento — responde a recepcionista.

— Sou um detetive da polícia e preciso falar com ele imediatamente.

— Eu entendo, mas...

— Interrompa-o caso esteja em reunião.

— Ele não está aqui — responde, elevando a voz. — Ele não veio esta manhã, e não conseguimos falar com ele.

— Agora eu sei — diz Joona, desligando.

* * *

Joona estaciona seu Volvo na Brahegatan em frente ao portão da mansão de Axel Riessen. A sólida porta da frente está se fechando quando se aproxima, e ele corre para tocar a campainha. A fechadura faz barulho e a porta é reaberta.

— Olá — cumprimenta Robert Riessen ao ver Joona.

— Axel está em casa?

— Deve estar, mas acabei de chegar — responde Robert. — Aconteceu alguma coisa?

— Estou tentando falar com ele.

— Eu também — diz Robert, e deixa Joona entrar.

Eles sobem metade de uma escadaria e entram em um grande saguão dominado por um elaborado candelabro de vidro cor-de-rosa. Robert bate na porta e depois entra na residência de Axel. Ambos percorrem apressados o apartamento, em silêncio.

— Axel! — grita Robert.

Eles olham ao redor, passando de um aposento a outro. Tudo parece normal — o aparelho de som está ligado, mas não há qualquer som, e um volume da *Encyclopaedia Britannica* está aberto no suporte de dicionário.

— Sabe se ele planejava viajar? — pergunta Joona.

— Não — responde Robert, mas há uma estranha exaustão em sua voz. — Ele faz muitas coisas estranhas.

— O que quer dizer com isso?

— Você acha que conhece alguém, e... Bem, vai saber.

Joona entra no quarto e olha rapidamente ao redor. Vê uma grande pintura a óleo apoiada de costas na parede e um dente-de-leão branco aberto colocado em um copo de uísque, e percebe uma cama desfeita e um livro.

Robert já saiu do quarto e desceu correndo as escadas. Joona o segue até a grande cozinha.

Joona estaciona o carro junto ao parque Kronoberg e caminha até a delegacia enquanto fala ao telefone com a polícia de Södertälje. Algo o incomoda. Ele gostaria de ter feito parte do grupo que traria Pontus Salman.

Sua preocupação aumenta quando o policial de Södertälje explica que ninguém sabe onde Pontus Salman está.

— Ligarei de volta — diz o homem com um forte sotaque de Gotland. — Apenas me dê alguns minutos.

— Mas vocês o trouxeram, não? — pergunta Joona.

— Esse era o plano — responde o homem, hesitante.

— Eu fui muito claro em que ele devia ser detido.

— Não precisa me culpar — diz o homem. — Tenho certeza de que todos os procedimentos foram seguidos.

Ele é ouvido digitando em seu computador, murmurando consigo mesmo e depois digitando mais, antes de dar a informação a Joona.

— Sim, ele está aqui sob custódia. Também confiscamos sua arma, uma Winchester 490.

— Bom. Mantenha-o aí. Vou mandar um carro buscá-lo — diz Joona. A piscina do parque Kronoberg, perto dali, tem um forte cheiro de cloro enquanto Joona passa pelas grandes portas de vidro.

Ele sobe de elevador e caminha a passos rápidos pelo corredor. Quase chegou ao escritório de Carlos Eliasson quando seu celular toca. É Disa. O tempo é muito curto, mas ele ainda assim atende.

— Oi — cumprimenta Disa. — Você vem amanhã?

— Você disse que não queria comemorar seu aniversário.

— Eu sei, mas pensei... Só você e eu.

— Parece bom — diz Joona.

— Também tenho algo importante a contar a você — explica.

— Certo — diz Joona, chegando à porta de Carlos.

— Eu...

— Lamento, Disa, mas realmente não posso conversar. Estou indo para uma reunião importante.

— Eu tenho uma surpresa — diz ela.

— Disa, tenho de desligar agora — diz, abrindo a porta.

— Mas... — insiste ela.

— Realmente lamento, mas não posso falar agora.

Joona entra na sala de Carlos, fecha a porta e se senta junto a Saga no sofá.

— Não conseguimos falar com Axel Riessen — explica Carlos imediatamente.

— Estamos com medo de que todos esses assassinatos estejam ligados à autorização de exportação — diz Joona. — E acreditamos que Raphael Guidi está por trás de tudo. Precisamos de um mandado de prisão para ele assim que possível...

— Mandado de prisão? — repete Carlos, chocado. — Só porque Axel Riessen não atendeu o telefone durante duas horas e está muito atrasado no trabalho você supõe de imediato que ele foi sequestrado por Raphael Guidi, um homem que, devo lembrar a você, é um empresário de sucesso com um histórico impecável — diz Carlos, começando a contar nos dedos. — A polícia sueca não tem nada contra ele. A Europol não tem nada contra ele. A Interpol não tem nada. Eu até mesmo falei com as polícias da França, da Itália e de Mônaco.

— Mas eu falei com Anja — diz Joona com um sorriso satisfeito.

— Você falou com *Anja*?

Carlos fica em silêncio antes da entrada de Anja Larsson, que fecha a porta atrás de si.

Sem qualquer introdução, ela começa:

— Na década passada o nome de Raphael Guidi surgiu seis vezes. Houve boatos de que ele estava envolvido em comércio ilegal de armas, negócios com dinheiro ilegal e mortes não explicadas.

— Apenas investigações preliminares — objeta Carlos. — Isso não significa...

— Devo continuar ou não? — pergunta Anja.

— Por favor, vá em frente.

— Todas as suspeitas sobre Raphael Guidi foram descartadas nos estágios iniciais em quase todos os casos, de modo que ele nunca foi verdadeiramente investigado.

— Então vocês não têm nada — conclui Carlos.

— Suas empresas ganharam 123 milhões de dólares na operação Tempestade no Deserto fornecendo mísseis AGM-65 Maverick para jatos Nighthawk — continua Anja. Ela confere suas anotações em busca de precisão. — Mas uma de suas empresas subsidiárias forneceu às forças sérvias foguetes de artilharia capazes de derrubar esses mesmos aviões na guerra do Kosovo.

Anja mostra a eles uma fotografia de Raphael com óculos de sol acobreados. Ele veste calças azuis apertadas, com uma camisa azul de aparência mais

confortável por cima. Tem um sorriso largo. Está entre dois guarda-costas, apontando para um Lamborghini Diablo cor de fumaça.

— A esposa de Raphael era a conhecida violinista Fiorenza Colini — diz Anja a eles. — Um ano após o nascimento de seu filho, Peter, ela recebeu o diagnóstico de câncer de mama. Passou por todos os tratamentos, mas morreu quando o filho tinha 7 anos.

Ela mostra um recorte do jornal italiano *La Repubblica*. Fiorenza Colini leva um belo violino vermelho ao ombro, tendo atrás de si toda a orquestra do Scala. O maestro, Riccardo Muti, posa ao lado dela. Seus cabelos ondulados brilham sob os holofotes. O corpo magro de Fiorenza Colini é uma coluna cintilante em um manto de platina com brocados de prata e uma gola de cristais brilhantes. Seus olhos sorriem sob cílios grossos. O cotovelo esquerdo está erguido, como se o arco viajassem para baixo, e seus dedos esguios estão no alto do braço, buscando uma nota difícil.

Anja mostra a eles outro recorte, este da *Newsweek*, no qual Raphael Guidi, com o filho recém-nascido nos braços, posa improvável e orgulhosamente ao lado do astro americano de rock Alice Cooper. O título diz: BEBÊ BILIONÁRIO. E em outro, Guidi, vestindo um terno leve de cor clara, conversa com o primeiro-ministro italiano Silvio Berlusconi enquanto três louras em biquínis minúsculos relaxam ao lado de uma piscina de mármore rosa em forma de coração.

— Raphael Guidi supostamente mora em Mônaco, mas se você quiser encontrá-lo terá de ir para o mar, pelo que pude determinar — diz Anja. — Atualmente ele passa quase todo o seu tempo em seu megaiate *Theresa*. É fácil entender por quê. A Lürssen o construiu em Bremen há 15 anos com todos os luxos concebíveis.

Uma foto do iate, branco e em forma de flecha, acompanha um perfil de Guidi na *Vogue* francesa. Na foto o barco parece uma lança de porcelana, e a matéria, intitulada “Lion en Cannes” descreve em detalhes a festa do festival de cinema realizada a bordo: “*À la ville comme à la mer: Raphael Guidi et sa femme, Fiorenza, prennent le temps de faire les présentations. Kevin Costner et Salma Hayek saluent Victoria Silvstedt, l’icône Playboy suédoise.*”

Os homens vestem smokings, as mulheres vestem pouca roupa e os guarda-costas sempre presentes plantados atrás de Guidi vestem suas habituais expressões compenetradas. A matéria se esforça para descrever o salão de jantar, que tem tucanos em gaiolas penduradas no teto, e um leão andando de um lado para outro em sua jaula.

Eles devolvem os recortes a Anja.

— Agora vamos escutar — diz Anja. — A inteligência belga gravou uma conversa telefônica entre um promotor italiano e Salvatore Garibaldi, que foi general de brigada do Esercito Italiano.

Ela repassa cópias de uma tradução apressada, insere um pen drive no computador de Carlos, se inclina e aperta o Play. A gravação começa imediatamente com uma voz oficial fornecendo circunstâncias, lugar, data e hora em francês. Depois pode ser ouvido um clique metálico, e um tom de discar distante. Há um barulho, e depois uma voz firme fala.

— Estou escutando e pronto para começar a investigação preliminar — diz o promotor.

— Eu nunca irei testemunhar contra Raphael Guidi, nem sob tortura, nem mesmo...

A voz de Salvatore Garibaldi desaparece em meio a estática. Depois reaparece mais fraca, como se por uma porta fechada.

— ... freios de boca ou sistemas de foguetes sem recuo... E um monte de minas, minas pessoais, minas antiveículos, minas antitanques... Raphael nunca... Como em Ruanda, ele não se importou. Eles usavam varas e facões, nada com dinheiro de verdade. Mas quando a luta passou para o Congo ele quis participar da ação. Achou que seria uma mina de ouro. Primeiramente armou a Frente Patriótica de Ruanda para conseguir atacar Mobuto em peso. Depois passou a desviar armamento pesado para os hutus, para que eles pudessem retaliar a FPR.

Um apito estranho aumenta em meio à estática. Soluça, e então a voz dele é clara novamente.

— O negócio todo com o pesadelo, eu realmente não podia acreditar. Eu fui forçado... Forçado a segurar a mão suada dele... Enquanto eu assistia. Minha filha, ela tinha 14 anos. Era tão bonita, tão linda... Raphael... Fez ele mesmo. Ele mesmo usou a faca... Gritou comigo que eu estava colhendo meu pesadelo. Ele era dono dele... Era dono do meu pesadelo. Eu ainda... Não me peça para pensar nisso novamente... Não posso...

Há sons estranhos. Alguém grita ao fundo. É possível ouvir vidro quebrando. A gravação fica confusa.

Salvatore Garibaldi está chorando.

— Como alguém podia fazer algo como aquilo... Ele pegou uma faca de filetar com o guarda-costas... O rosto da minha filha... Seu bonito, bonito...

Ele continua a soluçar e depois grita que só quer morrer. Ele quer morrer.

Mais estalos, e a gravação termina. Ninguém no escritório de Carlos Eliasson diz uma palavra. Uma luz alegre entra no escritório pelas pequenas janelas voltadas para a encosta verde do parque Kronoberg.

— Essa gravação não prova nada — diz Carlos, pigarreando. — Desde o início ele disse que não iria testemunhar, não seria testemunha. Imagino que isso fez o caso desmoronar e o promotor encerrar a investigação.

— Três semanas depois a cabeça de Salvatore Garibaldi foi encontrada por um

homem que passeava com o cachorro — diz Anja. — Estava em uma vala na via Goethe, atrás de uma pista de corridas em Roma.

— O que aconteceu à filha dele? — pergunta Joona. — Alguém sabe?

— Maria Garibaldi, de 14 anos de idade, ainda está desaparecida — diz Anja secamente.

Carlos suspira e murmura para si mesmo. Caminha até o aquário e contempla seu peixe paraíso por um bom tempo antes de se virar.

— O que querem que eu faça? Vocês não podem provar que a munição está sendo desviada para o Sudão. Se Axel Riessen *tiver* desaparecido, vocês não podem ligar isso a Raphael Guidi. Um fragmento de prova e eu procuro o promotor — implora. — Mas preciso de algo concreto, não apenas...

— Eu sei que é ele — diz Joona.

— E eu preciso de mais do que Joona declarando que sabe — retruca Carlos.

— Precisamos das autoridades atrás de nós para prender Raphael Guidi por crimes contra as leis sueca e internacional — continua Joona, teimoso.

— Não sem provas — diz Carlos.

— Encontraremos provas — diz Joona.

— Você precisa convencer Pontus Salman a testemunhar.

— Nós já o pegamos, mas levá-lo a testemunhar será muito difícil. Ele já está tão assustado que estava prestes a cometer suicídio — diz Joona.

— Se prendermos Raphael, ele talvez se sinta livre para falar. Isso é, se as coisas acalmarem — diz Saga.

— Ainda não podemos prender alguém tão importante quanto Guidi sem uma única prova — reitera Carlos com firmeza.

— Então que porra podemos fazer? — cobra Saga.

— Depender de Pontus Salman...

— Temos de correr. Acredito que Axel Riessen está em perigo — diz Joona.

Eles são interrompidos quando Jens Svane hj älm, o promotor-chefe, entra a passos largos na sala.

O ar-condicionado gelou seu carro, mas não é isso que faz as mãos de Pontus Salman tremerem no volante. Ele já está cruzando a ponte para a ilha Lidingö. Uma barca para a Finlândia está deixando o cais e além de Millesgården alguém queima folhas.

Algumas horas antes ele estava em seu pequeno barco a remo de fundo chato tentando segurar um cano de rifle na boca. O gosto metálico permanece em sua língua, e ele ainda pode ouvir o som do metal aranhando os dentes.

Uma mulher com um corte de cabelo punk assimétrico e azul estava correndo para o cais com o detetive. Ela o chamara gentilmente em sua voz de meia-idade para se aproximar. Tinha de contar algo importante. Usava batom vermelho-brilhante. Ela o levara a uma pequena sala cinza. Descobrira que seu nome era Gunilla, e era psicóloga. Falara com ele profundamente sobre o que pretendia fazer quando remara para o lago.

— Por que você quer morrer? — perguntou objetivamente.

— Na verdade eu não quero — respondera sinceramente, a surpreendendo.

Ela ficara chocada por um momento, depois realmente começaram a conversar. Ele respondera a todas as perguntas e se convencera cada vez mais de que não queria morrer. Em vez disso iria fugir, e começou a planejar para onde poderia ir. Iria simplesmente desaparecer e recomeçar a vida como outra pessoa.

O carro atravessara a ponte. Pontus Salman confere o relógio e sente um enorme alívio por, naquele momento, o avião de Veronique provavelmente já ter deixado o espaço aéreo sueco.

Ele falara a Veronique sobre a Polinésia francesa, e agora podia fantasiar: ele a vê saindo do aeroporto com sua mala de rodas azul-clara. Está usando um chapéu de aba larga, que precisa segurar por causa da brisa. Por que ele também não poderia escapar?

A única coisa de que precisa é seu passaporte, que está na gaveta da escrivaninha.

Eu não quero morrer, pensa Pontus Salman enquanto observa o tráfego.

Ele remara para dentro do lago para não ter de colher seu pesadelo, mas simplesmente não conseguira puxar o gatilho.

Pegarei qualquer avião, pensa. Islândia, Japão ou Brasil. Se Raphael Guidi realmente me quisesse morto, já teria me matado.

Pontus Salman vai até sua garagem e salta. Respira fundo para sentir o cheiro das pedras quentes sob seus pés, o cano de descarga do carro, o cheiro fresco de plantas crescendo.

A rua parece abandonada com todos trabalhando, e mesmo as crianças na escola por mais alguns dias.

Pontus Salman destranca a porta e entra. Todas as luzes da casa estão apagadas e as cortinas, fechadas.

Ele tem de descer para pegar o passaporte no escritório.

No andar de baixo, para ao ouvir algo estranho, como se um cobertor molhado estivesse sendo arrastado sobre um piso de ladrilhos.

— Veronique? — pergunta com voz engasgada.

Pontus Salman pode ver a luz da piscina dançando sobre um muro de pedra branco. Com o coração acelerado, caminha lenta e silenciosamente na direção da piscina.

O promotor-chefe Jens Svanehjälmm cumprimenta Saga Bauer, Joona Linna e Carlos Eliasson em silêncio, acena para que se sentem, depois senta ele mesmo. O material que Anja Larsson reuniu está espalhado sobre a mesa de centro à sua frente. Svanehjälmm toma um gole de seu café de soja e olha para a foto no topo da pilha antes de se virar para Carlos.

— Vocês terão dificuldade para me convencer — anuncia.

— Mas conseguiremos — diz Joona com um sorriso.

— *Go ahead and make my day* — responde o promotor em inglês.

Svanehjälmm parece um garotinho vestindo as roupas do pai. Seu pescoço é fino, sem pomo de Adão aparente, e seus ombros estreitos são caídos, embora vista um terno bem-cortado.

— Isso é complicado — diz Saga. — Mas tememos que Axel Riessen, da Inpe, tenha sido sequestrado como parte do massacre que está acontecendo há alguns dias.

O telefone de Carlos toca, então ela para.

— Desculpem-me — diz a eles, depois rosna no interfone. — Disse a você que não podia ser perturbado!

Ele escuta a voz por um momento, depois pega o telefone do escritório.

— Aqui é Carlos Eliasson.

Ele escuta e então suas bochechas ficam rubras. Ele murmura que entende, agradece ao interlocutor e desliga.

— Lamento — diz Carlos.

— Não é nada — diz Jens Svanehjälmm educadamente.

— Quer dizer, lamento que tenha incomodado todos vocês com esta reunião! — diz ele. — Era a secretária de Axel Riessen ligando da Inpe. Estive em contato com ela a manhã toda... E ela acabou de receber um telefonema de Axel Riessen.

— Então ela disse que não foi sequestro? — pergunta Jens Svanehjälmm, sorrindo.

— Ele está no iate de Raphael Guidi acertando os detalhes finais da autorização de exportação.

Joona e Saga trocam olhares.

— Estão felizes agora? — pergunta o promotor, afável.

— Aparentemente Axel Riessen solicitou uma reunião com Raphael Guidi — Carlos diz a eles.

— Ele teria falado conosco antes — diz Saga, teimosa.

— A secretária diz que passaram o dia inteiro no barco para acertar diferenças. Ele diz que o negócio já está muito atrasado e provavelmente mandará sua assinatura por fax para a Inpe esta noite.

— Ele vai autorizar? — pergunta Saga, levantando-se de repente.

— Isso mesmo — diz Carlos, sorrindo.

— E os planos dele para depois? Ele fez planos... — pergunta Joona.

— Ele estava... — começa Carlos, se interrompendo e franzindo o cenho para Joona.

— Por que você acha que ele iria planejar algo especial depois dessa reunião? — pergunta ele. — Mas, sim, a secretária me disse que ele planejava pegar um veleiro Forqus emprestado com Raphael Guidi para um longo passeio pelo litoral até Kaliningrado.

— Parece maravilhoso — diz Jens, se levantando para partir.

— Idiotas! — diz Saga, chutando a cesta de lixo. — Vocês têm de entender que ele foi obrigado a dar aquele telefonema.

— Vamos nos comportar como adultos — diz Carlos.

Ele se curva para pegar a cesta e o lixo espalhado.

— Então nós terminamos aqui, não é? — pergunta Svanehjälms em voz baixa.

— Axel Riessen é prisioneiro no barco de Raphael Guidi — diz Joona em voz igualmente baixa, mas suas palavras são duras como pedra. — Precisamos da autorização para ir lá e pegá-lo.

— Talvez eu seja realmente obtuso, mas não vejo razão alguma para agir — Jens Svanehjälms diz a eles, e sai da sala calmamente.

Eles o observam fechar a porta descontraidamente ao sair.

— Lamento por ter perdido a calma — diz Saga, se desculpando com Carlos.

— Mas isso não faz sentido. Axel estava determinado a nunca assinar essa autorização... Ao menos não espontaneamente.

— Saga, eu coloquei dois advogados neste caso — explica Carlos. — Eles só encontraram um negócio de exportação absolutamente legítimo que a Silencia Defense preparou. Garanto a você que passaram um pente fino nele...

— Mas temos uma fotografia na qual Palmcrona e Salman se reúnem com Raphael Guidi e Agathe al-Haji para...

— Sei de tudo isso — Carlos se apressa em dizer. — Mas não podemos provar nossa suspeita. Uma simples fotografia não é o bastante.

— Então vamos simplesmente ficar sentados e ver esse navio deixar a Suécia com munição que sabemos ser destinada ao Sudão? — exclama Saga, indignada.

— Tragam Pontus Salman aqui — responde Carlos. — Tragam-no para testemunhar contra Raphael Guidi. Ofereçam o que quiserem a ele desde que concorde em ser testemunha...

— E se ele se recusar? — pergunta Saga.

— Então não há nada que possamos fazer.

— Na verdade temos outra testemunha — diz Joona com suavidade.

— Gostaria de conhecê-la! — cobra Carlos, cético.

— Só precisamos trazê-la antes que seu corpo afogado seja encontrado no mar no litoral de Kaliningrado.

— Você não vai conseguir as coisas do seu jeito desta vez, Joona — diz Carlos, parecendo recuar.

— Sim, eu vou.

— Não, não vai.

— Sim, eu realmente vou — diz Joona, sem ceder um milímetro.

Carlos olha triste para Joona.

— Nunca iremos convencer o promotor disso — diz após algum tempo. — Mas como eu não posso passar o restante de minha vida sentado aqui dizendo não enquanto você diz sim...

Ele suspira, pensa por um momento e diz:

— Vou dar a você permissão para procurar por Axel Riessen em seu papel habitual de consultor. Simplesmente precisamos verificar a segurança dele.

— Joona precisará de apoio — diz Saga.

— Esta não é uma operação policial de verdade — explica Carlos. — É só uma forma de fazer Joona se calar.

— Mas Joona estará...

— O que eu quero — diz Carlos —, o que eu realmente quero é que você, Saga, traga Pontus Salman para cá de Södertälje, como já pedi... Se ele puder nos dar um caso sem brechas, poderemos ir atrás de Raphael Guidi com tudo o que temos.

— Não há tempo para isso — diz Joona, começando a caminhar na direção da porta.

— Vou pegar Pontus — concorda Saga.

— E Joona? O que você...

— Vou dar um pulo no Raphael e bater um papinho com ele — responde Joona saindo da sala.

o pagamento

Após ter ficado apertado na mala de um carro, Axel está rígido quando finalmente pode sair. Descobre que foi levado a um pequeno aeroporto particular. A pista de pouso é de concreto e protegida por uma grade alta. Um helicóptero espera em frente a um prédio que parece um alojamento militar. Um mastro alto se projeta do teto.

Axel pode ouvir gaivotas guinchando enquanto é obrigado a caminhar entre os dois homens que o sequestraram. Ainda veste apenas calça e camisa. Não há nada a dizer, então sobe no helicóptero com os homens. Ele se senta e aperta o cinto. Um dos dois homens é o piloto. Ele manipula os instrumentos no painel à sua frente, depois vira uma pequena chave brilhante, aperta outro controle e pisa num pedal.

O homem ao lado do piloto abre um mapa sobre o colo.

Há fita adesiva se soltando no vidro da frente.

O motor acelera e os rotores começam a girar lentamente. As hélices estreitas cortam o ar pesadamente e o brilho preguiçoso do sol reflete no vidro. O rotor gira cada vez mais rápido.

Um copo descartável no chão é soprado para longe.

O motor já esquentou. As hélices batem de forma ensurdecadora. O piloto segura o manete com a mão direita, deslocando-o com pequenos movimentos. Eles decolam de repente.

O helicóptero se eleva lentamente de início, mas então se inclina para a frente e eles se afastam.

O estômago de Axel revira enquanto voam por cima da grade, por cima das árvores, e então viram tão rapidamente para a esquerda que é como se o helicóptero estivesse caindo.

Deixam o terreno verde ondulado para trás rapidamente, assim como algumas estradas isoladas e uma casa com teto de zinco brilhante.

O motor do helicóptero ronca e as sombras das hélices girando piscam sobre o para-brisa.

O continente termina e o mar se estende abaixo deles.

Axel tenta pensar no que aconteceu. Raphael Guidi devia ter tudo preparado. Telefonara para Axel de seu iate na baía finlandesa. Dissera que estava a caminho da Letônia e do mar Báltico, e depois Axel o cortara. Não se passaram mais de dois

minutos entre o momento em que ele dissera a Guidi que não iria assinar e o momento em que os dois capangas invadiram sua casa e o apagaram com a arma de choque.

Ao menos não o maltrataram. Garantiram que estivesse deitado confortável, mesmo que na mala de um carro.

Meia hora depois haviam parado aquele carro e o trocado por outro.

Uma hora depois, fizeram-no caminhar sozinho até o helicóptero.

O oceano abaixo deles passa rapidamente como uma estrada. O céu acima parece estático, nublado e de um branco úmido. Estão voando a 50 metros de altura e em grande velocidade. O piloto fala ao rádio, mas Axel acha impossível entender o que está dizendo.

Axel cochila um pouco e já não tem noção de quanto tempo passou no helicóptero quando olha para baixo e vê um iate avançando pelo mar agitado. É enorme, um barco branco grande o bastante para conter uma piscina azul-clara e vários conveses para bronzamento.

Eles descem em linha reta.

Axel lembra novamente que Raphael Guidi é um homem muito rico, e se inclina para a frente para dar uma boa olhada no iate. É realmente inacreditável. O barco é elegante e esguio como uma flecha, e tão branco que parece congelado. Tem pelo menos 100 metros de comprimento, com uma ponte de comando elevada, de pelo menos dois andares, no convés de popa.

O helicóptero desce até anéis marcados em um heliponto no convés de proa. A água movimentada pelas hélices do rotor se junta à água que bate nas laterais do barco. O helicóptero paira, desce lentamente e se aproxima da plataforma, balançando com suavidade. Eles pousam delicadamente e esperam que as hélices parem de girar. O piloto permanece na cabine enquanto o outro homem toma o braço de Axel para conduzi-lo pela plataforma. Eles se curvam sob o vento até passarem por uma porta de vidro.

O aposento no qual entram parece uma sala de espera elegante, com sofás e uma mesa de centro, além de uma televisão de tela grande. Um homem de uniforme branco os cumprimenta com delicadeza e aponta na direção de um sofá para que Axel se sente.

— Gostaria de beber algo? — pergunta ele suavemente.

— Apenas água, por favor — responde Axel.

— Mineral ou comum? — pergunta o homem.

Antes que Axel possa responder, outro homem passa pela porta.

Esse lembra o primeiro homem que escoltou Axel na saída do helicóptero. Ambos são altos, largos e com corpos ágeis, mas o novo é tão louro que suas sobranceiras quase não têm cor, e seu nariz parece ter sido dolorosamente quebrado

um dia. A semelhança termina aí. O primeiro captor de Axel tem cabelos grisalhos e óculos. Eles se movem como uma equipe, silenciosa e eficazmente, sem desperdício de movimentos, enquanto conduzem Axel alguns degraus abaixo, até as suítes.

O barco inteiro parece estranhamente deserto. Um belo conjunto de vime em uma plataforma foi negligenciado. A trama refinada está quebrada e pontas farpadas se projetam das beiradas de cadeiras e mesa. Axel está surpreso de ver que a piscina, que de cima parecia tão azul, está quase empoeirada. Nitidamente não recebe água há anos. Está cheia de pilhas de cadeiras quebradas, um sofá sem almofadas e algumas cadeiras de escritório quebradas.

Do lado de dentro, quanto mais para o interior do navio, mais vazio e deserto parece. Os passos de Axel ecoam no piso de mármore arranhado do corredor.

Eles passam por portas duplas com as palavras SALA DE PRANZO elegantemente gravadas na madeira escura acima. A sala de jantar é enorme. Pelas janelas panorâmicas só se vê o mar aberto, e uma ampla escadaria acarpetada de vermelho leva ao andar superior. Impressionantes lustres de cristal pendem do teto. A sala foi projetada para impressionar, mas a mesa de jantar não tem nada além de uma copiadora, um aparelho de fax, dois computadores e uma enorme coleção de pastas com papéis arquivados.

Um homem baixo está sentado em uma mesinha na sala enorme. Seus cabelos são salpicados de grisalho e uma grande área calva brilha no topo da cabeça. Axel reconhece Raphael Guidi imediatamente. Guidi está vestido de forma casual, com short de ginástica azul-claro e casaco combinando. O número 7 está costurado no bolso do peito, com uma imagem maior nas costas. Usa tênis brancos sem meias.

— *Welcome* — diz em inglês.

Um celular toca em seu bolso; Guidi o pega, verifica o número, mas não atende. Quase imediatamente depois há outro telefonema, e Guidi diz algumas palavras em italiano. Depois olha para Axel Riessen. Faz um gesto orgulhoso para as janelas panorâmicas e as ondas do oceano.

— Estou aqui contra minha vontade — começa Axel.

— Lamento, mas não havia outro modo. Estamos ficando sem tempo...

— O que quer de mim?

— Quero sua lealdade — responde Raphael, seco.

Os dois guarda-costas sorriem com o rosto virado para o chão, depois imediatamente apagam a expressão. Raphael toma um grande gole do que parece ser água saborizada de cor amarela, e dá um arrote alto.

— Lealdade. A única coisa que importa — diz suavemente, olhando com dureza para Axel. — Sei que acredita que não tenho nada que você possa querer em pagamento, mas...

— Isso é verdade — responde Axel, cortante.

— Ainda assim, acredito que podemos fazer um acordo... Acredito ter algo que você deseja desesperadamente — continua Raphael. Ele sorri, mas não há prazer em sua careta. — Por sua lealdade eu ofereço algo que realmente quer. Na verdade, que quer mais que qualquer outra coisa no mundo.

Axel balança a cabeça, incrédulo.

— Nem mesmo *eu* saberia dizer o que seria.

— Ah, não — diz Raphael suavemente. — O que você quer mais que qualquer outra coisa no mundo parece tão simples... Uma boa noite de sono...

— Como você sabe disso? — pergunta Axel, engasgando, depois se interrompendo assim que vê o olhar frio e calculista de Raphael. — Então já sabe que tentei todas as formas possíveis — diz Axel lentamente.

Raphael faz um gesto de indiferença.

— Você receberá um novo fígado.

— Estou há anos na lista de doadores — diz Axel com um sorriso involuntário. — Telefone para os médicos sempre que têm uma reunião, mas os danos ao meu fígado foram infligidos por mim mesmo, e meu tipo de tecido é tão incomum que não são encontrados doadores.

— Eu localizei um fígado para você, Axel Riessen — diz Raphael com sua voz penetrante.

A sala fica em silêncio, e Axel sente o rosto e as orelhas queimando.

— E em troca? — diz Axel, engolindo em seco. — Você quer que eu assine a autorização de exportação para o Quênia.

— Mais que isso — diz Raphael. — Quero que assinemos um contrato Paganini.

— O que é isso?

— Não há pressa, haverá tempo para pensar. É uma decisão importante. Mas, antes que decida, quero que examine todas as informações que reuni sobre esse doador de órgãos em particular.

Os pensamentos disparam pela cabeça de Axel a toda velocidade. Ele diz a si mesmo que pode assinar a autorização de exportação e depois, assim que tiver conseguido seu fígado, se voltar contra Guidi e testemunhar contra ele. Ele sabe que será protegido pelas autoridades, e talvez consiga mudar de identidade e tudo o mais. Mas será capaz de dormir novamente.

— Por que não comemos alguma coisa? — pergunta Raphael. — Estou com fome. Você não?

— Talvez...

— Mas antes de comermos por favor ligue para sua secretária na Inpe e avise que está aqui.

Saga leva o telefone ao ouvido enquanto para por um momento junto às lixeiras para reciclagem no corredor. Ela vê sem realmente prestar atenção nos restos cobertos de folhas de uma borboleta no chão, que se mexe como se estivesse viva, com o ar que sai do sistema de ventilação.

— Vocês não têm mais nada a fazer em Estocolmo? — pergunta um policial em dialeto de Gotland quando ela finalmente consegue contato com Södertälje.

— Sobre Pontus Salman — diz ela, irritada.

— Bem, ele agora foi embora — diz o policial, parecendo contente.

— Que porra você está dizendo? — berra ela.

— Bem, falei com Gunilla Sommer, nossa psicóloga, que o levou para a unidade psiquiátrica.

— E?

— Ela o entrevistou e decidiu, sem reservas, que ele não era mais um candidato a suicídio. Sentiu que deveria ser liberado, então o soltou. Leitos de hospital custam dinheiro, você sabe.

— Transmita uma descrição e o pegue imediatamente! — cobra Saga.

— Por quê? Tentativa abandonada de suicídio?

— Apenas se preocupe em encontrá-lo! — Saga rosna, e desliga.

Ela está correndo na direção dos elevadores quando Göran Stone se coloca na frente dela e bloqueia a passagem com os braços esticados.

— Então você quer fazer Pontus Salman falar com você, certo? — provoca ele.

— Certo — responde, e tenta passar, mas ele não deixa.

— Apenas balance um pouco a bunda — diz ele. — Ou mexa no cabelo para você...

— Saia! — ordena Saga. Está com tanta raiva que sua testa começa a ficar vermelha.

— Certo, lamento, só queria ajudar — diz Göran, rindo de forma indecente. — Mas, para sua informação, acabamos de mandar quatro carros para a casa de Salman em Lidingö.

— O que houve? — Saga pergunta rápido.

— Os vizinhos chamaram a polícia — explica Göran, sorrindo. — Ouviram um

bangue-bangue e gritos.

Saga empurra Göran com força e começa a correr.

— Muito obrigada, Göran! — grita ele depois que ela passa. — Você é o melhor, Göran!

* * *

Enquanto Saga dirige para Lidingö, tenta manter a mente vazia. Mas não consegue esquecer os sons da gravação do homem arrasado que, chorando, descrevia o que tinha sido feito à filha.

Saga diz a si mesma que vai se exercitar muito esta noite, e ir para a cama cedo.

Muitas pessoas saíram de suas casas e tomaram a rua ao redor de Roskullsvägen, de modo que ela tem de estacionar a 100 metros da casa de Salman. Curiosos e repórteres se aglomeram do lado de fora da fita policial azul e branca, tentando dar uma olhada no interior da casa. Saga pede desculpas em voz contida enquanto abre caminho. As luzes azuis dos veículos de emergência passam sobre as árvores verdes. Saga vê sua colega Magdalena Ronander apoiada no muro de tijolos marrons, vomitando. O BMW branco de Pontus Salman está estacionado em frente à garagem. Seu teto solar desapareceu. Pequenos cubos de vidro ensanguentados estão espalhados no piso e cintilam no chassi. Através da janela lateral suja de sangue é possível ver o corpo de um homem caído de lado.

Ela o reconhece como sendo Pontus Salman.

Magdalena ergue um rosto pálido para olhar para Saga, cansada. Limpa a boca com um lenço de papel. Depois impede Saga de ir na direção da porta.

— Não, não! — exclama ela com voz rouca. — Você não quer entrar lá. Definitivamente, não.

Saga para e olha para a grande casa. Ela se vira na direção de Magdalena para perguntar algo, mas para de novo. Então entende que a primeira coisa que deve fazer é ligar para Joonas naquele momento, para dizer-lhe que não têm mais uma testemunha.

a garota que colhe dentes-de-leão

Joona está correndo pelo saguão de desembarque do aeroporto Helsinki-Vantaa, na periferia de Helsinque, quando seu telefone toca.

— Saga, o que houve?

— Pontus Salman está morto. Foi encontrado em seu carro do lado de fora de casa. Parece que atirou em si mesmo.

Joona sai do prédio do aeroporto e chama um táxi. Orienta o motorista a ir para o porto enquanto se esparrama no banco de trás.

— O que você disse? — pergunta Saga.

— Nada — responde Joona.

— Não temos mais uma testemunha — diz Saga, ansiosa. — Que porra vamos fazer agora?

— Ainda não sei — responde Joona. Ele fecha os olhos por um instante.

Sente o balanço do carro ao seu redor, suave e calmante. O táxi deixa o aeroporto para trás e acelera para entrar no tráfego da autoestrada.

— Você não pode ir ao barco de Raphael sem reforço — afirma Saga.

— A garota — diz Joona de repente.

— O quê?

— Há uma garota. Axel Riessen estava ensinando violino a ela — diz Joona, e abre os olhos cinzentos. — Talvez ela tenha visto algo.

— Por que você acha isso?

— Havia um dente-de-leão no copo de uísque.

— De que porra você está falando?

— Tente encontrá-la — ordena Joona e desliga o telefone.

Ele recosta no banco e relembra a imagem de Axel de pé com o violino enquanto a garota ia na direção dele com um buquê de dentes-de-leão. Depois pensa na bola de dente-de-leão com sua haste caída sobre a borda do copo de uísque no quarto de Axel. Ela esteve em uma parte muito íntima da casa... Talvez tenha visto algo.

Joona sobe a bordo do navio da guarda costeira finlandesa *Kirku*, que a marinha finlandesa adquiriu da guarda costeira sueca seis anos antes. Enquanto aperta a mão do capitão do navio, Pasi Rannikko, lembra-se de Lennart Johansson em Dalarö, aquele que adorava surfar e chamava a si mesmo de Lance.

Assim como Lance, Pasi Rannikko é um homem jovem e bronzeado, com olhos azul-claros. Diferentemente de Lance, porém, Pasi leva seus deveres muito a sério. É evidente que aquela corrida inesperada além de águas finlandesas o está perturbando.

— Essa situação não me agrada — diz Pasi Rannikko franzindo o cenho —, mas meu chefe é amigo do seu chefe... E aparentemente isso basta.

— Espero conseguir algo do promotor antes de chegarmos lá — diz Joona contemporizando enquanto sente a vibração do navio se afastando do cais e deslizando pela água suavemente.

— No segundo em que você conseguir seu mandado de prisão, entrarei em contato com o FNS *Hanko*. É um barco de patrulha com vinte oficiais e seis soldados — diz, apontando um blip no radar. — Pode chegar a 35 nós e não levará mais de vinte minutos para nos alcançar.

— Isso é bom.

— O iate de Raphael Guidi passou por Dagö e agora está fora das águas territoriais da Estônia. Espero que você tenha consciência de que não podemos abordar um barco em águas estonianas, a não ser em caso de emergência ou se atividade criminosa explícita for observada.

— Tenho consciência disso — diz Joona.

O barco deixa o porto com os motores roncando.

— Eis toda a tripulação — diz Pasi Rannikko com um sorriso irônico.

Um homem corpulento com barba loura está subindo para a ponte de comando. Ele se apresenta como o primeiro — e único — oficial.

— Nilo Kapanen, como o jogador de hóquei — diz, olhando para Joona curioso enquanto coça a barba. Depois pergunta lentamente: — O que esse Guidi fez?

— Sequestro, assassinato, assassinato de policiais, contrabando de armas — enumera Joona.

— E a Suécia manda um único policial?

— Pois é — diz Joona, sorrindo.

— Enquanto contribuímos com esse velho carrinho de bebê.

— Assim que tivermos o mandado de prisão seremos quase um pelotão — diz Pasi Rannikko em voz monótona. — Urho Saarinen do *Hanko* pode chegar aqui em vinte minutos assim que eu der o sinal.

— Uma inspeção — diz Niko de repente. — Tenho a maldita certeza de que podemos exigir uma inspeção surpresa...

- Não em águas estonianas — protesta Pasi Rannikko.
- Que porra... — murmura Niko.
- Vai tudo dar certo — diz Joona suavemente.

Axel Riessen está deitado totalmente vestido em uma cama na cabine de cinco aposentos que recebeu no megaiate de Raphael Guidi. A seu lado há uma pasta com informações completas sobre um doador de fígado, um homem em coma após uma operação malsucedida. Todos os dados são perfeitos — o tipo de tecido corresponde exatamente ao de Axel.

Axel se concentra tanto no teto que se assusta com uma batida na porta. É o homem de uniforme branco.

— Jantar.

Eles passam juntos por uma área de spa. Axel vislumbra camas verdes baixas cheias de garrafas e latas vazias. Toalhas enroladas em plástico ainda estão empilhadas em prateleiras de mármore branco, e ele consegue identificar uma academia de ginástica por trás de portas de vidro fosco que garantem a privacidade. Uma porta dupla de superfície metálica fosca se abre deslizando quando passam pela sala de relaxamento com carpete bege do chão ao teto, sofás e cadeiras, além de uma pequena mas sólida mesa de calcário polido. A iluminação é estranha — pontos de luz e sombra deslizam por paredes e piso. Axel ergue os olhos e se dá conta de que estão abaixo da enorme piscina do iate. O fundo da piscina é feito de vidro, e Axel pode ver o monte de lixo e móveis quebrados delineados por um céu branco.

Raphael Guidi está sentado em um dos sofás. Veste o mesmo short de ginástica de antes, mas agora com uma camiseta branca esticada na barriga. Dá um tapinha no assento ao seu lado e Axel obedientemente vai até lá e se senta. Os dois guardacostas permanecem atrás de Guidi como duas sombras. Ninguém diz nada. O telefone de Raphael Guidi toca. Ele atende e tem uma longa conversa.

Em pouco tempo o homem de branco entra empurrando um carrinho de serviço. Sem um ruído, ele coloca dois lugares na mesa de calcário com pratos, prataria e taças, com grandes travessas de hambúrgueres grelhados, pão, batatas fritas, uma garrafa de ketchup e uma enorme garrafa plástica de Pepsi.

Raphael continua a conversar sem sequer olhar para a comida. Sua voz é monótona e embotada enquanto discute o que parecem detalhes de velocidade de produção e logística.

Ninguém diz uma palavra. Todos esperam pacientemente.

Quinze minutos depois Raphael Guidi encerra sua ligação e olha calmamente para Axel Riessen. Então começa a falar em um tom suave.

— Talvez queira uma taça de vinho agora — oferece. — Já que em alguns dias terá um fígado novo.

— Reli muitas vezes o material sobre o doador — diz Axel. — Está maravilhosamente em ordem. Estou impressionado. Tudo parece perfeito.

— Há uma coisa interessante sobre desejo — começa Raphael, como se não tivesse escutado as palavras de Axel. — Um desejo que você quer mais do que qualquer outra coisa no mundo; eu mesmo gostaria que minha esposa estivesse viva hoje e pudéssemos estar juntos de novo.

— Entendo... — murmura Axel.

— Mas eu tenho um hábito peculiar. Gosto de ver o desejo equilibrado pelo seu oposto — diz Raphael.

Ele pega um hambúrguer e um punhado de batatas fritas. Depois passa a travessa para Axel.

— Obrigado — diz Axel automaticamente.

— O desejo está de um lado da balança — continua Raphael. — O pesadelo está do outro.

— O pesadelo?

— Quero dizer... Vivemos nossa vida com muitos acessórios exteriores, enquanto do lado de dentro... Temos profundos anseios não realizados que desejamos e também pesadelos que nunca se tornam realidade.

— Talvez, sim — diz Axel.

— Você deseja desesperadamente ser capaz de dormir de novo, algo muito bom, mas qual... e aqui estou falando do outro lado da balança... qual é o seu pior pesadelo?

— Eu realmente não sei — diz Axel com um sorriso, erguendo as sobrancelhas.

— O que você teme? — pergunta Raphael enquanto coloca sal em suas batatas fritas.

— Doença, morte... Principalmente dor.

— Claro, todos temem a dor, concordo com você nisso — diz Raphael. — Mas no que me diz respeito, meu pior pesadelo, como comecei a me dar conta, diz respeito a meu filho. Ele logo estará crescendo, e temo que se afaste de mim e siga a própria vida.

— Então, solidão?

— Sim, acredito que sim — diz Raphael. — Solidão total é meu pior pesadelo.

— Bem, eu já estou só — diz Axel. — Então a pior coisa já aconteceu a mim.

— Não diga isso! — brinca Raphael.

— Não, o que eu temo... ah, bem, não vamos falar sobre isso.
— O quê? — estimula Raphael.
— Esqueça, eu realmente não quero falar...
— Você teme ser a razão pela qual uma jovem cometeu suicídio há tantos anos
— diz Raphael, e coloca algo sobre a mesa.
— Sim.
— E quem poderia pensar em suicídio hoje? — pergunta Raphael em voz baixa.
— Beverly — sussurra Axel, e vê que o que Raphael colocou na mesa em frente a ele é uma fotografia.

Está virada para baixo.

Axel não quer realmente tocar nela, mas o faz, e a vira. Ele recolhe a mão secamente. O rosto pensativo de Beverly é claramente visível à luz do flash da câmera. Ele olha para a fotografia, quase com um medo extremo de entender seu significado. É um aviso. A fotografia foi tirada alguns dias antes, dentro de sua casa, na cozinha, no dia em que Beverly tentou tocar violino e depois saiu para procurar um vaso para seu buquê de dentes-de-leão.

Após duas horas no barco cinza da marinha finlandesa, Joonas finalmente vê o iate de luxo de Raphael Guidi deslizando suavemente no horizonte. À luz do sol, parece cintilar como se fosse feito de cristal.

O capitão Pasi Rannikko se coloca ao lado de Joonas. Aponta com a cabeça para o enorme iate.

— Quão perto precisamos chegar? — pergunta, concentrado.

Joonas lança a ele um olhar cinza-gelo.

— O máximo que pudermos. Precisamos ver o que está acontecendo — diz calmamente. — Preciso...

Uma dor lancinante perfura suas têmporas. Ele fica em silêncio, agarra o corrimão e tenta respirar lentamente.

— Qual o problema? — pergunta Pasi Rannikko com um vestígio de riso na voz. — Está ficando enjoado?

— Não.

A dor atravessa sua cabeça mais uma vez e ele agarra com força o corrimão. Seu remédio está fora de questão, mesmo que ajudasse. Ele não pode perder a concentração. Não pode aceitar a exaustão que produziria.

O vento do deslocamento resfria as gotas de suor que surgem na testa de Joonas. Ele pensa no olhar de Disa e em seu rosto sério e sincero. O sol bate na superfície ondulada do mar, e em sua mente ele pode ver a coroa nupcial. Ela brilha em sua vitrine no Museu Nórdico. As pontas trançadas cintilam. Ele pensa no cheiro de flores do campo e em uma igreja que foi decorada com folhas para um casamento no verão. Seu coração bate com tanta força em seus ouvidos que ele não consegue ouvir o capitão falando.

— O que você disse?

Joonas olha confuso para Pasi Rannikko ao lado dele, e depois para o enorme iate branco.

Axel sente náusea. Seus olhos são atraídos de volta para a fotografia de Beverly.

Raphael mergulha suas batatas engorduradas em uma porção de ketchup em seu prato.

Axel ergue os olhos e vê um jovem de pé no umbral olhando para eles. Parece muito cansado e preocupado. Segura um celular.

— Peter! — chama Raphael jovialmente. — Entre!

— Por favor, não — responde Peter com uma voz gentil.

— Não foi um pedido — diz Raphael sorrindo, mas a raiva contrai sua boca.

O garoto entra e diz olá timidamente para Axel.

— Este é meu filho — apresenta Raphael como se estivessem em um jantar festivo normal.

— Olá — diz Axel em seu tom amigável habitual.

Um dos homens do helicóptero está agora de pé junto ao bar. Joga amendoins para um cachorro alegre e malcuidado. Seus cabelos grisalhos parecem metálicos, e seus óculos brilham de modo a se parecerem brancos.

— Castanhas fazem mal a ele — censura Peter fracamente.

— Quando o jantar tiver terminado você poderia trazer seu violino? — pergunta Raphael em uma voz de repente cansada. — Nosso convidado se interessa por música.

Peter confirma com um gesto de cabeça. Ele é muito branco. Há uma camada de suor em seu rosto, e as olheiras são quase roxas.

Axel tenta sorrir.

— Que tipo de violino você tem?

Peter dá de ombros.

— É bom demais para mim. É um Amati que pertenceu à minha mãe. Ela era musicista.

— Um Amati?

— Qual você considera melhor? — interrompe Raphael. — Amati ou Stradivarius?

— Depende de quem está tocando — responde Axel.

— Você é sueco — diz Raphael. — Há quatro violinos feitos por Stradivarius

que estão hoje na Suécia. Mas nenhum deles foi tocado por Paganini, e imagino...

— Acredito em você — diz Axel.

— Eu coleciono instrumentos de corda que ainda conseguem lembrar como... Não — ele se interrompe. — Deixe-me reformular isso... Se esses instrumentos são usados corretamente, você é capaz de ouvir o anseio e a tristeza de uma alma perdida.

— Percebo — diz Axel, sem se comprometer.

— Estou certo de que as pessoas escutem esse sofrimento quando assinamos um contrato — diz Raphael, sorrindo sem alegria. — Nós nos reunimos, escutamos música, ouvimos aquela única voz sofrida, e então assinamos o contrato. Apenas no ar. Nossos desejos e nossos pesadelos se tornam parte do contrato... Eu chamo isso de contrato Paganini.

— Entendo.

— Mesmo? — reage Raphael, sorrindo. — É um contrato para além da morte. Você não pode se libertar dele. Mesmo um homem que recorra ao suicídio deve entender que seu pior pesadelo se tornará realidade. Eu o possuo, mas ele colhe seu pesadelo.

— O que quer que eu diga? — pergunta Axel.

— Só estou dizendo... Considere que esse contrato não pode ser rompido. E eu... Como dizer? — pergunta-se, hesitando. — Não seria bom para meus negócios se você me confundisse com um homem gentil.

Raphael vai até a enorme televisão instalada na parede. Pega um DVD reluzente em um bolso do short, tira do estojo, o desliza para dentro do aparelho. Peter senta-se na beirada do sofá. Olha para os outros homens na sala sem erguer a cabeça. Ele tem uma cor muito pálida e membros finos, com um rosto sensível que parece revelar todas as emoções. Sua compleição não lembra de modo algum o corpo largo e compacto do pai.

A imagem tremula na tela, que então é tomada por faixas cinza. Axel sente um medo nas entranhas enquanto vê três pessoas saindo da porta de uma casa de tijolos. Ele reconhece duas delas imediatamente: o detetive inspetor Joona Linna e Saga Bauer. A terceira pessoa é uma mulher com traços latino-americanos.

Axel vê Joona Linna pegar um celular e fazer uma ligação. Ele não parece ser atendido. As três pessoas têm expressões fechadas e sérias enquanto entram em um carro e partem.

A câmera se desloca tremendo para a porta. Ela é aberta, a luz desaparece e então a câmera se ajusta automaticamente à escuridão. Há duas malas grandes no corredor. A câmera avança para a cozinha, depois vira à esquerda e desce escadas, passando por um corredor ladrilhado, finalmente chegando a uma sala com piscina. Uma mulher em traje de banho está descansando em uma cadeira ao lado da piscina,

e outra, com os cabelos em um elegante corte pajem, entra e fala ao telefone.

A câmera recua furtivamente e espera o fim do telefonema, escondida até que ela termine. Então avança novamente. São ouvidos passos, e a mulher com o telefone volta seu rosto cansado e infeliz para a câmera e fica rígida. Uma expressão de medo passa por seu rosto.

— Eu realmente não quero mais ver isso, papai — diz o filho em sua voz educada.

— Ora, ora, só está começando! — retruca Raphael, e o garoto não se move.

A TV escurece por um momento porque a câmera foi desligada. A imagem volta pouco depois, balança e se estabiliza quando a câmera é colocada em um tripé. As duas mulheres estão sentadas no chão encostadas na parede de azulejos. Pontus Salman as encara, sentado em uma cadeira, mas seu corpo se contorce e ele respira rápido.

A hora na câmera mostra que a gravação foi feita menos de uma hora antes. Um homem vestido de preto com o rosto coberto por uma máscara de esquiador caminha até Veronique e vira seu rosto para a câmera.

— Perdoe-me! Perdoe-me! Perdoe-me! — debocha Raphael em uma voz guinchada a partir de seu lugar no sofá.

Axel olha para Raphael, espantado, no instante em que a voz de Veronique Salman é ouvida:

— Perdoe-me! Perdoe-me! Perdoe-me!

Sua voz está tomada pelo terror.

— Eu não tinha ideia! — debocha Raphael, e aponta para a televisão.

— Eu não tinha ideia! — suplica Veronique. — Eu tirei a fotografia, mas não queria ferir ninguém! Eu não sabia como estava sendo idiota, só pensei que...

— Você tem de escolher — diz o homem com máscara de esquiador. — No joelho de quem devo atirar? Sua esposa ou sua irmã?

— Por favor, não faça isso — sussurra Pontus.

— Em quem devo atirar? — repete o homem.

— Minha esposa — sussurra Pontus. Sua voz é quase inaudível.

— Pontus, por favor! — suplica a esposa. — Por favor, não deixe ele...

Pontus começa a soluçar aguda e penetrantemente.

— Vai doer quando eu atirar nela — alerta o homem.

— Não deixe ele atirar em mim! — grita Veronique, em pânico.

— Você quer mudar de ideia? Devo atirar em sua irmã?

— Não — murmura Pontus.

— Implore.

— O que você disse? — pergunta Pontus, com a expressão de um homem arrasado.

— Implore de forma educada para que eu atire nela.

Há um momento de silêncio, e então Axel Riessen ouve Pontus dizer:

— Você poderia fazer a gentileza de... atirar no joelho de minha esposa?

— Atirarei nos dois joelhos, já que você foi tão educado — diz o homem, e coloca o cano de sua pistola no joelho de Veronique.

— Por favor, não deixe ele fazer isso! — berra ela. — Por favor, Pontus!

O homem atira. Um estampido breve é ouvido. A perna de Veronique pula. O sangue se espalha sobre os azulejos. Veronique grita tão alto que a voz falha. Ele atira de novo. O ricochete faz a arma balançar. O segundo joelho é atingido e se dobra em um ângulo impossível.

Veronique grita novamente, rouca e distante. Seu corpo tem espasmos de dor, e o sangue começa a cobrir o piso de azulejos abaixo dela.

Pontus Salman começou a vomitar e o homem com máscara de esquiador o observa com um olhar pensativo, sonhador.

Veronique se coloca de lado, ofegando, e tenta levar as mãos às pernas feridas. A mulher junto a ela parece estar em choque. Seu rosto ficou verde e os olhos não passam de grandes buracos negros.

— Sua irmã tem problemas mentais, certo? — pergunta o homem, curioso. — Acha que ela tem noção do que está acontecendo? — Ele dá um tapinha reconfortante na cabeça de Pontus. Depois diz: — Quer que eu estupe sua irmã ou atire em sua esposa de novo?

Pontus não responde. Seus olhos estão revirando. O homem dá um tapa no rosto dele.

— Responda! Quer que eu atire novamente em sua esposa ou estupe sua irmã? A irmã de Pontus Salman balança a cabeça.

— Estupro! — sussurra Veronique, ofegando. — Por favor, por favor, Pontus. Diga para ele estuprar.

— Estupe — sussurra Pontus.

— Eu não escutei você!

— Estupe minha irmã!

— Certo. É para já.

Axel olha para o chão entre seus pés. Está tentando não ouvir o gemido, as preces e os horrendos gritos viscerais. Ele tenta encher a mente com a música de Bach, tenta encontrar espaços em sua música, espaços cheios de luz e raios celestiais.

Finalmente não há mais som. Axel olha para a televisão. As mulheres estão caídas mortas junto à parede. Ele vê o homem com máscara de esquiador de pé, ofegante, com uma faca ensanguentada em uma das mãos e uma arma na outra.

— Você colheu seu pesadelo; agora você pode se matar — diz o homem, e joga

a pistola aos pés de Pontus enquanto sai de cena e contorna a câmara.

Saga Bauer deixa Magdalena Ronander e passa por cima da fita policial. Mais curiosos apareceram, além de uma van da televisão sueca. Um policial uniformizado está tentando abrir espaço na multidão para a passagem de uma ambulância.

Saga deixa tudo isso para trás e vai por um caminho de pedra até o jardim de alguém, passando por um pé de jasmim. Continua andando cada vez mais rápido, depois começa a correr de volta ao carro.

“A garota”, Joona dissera ao telefone. “Você precisa encontrar a garota. Há uma garota que mora com Axel Riessen. Ele a chamou de Beverly Andersson. Pergunte a Robert, o irmão dele. A garota tem uns 15 anos, e você realmente precisa encontrá-la.”

“Quanto tempo tenho para conseguir um mandado de prisão?”

“Não muito”, Joona respondera. “Mas você precisa conseguir a tempo.”

Enquanto dirige de volta a Estocolmo, Saga telefona para Robert Riessen, mas ninguém atende. Ela liga para a telefonista do DIC e pede para falar com Anja, assistente de Joona, a mulher roliça que um dia ganhou uma medalha olímpica na natação e adora batom colorido brilhante e unhas pintadas em cores berrantes.

— Anja Larsson. — É a resposta após um único toque.

— Oi. Sou Saga Bauer, do Säpo. Nós nos encontramos recentemente na...

— Sim, é verdade — responde Anja friamente.

— Preciso de informações sobre uma jovem chamada Beverly Andersson, que...

— Posso mandar a conta para o Säpo? — pergunta Anja com voz gelada.

Saga engrossa:

— Faça a porra que quiser, desde que consiga o maldito número antes...

— Não gosto do seu linguajar, jovem.

— Esqueça que pedi.

Saga xinga e buzina para um carro que não se moveu embora o sinal tenha ficado verde. Está prestes a desligar quando Anja pergunta:

— Qual a idade dela?

— Por volta de 15.

— Não há nenhuma Beverly Andersson nessa faixa etária em nenhum registro

telefônico. Mas o governo tem o registro dela no mesmo endereço do pai, Evert Andersson.

— Certo, então vou ligar para ele. Poderia me mandar o número?

— Já fiz isso.

— Obrigada, Anja, muito obrigada... Por favor, me desculpe por ser uma cretina. Estou morrendo de pressa. Estou preocupada com Joona. Acredito que ele possa fazer algo idiota sem apoio.

— Você falou com ele?

— Sim. Ele me pediu para achar a garota. Eu nunca sequer a vi, eu não sei... Ele quer que eu descubra tudo isso, mas eu...

— Você liga para o pai de Beverly e eu continuo procurando — diz Anja, e desliga.

Saga passa para o acostamento em Hjorthagen e estaciona para olhar o número que Anja mandou. O código de área é da província de Skåne. *Talvez seja a cidade de Svalöv*, pensa enquanto aperta o botão de chamar.

Evert Andersson está sentado em sua cozinha revestida de lambris de pinho no meio da província de Skåne e dá um pulo quando o telefone toca. Ele acabou de voltar após soltar um bezerro da cerca de arame farpado de seu vizinho. Demorou mais de uma hora. Tem sangue nas mãos e as limpa nas roupas de trabalho azuis. Quando o telefone toca, ele não se preocupa em atender. Não por causa do estado de suas mãos, mas porque sente que não existe ninguém com quem realmente queira falar. Ele se inclina para a frente, olha o visor e vê que é um número bloqueado. Provavelmente um vendedor se escondendo atrás daquilo. Deixa o telefone tocar até parar. Então o aparelho recomeça. Evert Andersson olha novamente o visor e finalmente atende a ligação.

— Andersson.

— Alô, eu sou Saga Bauer — apresenta-se uma voz feminina rápida. — Sou policial do Säpo. Estou procurando sua filha, Beverly Andersson.

— O que aconteceu?

— Nada. Ela não fez nada errado, mas tem informações muito importantes de que precisamos.

— E agora ela simplesmente sumiu? — pergunta em voz fraca.

— Tem o telefone dela? — pergunta Saga.

Os pensamentos lentos de Evert retornam à época em que ele um dia esperara que a filha assumisse a fazenda depois dele. Ela manteria a tradição, viveria em sua casa, trabalharia em seu curral, suas construções, seus campos. Caminharia pelos jardins que a mãe plantara, andando na lama com galochas como as dele, ficando com a cintura roliça como a da mãe, vestindo um casaco comprido com os cabelos em uma trança às costas.

Mas, mesmo pequena, Beverly tinha alguma coisa estranha que ele sentia e temia.

À medida que crescia, ficava cada vez mais diferente, como se fosse uma alienígena saída dele e da mãe. Certa vez, a menina entrara no curral quando tinha 8 ou 9 anos. Sentou em um cercado vazio usando um balde virado como banco e ficou cantando para si mesma com os olhos fechados. Ela se perdeu no som de sua própria voz. Ele achara que era sua obrigação gritar com ela para que se calasse e parasse

de se fazer de tola, mas havia um clima ao redor dela que o perturbou. Ele registrou esse incidente como o momento em que soube que nunca iria entendê-la. Então não conseguiu mais falar com ela. Sempre que queria dizer algo, as palavras desapareciam.

Quando a mãe morreu, o silêncio na fazenda se tornou total.

Beverly começou a vagar pelo campo, e ficava fora horas, ou mesmo um dia inteiro. A polícia tinha de levá-la de volta para casa porque ela não sabia mais onde estava. Acompanhava qualquer um que falasse gentilmente com ela.

— Eu não tenho nada a dizer a ela, então por que teria seu número de telefone?
— responde em seu rígido e teimoso dialeto de Skåne.

— Está absolutamente certo...

— Vocês de Estocolmo não entendem essas coisas — corta com veemência e desliga.

Ele olha para os dedos no telefone: o sangue nos nós dos dedos, a terra embaixo das unhas, entranhada nas cutículas, em cada fissura e superfície. Caminha até sua poltrona verde e se senta lentamente. Pega o brilhante suplemento de TV do jornal e começa a ler. Esta noite haverá um programa sobre o apresentador Ossian Wallenberg, que morreu recentemente. Evert larga o suplemento e se surpreende ao perceber que tem lágrimas nos olhos. Ele se lembra de que Beverly costumava se sentar ao seu lado e ambos riam do absurdo tolo de *Sexta-feira dourada*.

Saga Bauer xinga em voz alta, fecha os olhos e soca o volante algumas vezes. Diz a si mesma que precisa se controlar e ir em frente antes que seja tarde demais, e então o telefone toca.

— Oi, sou eu novamente — diz Anja. — Vou transferir você para Herbert Saxéus, no Hospital Santa Maria Hjärta.

— Certo. Por quê?

— Beverly Andersson foi paciente de Saxéus durante dois anos.

— Obrigada, isso foi...

Anja já tinha transferido Saga para outra linha.

Saga espera a conexão. Ela se lembra do Santa Maria Hjärta, em Torsby, a leste de Estocolmo.

— Herbert falando — diz uma voz calorosa.

— Oi, meu nome é Saga Bauer e sou policial, investigadora do Säpo. Preciso encontrar uma garota chamada Beverly Andersson, que foi uma de suas pacientes, pelo que eu soube.

Há uma pausa do outro lado.

— Ela está bem? — pergunta o médico.

— É o que preciso saber. Tenho de falar com ela — informa Saga rapidamente. — E é urgente.

— Ela mora na casa de Axel Riessen, que... Bem, ele tem a custódia informal.

— Então ela ainda está lá? — pergunta Saga, virando a chave na ignição. Ela começa a voltar à estrada.

— Axel Riessen está dando um quarto a ela até que ela consiga uma casa — responde. — Ela tem apenas 15 anos, mas seria um equívoco obrigá-la a morar em casa.

Há bastante tráfego, e Saga dirige o mais rápido que consegue.

— Posso perguntar qual foi o tratamento de Beverly? — pergunta.

— Não sei se vai ajudar, mas como médico eu diria que ela tem um grave distúrbio de personalidade, que chamamos de Grupo B.

— O que isso significa?

— Não muito — responde Herbert Saxéus. — Mas minha opinião pessoal é

que Beverly é fisicamente saudável, mais saudável que a maioria... É um clichê, eu sei, mas não é ela que está doente.

— Não, ela vive em um mundo doente.

— Isso mesmo — diz ele, suspirando.

Saga agradece, encerra a ligação e entra na Valhallavägen. O encosto está grudado de suor. Seu telefone toca, e ela acelera para passar pelo sinal amarelo em frente ao Estádio Olímpico antes de atender.

— Pensei em falar com o pai de Beverly também — diz Anja. — É um homem agradável, mas teve um dia difícil com uma vaca ferida. Diz que teve de consolá-la. Sua família sempre morou na mesma fazenda. Agora ele é o único que restou. Conversamos sobre *A viagem maravilhosa de Nils Holgersson*, e então ele encontrou algumas cartas que Beverly havia escrito para ele. Nem sequer abrira. Pode acreditar nisso? Tão teimoso! O número do telefone de Beverly estava em todas as cartas.

Saga agradece a Anja entusiasticamente e liga para o número de Beverly. Ela já está estacionando em frente à casa dos Riessen quando o celular de Beverly Andersson toca.

Um bipe após o outro desaparece na escuridão do espaço. O sol brilha em meio a um pouco de poeira no ar em frente à igreja. Saga sente seu corpo tenso de determinação. Resta pouco tempo. Joona estará sozinho quando se lançar contra Raphael Guidi.

Com o telefone ainda no ouvido, ela caminha até a porta de Robert Riessen e toca a campainha. De repente alguém atende o telefone. Saga consegue ouvir um leve chacoalhar.

— Beverly? — pergunta Saga. — É você?

Saga consegue ouvir a respiração dela.

— Responda, Beverly — diz Saga com a voz mais gentil que consegue. — Onde você está?

— Eu...

— O que você disse, Beverly? O que você disse? Não consigo ouvir você.

— Ainda não posso sair — sussurra a garota, e desliga.

* * *

Robert está silencioso e pálido. Ele deixa Saga no quarto de Beverly Andersson e pede que tranque quando tiver terminado. O quarto não parece ocupado. Há apenas algumas roupas brancas no guarda-roupa e um par de galochas, uma jaqueta de campo e um carregador de celular.

Saga tranca o quarto de Beverly ao sair e entra nos aposentos de Axel Riessen. Tenta entender o que Joona quis dizer e como aquela garota pode ser importante. Ela percorre a sala íntima, salões e a biblioteca. A porta para o quarto de Axel Riessen está ligeiramente entreaberta. Saga pisa no grosso carpete chinês, passa pela cama e entra no banheiro adjacente. Retorna ao quarto. Algo a deixa nervosa. Há uma energia tensa no quarto. Saga coloca a mão sobre a Glock no coldre de ombro. Há um copo de uísque na mesa com os restos caídos de um dente-de-leão.

A poeira flutua lentamente à luz do sol em um quarto que quase vibra com o silêncio. Seu coração dá um pulso quando a árvore do lado de fora raspa na janela.

Ela caminha até a cama desfeita e pensa nos dois travesseiros e na roupa de cama amontoada.

Saga pensa que está ouvindo passos na biblioteca e, ao se virar para sair, uma mão agarra seu tornozelo. Há alguém embaixo da cama. Ela se solta, cai de costas e saca a arma em um só movimento enquanto, inadvertidamente, derruba a mesa com o dente-de-leão.

Saga se coloca de joelhos e aponta, mas então baixa a arma.

A garota olha da escuridão sob a cama. Seus olhos estão arregalados e assustados. Saga recoloca a arma no coldre e suspira fundo.

— Você está brilhando — diz Beverly.

— Você é Beverly? — sussurra Saga.

— Eu já posso sair?

— Sim, eu garanto, você pode sair — diz Saga.

— Já se passou uma hora? Axel me disse para esperar uma hora inteira.

— Já passou mais de uma hora, Beverly.

Saga a ajuda a se levantar. A garota veste apenas roupas íntimas e está um pouco tensionada após passar tanto tempo deitada na mesma posição. Seus cabelos são muito curtos, e os braços estão cobertos com desenhos e letras a caneta.

— O que está fazendo embaixo da cama de Axel Riessen? — pergunta Saga, mantendo a voz calma.

— Ele é o meu melhor amigo — responde Beverly enquanto veste o jeans.

— Acredito que ele está em perigo; por favor me diga o que sabe.

Beverly para, pegando sua camiseta. Seu rosto fica vermelho e lágrimas enchem seus olhos.

— Eu não fiz...

O lábio inferior de Beverly começa a tremer.

— Calma — tranquiliza Saga, tentando afastar a tensão de sua voz. — Comece do princípio.

— Eu estava na cama quando Axel entrou — explica Beverly em uma voz fraca. — Ele me disse para eu ir para baixo da cama e me esconder por uma hora

inteira, e depois correu de volta para a biblioteca, e não sei... Eu só vi as pernas deles, mas dois caras vieram atrás dele. Fizeram algo horrível. Ele gritou, eles o jogaram no chão, enrolaram em plástico branco e depois o levaram para fora. Tudo aconteceu muito rápido. Não vi o rosto deles... Não sei nem se são seres humanos.

— Só um segundo — diz Saga. Ela pega o telefone. — Você deve vir comigo e contar sua história a um homem chamado Jens Svane hjälm.

Saga liga para Carlos. Suas mãos tremem.

— Temos uma testemunha! Ela viu Axel Riessen ser sequestrado! Temos uma testemunha! — repete. — Ela viu Axel Riessen ser dominado e levado, e isso deve ser suficiente.

Saga e Beverly se entreolham enquanto Saga ouve a reação de Carlos.

— Bom — diz ela. — Estaremos lá. Você pega Svane hjälm. Garanta que ele prepare uma declaração para a Europol.

Raphael Guidi está caminhando pela sala de jantar carregando uma pasta de couro preta, que coloca na mesa e empurra na direção de Axel Riessen.

— O pesadelo de Pontus Salman, como você talvez tenha compreendido, era ser forçado a machucar sua esposa ou sua irmã — explica Guidi. — Não sei. Nunca senti a necessidade de ser explícito antes, mas... Como posso dizer isso? Ultimamente temos tido pessoas que pensaram que podiam escapar de seus pesadelos pelo suicídio. Por favor, não me entenda mal. Normalmente nossos planos dão muito certo. Todos podemos ser civilizados. Posso ser um homem extremamente generoso com aqueles que são leais a mim.

— Você está ameaçando ferir Beverly.

— Você sempre pode escolher mais alguém... Talvez escolher entre ela e seu irmão mais novo se preferir — sugere Raphael despreocupado enquanto toma sua bebida.

Ele limpa a boca, se vira para Peter e pede que pegue seu violino.

— Eu já lhe contei que adquiero apenas instrumentos tocados por Paganini? — pergunta ele. — São os únicos que me interessam. As pessoas dizem que Paganini odiava sua aparência... Eu pessoalmente acredito que ele vendeu a alma ao diabo para que outros o adorassem. Ele chamava a si mesmo de macaco, mas quando tocava as mulheres se arrastavam para ele. Valia o preço. Ele tocava de forma tão inacreditável que as pessoas diziam sentir o fogo do inferno ao redor dele.

Axel olha pelas amplas janelas para a água, que mal parece se mover. Ele sabe que caso se virasse e olhasse para o convés de proa veria o helicóptero que o levaria até lá. Os pensamentos de Axel evitavam o filme chocante que acabara de ver, buscando, em vez disso, um modo de escapar daquilo.

Ele se sente esgotado. Fica sentado imóvel escutando Raphael, que fala sem parar sobre violinos, a fixação de Stradivarius com o som mais claro, a dureza da madeira, os bordos e os pinheiros de crescimento lento que escolhia para seu ateliê.

Raphael para e dá seu sorriso sem vida enquanto diz:

— Desde que seja leal a mim, desfrutará de tudo que é possível de um lado da balança. Receberá um órgão saudável e dormirá melhor que nunca. Em troca, exijo que nunca traia o contrato que estamos prestes a assinar.

— E você só quer a autorização de exportação assinada.

— Terei isso de qualquer forma. Não quero usar a força, nem mesmo matá-lo. Seria um desperdício — diz Guidi, fazendo um gesto de descartar com a mão. — O que eu exijo é...

— Minha lealdade — afirma Axel.

— É pedir demais? — pergunta Raphael. — Pense nisso por um minuto. Conte todas as pessoas nas quais você pode confiar totalmente. Aqueles que você sabe que serão inteiramente leais a você.

Há uma longa pausa entre eles. Axel olha diretamente à frente.

Com uma expressão triste, Raphael diz:

— Exatamente.

Axel abre a pasta de couro na mesa. Todos os documentos de exportação estão ali. Toda a papelada necessária para liberar o M/S *Icelus* do porto de Gotemburgo com seu enorme carregamento de munição.

Só o que falta é sua assinatura.

O filho de Raphael Guidi volta à sala. Seu rosto está pálido e distante. Carrega um belo violino: um instrumento marrom-avermelhado com um corpo suavemente curvo. Axel reconhece logo um Amati, e um em soberbo estado após tantos anos.

— Já lhe disse que exijo certa música para acompanhar o acordo que estamos prestes a fazer — diz Raphael suavemente. — Este violino pertenceu à mãe do garoto... E muito antes, Niccolò Paganini o tocou.

— Ele foi fabricado em 1657 — diz Peter.

Distraído, tira dos bolsos chaves e celular enquanto se prepara para um grande acontecimento. Ele os coloca na mesa antes de levar o instrumento ao ombro.

O garoto pousa o arco gentilmente nas cordas, e logo começa a tocar como se mergulhando em um sonho. Axel reconhece de imediato a introdução da peça mais famosa de Paganini: Caprice nº 24. É considerada a peça de violino mais difícil já composta. O garoto toca como se nadasse debaixo d'água; ela se move lenta demais.

— Nosso contrato será muito vantajoso — diz Raphael.

Ainda está claro do lado de fora. As grandes janelas permitem que entre bastante luz no salão.

Axel pensa em Beverly indo até ele e subindo em sua cama quando estava no pavilhão psiquiátrico. Ela sussurrara: *Eu vi que havia luz neste quarto. Você está emitindo luz.*

— Acabou de pensar nisso? — cobra Raphael.

Axel não consegue olhar para ele. Em vez disso baixa os olhos e pega a caneta na mesa diante dele. Escuta seu coração acelerar. Tenta disfarçar sua respiração rápida.

Dessa vez ele não pode desenhar um bonequinho dizendo: “Oi!” Será obrigado a assinar seu nome e depois rezar a Deus para que Raphael Guidi fique contente e o deixe voltar à Suécia.

Axel sente a caneta tremer. Ele firma uma das mãos com a ajuda da outra,

respira fundo e leva a ponta da caneta à linha vazia no contrato.

— Espere um momento — diz Raphael Guidi abruptamente. — Antes que você assine, preciso saber que tenho você... que tenho sua lealdade.

Axel olha nos olhos de Guidi.

— Se você realmente estiver preparado para colher seu pesadelo caso o contrato seja rompido, precisa mostrar sua fé. Precisa demonstrar isso beijando minha mão.

— Como?

— Estamos fazendo um contrato, não?

— Estamos — responde Axel.

— Então ele será selado com um beijo em minha mão — diz Raphael em uma voz tão pervertida que poderia ser o idiota de uma peça antiga.

O filho de Raphael toca cada vez mais lentamente, enquanto tenta obrigar seus dedos a obedecer. Muda de posição desajeitadamente, mas tropeça durante os movimentos rápidos. Ele arruína a passagem novamente e então desiste.

— Continue — exige Raphael sem sequer olhar na direção dele.

— É difícil demais. Não está bom.

— Peter, é errado desistir antes de ter realmente tentado...

— Então toque você mesmo — diz o filho fazendo beicinho.

O rosto de Raphael endurece tanto que seus traços aparecem uma formação rochosa.

— Faça o que eu digo — diz, com uma calma perturbadora.

O garoto não se move, apenas olha para o chão. A mão direita de Raphael vai na direção da corrente em seu short de ginástica.

— Peter, achei que estava bom o bastante para continuar — diz Raphael, ameaçador.

— O cavalete está torto — interrompe Axel com uma voz que é pouco mais que um sussurro.

Peter olha para o violino e enrubesce.

— Você consegue ajustar? — pergunta.

— Claro. É fácil, e posso fazer, caso queira — diz Axel.

— Vai demorar muito? — pergunta Raphael.

— Não — responde Axel.

Axel pausa a caneta e pega o violino do garoto. Ele o vira e sente como é leve. Nunca segurou um Amati antes, muito menos um com o qual o mestre Paganini houvesse tocado.

O telefone de Raphael toca. Ele olha, depois se empertiga enquanto escuta.

— Isso não pode ser verdade! — exclama com uma expressão selvagem.

Um sorriso pervertido passa por seus lábios. Rosna algo para seus guarda-

costas, e os três se viram para subir as escadas.

Peter observa Axel soltar as cordas. O violino range. O som seco dos dedos de Axel raspando no instrumento vibra pela sensível caixa de ressonância. Axel cuidadosamente ajusta o cavalete uma fração, depois aperta as cordas de novo.

— Funcionou? — pergunta Peter.

— Claro — diz Axel, afinando as cordas. — Tente agora e veja.

— Obrigado — diz Peter.

Axel está bastante consciente do celular de Peter na mesa atrás dele enquanto diz:

— Comece novamente. Você acabou a primeira passagem, e a seguir vem o movimento de *pizzicato*.

— Eu me sinto constrangido — diz Peter e dá as costas.

Axel se apoia na mesa, esticando a mão às costas, encontra o telefone e tenta pegá-lo. Ele desliza um pouco na superfície lisa.

Peter está de costas para Axel. Está levando o violino ao ombro e pousando o arco nas cordas.

Axel consegue pegar o telefone com os dedos e o mantém escondido na mão enquanto se desloca um pouco para o lado.

Peter desliza o arco por uma única nota. Depois para. Ele se vira e olha além de Axel.

— Ei, meu telefone não estava ali?

Axel deixa o telefone escorregar da mão antes de se virar e pegá-lo.

— Alguma mensagem para mim? — pergunta Peter.

Axel olha para o telefone. A cobertura é total, embora estejam no mar. Ele se dá conta de que o navio deve ter transmissão por satélite.

— Nenhuma mensagem — diz, e pousa o telefone novamente.

— Obrigado.

Axel permanece perto da mesa e Peter recomeça a tocar Caprice nº 24. Está lento demais e cada vez mais fora de ritmo.

Peter tem algum talento, e é fácil dizer que praticou muito, mas aquela peça está além da capacidade dele. Ainda assim, o som do Amati é tão maravilhoso que Axel teria gostado de ouvir mesmo se fosse uma criancinha puxando as cordas.

Peter avança pela música, mas finalmente está tão perdido que para. Recomeça. Axel decide que irá tentar pegar o telefone de novo, e se desloca para o lado. Não teve tempo suficiente: Peter toca uma nota errada, para e se vira para Axel.

— É muito difícil — exclama. Mas está pronto para tentar novamente.

Ele começa, mas ainda está errado.

— Não está funcionando — diz, baixando o violino.

— Mantenha o terceiro dedo na corda Lá. É mais fácil de alcançar...

— Você não pode me mostrar?

Axel olha para o telefone na mesa. Um reflexo do sol surge do lado de fora e Axel se vira para a janela panorâmica. O mar ficou impressionantemente calmo e suave. Ele pode ouvir sons surdos da casa de máquinas, um barulho constante que fica surpreso em notar.

Peter entrega o violino a Axel. Axel o leva ao ombro, aperta levemente o arco e então começa a peça desde o início. Sua introdução fluida e triste jorra em alta velocidade pela sala. A voz do Amati não é forte, é maravilhosamente suave e clara. A música de Paganini canta, rodopiando cada vez mais alto enquanto uma melodia persegue a outra.

— Ah, meu Deus — sussurra Peter.

O tom muda para soar como um *prestissimo* sibilante. É bonito de uma forma divertido e ao mesmo tempo cheio de posições difíceis e saltos rápidos entre oitavas.

A música já está viva na cabeça de Axel. Tudo o que ele tem a fazer é soltá-la. Nem todas as notas são perfeitas, mas seus dedos sabem por instinto o caminho e dançam rapidamente sobre o braço e as cordas.

Ele ouve vagamente Raphael gritar algo da ponte de comando, e há um baque acima que sacode o candelabro de cristal. Axel continua a tocar — as notas vibrantes são como centelhas de luz do sol sobre o mar.

Passos pesados descem a escada. Quando Axel vê Raphael com suor escorrendo pelo rosto e uma faca militar ensanguentada na mão, para de tocar de repente. O guarda-costas grisalho corre atrás de Raphael com o rifle erguido e a postos. É um SCAR da Belgian Fabrique Nationale.

Joona Linna está ao lado de Pasi Rannikko, olhando por binóculos. O primeiro oficial está com eles. Todos olham o enorme iate de luxo agora imóvel na água diante deles. Ele balança suavemente, embora o vento tenha parado de soprar. A bandeira da Itália pende no mastro. Não há movimento no barco, como se tudo a bordo estivesse suspenso no sono de cem anos da Bela Adormecida. Cristas brancas desapareceram da superfície do mar Báltico, e está tão calmo que a água lisa reflete o céu azul-claro.

O celular toca no bolso de Joona. Ele passa os binóculos para Niko e atende.

— Temos uma testemunha! — Saga está gritando do outro lado. — A garota viu tudo! Axel Riessen decididamente foi sequestrado. O promotor já emitiu um mandado; você pode ir a bordo e procurar por ele!

— Bom trabalho! — elogia Joona.

Pasi Rannikko olha ansioso para Joona enquanto ele desliga o telefone.

— Temos autoridade para prender Raphael Guidi — diz Joona. — Ele é acusado de sequestro.

— Vou passar um rádio para o FNS *Hanko* — anuncia Pasi Rannikko, correndo para o rádio de comunicação na ponte de comando.

— Eles estarão aqui em 20 minutos — diz Niko, entusiasmado.

— Pedido de apoio — diz Pasi Rannikko ao microfone. — Temos um mandado de prisão para abordar o barco de Raphael Guidi e levá-lo... Câmbio, está correto... Sim, mas corra! Velocidade máxima!

Joona pega os binóculos novamente e corre os olhos sobre as escadas brancas a partir da plataforma no convés, passando por conveses inferiores e de volta ao convés de popa com seus guarda-sóis fechados. Ele tenta ver através de um conjunto de janelas gigantescas, mas elas são escuras demais. Acompanha a balaustrada e depois segue pelo conjunto de escadas seguinte até o amplo pátio.

O ar quente sobe pelos dutos de ventilação no teto da ponte de comando. Joona volta os binóculos para as janelas pretas e para. Acredita ter visto movimento atrás do vidro. Algo branco está se movendo rápido atrás da superfície envidraçada. Por um segundo parece uma asa enorme, penas curvadas apertadas sobre o vidro.

No momento seguinte parece ser tecido ou plástico branco.

Joona pisca para enxergar melhor e olha novamente para encontrar um rosto que ergue os próprios binóculos.

A porta de aço da ponte de comando é escancarada e um homem louro salta para fora e pula as escadas para correr pelo convés de proa.

São as primeiras pessoas que Joona vê no iate.

O segundo homem está vestido de preto. Ele corre para o heliporto e solta as cordas ao redor da base do helicóptero. Abre a porta da cabine.

— Eles escutaram nosso rádio — diz Joona.

— Vamos trocar de canal — diz Pasi Rannikko.

— Não faz mais diferença! Eles não vão ficar. Vão tentar escapar no helicóptero. — Ele dá os binóculos a Niko.

— Quinze minutos para a chegada dos reforços — diz Pasi Rannikko, tenso.

— Raphael sabe que temos um mandado de prisão e podemos subir a bordo — diz Joona.

— Então abordamos o barco imediatamente? — pergunta Niko.

— É o que devemos fazer — responde Joona, olhando rápido para ele.

Niko enfia um carregador em um fuzil automático preto como óleo sujo. É um Heckler & Koch 416 de cano curto.

Pasi Rannikko pega a própria arma do coldre e a entrega a Joona.

— Obrigado — diz Joona enquanto confere a munição e examina a arma.

É uma semiautomática M9A1. Ele a reconhece como sendo similar à M9 usada na Guerra do Golfo, mas o carregador é um pouco diferente e há espaço para luz e mira laser.

Sem falar mais nada, Pasi Rannikko aponta seu barco para a ponte de popa do iate, que está pouco acima da linha d'água. Enquanto se aproximam, o iate parece se elevar, quase como um prédio de apartamentos. Pasi reverte o motor para desacelerar, levantando água, enquanto Niko lança ganchos sobre a lateral. Os cascos se chocam produzindo fagulhas.

Joona sobe a bordo quando os barcos ainda estão distantes. A água se agita entre eles. Niko pula e Joona segura sua mão; seu fuzil automático bate na balaustrada. Eles correm juntos na direção das escadas, abrem caminho pelos restos de cadeiras de vime e velhas caixas de vinho e sobem correndo.

Niko se vira por um segundo para acenar para Pasi Rannikko, que está se afastando do iate.

Raphael Guidi está na ponte de comando com seu guarda-costas, o de cabelos grisalhos e óculos. O navegador olha para ambos com medo enquanto esfrega a mão na barriga repetidamente.

— O que está acontecendo? — cobra Raphael.

— Ordenei que o helicóptero fosse preparado — gagueja o navegador. — Pensei...

— Onde está aquele maldito barco da polícia?

— Lá — diz, apontando para a popa.

Bem abaixo do convés de popa do iate, além da piscina e dos ganchos dos barcos salva-vidas, o barco cinza da marinha está se aproximando e levantando uma onda de espuma enquanto reverte os motores.

— O chamado de rádio... O que disseram exatamente? — cobra Raphael.

— Que não têm muito tempo. Pediram reforços. Disseram que têm um mandado de prisão.

— Como podem? — rosna Raphael, e olha ao redor.

Eles podem ver o piloto já na cabine no heliporto. Os rotores começaram a se mover. E ouvem a Caprice nº 24 de Paganini sendo tocada na sala de jantar abaixo deles.

— Os reforços deles estão chegando — informa o navegador, apontando para um ponto no radar.

— Estou vendo. Quanto tempo temos? — pergunta Raphael.

— Eles estão se movendo a cerca de 33 nós, então... Dez minutos?

— Não há perigo — diz o guarda-costas, olhando para o helicóptero. — Podemos tirar você e Peter daqui. Apenas três minutos até...

O guarda-costas louro entra correndo pela ponte de comando. Ele grita, e seu rosto está pálido.

— Há alguém a bordo! Há alguém no barco! — grita ele.

— Quantos? — O homem grisalho está totalmente alerta.

— Vi apenas um. Tem um fuzil automático. Sem equipamento especial.

— Vá detê-lo.

— Me dê uma faca! — ordena Raphael.

O guarda saca uma faca com lâmina cinza canelada. Raphael a pega e se vira para o navegador. Seus olhos se apertam.

— Você não me disse que eles iam esperar reforços? — grita. — Você disse que eles iriam esperar!

— Foi o que eles disseram...

— Então o que eles estão fazendo aqui? Eles não têm nada contra mim! — diz Raphael. — Eles não têm absolutamente nada!

O navegador recua balançando a cabeça. Raphael se aproxima.

— Que porra eles estão fazendo aqui se não têm nada contra mim? — Raphael continua a gritar. — Não há nada...

— Eu não sei, eu não sei — grita o navegador. — Só posso dizer o que eu ouvi...

— O que você disse a *eles*?

— Dizer a eles? Eu? Não estou entendendo...

— Não me sacaneia! Só diga que porra você contou a eles!

— Eu não disse nada!

— Vindo de você é estranho... Muito incomum, de fato, muito estranho. Não acha?

— Eu apenas escutei, como me ordenaram, eu não...

— Por que você não confessa? — rosna Raphael enquanto pula na direção do navegador e enfia a faca fundo em sua barriga.

Há alguma resistência enquanto a faca desliza através de camisa, gordura e entranhas. O sangue é canalizado pela faca e salpica na mão e no braço de Raphael, atingindo também suas roupas de ginástica. Uma expressão confusa surge no rosto do navegador enquanto ele tenta recuar para se afastar da faca, mas Raphael olha fundo nos olhos dele.

A bela música ainda vem da sala de jantar. Notas inacreditavelmente rápidas dançam para cima e para baixo na escala.

— Poderia ser Axel Riessen — diz o guarda-costas grisalho de repente. — Talvez ele estivesse grampeado... Talvez esteja em contato com a polícia...

Raphael arranca a faca do corpo do navegador e desce as escadas correndo.

O navegador fica imóvel, pressionando a barriga enquanto o sangue pinga em seus sapatos pretos. Tenta andar, mas escorrega e fica caído no chão, olhando mudo para o teto.

O guarda-costas está correndo atrás de Raphael, segurando seu fuzil pronto para disparar enquanto ambos descem correndo as escadas acarpetadas.

Axel para de tocar quando Raphael entra rosnando, apontando a faca ensanguentada para ele.

— Seu traidor! — rosna. — Você me traiu!

O guarda de repente dispara o fuzil contra a janela, as balas atravessando enquanto as cápsulas de latão retinam nas escadas.

Joona e Niko sobem correndo a escada em caracol, passam pelo convés inferior e chegam ao enorme convés de popa. O oceano silencioso é como uma folha de vidro infinita se espalhando em todas as direções. Estranhamente, ouvem música de violino. Joona tenta ver o que há além das portas de vidro, mas só consegue perceber formas indistintas atrás da superfície espelhada. Só vê uma parte da sala de jantar, mas nenhuma pessoa. A música continua, febril. É distante como um sonho, o som abafado pelas portas.

Eles param por alguns segundos e depois disparam por uma área aberta tomada por lixo até uma piscina. Em silêncio, cruzam correndo o pátio rebaixado até as escadas de metal.

Ouvem som de passos acima, e Niko aponta para as escadas. Eles colam os corpos na parede.

As notas leves e descontraídas estão mais claras agora. O trabalho do violinista é extraordinário. Joona espia dentro da enorme sala de jantar e vê a estranha disposição de equipamento de escritório na mesa impressionante. Continua não conseguindo ver ninguém; a pessoa tocando deve estar além da escadaria.

Joona acena para que Niko o siga e proteja suas costas enquanto ele aponta para a ponte de comando acima.

O violino para de repente no meio de uma bela sequência ascendente.

Muito de repente.

Joona se esconde atrás das escadas no mesmo instante em que começa um fogo de arma automática. Explosões rápidas e duras. Os projéteis encamisados estilhaçam as escadas onde eles acabaram de estar, e ricocheteiam em todas as direções.

Joona se agacha atrás das escadas e sente uma descarga de adrenalina. Niko encontrou proteção atrás de um guindaste de bote salva-vidas e está reagindo ao fogo. Joona, curvado, vê a fila de buracos de bala no vidro escuro, como anéis congelados ao redor de pupilas negras.

O guarda-costas grisalho continua a descer as escadas com sua arma apontada para as janelas. Do fuzil sai fumaça e as cápsulas continuam a rolar pela escada.

Peter se agachou e está com as mãos sobre os ouvidos.

Silenciosamente, o guarda-costas sai por uma porta lateral.

Axel está recuando entre as mesas. Segura o violino e seu arco e se afasta enquanto Raphael aponta a faca para ele.

— Como você pôde arruinar tudo? — ruge enquanto tenta pegar Axel. — Eu vou cortar seu rosto, eu vou...

— Papai, o que está acontecendo? — grita Peter.

— Pegue minha arma e vá para o helicóptero! Estamos abandonando este barco!

O garoto confirma com um gesto de cabeça. Seu rosto está pálido, o queixo treme. Raphael se esgueira entre mesas na direção de Axel. Axel recua e joga cadeiras entre eles.

— Carregue com Parabellum, ponta oca! — ordena Raphael.

— Quantos? — pergunta o garoto. — Um carregador?

— Sim, é suficiente... Mas corra! — grita Raphael enquanto chuta uma cadeira para o lado.

Axel está tentando passar pela porta do outro lado da sala. Ele vira a fechadura com uma das mãos, mas a porta não abre.

— Eu não terminei com você! — rosna Raphael.

Axel sacode a porta novamente com a mão livre e então vê a trava no alto. Raphael está chegando mais perto. A faca reluz em sua mão. Axel reage impulsivamente e gira, arremessando o belo violino sobre Raphael. Ele rodopia no ar, vermelho e cintilante. Raphael pula de lado e tropeça, mas ainda se estica, tentando salvar o instrumento. Quase o pega, mas ele escorrega, embora tenha amortecido a queda. O violino desliza pelo chão com um sussurro sibilante.

Axel abriu a porta e passa para um corredor apinhado. Há tanto lixo que ele mal consegue atravessar. Passa por cima de um monte de almofadas de espreguiçadeira e uma pilha de máscaras e roupas de mergulho.

— Vou pegar você! — grita Raphael e o segue com a faca em uma das mãos e o violino na outra.

O pé de Axel fica preso em uma rede de tênis enrolada. Ele engatinha para longe, chutando-a enquanto Raphael se aproxima.

Rajadas de tiros curtos e secos podem ser ouvidas do lado de fora.

Raphael se lança, baixando a faca sobre Axel, mas erra quando este consegue se soltar. Axel se levanta, derruba uma mesa de totó para bloquear Raphael, depois segue velozmente pelo corredor até a porta na extremidade. Suas mãos se atropalham com a trava e a maçaneta, mas algo a bloqueia. Ele empurra. A porta abre uma fresta.

— Você não pode fugir de mim!

Axel tenta se esgueirar pela abertura, mas é estreita demais. A beirada de uma grande estante com vasos de cerâmica bloqueia o caminho. Axel joga todo o seu peso contra a porta e a estante além dela desliza alguns centímetros. Pode sentir Raphael atrás de si. Ele força mais uma vez e finalmente consegue passar o corpo. Fere a mão na fechadura, mas não percebe. Ele precisa sair dali.

Com um grito, Raphael estica o braço e golpeia para baixo. A lâmina corta o ombro de Axel. Ele queima de dor.

Axel entra tropeçando em um aposento que parece uma estufa esquecida. Corre novamente, examinando o ombro, cobrindo os dedos de sangue. Tropeça em um limoeiro seco em um vaso e dispara, curvado, por entre fileiras de plantas mortas com folhas secas caindo.

Raphael está chutando a porta com força. Ele grunhe a cada chute. Os vasos tremem enquanto a prateleira é empurrada de lado, pouco a pouco.

Axel procura desesperado um esconderijo. Engatinha para baixo de uma folha de plástico suja pendurada em uma das fileiras de plantas. Continua a engatinhar, passando por baldes e bacias. Reza para Raphael desistir logo e fugir do barco com o filho.

Um barulho enorme vem da porta e alguns vasos caem no chão e quebram. Raphael entra no aposento, ofegando, e sacode uma treliça com parreiras secas.

— Saia e beije minha mão — chama.

Axel prende a respiração. Tenta se encolher mais, mas há um enorme banco de metal com vasos no caminho.

— Prometo dar tudo a você! — diz, com um amplo sorriso servil no rosto. Ele avança, procurando entre as prateleiras e os tocos mortos de arbustos. — O fígado do seu irmão está esperando por você. Você só precisa beijar minha mão e ele será seu.

O estômago de Axel revira e, tremendo violentamente, ele se apoia em um armário metálico. Está bloqueado. Seu coração acelera e ele ouve um rugido em sua cabeça. Tenta ficar em silêncio. Procura por toda parte e então descobre uma escotilha a apenas 5 metros, uma escotilha que deve dar para o convés de proa.

O motor do helicóptero está roncando mais alto.

Axel planeja engatinhar por baixo da mesa e depois correr os últimos passos. Ele olha com atenção. A porta é mantida fechada apenas por um gancho. Começa a se deslocar de lado.

Ergue a cabeça ligeiramente para avaliar a distância. Mas fica paralisado. Em sua concentração, perdeu a noção da localização de Raphael, que se esgueirou por trás dele. Ouve a respiração rascante de Raphael e aspira o cheiro de seu suor. E sente o gume frio de uma faca em seu pescoço. Ela queima no ponto em que a lâmina toca a pele de Axel.

O guarda-costas grisalho desliza para fora da sala de jantar silenciosamente. Passa pelas portas e então corre rapidamente pela área envidraçada do convés, segurando sua arma camuflada em posição. As lentes de seus óculos cintilam. Joona o vê se esgueirando por trás de Niko e sabe que chegará a Niko em poucos segundos.

As costas de Niko estão desprotegidas.

O guarda-costas ergue a arma automática e posiciona o dedo no gatilho.

Joona se levanta, rígido, e coloca duas balas no centro do peito do homem. O guarda-costas cambaleia e segura na balaustrada para não cair do barco. Olha ao redor furioso e vê Joona chegando. Ergue a arma para atirar novamente.

Joona se dá conta de que ele usa um colete à prova de balas sob o paletó preto.

Joona já saltou sobre o homem e derrubou a arma dele antes de lançar a sua na base do nariz do adversário. As pernas do guarda-costas fraquejam. Ele cambaleia para trás, a cabeça batendo na balaustrada, o suor e o muco se espalhando pelo convés. Cai sentado.

Joona e Niko correm pelo iate dos dois lados do salão de jantar. Podem ouvir as lâminas do rotor do helicóptero girando cada vez mais rápido.

— Rápido! Suba a bordo! — grita alguém.

Joona corre o mais perto da parede que consegue. Faz uma pausa para olhar pela quina na direção do convés de proa. O filho de Raphael Guidi já está no helicóptero. As sombras das hélices correm pelos conveses e balaustradas.

Joona ouve o barulho acima e percebe que o outro guarda-costas de Raphael o viu. O louro está a apenas 25 metros e já apontou para Joona. Não há tempo de reagir. Há um estampido e Joona sente algo no rosto, como uma chicotada. Tudo em volta fica branco. Ele cai sobre as espreguiçadeiras sem conseguir se segurar e se esparrama no chão, sem impedir o pescoço de bater na balaustrada. Sua mão acerta uma barra, derrubando a arma com tanta força que o pulso parece quebrado. A arma passa por cima da balaustrada e cai no convés abaixo.

Joona pisca ao recuperar a visão. Engatinha ao lado da parede. Ainda se sente confuso e por um momento não entende o que aconteceu. Há sangue escorrendo de seu rosto. Ele tem que levantar, tem que conseguir a ajuda de Niko, precisa descobrir para onde o guarda-costas foi.

Esfrega a bochecha ensanguentada. Queima de dor; ele examina o rosto e entende que a bala passou raspando.

É um ferimento superficial, nada mais.

Ouve um zumbido estranho no ouvido esquerdo.

Seu coração bate forte.

Quando se levanta, protegido pela parede de metal, sente uma dor conhecida na cabeça.

É o alerta que antecede uma enxaqueca.

Joona aperta o polegar sobre o ponto na testa entre as sobrancelhas e fecha os olhos, tentando expulsar a dor.

Após um momento ele os abre novamente, tenta ver Niko, o helicóptero e, mais à frente, o convés de proa e a balaustrada.

O bem-equipado navio da marinha finlandesa está se aproximando como uma sombra negra pelo mar liso.

Joona solta uma comprida vara de metal da espreguiçadeira quebrada. Pelo menos terá algo na mão quando encarar o guarda-costas.

Ele encosta na parede. Vê Raphael e Axel no convés de proa. Eles parecem estranhamente fundidos enquanto recuam de costas na direção do helicóptero. Raphael tem um braço passado por cima de Axel, o belo Amati em sua mão se destacando vermelho-brilhante contra o peito de Axel. A outra mão segura uma faca na garganta de Axel. Os cabelos e as roupas deles esvoaçam com o vento das hélices.

O homem que atirou em Joona está se arrastando de lado para encontrá-lo novamente. Não tem certeza se acertou em cheio na cabeça; tudo foi rápido demais.

Joona desliza para trás a fim de escapar, mas sua dor de cabeça o desacelera até ser obrigado a parar. Ele não consegue se mover mais.

Não agora, pensa, sentindo o suor nas costas.

O guarda-costas vira a quina, arma pronta. Vê o ombro de Joona e tem um vislumbre de pescoço e cabeça.

Então a barba loura de Niko Kapanen surge na outra quina com seu fuzil automático erguido. O guarda-costas é rápido demais. Ele gira e dispara quatro tiros seguidos. Niko nem sequer sente o primeiro atingir o ombro, mas é jogado para trás quando o segundo acerta a barriga. O terceiro passa reto, mas o quarto acerta Niko no peito. Ele cai de lado na beirada da plataforma elevada do helicóptero. Está tão chocado com os ferimentos que não se dá conta de que o dedo ainda está no gatilho quando cai. As balas acertam a água enquanto ele esvazia o carregador inteiro em dois segundos até a arma estalar.

Niko suspira com dificuldade e os olhos reviram. Ele larga a arma e vê, tonto, os enormes parafusos do lado de baixo do heliporto. Percebe que a ferrugem abriu

caminho pela tinta branca nas rachaduras das grandes porcas. Mas não percebe que seu pulmão direito está se enchendo de sangue.

Ele tosse fraco e tenta não perder a consciência. Vê Joona escondido atrás da parede da sala de jantar, sem arma, apenas uma vara de metal. Seus olhos se encontram. Ele reúne suas últimas forças e chuta seu fuzil automático pelo convés na direção de Joona.

* * *

Axel está aterrorizado. Seu coração disparado. Tiros por toda parte fazem seus ouvidos zumbirem. Ele não consegue deixar de tremer sob a faca de Raphael, seu corpo usado como escudo pelo homem. A faca cortou a pele de Axel e o sangue escorre por sua camisa. Ele vê o guarda-costas se aproximando do esconderijo de Joona Linna, mas não pode fazer nada.

Joona se estica na direção da arma de Niko e a puxa. O guarda-costas agachado perto do heliporto dispara uma rajada na sua direção. As balas ricocheteiam para todos os lados. Joona solta o carregador vazio e vê, com o canto do olho, Niko vasculhar os bolsos. Niko parece exangue e mal consegue se mover. Ele tem de parar um momento, a mão apertando a barriga. Um guarda-costas grita para que Raphael se apresse e suba no helicóptero; está pronto para decolar. Niko mexe em um bolso na perna da calça. Um papel de chiclete sai voando. Mas seus dedos agarram um projétil perdido. Niko tosse, olha para o projétil encamisado em sua mão e a joga para Joona. A bala rola pelo piso de metal, cintilando ao sol. A cápsula de bronze e a ponta de cobre brilham.

Joona a agarra e enfia no carregador o mais rápido que pode.

Os olhos de Niko agora estão fechados. Uma bolha de sangue surge em seus lábios, mas o peito ainda sobe e desce com uma respiração leve.

Os passos pesados do guarda-costas ecoam no convés.

Joona enfia o carregador na arma, insere a única bala, ergue a arma, espera um segundo e salta de seu esconderijo.

Raphael ainda está puxando Axel. O filho de Raphael grita alguma coisa de dentro do helicóptero, e o piloto acena para que Raphael entre.

— Você deveria ter beijado minha mão quando teve a chance — Raphael murmura no ouvido de Axel.

O Amati produz um som grave quando Raphael o aperta contra o peito de Axel.

O guarda-costas está andando na direção de Niko e se curva para enfiar uma bala no rosto dele.

— *Jonottakaa!* — grita Joona em finlandês.

Ele vê o guarda-costas girar para atirar em Joona. Joona salta para um lado a fim de se concentrar na linha de fogo, já que sua única bala tem de acertar.

Tudo acontece em segundos.

Atrás do seu escudo, Raphael segura firme a faca. O vento cada vez mais forte produzido pelo helicóptero bate em suas roupas. Fios de sangue são arrancados do pescoço de Axel. Eles veem Joona se agachar levemente, virar o cano da carabina ligeiramente e disparar.

Jonottakaa!, pensa Joona. *Fiquem em linha rapazes!* Ele sente o ricochete forte contra seu ombro. O projétil encamisado sai da arma a 800 metros por segundo. Sem fazer quase som algum, a bala penetra no pescoço do guarda-costas e sai em um jorro de sangue antes de penetrar o ombro de Raphael e sair voando para a água.

O braço de Raphael com a faca é sacudido com o tiro, e a faca cai no convés.

Axel Riessen cai.

O guarda-costas olha para Joona surpreso enquanto o sangue jorra de seu pescoço para seu peito. Grogue, ele tenta novamente erguer a arma, mas não consegue. Um som estranho emana de sua garganta. Ele tosse, e dessa vez o sangue escorre de sua boca pelo queixo.

Ele se senta de repente. Leva a mão ao buraco na garganta. Pisca duas vezes e depois seus olhos ficam fixos, arregalados.

O rosto de Raphael está pálido, e ele cambaleia sob o forte vento pulsante. Ainda segura o violino. Olha maldoso para Joona.

— Papai! — grita Peter.

Ele joga uma pistola para o pai.

Ela cai no chão e quica antes de parar aos pés de Raphael.

Axel se ergueu apoiado na balaustrada, a mão apertando o pescoço.

— Raphael! Raphael Guidi! — grita Joona. — Você está preso!

Raphael está a apenas 5 metros do helicóptero. A pistola a seus pés. Suas roupas de ginástica tremulam. Com esforço, ele se inclina para pegar a arma.

— Você está preso por contrabando de armas, sequestro e assassinato — grita Joona com clareza.

Raphael se ergue com a arma na mão trêmula. O rosto está coberto de suor.

— Baixe a arma! — ordena Joona.

Raphael está apontando a arma trêmula. As batidas fortes do coração interferem. Ele olha nos olhos de Joona.

Axel grita para Joona correr.

Joona permanece absolutamente imóvel.

Tudo então acontece de uma vez.

Raphael aponta a pistola para Joona e aperta o gatilho. A pistola clica em seco. Ele tenta novamente e fracassa. Engasga, respirando entrecortado, quando entende

que Peter não chegou a colocar um novo carregador na pistola. Compreende que o filho jogou para ele uma arma vazia. A solidão que ele sempre temeu o envolve. Ele sente três baques suaves no corpo enquanto um estampido se ouve sobre o mar. Raphael sente apenas que alguém lançou um punho contra seu peito. Depois perde qualquer sensação nas pernas.

O helicóptero não espera mais. Ele se ergue no ar, deixando Raphael Guidi para trás.

O navio da marinha finlandesa se colocou ao lado do iate. Os três marinheiros mais uma vez disparam ao mesmo tempo; novamente, todas as três balas atingem Raphael com um impacto explosivo. O corpo de Raphael se contorce como se quisesse se mover sem conseguir. Ele cai.

Suas costas estão quentes, mas os pés já estão gelados.

Peter olha para o iate ficando cada vez menor abaixo dele. Seu pai está esparramado no meio dos anéis concêntricos do heliporto, que agora parecem um alvo.

Raphael Guidi segura o violino de Paganini sobre o peito ensanguentado. A poça vermelha sob seu corpo se amplia. Seus olhos agora estão vazios na morte. Joona é a única pessoa ainda de pé no convés do navio.

Ele vê o helicóptero voando para longe.

O céu está brilhante e vazio. Na superfície reluzente do oceano, três barcos flutuam juntos em um momento de calma.

Logo os helicópteros de resgate chegarão da Finlândia.

Mas este instante é como o momento logo após uma apresentação, quando a última nota morre, a plateia continua fascinada e a ovação está prestes a começar.

a conclusão

Joona Linna, Axel Riessen e Niko Kapanen, além do guarda-costas de cabelos grisalhos, estão sendo transportados pelo helicóptero de resgate para o Hospital de Cirurgia em Helsinque.

No hospital, Axel está curioso sobre por que Joona não se agachou quando Raphael apanhou a pistola no convés.

— Você não me ouviu gritando com você? — pergunta Axel.

Joona diz a ele que já tinha visto os atiradores da Marinha e confiou em que eles iriam atirar antes de Raphael.

— Mas não atiraram — diz Axel.

— Não é possível estar certo o tempo todo — diz Joona com um sorriso.

Niko estava acordado e se olharam antes de partir. Ele brincou dizendo que se sentia como o herói Vanhala no livro *Soldado desconhecido*.

— Avante, Suécia! — diz a eles. — E a corajosa pequena Finlândia também não se saiu mal, não é?

Niko já não corre risco de morrer, mas ele sabe que ainda terá de passar por várias operações. Irá resmungar de ter que ficar em uma cadeira de rodas e ser colocado aos cuidados dos pais, e ainda mais infeliz quando se der conta de que ainda irá demorar pelo menos um ano antes que possa jogar hóquei com sua irmã.

O guarda-costas de Raphael Guidi foi preso e colocado na cadeia de Vanda enquanto as rodas da justiça começam a girar.

Joona Linna e Axel Riessen viajam de volta para a Suécia.

* * *

O grande cargueiro M/S *Icelus* nunca foi autorizado a zarpar do porto de Gotemburgo. Seu carregamento de munição foi retirado e colocado em um depósito da alfândega.

Jens Svanehjälms deu início aos procedimentos, mas, com exceção do guarda-costas ferido, todas as pessoas responsáveis pelos crimes estavam mortas.

Eles nunca conseguiram provas suficientes para acusar ninguém. Apenas Pontus Salman foi considerado envolvido na exportação ilegal de armas, e o único suspeito de crimes na Inpe foi seu diretor-geral anterior, Carl Palmcrona.

O funcionário do governo Jörgen Grünlicht foi investigado, mas nunca foram feitas acusações contra ele. Chegou-se à triste conclusão de que todos os políticos da Suécia e as pessoas trabalhando para o Comitê de Controle de Exportações não sabiam de coisa alguma e tinham agido de boa-fé.

As investigações contra dois políticos quenianos ficaram a cargo de Roland Lidonde, o responsável pelo combate à corrupção e secretário de Estado de Governança e Ética. Contudo, presumia-se que ele iria descobrir que os quenianos também haviam agido de boa-fé.

Os donos supostamente inocentes da Intersafe Shipping não sabiam que a munição deveria ir para o Sudão a partir do porto de Mombasa, e a empresa de transporte queniana Trans Continent também ignorava que os caminhões programados para viajar rumo ao Sudão estariam carregados de munição. Todos agiam de boa-fé.

Axel Riessen sente os pontos no ombro quando sai do táxi para dar os últimos passos subindo a Bragevägen. Sob o sol brilhante, o asfalto parece pálido, quase branco. Quando coloca a mão no portão, a porta da rua da casa se abre e Robert sai. Ele estava esperando junto à janela.

— Deus, pelo que você passou! — exclama Robert, balançando a cabeça. — Falei pelo telefone com Joona Linna e ele me contou essa história louca...

— Você sabe como seu irmão é durão — diz Axel, sorrindo.

Eles se abraçam e por um momento ficam juntos. Depois caminham até a casa.

— Arrumamos a mesa do almoço no jardim — informa Robert.

— Como está seu coração? Não tem causado mais problemas, tem? — pergunta Axel enquanto segue o irmão.

— Na verdade, tinha uma cirurgia marcada semana que vem — responde Robert, sério.

— Eu não sabia disso — sussurra Axel.

— Vou colocar um marca-passo. Acho que não tinha mencionado a você...

— Então, uma operação.

— Bem, de qualquer forma foi cancelada.

Axel olha para o irmão e sente uma torção negra na alma. Ele entende quem havia marcado a operação de Robert, e que ela nunca teria sucesso. Os detalhes do paciente em coma haviam saído dos registros médicos de Robert. Ele teria sido colocado em coma induzido na mesa de cirurgia. Axel teria recebido a doação de seu próprio irmão.

Axel de repente precisa se sentar em uma cadeira do saguão. Sente uma onda de culpa. Tem lágrimas nos olhos.

— Você não vem? — pergunta Robert, relaxado.

— Sim, claro.

Axel respira fundo, se levanta e segue o irmão mais novo pela casa até o jardim. Sob a sombra da grande árvore no centro do jardim, uma mesa posta com seu melhor serviço à espera no piso de mármore.

Axel vai na direção da esposa de Robert, Anette, para cumprimentá-la, mas

Robert segura seu braço para afastá-lo.

— Lembra quando éramos garotos? Nós nos divertíamos juntos — diz ele em voz baixa, com a expressão séria. — Por que crescemos e paramos de conversar? O que aconteceu?

Axel olha para o irmão, surpreso. Percebe as rugas na face de Robert e os cabelos arrepiados ao redor de uma grande calva.

— A vida é assim...

— Não, há algo mais — reflete Robert. — Precisamos falar sobre algo que eu não poderia discutir ao telefone.

— O que poderia ser?

— Beverly me disse que você se culpa pela morte de Greta — diz Robert.

— Eu me recuso a discutir isso.

— Mas você tem de escutar — insiste Robert. — Eu estava nas coxias do concurso. Eu escutei tudo. Ouvi Greta com o pai. Ela chorou o tempo todo. Ela havia tocado errado uma passagem e o pai estava furioso por ela perder o concurso.

Axel se solta de Robert.

— Eu já sei...

— Deixe-me contar — diz ele.

— Então vá em frente.

— Axel... Se você pelo menos tivesse dito algo. Se eu ao menos soubesse que você se culpava pelo suicídio de Greta. Eu ouvi o pai dela. Foi culpa dele, culpa dele e apenas dele. Eles tiveram uma briga terrível, e ele falou coisas horríveis a ela. Disse que se sentia totalmente humilhado. Disse que ela o envergonhara e que não a considerava mais sua filha. Ela teria de deixar sua casa. Não iria mais financiar a academia de música. Ela deveria abandonar todo mundo ali e voltar para a mãe viciada em drogas em Mora.

— Como ele pode ter dito tal coisa!

— Nunca vou me esquecer da voz de Greta — continua Robert, amargo. — Como soava assustada! Ela jurou que tinha feito o melhor que podia, disse que todos cometem erros e que haveria outros concursos... Aquela era a única vida que conhecia, a única que amava.

— Eu sempre disse a ela que haveria outros concursos — diz Axel lentamente.

Ele olha ao redor, aturdido, e não sabe o que fazer. Ele se senta no pátio de mármore e apoia o rosto nas mãos.

— Ela estava chorando e disse que se mataria se ele não a deixasse continuar vivendo na música, se não a deixasse permanecer na academia e continuar tocando.

— Não sei o que dizer — sussurra Axel.

— Você deveria agradecer a Beverly — retruca Robert.

beverly andersson

Está gelado enquanto Beverly espera de pé na plataforma do trem na Estação Central. Sua viagem rumo ao sul será em uma paisagem de verão envolta em névoa cinzenta. O céu irá clarear novamente quando chegar a Hässleholm. Ela troca de trem em Lund. Depois, em Landskrona, pega o ônibus para Svalöv.

Já se passou muito tempo desde que esteve em casa pela última vez.

Ela lembra que o Dr. Saxéus garantira a ela que as coisas dariam certo.

Eu tive uma longa conversa com seu pai, dissera o médico. Ele realmente quer que você volte para casa.

Beverly agora está cruzando uma praça empoeirada. Ela repassa a cena de dois anos antes: vomitando na praça porque alguns garotos a haviam obrigado a beber álcool ilegal. Havia tirado fotografias vergonhosas dela e depois a jogado na praça. Seu pai não a quis mais em casa depois daquele incidente.

Ela continua andando. Seu estômago dá um nó quando vê a estrada se abrir diante dela. A estrada leva à sua fazenda, a 3 quilômetros de distância. Ela costumava pegar caronas naquela estrada. Agora ela não se lembra de por que concordava em ir com eles. Imaginava ter visto nos olhos deles um brilho especial.

Beverly transfere a mala pesada para a outra mão.

Na estrada, sobe poeira com a aproximação de um carro.

Ela pensa: *Eu conheço aquele carro.*

Ela sorri e acena.

Papai está vindo! Papai está vindo!

Roslags-Kulla é uma pequena igreja de madeira avermelhada. Mas tem uma alta e bela torre de relógio. A igreja fica no interior tranquilo perto da fábrica Vira, apenas um pouco além das estradas de tráfego pesado no distrito de Österåker. O céu está claro e azul, e o ar é limpo. O vento sopra o cheiro de flores do campo sobre o cemitério pacífico da igreja.

Ontem Björn Almskog foi enterrado no cemitério de Norra, e hoje quatro homens em ternos pretos estão carregando o caixão de Viola Maria Liselott Fernandez para seu descanso final. Atrás dos carregadores, dois tios e dois primos de El Salvador, Penelope Fernandez e sua mãe, Claudia, caminham com o padre.

Eles se reúnem em torno da cova aberta. Um dos filhos do primo, uma garota de uns 9 anos, olha para o pai com expressão inquisitiva. Quando ele faz um gesto com a cabeça, ela ergue seu gravador e começa a tocar o Hino 97 enquanto o caixão é baixado para a terra.

Penelope Fernandez segura a mão da mãe enquanto o padre lê uma passagem do Apocalipse.

Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte.

Claudia olha para Penelope e ajeita seu colarinho. Dá tapinhas em suas faces como se Penelope ainda fosse uma criança pequena.

Enquanto voltam aos carros, o telefone de Penelope toca. É Joona Linna. Penelope solta a mão da mãe e caminha até a sombra de grandes árvores para conversar com privacidade.

— Olá, Penelope — cumprimenta Joona com sua voz característica, musical, porém séria.

— Alô, Joona — responde Penelope.

— Achei que gostaria de saber que Raphael Guidi está morto.

— E a munição para Darfur?

— Bloqueamos o carregamento.

— Isso é bom.

Penelope olha ao redor, para seus parentes e amigos; sua mãe, que está onde ela a deixou. Sua mãe, que não a perde de vista.

— Obrigada — diz ela.

Ela volta até a mãe, que a observa ansiosa. Pega sua mão novamente, sorri, e andam juntas até os carros. Ela para e se vira. Por um instante achou ter ouvido a voz da irmã ao seu lado. Estremece e uma sombra passa sobre a grama recém-cortada. Sua pequena prima com o gravador está de pé entre as lápides olhando para ela. O prendedor escorregou e os cabelos estão soltos à brisa de verão.

saga bauer e anja larsson

Esses dias de verão não terminam nunca: as noites cintilam como madrepérola até o amanhecer.

O Departamento Nacional de Polícia está fazendo uma festa para os funcionários perto do palácio de Drottningholm.

Joona Linna está sentado com seus colegas em uma mesa comprida sob uma grande árvore.

Em frente a uma pista de dança vermelha, uma banda vestida de ternos brancos toca a tradicional canção folclórica finlandesa “Hårgalåten”.

Petter Näslund está dançando a *slängpolska* com Fatima Zanjani, do Iraque. Ele está falando alto, e o riso ilumina o rosto dela. O que quer que esteja dizendo está deixando Fatima muito contente.

A canção é sobre uma época em que o diabo veio tocar violino. Ele tocou tão bem que os jovens não queriam parar de dançar. Finalmente ficaram tão cansados que começaram a chorar. Seus sapatos gastaram, seus pés gastaram, e logo restavam apenas suas cabeças balançando ao som da música do diabo.

Anja está perto, em uma cadeira de praia. Usa um vestido azul estampado de flores e olha melancólica para os casais dançando. Contudo, quando vê Joona se levantar da mesa, seu rosto redondo cora.

— Feliz verão, Anja — deseja ele.

Saga Bauer está dançando sobre a grama entre as árvores. Está caçando bolhas de sabão com os gêmeos de Magdalena Ronander. Seus cabelos louros cascadeantes com fitas coloridas trançadas brilham ao sol. Duas mulheres de meia-idade param para admirá-la.

— Senhoras e senhores — começa o líder da banda depois dos aplausos. — Temos um pedido especial.

Carlos Eliasson sorri e olha para alguém atrás do palco.

O cantor sorri.

— Eu tenho minhas raízes em Oulu e vou cantar uma canção finlandesa especial para vocês. É um tango chamado “Satumaa”.

Magdalena Ronander está usando uma coroa de flores nos cabelos enquanto vai

na direção de Joona e tenta capturar seu olhar. Anja olha para os pés. O conjunto começa a tocar o tango.

Joona já se virou para Anja e se curva ligeiramente. Pergunta em voz baixa:

— Você me concede a honra?

O rosto de Anja, e mesmo seu pescoço, ficam vermelho-brilhantes. Ela ergue os olhos para ele e anui, séria.

— Sim, pode.

Ela coloca os dedos no braço de Joona e lança um olhar orgulhoso para Magdalena. Pisa na pista de dança com a cabeça erguida.

Anja inicialmente se concentra nos passos, o cenho franzido, mas logo relaxa e seu rosto fica calmo e feliz. Ela havia feito um penteado elaborado, chegando a passar muito spray para mantê-lo no lugar, mas agora parece certo. É conduzida por Joona, e seus passos se tornam cada vez mais leves.

Quando a canção sentimental está chegando ao fim, Joona sente um beliscão no ombro, que não dói.

Anja dá outro beliscão, um pouco mais forte, e ele se sente obrigado a perguntar:

— O que você está fazendo?

Os olhos dela brilham como vidro.

— Apenas quis fazer isso — responde honestamente. — Queria ver o que iria acontecer. Você nunca sabe se não tentar...

Naquele momento a música termina. Joona a solta e agradece pela dança. Antes que possa acompanhá-la para fora da pista, Carlos se apressa e convida Anja para a dança seguinte.

Joona se coloca de lado e vê seus colegas dançando, e outros, vestindo tons brancos de verão, se juntam em toalhas de piquenique, comendo e bebendo alegremente. Ele decide ir para o carro.

Chegando ao estacionamento, Joona Linna abre a porta do seu Volvo. No banco de trás um enorme buquê o espera, enrolado em papel de presente. Joona entra no carro e liga para Disa. Cai na caixa postal.

Disa está sentada diante do computador. Está em seu apartamento em Karlaplan. Usa óculos de leitura de armação vermelha e tem um xale sobre os ombros. O celular está na escrivaninha ao lado de uma xícara de café frio e um bolinho de canela pela metade.

A foto de uma pilha de pedras gasta no meio de uma clareira verde está na tela. As pedras marcam a cova coletiva de vítimas de cólera perto de Skanstull, em Estocolmo.

Ela está fazendo anotações em um documento no computador. Estica as costas, leva a xícara a meio caminho dos lábios e muda de ideia. Está se levantando para fazer mais café quando o celular toca.

Sem olhar o identificador de chamadas, ela o desliga. Fica de pé junto à janela, olhando para fora. Vê a poeira dançando à luz do sol. Disa sente um nó na garganta. Senta novamente diante do computador. Ela pretende nunca mais falar com Joona Linna.

Há um clima festivo no ar quando o meio do verão se aproxima. O trânsito é leve na Tegnérsgatan enquanto Joona caminha lentamente. Ele parou de tentar falar com Disa. Ela desligou o telefone, e é óbvio que quer ser deixada só. Joona passa pelo Museu Strindberg e depois desce a Drottninggatan, que é tomada por antiquários e pequenas lojas. Na nova livraria de ocultismo Aquarius, uma mulher idosa finge admirar a vitrine. Quando Joona passa, ela faz um gesto para o vidro e começa a segui-lo.

Ele leva alguns momentos para se dar conta de que está sendo seguido.

Ele para na grade preta da igreja Adolf Fredrik e se vira. A mulher está 10 metros atrás. Tem cerca de 80 anos. Olha para ele e estende um papel grosso.

— É você, não é? — diz, enquanto o exhibe. — E aqui está a coroa, a coroa nupcial — continua, estendendo outro.

Joona caminha até ela e pega os papéis de sua mão. São cartas de um dos mais velhos jogos de cartas de toda a Europa, *tarokt*.

— O que você quer de mim? — pergunta Joona calmamente.

— Nada — responde a velha. — Mas tenho uma mensagem para você de Rosa Bergman.

— Você deve estar equivocada. Não conheço ninguém que se chame...

— Ela está pensando em por que você finge que sua filha está morta.

É começo de outono em Copenhague. O ar está claro e frio quando um grupo de homens, transportado com discrição em quatro diferentes limusines, chega ao Museu Glyptotek. Os homens sobem as escadas e entram. Percorrem o jardim de inverno exuberante sob o teto de vidro alto. Seus passos ecoam no piso do corredor de pedra enquanto passam por esculturas antigas para entrar na magnífica sala de concertos.

A plateia já está acomodada. O Tokyo String Quartet está a postos no palco baixo. Os músicos seguram seus lendários instrumentos Stradivarius, aqueles que um dia foram tocados pelo próprio Niccolò Paganini.

Os quatro convidados de última hora encontram seus lugares ao redor de uma mesa nas colunatas em um dos lados do salão. O mais novo ainda é quase um garoto, um louro de membros finos chamado Peter Guidi. Os outros homens têm expressões determinadas, mas também a um passo do medo; estão preparados para se escravizar. Logo todos irão beijar a mão dele.

Os músicos balançam a cabeça uns para os outros e começam a executar o Quarteto de Cordas nº 14 de Schubert. Ele começa com grande páthos, uma emoção profunda reprimida, um poder contido. Um violino chama, dolorosa e belamente. A música respira uma última vez, e então tudo se derrama. A melodia parece alegre, mas ao mesmo tempo os instrumentos têm um tom subjacente de tristeza, como se fosse a respiração deixada para trás por muitas almas perdidas.

* * *

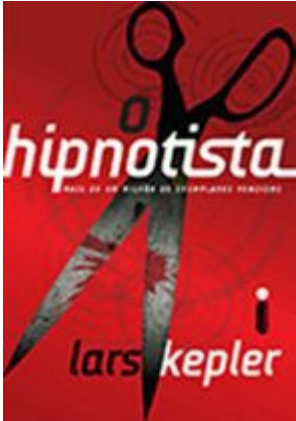
Todos os dias, 39 milhões de balas são fabricadas. Os gastos militares mundiais são, na estimativa mais conservadora, de 1,226 trilhão de dólares por ano. A despeito do fato de que um volume enorme de armamentos é fabricado, a demanda nunca diminui, e é impossível estimar seu volume. Os maiores exportadores legais de armas no mundo são Estados Unidos, Rússia, Alemanha, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, Suécia e China.

Sobre o autor



LARS KEPLER é o pseudônimo de Alexandra Coelho Ahndoril e Alexander Ahndoril.
O casal vive na Suécia.

Conheça os livros do autor



O hipnotista



O pesadelo